A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E OS INTELECTUAIS

n. fedyukin

PRAXIS

editorial estampa

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO
E OS INTELECTUAIS

COLECÇÃO PRAXIS
N.º 44

S. FEDYUKINE

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E OS INTELECTUAIS

1978
EDITORIAL ESTAMPA
LISBOA

TÍTULO DO ORIGINAL

THE GREAT OCTOBER
REVOLUTION AND THE INTELLIGENTSIA

TRADUÇÃO
DE
ANA RABAÇA

CAPA
DE
SOARES ROCHA

© VAAP, Moscovo, 7975
Editorial Estampa, Lda., 1978
para a língua portuguesa

ÍNDICE

Introdução 9

Capítulo I — *Os intelectuais nos primeiros anos do poder soviético* 19
A atitude dos intelectuais perante a Revolução de Outubro 19
A derrota da sabotagem. A transição dos intelectuais para a cooperação com o Estado soviético 42

Capítulo II — *A política do Partido Comunista em relação aos velhos intelectuais* 57
V. I. Lénine sobre a utilização de especialistas burgueses como uma forma de luta clássica 57
Formas e meios de atrair os intelectuais para a construção do socialismo e a defesa do país 75
Capítulo III — *O alistamento dos intelectuais burgueses na defesa do país e na construção da economia e da cultura nos anos da Guerra Civil* 91
Os especialistas militares 91
Os cientistas e os tecnólogos 115
Professores e trabalhadores da saúde 134
Os artistas 156
Capítulo IV — *Os intelectuais no período da recuperação da economia nacional* 181
A transição para a nova política económica e os intelectuais. Os vestígios da ideologia burguesa. O movimento Smena Vekh. A consolidação da frente ideológica 181

O estabelecimento de cooperação activa entre a classe trabalhadora e os especialistas. O papel das organizações sociais na reeducação dos intelectuais 221
Mudanças na visão do mundo dos cientistas ... 237
A questão dos «simpatizantes» na literatura e na arte 253

Capítulo V — *Os velhos intelectuais durante o período de recuperação da economia nacional e o primeiro plano quinquenal* 269
A política do Partido sobre a industrialização do país e a colectivização da agricultura e os cientistas e tecnólogos 296
A vitória sobre o apoliticismo e o neutralismo nos especialistas. A transição definitiva dos velhos intelectuais para a posição socialista 278

INTRODUÇÃO

Os intelectuais e a revolução... Esta é uma das muitas questões sociais levantadas pela Grande Revolução Socialista de Outubro que despertou especial interesse em todo o mundo, provocando não só algumas discussões, incorrectas afirmações e desvios da verdade.

No final do século, o capitalismo entrou na sua última fase de desenvolvimento — a fase imperialista. Aproximava-se o tempo de convulsões revolucionárias. Na Rússia, onde as condições para a revolução se formaram especialmente depressa, tornou-se necessário que o proletariado chamasse a si a realização das tarefas mais revolucionárias do movimento internacional da classe trabalhadora nesse tempo — assentar as bases do socialismo.

Nas fileiras do Partido fundado por V. I. Lénine, membros muito cultos dos intelectuais do período chefiaram a agitação política que se espalhou entre os trabalhadores, dirigiram o movimento dos trabalhadores na via revolucionária, ajudaram o proletariado a dominar a teoria marxista e a armar-se com a ideologia da classe proletária.

V. I. Lénine, um brilhante pensador revolucionário, estratega e táctico, tornou-se conhecido não só dos mais avançados trabalhadores mas também dos membros progressistas dos intelectuais que tinham tomado as posições da classe operária e que se tornaram revolucionários profissionais.

É muito importante ter em conta os fundamentos das questões envolvidas. Os clássicos do marxismo-leninismo avançaram e substanciaram globalmente a afirmação de que a classe operária, nas condições em que se encontrava, de opressão económica e espiritual, não estava à altura de cultivar a consciência socialista em si mesma só pela sua própria força. O socialismo teria de ser levado ao movimento operário pela vanguarda, ou seja, pelo Partido Marxista, em cujas fileiras, juntamente com os trabalhadores mais avançados, se encontravam os representantes das classes cultas que tinham tomado as posições do proletariado: os intelectuais. Assim, a melhor parte dos intelectuais não andou naturalmente «à volta» mas penetrou profundamente no exército revolucionário do proletariado, nas suas fileiras avançadas.

V. I. Lénine sublinhou o papel dos intelectuais revolucionários logo no início da remodelação da sociedade em linhas socialistas pelo recentemente formado Estado soviético. No próprio Governo soviético trabalhavam, conduzidos por Lénine, vários revolucionários notáveis, políticos e homens de Estado, empenhados na resolução dos complicados problemas da remodelação revolucionária da vida na Rússia Soviética a partir de autênticas posições científicas. O Partido levava a cabo o programa da construção do Estado apoiando-se, segundo uma expressão de Lénine, «num grupo de trabalhadores realmente actualizados» e «nos melhores elementos que possuímos no nosso sistema social». Destes elementos V. I. Lénine designou, em primeiro lugar os operários mais progressistas, «que estão absorvidos na luta pelo socialismo», e, em segundo lugar, «os elementos realmente esclarecidos» — «elementos de conhecimento, educação e treino» (1).

No seu Relatório sobre o Centenário do Nascimento de V. I. Lénine, o secretário-geral do CC do PCUS, L. I. Brejnev, dizia: «Era necessário uma grande profundidade de espírito, largueza de vistas e ousadia de ideias para preservar a clareza da orientação numa Rússia arruinada e destruída pela guerra e pela revolução, no labirinto das tendências económicas, forças políticas e opiniões e comportamentos contraditórios, e para descobrir e apresentar teòricamente sem falhas as linhas principais de avanço rumo ao socialismo. E foi isso exactamente o que Lénine fez.» (2)

(1) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 33, pp. 487-489.

O autor não se atribuiu a tarefa de analisar em pormenor o papel de parte dos intelectuais que lutaram nas fileiras do Partido Bolchevique contra a autocracia e que juntamente com o proletariado realizou a Grande Revolução Socialista de Outubro e construiu o socialismo. Neste livro chama-se a atenção do leitor para outro problema — o problemas das relações do Partido Comunista e do Governo Soviético com os intelectuais pré-revolucionários herdados pelo jovem país socialista do sistema latifundiário burguês e que durante muito tempo permaneceu sob a influência das opiniões do velho mundo e da psicologia burguesa.

Para resolver este problema, o Partido Comunista teve de seguir por novos e inexplorados caminhos dado que tinha de encontrar respostas para perguntas que nunca antes alguém tinha colocado.

O dirigente e teórico do Partido, V. I. Lénine, considerava que a contribuição dos serviços dos intelectuais burgueses para construir uma nova sociedade era uma condição indispensável para a vitória do socialismo. Foi ele quem formulou os princípios básicos por meio dos quais se deveriam governar as relações com os velhos intelectuais, cujos mais importantes eram: a contribuição dos serviços de todos os intelectuais, a despeito da sua concepção política, para a construção do socialismo, controle da sua

(2) L. I. Brejnev, *A Causa de Lénine Continua e Triunfa*, Moscovo, 1970, pp. 25-26.

actividade, aprendizagem dos operários e camponeses com os especialistas burgueses e reeducação dos intelectuais no espírito do socialismo. «Os intelectuais burgueses — afirmava Lénine — não podem ser expulsos e destruídos, mas devem ser conquistados, remoldados, assimilados e reeducados.» (³)

Quando o proletariado da Rússia se tornou a classe dirigente em Outubro de 1917, não possuía no seu comando um número suficiente de especialistas que auxiliassem a dirigir o Estado e a economia nacional, que assegurassem a defesa do país e que realizassem desenvolvimentos na ciência e na cultura. Nessa altura, os inimigos do bolchevismo anunciaram que o proletariado não deveria aventurar-se na conquista do poder porque não possuía suficientes quadros de intelectuais. A experiência histórica da Terra dos Sovietes não confirmou estas afirmações: a classe operária da Rússia encontrou a única solução correcta e, sem esperar por novos intelectuais socialistas, tomou as rédeas do Estado nas suas próprias mãos.

O socialismo começou por introduzir na prática geral um sistema de direcção planificada da vida social. Desde os primeiros anos da existência do Poder dos Sovietes, o Partido exigiu a criação de novos intelectuais. Esta tarefa foi realizada por fases. Contudo, o treino dos novos intelectuais é um processo muito complicado, que exige muito tempo e um grande dispêndio de recursos. A jovem república não possuía tais reservas à sua disposição nessa altura. E foi por esta razão que, no primeiro período da existência do Estado soviético, o problema da cooperação dos velhos intelectuais foi de grande importância.

V. I. Lénine salientava: «Não podemos construir (o nosso Estado) se não utilizarmos essa herança da cultura capitalista que são os intelectuais.» (⁴) *Criar um aparelho*

(³) V. I. Lénine, *Oeuvres,* vol. 31, p. 115.

(⁴) *Ibid.*, vol. 28, p. 215.

de governo e um exército regular, restaurar e desenvolver mais a economia nacional, elevar o nível cultural das massas, exigia muitos quadros especializados em todos os ramos da economia, ciência, tecnologia e assuntos militares. E apesar da maior parte dos intelectuais burgueses não entender nem aceitar a Revolução, e de mais tarde também com desconfiança ter ido ao encontro dos planos do Partido Comunista para a reforma radical do país, era impossível passar sem ela. Esta é uma das peculiaridades dialécticas que se encontraram durante a formação de uma sociedade socialista na Rússia.

Lénine viu-se na necessidade de dirigir e manter uma luta tenaz de princípio contra os elementos oportunistas no Partido que negavam a necessidade vital da utilização dos velhos intelectuais. Os intelectuais formavam um elemento social sem o qual era impossível construir o socialismo; Lénine dedicou muito tempo e esforços para fazer com que só esta opinião correcta fosse aceite como linha geral do Partido.

Deve também mencionar-se a enorme influência que V. I. Lénine tinha sobre os intelectuais como activista político, uma figura-chave na ciência, e no sentido mais amplo da palavra como um intelectual. O seu vasto conhecimento e erudição profunda, o seu tacto político para resolver questões «embaraçosas», os seus conhecimentos gerais dos pormenores dos intelectuais russos, tudo isso desempenhou um papel importante para conquistar a simpatia dos membros eruditos da velha sociedade.

O Partido Comunista, o Estado e as instituições económicas e militares dedicaram a máxima atenção ao problema da formação dos intelectuais para a tarefa da construção do socialismo. É difícil encontrar nos primeiros anos da existência do poder soviético um único Partido ou congresso de sindicatos ou um Congresso de Sovietes que de uma forma ou de outra não abordasse a questão da política da classe operária em relação aos intelectuais burgueses, às maneiras e meios para a atrair para a construção do

socialismo e para a defesa do país. A importância deste problema para o jovem Governo soviético pode ser verificada pelo facto de o 8.º Congresso do PCR(B) (⁸), *que teve lugar em Março de 1919 e que aceitou o segundo Programa do Partido (as tarefas do primeiro foram completadas com a vitória da revolução) conter uma secção especial dedicada à questão dos especialistas burgueses.*

Ao atrair e reeducar os velhos intelectuais, o Partido concentrou ao mesmo tempo a sua atenção na formação de especialistas oriundos dos operários e camponeses. Contudo, os velhos intelectuais continuavam a desempenhar a parte mais importante na vida económica e cultural do país. Lénine escreveu: «Tal como outra classe na sociedade moderna, o proletariado não só fornece intelectuais oriundos do seu meio, mas também aceita nas suas fileiras os que vêm de todo o povo sem excepção.» (⁹)

O Partido e a classe operária tiveram muito trabalho para assegurar a cooperação da secção melhor qualificada dos velhos intelectuais na construção do socialismo. Alcançaram-se grandes êxitos neste campo, mas houve também sérios fracassos. Guiado pelos seus êxitos e corrigindo os seus erros, o Partido Comunista estabeleceu uma relação mútua correcta entre a classe operária e os intelectuais. A história testemunha o facto de que qualquer país que se empenhe no desenvolvimento socialista encontra inevitavelmente o problema de atrair os velhos intelectuais e da formação de novos quadros especialistas oriundos dos operários e camponeses. Por esta razão, a experiência do

(⁸) PCR(B) Partido Comunista Russo (Bolchevique). A partir de 1898 (1.º Congresso) foi chamado Partido do Trabalho Social-Democrata Russo e a partir de 1917 Partido Social-Democrata Russo (Bolchevique). No 7.º Congresso (1918) foi de novo chamado PCR(B). Juntamente com a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o 14.º Congresso do Partido mudou o nome do PCR(B) para Partido Comunista de toda a União (Bolchevique). No 19.º Congresso foi-lhe atribuído o seu nome actual — Partido Comunista da União Soviética.

(⁹) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 6, p. 198.

Governo soviético foi utilizada noutros países socialistas tendo em conta, todavia, as suas particularidades nacionais e históricas.

A experiência da União Soviética e de outros países socialistas mostra que só uma conformidade firme com a linha leninista pode assegurar que os Partidos Comunistas e Operários estabeleçam relações mútuas correctas entre a classe operária, o seu Partido e os intelectuais e incorporar os intelectuais no trabalho activo e construtivo para a construção de uma nova sociedade.

Hoje, os intelectuais soviéticos formam um exército de trinta e três milhões de cientistas, técnicos e trabalhadores da cultura. Os intelectuais continuam a crescer rapidamente, e nos últimos anos a média de aumento dos cientistas e tecnólogos excedeu a dos outros grupos sociais. Isto era de esperar dado que é o resultado natural da política do Partido, que reflecte correctamente as exigências objectivas do desenvolvimento da sociedade socialista.

Durante a transformação socialista do país surgiu um novo tipo de intelectuais radicalmente diferentes dos burgueses. Os operários e os camponeses subiram os degraus do conhecimento e tornaram-se cientistas, engenheiros, agrónomos, professores, médicos, artistas, administradores e oficiais no Exército soviético. Os sociólogos burgueses, nas suas tentativas para perverter a verdade sobre a realidade socialista, afirmam que na União Soviética os intelectuais formam uma elite, uma «parte pensante» especial da sociedade, uma espécie de «burguesia do Estado», que não permite às pessoas vulgares juntarem-se-lhes. Este é apenas um exemplo mas diz bastante. Foi levado a cabo um inquérito em mais de 1100 trabalhadores de engenharia e técnicos na Fábrica de Motores Turbo do Ural, e as informações mostraram que 44,4 % eram oriundos de famílias operárias, 25,6 % de famílias camponesas, 24,3 % de famílias de empregados, e finalmente 5,7 % de famílias de especialistas. A partir deste exemplo, é claro que não se pode falar de algum tipo de «castas hereditárias», da for-

mação de uma elite, etc. Os intelectuais soviéticos são totalmente representativos do povo de que saíram e a quem estão ligados pelos laços mais íntimos.

Os intelectuais soviéticos diferem dos intelectuais da Rússia pré-revolucionária não só na sua composição social mas também na sua composição nacional. Todas as diferentes nacionalidades que vivem na União Soviética formaram, sob o socialismo, os seus próprios quadros nacionais de intelectuais.

Os intelectuais soviéticos também diferem radicalmente na sua concepção do mundo, no seu aspecto ideológico e político. São suas características o colectivismo, a sua coragem e um elevado sentido do dever cívico.

O socialismo não só mudou as características morais e sociais dos intelectuais, mas também lhes destinou novas tarefas. A construção de uma nova sociedade supõe não apenas um desenvolvimento total das forças produtivas mas também a educação de todo o povo soviético no espírito de uma perspectiva mundial comunista científica. A batalha da formação de um novo homem é uma das partes mais importantes dentro da vasta gama de actividades dos intelectuais soviéticos, e sobretudo dos intelectuais artísticos, dado que desempenham um papel muito importante na vida ideológica e cultural do país.

Os intelectuais têm uma contribuição importantíssima a dar para encontrar as bases materiais e tecnológicas do comunismo. Os cientistas, engenheiros e técnicos são uma força criativa poderosa na sociedade soviética. Recentemente fizeram descobertas muito importantes e alcançaram êxitos notáveis em ramos-chave da ciência e da tecnologia.

Uma análise histórica objectiva dos destinos dos intelectuais russos depois da Revolução de Outubro refuta as invenções sobre o «Golgota» dos intelectuais russos pelos investigadores e publicistas reaccionários burgueses, que afirmam que os intelectuais rejeitaram o poder soviético e lutaram contra ele, e que os bolcheviques esmagaram os

velhos intelectuais, forçando os melhores a emigrar e negando os direitos civis àqueles que ficaram. Em regra, os investigadores burgueses não se interessam nem pelas tradições do democratismo na perspectiva de uma parte considerável dos intelectuais pré-revolucionários, nem pelo seu amor ao povo e ao seu país, nem pela imensa influência que as ideias do socialismo exerceram sobre eles. Mesmo o facto de a cooperação dos velhos intelectuais com o Governo soviético ser por eles atribuída a razões perfeitamente triviais: a necessidade de «uma luta pelo pão», ou receio do «terror bolchevique».

A versão mais conhecida conta a «pressão cruel» que forçou os intelectuais a servir os fins políticos dos Bolcheviques. Os historiadores burgueses tentam criar no leitor a ideia de que V. I. Lénine encontrou um «sistema de violência e opressão» como base das relações mútuas entre a classe operária e os intelectuais (*).

O autor considerou ser seu dever contrabalançar os argumentos dos historiadores burgueses, dando uma visão objectiva do processo de transição dos velhos intelectuais para as posições do Governo soviético e desta maneira demonstrar a falta de validade a versão burguesa.

Mas que se deve entender pelo termo «transição»? Não há razão para que uma pessoa não possa contribuir com o seu trabalho num ou outro estabelecimento soviético, desempenhando conscienciosamente a sua tarefa, e, continuar, pelas suas crenças políticas, a ser opositor ao Governo soviético, um «emigrado interno». A transição de um ou outro intelectual para as posições do socialismo só pode ser considerada como tendo sido realizada quando

---

(*) William Henry Chamberlin, *Russia's Iron Age*, Boston, 1934; John S. Reshetar, *A Concise History of the Communist Party of the Soviet Union*, Nova Iorque, 1960; Fritz Löwenthal, *Das Komunistische Experiment. Theorie und Praxis des Marxismus-Leninismus*, Colónia, 1957; A. S. Counts, *The Challenge of Soviet Education*, Nova Iorque, 1957; Leonard Shapiro, *The Communist Party of the Soviet Union*, Nova Iorque, 1959.

essa pessoa se tiver tornado soviética nas suas próprias convicções pessoais. Todavia, o autor pensou ser imperativo mostrar as maneiras como os velhos intelectuais chegaram a compreender o socialismo.

A atenção deste livro é dirigida principalmente para os intelectuais que reagiram à Revolução de Outubro com hostilidade ou que tomaram uma posição neutra enquanto aguardavam o resultado. Qual foi a política do Partido Comunista e do Estado soviético em relação a esses intelectuais, que formas de influência se lhe adaptavam, que resultados foram alcançados — a elucidação destas questões forma a parte básica deste trabalho. O livro aborda principalmente os intelectuais russos, apesar da evolução dos intelectuais de outros povos da União Soviética ser também de grande interesse para o historiador e poder ser tema de investigação especial.

Deve-se sublinhar que esta obra descreve o período desde Outubro de 1917 a meados dos anos 30 quando, enquanto se construíam as bases do socialismo, se completou a transição dos intelectuais para o lado do Estado soviético. Nessa altura tinha-se formado uma nova sociedade na União Soviética, composta pelo povo trabalhador e livre de antagonismos de classe, e os novos intelectuais soviéticos tomaram nova forma. Contudo, não é objectivo deste livro elucidar o papel e a situação destes novos intelectuais.

CAPÍTULO I

OS INTELECTUAIS NOS PRIMEIROS ANOS DO PODER SOVIÉTICO

A atitude dos intelectuais perante a Revolução de Outubro

Há muitas páginas heróicas na história dos intelectuais russos e nela muitos nomes de lutadores gloriosos pela liberdade do povo.

No início do século vinte, quando a Rússia se tornou um país capitalista, os intelectuais democráticos tinham já uma considerável experiência da luta política contra a servidão [1] e a autocracia.

Sob o sistema capitalista, os intelectuais são um corpo heterogéneo tanto na sua posição de classe como nas suas perspectivas políticas. As suas fileiras estão cheias de pessoas oriundas das classes exploradoras e de pessoas oriundas das classes exploradas. De acordo com isto, os intelectuais (ou antes, os seus grupos individuais) exprimem as aspirações e os interesses das classes que servem. V. I. Lénine escreveu que «os intelectuais são assim chamados exactamente porque reflectem e exprimem o mais conscien-

[1] Servidão: o direito de um senhor feudal de dispor da pessoa, «pertencendo-lhe» o trabalho e a propriedade dos camponeses. O princípio básico da servidão foi a ligação do camponês à terra. Os vestígios da servidão na Rússia, que permaneceram depois da reforma em 1861, foram liquidados pela Grande Revolução Socialista de Outubro.

temente, o mais firmemente e o mais precisamente o desenvolvimento dos interesses de classe e os agrupamentos políticos na sociedade como um todo» [7].

A entrada do proletariado na luta política dividiu os intelectuais. Os seus elementos mais revolucionários estabeleciam laços cada vez mais apertados e mais sólidos com o proletariado, enquanto ao mesmo tempo o processo de consolidação dos extractos burgueses dos intelectuais tomava lugar e rapidamente se desviavam para a direita.

Os intelectuais pequeno-burgueses, cujas principais características distintivas são a instabilidade política, a amorfia de classe e indefinidos objectivos de luta, entraram também em cena. Quando existe uma elevação da onda revolucionária, estes intelectuais são capazes de se juntar corajosamente à batalha e de formar barricadas. Mas aos primeiros fracassos, e mais ainda quando são derrotados, fogem tomados de pânico e não é raro terminarem no campo inimigo.

Lado a lado com os intelectuais burgueses e pequeno-burgueses, tomaram forma os intelectuais proletários, sociais-democráticos, que realizaram um trabalho maciço de propaganda do Marxismo entre as massas da classe operária da Rússia. Absorveram os melhores representantes dos intelectuais burgueses e pequeno-burgueses, que já tinham adoptado os pontos de vista do proletariado, e trouxeram-nos para a batalha revolucionária. Os mais avançados revolucionários trabalhadores entraram também nas fileiras dos intelectuais sociais-democráticos. O Partido Bolchevique armou-os com o conhecimento da teoria revolucionária e elevou-os ao nível de organizadores e dirigentes do movimento operário.

Ao preparar a classe operária para as batalhas revolucionárias, Lénine e o Partido Bolchevique prestaram muita atenção ao estabelecimento de fortes relações mútuas entre

[7] V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 7, p. 45.

o proletariado e os intelectuais. A linha política do Partido consistia em abandonar os intelectuais liberais-monárquicos ao seu isolamento, denunciando os seus acordos com o czarismo e a sua notável atitude «acima dos partidos». Isto não significa, evidentemente, que o Partido tenha recusado cooperar com os intelectuais burgueses progressistas. A atitude dos bolcheviques em relação aos intelectuais democráticos foi completamente diferente. Ao passo que criticavam a sua instabilidade e vacilações entre a burguesia e o proletariado, os bolcheviques envolveram os intelectuais democráticos na batalha revolucionária pelas exigências democráticas gerais e pelo derrube da autocracia.

Os acontecimentos da Revolução Russa de 1905-1907 mostraram que os intelectuais democráticos, sem poder próprio, podia, quando unida às classes trabalhadoras sob a direcção do proletariado, tornar-se uma força importante na batalha contra a autocracia. Os intelectuais tomaram parte activa nos acontecimentos dramáticos de 1905.

Mas, quando foi derrotada a primeira Revolução Russa e a reacção devastou o país, muitos membros dos intelectuais, especialmente aqueles que possuíam inclinações liberais, apressaram-se a arrepender-se dos seus «pecados revolucionários» e começaram a injuriar de todas as maneiras a revolução e a caluniar a social-democracia.

Contudo, seria errado acreditar que todos os intelectuais se afastaram do povo e traíram a revolução. Os seus melhores representantes nos intelectuais do Partido Socialista trabalharam incansavelmente a fim de preparar um novo ressurgimento revolucionário e para treinar as massas para as lutas de classe decisivas.

O novo avanço revolucionário (1912-1914) trouxe consigo uma renovação do entusiasmo entre as secções da camada intelectual. O influxo de intelectuais ao Partido Bolchevique e outros partidos políticos opostos à autocracia foi reiniciado e realizaram-se congressos de professores e de alguns outros grupos de intelectuais. Os intelectuais democráticos protestaram indignados contra o assassínio selvagem de

operários no rio Lena, na Sibéria, durante a greve que realizaram em 1912, e contra as represálias contra os marinheiros revolucionários da Armada Báltica em 1913. Contudo, esta renovação, juntamente com o ressurgimento geral revolucionário, foi interrompida pela guerra mundial.

As políticas bélicas da autocracia eram apoiadas pelos latifundiários e pelos extractos superiores da burguesia mercantil e industrial. Vastas secções da média burguesia, os intelectuais burgueses e as pessoas das profissões liberais foram também afectadas de chauvinismo, pelo menos no início da guerra.

A guerra pôs a nu toda a podridão do regime autocrático e o facto de estar condenado. Os bolcheviques, conduzidos por Lénine, desde o princípio da guerra avançaram a palavra de ordem da derrota do czarismo na guerra, da sua mudança de guerra imperialista para guerra civil. A derrota das tropas czaristas na frente, a desorganização económica, a baixa do nível de vida da classe trabalhadora, o aumento da consciência revolucionária das massas, tudo isto desempenhou o seu papel na viragem à esquerda dos intelectuais.

Mas nos extractos superiores dos intelectuais não se falava ainda no derrube revolucionário do czarismo. V. B. Stankevitch, um activista importante do Partido Menchevique (3) escreveu acerca da atitude das «pessoas oriundas da sociedade» em relação à revolução futura: «Todas elas reagem muito negativamente à possibilidade de acção popular, temendo que, uma vez posto em acção, o movimento

(3) Menchevismo: uma tendência oportunista na social-democracia russa. Apareceu em 1903 no II Congresso do Partido do Trabalho Social--Democrata Russo (PTSDR). Neste congresso, a maioria dos sociais-democratas votou a favor do programa leninista da revolução e dos seus princípios para a organização do Partido e a minoria votou contra. Daqui os nomes bolchevique e menchevique (*bolshinstvo* em russo significa maioria e *menshinstvo* significa minoria). Nas vésperas da Grande Revolução Socialista de Outubro, os mencheviques uniram-se para sempre ao campo contra-revolucionário burguês.

das massas pudesse tomar uma direcção de extrema esquerda e que isto poderia criar dificuldades extraordinárias no desenrolar da guerra. Até mesmo a questão da transição para um regime constitucional originou sérias apreensões e a convicção de que o novo governo não seria capaz sem medidas fortes de manter a ordem e evitar a propaganda derrotista.» (4)

Mas, sob a pressão das massas populares, inspiradas pelos bolcheviques, a monarquia velha de séculos caiu em Fevereiro de 1917. Nalguns dias apenas a revolução baniu-a. Os intelectuais burgueses correram a reconhecê-la e anunciaram-na como a sua revolução.

Foram criados em Petrogrado e outras cidades Sovietes de delegados dos Operários e Soldados. No Soviete de Petrogrado, o corpo dirigente eleito — a Comissão Executiva — tinha uma maioria de mencheviques e intelectuais burgueses. Em Petrogrado foi formado um Governo Provisório sob a presidência do príncipe Lvov.

Para evitar qualquer maior desenvolvimento da revolução e para assegurar o poder único da burguesia, e também para levar a guerra a um «fim vitorioso», vários intelectuais burgueses — Kerenski, um advogado, os professores Milyukov, Kishkine e Manuilov, Shingarev, um médico, Peshekhonov, um escritor, e outros — aderiram ao Governo Provisório. Começaram as execuções de multidões de manifestantes e as acções punitivas contra os operários.

O derrube da monarquia e o estabelecimento de uma república burguesa adaptou-se especialmente aos interesses daqueles grupos de intelectuais que estavam empregados na esfera da produção capitalista e do aparelho de Estado.

Os intelectuais russos apoiaram as acções do governo provisório. «Guerra até ao fim vitorioso» era uma palavra de ordem que ganhava grande popularidade nestes círculos.

(4) V. B. Stankevitch, *Vospominaniya 1914-1919 gg.* (Vestígios de 1914--1919), Berlim, 1920, p. 65.

O apelo do governo provisório à guerra contra os «bárbaros alemães», «em nome da liberdade e da paz eterna», induziu A. N. Tolstoi em erros e até Máximo Gorki chegou a *acreditar nisso.* O escritor V. G. Korolenko também se deixou levar pela loucura geral que se apoderara dos intelectuais russos e em Março de 1917 escreveu um artigo, «A Pátria está em Perigo», publicado em *Russkije Vedomosti* (A Gazeta Russa), no qual apelava para que a sociedade se preparasse para a «acção, batalhas e o derramar do sangue próprio e de outros».

Contudo, as amplas massas de trabalhadores não desejavam trocar a opressão czarista pela burguesa nem derramar sangue com esse fim. Sobre isto escreveu V. I. Lénine: «A característica específica da actual situação na Rússia é que o país está a *passar* da primeira fase da revolução — que, dada a insuficiente consciência de classe e organização do proletariado, colocou o poder nas mãos da burguesia — à sua *segunda* fase, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e nas fracções mais pobres dos camponeses.» (6) O país moveu-se inexoravelmente em direcção à revolução socialista. E assim que a classe operária colocou a questão da revolução socialista e da ditadura do proletariado na ordem do dia, uma grande parte dos intelectuais afastou-se do movimento revolucionário, dado que o seu objectivo final não consistia em colocar a classe operária no poder mas estabelecer uma república burguesa na Rússia.

Os acontecimentos que tiveram lugar entre Fevereiro e Outubro de 1917 mais uma vez confirmaram que a massa de intelectuais pode caminhar a par do proletariado somente na luta pelas liberdades democráticas gerais, que, na luta pela revolução socialista é um aliado instável. Isto afectou mesmo alguns elementos instáveis que se chamavam a si mesmos «bolcheviques». A resolução do VI Con-

(6) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 24, p. 22.

gresso do Partido (1917) notou que «a corrente, que começou em 1905, dos intelectuais oriundos das fileiras do partido proletário tornou-se maciça depois da Revolução de Outubro, quando o conteúdo de classe da actividade do nosso Partido clarificou inevitavelmente a atitude dos elementos não proletários em relação a ele» (8).

A Grande Revolução Socialista de Outubro que teve lugar na noite de 24-25 de Outubro de 1917 (7) abalou todo o país, trouxe à luz do dia os processos sociais mais profundos, envolvendo neste turbilhão todas as classes e extractos da sociedade. E se se pode dizer que as classes definiram de modo suficientemente claro a sua atitude em relação à revolução socialista, é impossível dizer o mesmo dos intelectuais — um subextracto entre classes. Ligada às várias classes, incluindo às hostis, pelas suas origens, negócios e relações, o aspecto político dos intelectuais tornou-os num grupo variado e heterogéneo. Uma visão ecléctica do mundo, princípios instáveis e ideais sociais vagos eram em grande medida as características dos intelectuais russos.

Ao definir as posições de um dado intelectual na revolução, a classe (origens ou posição social) nem sempre desempenhava um papel decisivo. A história dos intelectuais na Rússia desse tempo contém tantas situações paradoxais, plo, o barão general von Taube comandou as forças soviéque as noções vulgares nem sempre se aplicam. Por exemticas na Sibéria e morreu nas câmaras de tortura de Kolchak, enquanto Kornilov, que chefiou as forças contra-revolucionárias na luta contra os operários, era filho de um funcionário militar e de uma mulher cossaca analfabeta. O príncipe Potocki, à ordem do Governo soviético, chefiou

(6) *KPSS v revolutsiyakh i resheniyakh syezdov, konferentsii i plenumov TsK* (O PCUS nas Resoluções e Decisões dos seus Congressos, Conferências e Reuniões Plenárias do CC), vol. 1, Moscovo, 1970, p. 499.

(7) O Calendário Gregoriano foi introduzido no país em 14 de Fevereiro de 1918 (o chamado Novo Estilo) e assim a data da revolução é agora considerada 7-8 de Novembro de 1917.

a obra de restauração dos campos petrolíferos de Baku e o «democrata» Sakinkov organizou conspirações e revoltas anti-soviéticas. O nobre Blok escreveu a palavra *Revolução* com letra grande e outro nobre, Bunine, publicou um jornal da guarda branca.

Além disso, tentar definir as posições dos intelectuais na revolução socialista puramente sob o ponto de vista da sua posição social nem sempre daria resultados adequados ou objectivos. Não é possível imaginar que se um intelectual fosse um operário ou um camponês de origem, defenderia necessariamente os seus interesses. Por outro lado, um intelectual de origem nobre ou burguesa não poderia ser inevitavelmente um defensor dos latifundiários e dos capitalistas. Estas excepções não mudam, evidentemente, a justeza geral da abordagem de classe em relação à análise dos fenómenos sociais.

Uma parte dos intelectuais, compreendendo que as mudanças progressistas no destino do país seriam levadas a cabo pelo novo sistema social, reconheceu a Revolução de Outubro e colocou os seus conhecimentos e experiência ao serviço do Governo soviético. Esses dias assistiram à passagem de muitos cientistas famosos, engenheiros, escritores, artistas, médicos e outros para o lado do povo revolucionário.

Um dos primeiros membros da camada de velhos intelectuais a tomar o partido do Governo soviético e a apoiá-lo firmemente foi o notável cientista materialista russo K. A. Timiryazev. Os seus artigos e cartas, dirigidos aos intelectuais, desempenharam um papel notável na atracção de trabalhadores cientistas, culturais e artistas para a construção do socialismo.

No seu leito de morte, Timiryazev mandou chamar o médico comunista B. S. Vaisbrod e na presença de seu filho comunicou as suas últimas palavras, que eram dirigidas ao Partido Comunista e a Lénine: «Sempre tentei servir a humanidade e estou feliz por neste momento infeliz da minha vida vos poder ver, a vós, representantes

desse Partido que realmente serve a humanidade. Estou convencido de que os bolcheviques, prosseguindo a política leninista, estão a trabalhar para a felicidade do povo e levarão o povo até ela. Sempre fui vosso e sempre estive convosco... Por favor comuniquem a Vladimir Ilitch a minha admiração pelo génio com que ele resolveu questões de importância mundial na teoria e na prática. Considero que tive muita sorte em ter sido seu contemporâneo e testemunha das suas grandes acções. Admiro-o profundamente e quero que todos saibam isto.» [8] Estas palavras tornaram-se um símbolo de fé para aqueles intelectuais que sem reservas reconheceram o Estado soviético.

Entre os primeiros que entusiasticamente acolheram a revolução contam-se dois grandes poetas russos do século vinte — Alexander Blok e Vladimir Mayakovski. «Aceitar ou não aceitar?» Esta pergunta nunca existiu para mim... Esta é a minha Revolução!» disse Mayakovski. No seu artigo «Os Intelectuais e a Revolução», publicado em 19 de Janeiro de 1918, Blok apelou para os intelectuais: «Com todo o vosso corpo, todo o vosso coração, com toda a vossa consciência — oiçam a Revolução.»

Autor de versos líricos profundos, Blok escreveu naqueles dias duros o poema «Os Doze», que falava directamente com o tom das praças e das ruas cheias de povo:

Mantenham-se em posição revolucionária!
Infatigável, o inimigo não dorme!...
Para derrubar a burguesia
Lançaremos fogo,
Um fogo mundial...

Cortando corajosa e decididamente com o velho mundo, Alexander Blok dirigiu-se aos intelectuais com um apelo para que ajudassem o povo revolucionário com os seus conhecimentos e talento. A pergunta feita por um dos jor-

(8) *Kommunistichesky trud* (Trabalho Comunista) 29 de Abril de 1920.

nais burgueses: «Podem os intelectuais trabalhar com os bolcheviques?» respondeu sem hesitações: «Podem e devem.» Blok foi capaz de compreender a essência social e o significado histórico mundial da Revolução de Outubro. «A importância do momento histórico por que temos passado — escreveu pouco depois da vitória da revolução — fez-nos dar um salto de vários séculos... Vê-se mais distintamente que a nossa não é uma época intermédia, mas uma nova era...» (9)

O poeta V. Y. Bryusov ofereceu a sua cooperação ao novo governo. Na sua autobiografia afirma: «Por volta do final de 1917, depois da Revolução de Outubro já eu trabalhava com o Governo soviético.» (10)

Verificar-se-iam factos semelhantes também nos círculos artísticos. Um dos que se tornou consciente do significado profundo do que estava a acontecer foi o bem conhecido cantor Leónidas Sobinov. O famoso encenador Yevgeny Vakhtangov reconheceu sem hesitações a Revolução de Outubro: «A Revolução dividiu o mundo com uma linha vermelha no "velho e no novo".» (11) Disse aos seus estudantes: «*Abram a janela:* deixem entrar o ar fresco. Deixem entrar a vida. Não devem ter receio da vida. Temos de caminhar *juntamente* com a vida.» (12) Alguns escritores e artistas acolheram bem a revolução, compreendendo que ela abriria a via para novas formas de criatividade artística. Nos primeiros dias da revolução, Vsevolod Meyerhold colocou o seu talento à disposição da nação revolucionária.

O bem conhecido advogado e activista social, A. F. Koni, também ofereceu os seus serviços ao novo governo. Este

(9) A. A. Blok, *Sobraniye sochinenii* (Obras escolhidas), vol. 8, pp. 132--133.

(10) Valery Bryusov, *Stikhotvoreniya, Poemy,* (Poemas), Moscovo, 1958, p. 11.

(11) Yevgeny Vakhtangov, *Materialy e statyi* (Documentos e Artigos), Moscovo, 1959, p. 166.

(12) Boris Zakhava, *Vakhtangov e yego studiya* (Vakhangov e o seu Estúdio), Moscovo, 1930, p. 77.

senador, académico e membro do Conselho de Estado acolheu a Revolução de Outubro como uma nova era para a humanidade.

Assim que o poder soviético se estabeleceu em Kozlov, o criador de plantas russo I. V. Michurine avançou e anunciou que concordava trabalhar para a revolução. «Aceitei a Revolução de Outubro como um facto da vida», escreveu, «como uma necessidade histórica justa e inevitável, e imediatamente apelei para todos os especialistas agrícolas honestos para que se colocassem ao lado do Governo soviético e para que, sem hesitações, seguissem as pisadas da classe operária e do seu Partido» (13).

O famoso engenheiro e metalúrgico russo M. K. Kurako abraçou a Revolução de Outubro. O novo governo foi entusiasticamente recebido pelo talentoso engenheiro de minas, professor M. M. Protodyakonov, e pelo eminente especialista em energética, R. E. Klasson, que também colocaram imediatamente todos os seus conhecimentos e experiência à disposição da revolução.

Um futuro académico, o geólogo A. D. Arkhangelski, assistiu ao desenvolvimento da revolução numa aldeia da gubernia (14) Ryazan e escreveu: «Compreendo que se fez uma grande coisa, apesar de eu ser apenas vagamente consciente das perspectivas abertas ante nós. Decidi que agora era a altura de mudar a minha atitude perante o Estado e começar a ajudar o jovem governo a construir a nova vida. Em Janeiro de 1918 fui para Moscovo e pus isto em prática.» (15)

(13) I. V. Michurine, *Sochineniya* (Obras Escolhidas), vol. 1, Moscovo, 1948, p. 609.

(14) Gubernia — a maior unidade de governo administrativo e local. A divisão do país em gubernias foi eliminada durante 1924-1929 quando a URSS foi dividida em regiões distritos e territórios.

(15) Citado em: V. A. Ulyanovskaya, *Formirovaniye nauchnoi intelligentsii v SSSR, 1917-1937* (A Formação dos Intelectuais Científicos na URSS, 1917-1937), Moscovo, 1966, p. 66.

Foram aqui mencionados apenas os nomes de alguns notáveis trabalhadores culturais, científicos e artísticos. Mas, com eles, milhares de membros «rasos» da camada intelectual aceitaram sem hesitações o novo governo, entre eles médicos, professores, agrónomos, actores e artistas. O primeiro Comissário para a Educação do Povo Soviético, A. V. Lunatcharski, disse: «Podemos com gratidão lembrar dúzias de grandes nomes e pensar em centenas e talvez milhares de trabalhadores despretensiosos que imediatamente ou quase, mas muito sinceramente, começaram a trabalhar para a defesa e construção da nova terra socialista.» (16) Os melhores intelectuais democráticos não só abraçaram a chegada da revolução, mas também, juntamente com os operários, soldados e camponeses, «faziam-na».

É impossível dizer que foi por mero acaso que parte dos intelectuais tomou o partido do povo revolucionário e aceitou a Revolução de Outubro. É incorrecto supor que na década que precedeu a revolução todos os intelectuais estavam do lado das forças reaccionárias. Nalgumas das suas partes existiam tradições democráticas e que apelavam para que os intelectuais servissem o povo trabalhador. Foi a fidelidade aos melhores ideais genuinamente democráticos dos intelectuais revolucionários que levou muitos cientistas, técnicos, escritores e artistas a quebrar com o seu velho mundo e a trabalhar para a libertação do povo, como objectivo da sua vida. A Revolução de Outubro foi por eles acolhida como uma grande tempestade, preparando o solo para o renascimento económico e cultural da Rússia. Muitos intelectuais progressistas também compreenderam o facto de os bolcheviques serem os verdadeiros porta-vozes e defensores dos interesses do povo.

Para explicar a posição desta parte de intelectuais é

(16) A. V. Lunatcharski, *Ob Intelligentsii. Sbornik Statei* (Sobre os Intelectuais. Colectânea de Artigos), Moscovo, 1923, p. 42.

também necessário ter em conta a definição clássica destas situações dada por Karl Marx e Friedrich Engels. No *Manifesto do Partido Comunista* escreveram: «...em tempos em que a luta de classes se aproxima da hora decisiva, o processo da dissolução que se trava dentro da classe governante, de facto dentro de toda a antiga sociedade, assume um carácter tão violento, tão feroz, que uma pequena parte da classe governante fica à deriva e junta-se à classe revolucionária, à classe que tem o futuro nas suas mãos» (17). Foi isto que aconteceu a uma parte dos velhos intelectuais russos. Na altura das mais amargas lutas de classes, foi capaz de se separar da burguesia e da nobreza, com quem tinha laços íntimos, compreender a necessidade histórica da revolução socialista e juntar-se ao proletariado revolucionário. Um factor que motivou esta decisão foi a sua amarga insatisfação com o sistema político na Rússia pré-revolucionária e a sua opinião crítica da realidade russa.

Contudo, só uma parte compárativamente pequena dos intelectuais se colocou francamente ao lado do povo, aceitando a Revolução de Outubro e reconhecendo o Governo soviético. Uma grande parte dos intelectuais não foi capaz de compreender os acontecimentos que tinham lugar e tomou posições neutras, esperando os resultados e anunciando a sua «não interferência» na política. Estes intelectuais eram na sua maior parte oriundos dos extractos da pequena burguesia. Não queriam estar contra o povo e, portanto, não se colocaram numa posição contra os bolcheviques, ainda que, na sua opinião, eles fossem «usurpadores», mas que, como se podia ver, tinham o apoio dos operários e dos camponeses. Muitos deles continuam a trabalhar em empresas e instituições, mas apenas o fizeram porque tinham «uma necessidade imperiosa». Não acredi-

(17) K. Marx e F. Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, Moscovo, 1969, pp. 56-57.

tavam que os operários e os camponeses, sob a direcção dos bolcheviques, conseguissem fundar um Estado poderoso.

Mas, ao mesmo tempo, estes intelectuais compreenderam que o seu trabalho era indispensável ao povo. Por exemplo, foi aprovada uma decisão em Petrogrado numa reunião do sindicato dos engenheiros em Dezembro de 1917 que afirmava que os engenheiros russos não apoiavam a ideia de sabotagem e tomariam parte na restauração da economia nacional, mas que apesar disso não partilhavam a ideologia e a táctica dos bolcheviques.

Mesmo muitos dos intelectuais com tendências mais liberais que tinham acolhido entusiasticamente a derrota do czarismo não pretendiam, depois da revolução socialista, ficar envolvidos nos acontecimentos que estavam a ter lugar, e acreditavam que a revolução era uma séria calamidade para a Rússia. Eis, por exemplo, um extracto das memórias do académico L. A. Orbeli sobre os sentimentos do grande fisiólogo russo I. P. Pavlov: «Ivan Petrovitch levou muito a peito a Revolução de Outubro e julgou que a nação tinha sido destruída e que os poderes contrários a desintegrariam.» (18) Levou anos a conseguir apreciar a importância da revolução socialista para o destino da nação e depois tornou-se um fervoroso patriota soviético. Pavlov não estava só no seu pessimismo. Muitas figuras científicas e artísticas importantes profetizaram abertamente que as novas condições na Rússia significariam a morte da cultura.

O secretário permanente da Academia das Ciências, S. F. Oldenburg, disse amargamente aos seus colegas num discurso sobre a actividade da Academia em 1917: «O povo russo nem resistiu a este teste histórico nem à grande guerra mundial: massas ignorantes entregaram-se às ten-

(18) L. A. Orbeli, *Vospominaniya* (Reminiscências), Moscovo-Leninegrado, 1966, p. 83.

tações decepcionantes de promessas sombrias e criminosas: a Rússia está à beira do seu túmulo.»

Muitos intelectuais eram vítimas de um profundo pessimismo, considerando o colapso da direcção da burguesia, uma classe que consideravam ser a única portadora de cultura, como a morte da cultura em geral. Com terror e desespero choravam o passado da Rússia, não avistando um pouco de esperança nos acontecimentos que abalavam o país.

Grupos consideráveis de cientistas, escritores, professores, médicos, engenheiros e artistas anunciaram que estavam «fora da política» e que não desejavam ser envolvidos nos acontecimentos. Deve-se dizer que muitos destes «neutrais» teriam honestamente apoiado o Governo soviético se não tivessem sido impedidos de o fazer pelo receio do povo revolucionário e pelo fantasma de excessos e da destruição latente da cultura e dos valores culturais, que resultavam da sua falta de compreensão do povo.

Uma parte significativa dos intelectuais não só não aceitou a revolução socialista, ou pelo menos ocupou uma posição neutra, em relação a ela, como tomou o caminho da sabotagem das medidas do Governo soviético ou atacou-o verdadeiramente. Os funcionários civis e especialistas em várias empresas começaram a afastar-se do trabalho como sinal de protesto contra a tomada do poder pela classe trabalhadora e frustrou medidas governamentais de importância vital para o povo, tentando desacreditar o novo governo aos olhos do povo trabalhador.

A sabotagem tomou formas extremamente variadas. A forma mais vulgar era a deserção dos serviços, greves, ignorando as instruções dos órgãos do Governo soviético, a votação contra por parte de funcionários civis e especialistas que cooperavam com o novo governo, o trabalho negligente, etc. A sabotagem e as greves realizadas por trabalhadores das empresas governamentais e de departamentos municipais prejudicaram muito a vida normal das cidades e vilas. Pararam os transportes públicos, as esta-

ções de energia eléctrica e os hospitais fecharam as suas portas. Os departamentos de fornecimento impediram o fornecimento de bens e de combustível à população.

Vários grupos de intelectuais estavam envolvidos na sabotagem, mas as greves que se fizeram sentir mais foram as dos professores e do pessoal médico. Num apelo da direcção contra-revolucionária do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia em 2 de Dezembro de 1917, os professores de Moscovo juntaram-se à greve decretada pelos trabalhadores do conselho da cidade de Moscovo. De 4000 professores, apenas alguns continuaram a dar aulas. Os professores anti-soviéticos fizeram greve durante três meses. Em Petrogrado, os professores também fizeram greve. Deram-se igualmente pequenas greves em Ufa, Yekaterinburg e Astrakã. As secções locais do Sindicato dos Professores desenvolveram uma ampla campanha de apoio aos professores em greve, reuniram fundos, organizaram comícios de protesto contra as medidas do governo e desenvolveram nas escolas agitação anti-soviética entre os alunos.

A administração da Sociedade N. I. Pirogov dos Médicos Russos ou Sociedade Pirogov criticou duramente a «tomada» do poder pelos bolcheviques e apelou para que todos os trabalhadores médicos sabotassem as medidas do Governo soviético no campo da saúde pública. A proporção das greves e da sabotagem nas instituições médicas foi considerável em Moscovo e em Petrogrado. Juntamente com isto, eram tomadas decisões para não se entrar em negociações com os bolcheviques, decisões estas tomadas pelas administrações dos sindicatos dos assistentes médicos, enfermeiras e farmacêuticos.

O médico bolchevique Z. P. Solovyov escreveu nessa altura: «Médicos de todas as espécies e níveis, desde médicos-gerais aos médicos "amantes do povo" provincianos, excitados pela sabotagem "ideológica" que era divulgada, envolveram-se na toga alugada, barata, em segunda mão, do "proletariado intelectual lutador", e esforçadamente destruíram tudo o que controlavam no sistema de assistência médicas às massas.» ([19]) E em Janeiro e Fevereiro de 1918, dada a desorganização, a fome e o frio, o tifo começou a espalhar-se em Moscovo.

O professorado burguês, apesar de não ter deixado de ensinar nas instituições de educação superior, era todavia na sua maioria hostil ao Governo soviético. Em Novembro-Dezembro de 1917, os seus representantes mais elevados anunciaram abertamente que não reconheciam o novo governo e que consideravam os bolcheviques usurpadores. Alguns professores votaram contra aqueles colegas que tinham começado a cooperar com o Governo soviético e caluniaram os estudantes democratas.

Os estudantes, que na sua maioria eram oriundos dos extractos mais prósperos, eram também hostis à revolução. Recordando uma das suas primeiras visitas a uma universidade nessa altura, Lunatcharski escreveu: «Lembro-me da sinistra impressão que eu, recentemente nomeado, ou melhor "recém-nascido" Comissário do Povo, tive quando apareci nas minhas novas funções num dos institutos superiores de Leninegrado. É certo que o aviso escrito a lápis e anónimo que recebi num bocado de papel cinzento, de que iria encontrar obstruções químicas, não se verificou, mas à minha volta só via olhares cruéis. Os rapazes e raparigas que enchiam o auditório olhavam todos para mim como para um inimigo» ([20]).

O novo governo foi também boicotado por uma parte considerável de tecnólogos. As suas opiniões eram expressas pelo Sindicato dos Engenheiros de Toda a Rússia, uma organização que apareceu logo depois da Revolução de Fevereiro, com a sua obra *A Canção da Morte da Terra Russa,* com o fim de defender os interesses profissionais

([19]) *Izvestiya sovetskoi meditsiny* (Boletim Médico Soviético), n.º 2-3, 1918, p. 3.

([20]) A. Lunatcharski, «*10 let rabfakov*» (10 Anos de Faculdades Operárias), *Krasnoye Studenchestvo* (Estudantes Vermelhos), n.º 11, 1929, p. 2.

dos engenheiros, mas de facto tomando parte activa, ao lado da burguesia, na luta política contra a classe trabalhadora.

As mais claras declarações de princípios feitas por esta secção dos especialistas reaccionários eram produzidas nos discursos dos delegados e nas resoluções do seu congresso do sindicato que teve lugar em princípios de Janeiro de 1918 em Moscovo. O congresso decidiu proibir aos membros do sindicato que se juntassem, ou apoiassem pelos seus conhecimentos e experiência, organizações cuja linha fosse contribuir para a «desintegração da indústria».

Nalguns círculos de artistas a vitória da Revolução de Outubro foi acolhida com particular hostilidade, e, nos primeiros dias da revolução, um número de teatros em Moscovo e Petrogrado interrompeu as suas representações como sinal de protesto contra o Governo soviético. Uma ampla secção do grupo de Teatro Alexandrinski anunciou a sua intenção de sabotar todas as acções do Estado soviético. Entre os mais implacáveis contam-se os actores principais do grupo, V. N. Davydov e Y. M. Yuriev.

Os intelectuais reaccionários declararam que aqueles que cooperassem com os Sovietes eram traidores e sujeitavam-nos a tornarem-se vítimas e ao ostracismo. Eis um relato contemporâneo de um dos comícios da sociedade de escritores: «A sociedade *Sreda* (Quarta-Feira) dos escritores realizou a sua sessão regular na qual estiveram presentes cerca de 60 pessoas — escritores, poetas, jornalistas e convidados, entre os quais Ivan Bunine, Yevgeni Chirikov e outros. Yuli Bunine presidiu. Depois das discussões, o senhor Orlov, com autorização da mesa, fez uma proclamação: "Senhores, entre nós, neste momento há uma pessoa, um escritor, que não deveria cá estar. Todos o conhecemos — é o senhor Serafimovitch, que acabou de aceitar um cargo de editor da secção literária e artística do jornal *Notícias de Moscovo do Soviete dos Deputados dos Operários e Soldados*. Por meio desta acção, aliou-se àqueles

que tomaram o poder e assim não deve ter lugar entre nós..."

«Yevgeni Chirikov declarou: "Desejo falar contra o Sr. Serafimovitch, embora tenha sido em tempos meu colega no jornal *Znaniye* (Conhecimento). Não me posso sentar mais a seu lado... Não lhe apertarei a mão..."» (21)

Valery Bryusov foi também atacado pelos seus antigos colegas: foi riscado de membro de várias sociedades literárias, foi vetado, etc.

Parte dos intelectuais não se limitou a ignorar o novo governo ou a sabotá-lo nos primeiros meses da sua existência, mas tornou-se inimigo ideológico da revolução socialista.

A parte principal deste grupo era composta de oficiais, o professorado reaccionário e muitos dos mais importantes advogados e engenheiros. Havia também representantes dos extractos democráticos da camada intelectual, como médicos, professores e outros. Os escritores e publicistas reaccionários desempenharam o papel de trovadores dos intelectuais contra-revolucionários.

Um grandioso comício de protesto contra as acções do Governo soviético teve lugar em 26 de Novembro de 1917 no cinema Soleil em Petrogrado. Entre os participantes contavam-se Mencheviques e também escritores não filiados: V. Bazarov, F. Dan, V. Zasulitch, A. Potresov, A. Peshekhonov, D. Merezhkovski, Z. Gippius, F. Sologub e outros. Uma edição especial de um dia de um jornal, o *Jornal de Protesto do Sindicato dos Escritores Russos*, foi publicada para o comício com artigos de títulos típicos: «O Muro Vermelho», «Vilãos», «Servidores do Demónio», «Profanadores de um Ideal», «Violadores».

O escritor A. Remizov respondeu à Revolução de Outubro com a sua obra *A Canção da Morte da Terra Russa*. Este

(21) *Izvestiya Moskovskogo Soveta Rabochikh i Soldatskikh Deputatov* (Notícias de Moscovo do Soviete dos Deputados dos Operários e Soldados), 6 de Dezembro de 1917.

foi um grito de partir o coração, expressando com uma totalidade e precisão inusitadas a fúria impotente e o desespero bíblico pelas fábricas e empresas que tinham sido confiscadas em Outubro de 1917. «Enraivecido e mudo — escreveu — fiquei no deserto onde uma vez existiu a Rússia. A minha alma está selada. Tudo, tudo quanto tinha foi retirado, as minhas roupas foram-me arrancadas do corpo. O que preciso? Não sei. Nada me pode ser útil. Não há razão para viver. A cólera apodera-se da minha alma, apodera-se impotentemente; porque meia vida foi queimada por essa Rússia que agora já não é nada, quando podia ter sido tudo... Compreendam, a nossa vida arrasta-se insuportavelmente.» (22)

Esta parte dos intelectuais misturara opiniões políticas. Uma parte consistia em monárquicos acalorados que não tinham abandonado a esperança de restaurar o «governante certo» no poder; outra parte representava os partidos burgueses que lutavam contra os bolcheviques e a classe trabalhadora em nome da «verdadeira democracia» ou, por outras palavras, uma república burguesa. Houve mesmo intelectuais que se chamavam revolucionários e socialistas nas fileiras dos contra-revolucionários mais furiosos. Contudo, toda esta gente, com todas as suas convicções políticas diferentes, estavam juntos e unidos por uma razão: medo dos bolcheviques, do Estado soviético e da ditadura da classe operária.

Os intelectuais contra-revolucionários não tinham escrúpulos na escolha dos métodos de luta contra o Estado soviético. Juntando-se aos destacamentos da guarda branca, cooperando com os intervencionistas, organizando conspirações e revoltas, escrevendo artigos caluniosos na imprensa burguesa do país e do estrangeiro — tudo servia a um membro «respeitável» da camada intelectual na luta contra os operários e os camponeses.

(22) *Skify* (Citas), vol. 2, Petrogrado, 1918, p. 197.

Por que razão os intelectuais, que se declaravam intelectuais do povo e mesmo mais alto ainda proclamavam o seu amor pelos «irmãos mais novos», os operários e os camponeses, na sua maior parte tomaram uma posição hostil ao Governo soviético participando em sabotagens, greves e na contra-revolução? Existem várias razões. A primeira razão óbvia é que muitos intelectuais estavam intimamente ligados às classes exploradoras — à burguesia e à nobreza. Alguns intelectuais eram oriundos destas classes e tinham, por assim dizer, uma «ligação de sangue» com elas, ocupando posições privilegiadas que, evidentemente, não queriam perder.

Além disto, os intelectuais burgueses não podiam estar de acordo com o facto de que nem era ela, nem a burguesia cujos interesses ela defendia, mas os seus «irmãos mais novos», os operários e os camponeses, quem ocupava os cargos-chave no governo revolucionário.

Também se deve ter em conta que muitos intelectuais russos ou pertenciam a partidos burgueses e pequeno-burgueses, tais como os Cadetes (23), os mencheviques e os SRs (24), ou se não fossem membros formais, tinham simpatia pelos seus programas. Os Cadetes, mencheviques e SRs apoiavam os sabotadores tanto moral como materialmente, e com este fim utilizavam fundos de várias organizações públicas, empréstimos bancários, fundos ministeriais, etc.

A direcção dos sindicatos de massa a que os intelectuais pertenciam, tais como o Sindicato dos Engenheiros de Toda a Rússia, o Sindicato dos Professores de Toda a

(23) Cadetes: Democratas Constitucionais. O principal partido da burguesia imperialista na Rússia. Foi formado em Outubro de 1905 e pretendia preservar o czarismo na forma de uma monarquia constitucional. Tentou atrair o campesinato para o seu lado.

(24) SRs: socialistas-revolucionários. Um partido pequeno-burguês que fez o seu aparecimento na Rússia por volta do final de 1901 e princípio de 1902.

Rússia, as associações de médicos e estudantes e outros, desempenhavam um papel importante na determinação da atitude dos intelectuais, dado que eram os mencheviques, SRs ou Cadetes, e por meio da sua autoridade e pressão directa, quem obrigava os membros dos sindicatos a fazer greve e a organizar comícios de protesto contra o Estado soviético. Havia um forte sentido de cooperação e solidariedade nestas organizações, e o poder dessa «camaradagem» levou muita gente a alinhar com os sentimentos anti-soviéticos da direcção.

Finalmente, uma influência negativa foi exercida sobre os intelectuais pelas palavras de ordem anarquistas do Proletcult (25) com o seu apelo ao «derrube» da cultura burguesa, pelos planos estouvados de algumas figuras soviéticas educacionais, culturais e artísticas, como a destruição das antigas escolas e teatros, a colocação das universidades ao simples nível de divulgadoras da ciência, etc. Para muitos professores, por exemplo, e não sem alguma razão, as sugestões da nova concepção das escolas, que eram anunciadas por alguns operários do Comissariado do Povo para a Educação nos primeiros meses da existência do Estado soviético, pareciam absurdas. Assim, propôs-se liquidar todas as classes escolares, abolir as lições e o trabalho de casa, trabalhar sem programas nem livros de texto, introduzir a eleição de professores feita pelos alunos, etc. Naturalmente, estas sugestões esquerdistas semearam a confusão entre os professores e, a fim de defenderem as suas escolas da destruição, viraram-se contra o novo Estado.

Sobre estes excessos, A. V. Lunatcharski mencionou correctamente que eram utilizados com fins anti-soviéticos

(25) Proletcult: abreviatura de Cultura Proletária, uma organização cultural fundada em Setembro de 1917. Os principais objectivos desta organização eram em grande medida errados, como a teoria incorrecta que difundia sobre a fundação de uma «pura cultura proletária» isolada dos desenvolvimentos artísticos precedentes. A organização fechou no início dos anos 30.

pelos reaccionários. «Os professores oposicionistas, contra-revolucionários, rejubilaram mesmo perante a implacabilidade destes reconstrutores e a dureza das suas palavras de ordem. Permitiu-lhes ou contribuir para a destruição com as suas próprias mãos e dizer mais tarde — "Vejam o que os bolcheviques nos obrigaram a fazer", ou colocá-la fora das suas antigas posições, afirmando: "Não sabemos como dar um simples passo em direcção às vossas estrelas longínquas".» (26)

Na imprensa burguesa da altura era frequente ver-se afirmar que a sabotagem e as greves realizadas por alguns intelectuais eram retaliações contra as medidas violentas que o governo revolucionário tinha tomado contra alguns grupos da população, incluindo os intelectuais — prisões, despedimentos, despejos de apartamentos e residências particulares, etc., e que os bolcheviques tinham «posto» os operários contra os intelectuais. Mas de facto tudo se passou de outro modo. Os intelectuais reaccionários e a sua imprensa colocou os filisteus contra os representantes do Estado revolucionário e incitou-os a acções anti-soviéticas. Desde o início, o Governo soviético confiou nos intelectuais e tentou de todas as formas facilitar a sua situação, apelando para que se juntassem ao trabalho criativo. E só quando a posição anti-soviética de alguns círculos de intelectuais se tornou clara, quando respondeu aos apelos de cooperação com sabotagem e greves, os órgãos soviéticos foram obrigados a recorrer à coerção.

Sobre este assunto, Lénine escreveu: «A sabotagem foi iniciada pelos intelectuais e pelos funcionários públicos, cujo cerne consiste em burgueses e pequeno-burgueses... Era inevitável que os operários e os camponeses se enraivecessem com a sabotagem dos intelectuais e se alguém

(26) *Narodny Komissariat po Prosveshcheniyu. 1917-1920 (Kratky Otchot)* (Comissariado do Povo para a Educação. 1917-1920. Um Revista), Moscovo, 1920, pp. 4-5.

deve ser "culpado" por isto, só pode ser a burguesia e os seus cúmplices conscientes e inconscientes.»

Continuou: «Se tivéssemos "incitado" alguém contra os intelectuais, mereceríamos ser enforcados por isso. Longe de incitar o povo contra os intelectuais, nós, pelo contrário, em nome do Partido e em nome do governo, afirmamos a urgência da necessidade de criar as melhores condições de trabalho possíveis para os intelectuais.» (21)

Assim, apenas uma parte dos intelectuais se colocou honestamente ao lado do povo. A maioria ou trabalhava contra o Estado soviético ou tomava uma posição neutra. O Partido Comunista tinha perante si uma grande quantidade de trabalho para fazer a fim de conquistar para o lado do Governo soviético não só aqueles que estavam vacilantes mas também as secções hostis dos intelectuais, para os reeducar e para utilizar os seus conhecimentos e experiência para o reforço e defesa do primeiro Estado socialista no mundo.

A derrota da sabotagem. A transição dos intelectuais para a cooperação com o Estado soviético

Um dos primeiros passos dados no estabelecimento do contacto entre o Governo soviético e os intelectuais foi a eliminação da sabotagem. Era imperativo retirar os intelectuais da influência da grande burguesia e levá-la a colocar-se ao serviço da nação. Logo em 15 de Novembro de 1917, sob instruções do Governo soviético, o Comissário do Povo para a Educação, A. V. Lunatcharski, pronunciou um discurso no qual apelava para os intelectuais a fim de auxiliar a classe operária: «Venham em seu auxílio. Está cheia de força, mas rodeada de miséria. A glória pertence àqueles que nas horas difíceis da sentença pelo

(21) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 29, p. 230.

fogo se encontram ao lado do povo... Vergonha para aqueles que o não fazem. E saibam que o tumulto, a ultrajante revolta dos intelectuais contra o povo trabalhador, pode, se continuar, encher um caminho já difícil com novos espinhos — mas nunca impedirá as rodas de girar. O povo apela para que trabalhem juntos... Não há caminho de regresso ao passado.»

A sabotagem realizada pelos intelectuais não era um fenómeno universal. Apenas algumas partes das camadas intelectual estavam envolvidas nela, e a maior parte nas cidades: funcionários civis, professores, médicos. Deve-se também notar que nem todos os professores, médicos e funcionários civis fizeram greve. Muitos protestaram energicamente contra estas formas de luta contra o Estado revolucionário e publicamente anunciaram o seu desacordo com a política dos dirigentes anti-soviéticos dos sindicatos dos intelectuais e a sua demissão desses sindicatos.

O exemplo foi dado por alguns comunistas entre os intelectuais que eram membros destes sindicatos. Corajosa e firmemente defenderam a única posição correcta — a de total apoio ao Governo soviético e à luta contra os inspiradores e organizadores de sabotagem. Na reunião executiva da Sociedade Pirogov de Médicos em 26 de Dezembro de 1917, foi tornada pública uma carta do médico bolchevique I. V. Rusakov sobre a decisão do executivo da sociedade de fazer uma greve e em que protestava vigorosamente contra esta decisão e anunciava a sua demissão da sociedade. Uma carta semelhante foi enviada à sociedade pelo médico Z. P. Solovyov. Os médicos comunistas M. F. Vladimirski, N. A. Semashko, V. A. Obukh e outros desenvolveram uma grande quantidade de trabalho de esclarecimento entre os trabalhadores médicos, introduzindo-os nos objectivos e na essência do Estado soviético e apelando para que entrassem em cooperação activa com ele.

As greves feitas pelo pessoal médico provocaram uma onda de protestos, tanto por parte da população como dos médicos que tinham continuado fiéis ao seu dever de mé-

dicos. Alguns soldados que estavam a ser tratados numa das enfermarias protestaram contra a interrupção feita pelo pessoal médico e pediram aos médicos que não saíssem sem dar ajuda, comida ou combustível, aos soldados que tinham sofrido na guerra. A resolução tomada pelos estudantes dos Cursos Superiores Femininos (Internacionalistas) exprimiam a total solidariedade com os estudantes dos cursos que substituíam os sabotadores. A comissão distrital do hospital da cidade de Yauza decidiu não distribuir comida aos grevistas e considerá-los demitidos. Ao mesmo tempo exprimiu a sua profunda gratidão para com os trabalhadores médicos que não tinham abandonado os seus postos.

O processo de transição dos elementos da saúde para a cooperação com o Estado soviético tomava também lugar entre os professores. A posição hostil da direcção do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia em relação ao Estado soviético provocou protestos da população, e muitos professores pediram também que se pusesse termo à sabotagem criminosa e que as escolas se não deveriam tornar numa arma da luta política. Chegaram cartas às redacções das revistas e jornais em que os professores anunciavam ter cortado com a clique contra-revolucionária do sindicato. Eis uma dessas cartas colectivas: «Nós, abaixo assinados, protestamos contra as acções do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia que toma o partido dos inimigos do povo neste momento decisivo, apoia os sabotadores e expulsa do sindicato os professores mais válidos pelas suas convicções políticas. Desejamos protestar, e consideramos não ser já possível continuar neste sindicato, e assim anunciamos a nossa demissão.» Mesmo aqueles que se encontravam sob a influência da direcção contra-revolucionária do sindicato protestaram contra a política de sabotagem. A pedido dos professores de Moscovo, realizou-se um referendo no final de Fevereiro de 1918 sobre a questão da greve. Em 1305 votantes, 1289 votaram pelo fim da greve.

Juntaram-se cada vez mais trabalhadores artísticos, que decidiram cooperar honestamente com o novo Estado. Assim, no Teatro Alexandrinski, mencionado atrás como um dos centros de sabotagem, havia forças que eram leais ao apelo do Governo soviético. À frente deste grupo estava o actor Uralov. Como relata um contemporâneo, na altura em que os sabotadores eram mais violentos e queriam interromper as sessões e mesmo encerrar o teatro em sinal de «protesto», I. M. Uralov, juntamente com Y. P. Korchagina-Alexandrovskaya, M. P. Domasheva, A. A. Chizhevskaya e P. I. Leshkov, encontravam-se entre os actores que prepararam urgentemente uma peça nova a exibir em vez da que foi destruída pelos sabotadores. Aumentou a influência destes actores que apoiavam o Estado soviético.

Contudo, no começo de 1918, um grupo de cerca de 35 pessoas anunciou a sua demissão do teatro e A. V. Lunatcharski foi obrigado a retirar do directório do teatro um dos inspiradores da sabotagem, F. D. Batyushkov. A isto seguiu-se o aviso de uma demissão colectiva. Ao olhar para a lista dos que «abandonavam» o teatro, Lunatcharski salientou: «Bom, meu amigos, pode ser triste, mas, sem eles, não precisamos do Teatro Alexandrinski.» Isto não o levou, contudo, a vacilar na sua determinação e continuou os seus esforços para explicar aos artistas o que o povo e o Estado soviético esperavam deles. A sua política paciente, maleável e sensata provou afinal ser vitoriosa. Lentamente, a vida do grupo do Teatro Alexandrinski voltou ao normal.

Todos os dias cada vez maior número de intelectuais se convenciam de que tinham sido enganados e que tinham sido utilizados como armas nas mãos da burguesia e dos seus lacaios na luta contra o povo revolucionário. As medidas tomadas pelo Governo soviético para melhorar a situação dos intelectuais, para a protecção dos valores culturais, inovações progressistas tais como a introdução de nova ortografia, a separação da Igreja e do Estado e das escolas da Igreja, a política firme do Governo soviético em questões de importância vital para a vida do país, tudo

isto desempenhou o seu papel mostrando aos mais amplos extractos de intelectuais que o novo Estado actuava no interesse do povo, incluindo os interesses dos intelectuais. Todos os intelectuais honestos da Rússia se iam afastando da contra-revolução e cooperavam com o Estado soviético.

Mas ao mesmo tempo o Estado soviético tinha de tomar medidas de coerção contra os sabotadores e grevistas mais inflexíveis. Em Dezembro de 1917, por iniciativa de Lénine, foi criada a Comissão Extraordinária de Toda a Rússia para a Luta Contra a Contra-Revolução e a Sabotagem. Isto foi necessário a fim de assegurar a mais rápida eliminação da oposição das classes derrubadas e dos seus lacaios nos intelectuais burgueses. A Comissão travou uma luta decisiva contra a sabotagem, mostrando e punindo aqueles que a inspiraram e a organizaram.

A sabotagem prejudicou bastante a jovem República Soviética e combatê-la era complicado dado que os intelectuais utilizavam a única arma que os operários não tinham — o conhecimento.

Desde os primeiros dias do Estado soviético, o Partido e a classe operária formaram centenas de organizadores talentosos, que sucessivamente substituíram os especialistas que faltavam. Os operários comunistas mais cultos encarregaram-se da banca, da educação nacional e de muitas fábricas e oficinas. Por exemplo, o ex-marinheiro bolchevique, N. G. Markine, ficou encarregado de normalizar as actividades do Comissariado para os Negócios Estrangeiros. Dirigiu a publicação de documentos diplomáticos secretos — acordos antipopulares czaristas secretos. Contudo, apesar de os operários progressistas poderem ser utilizados principalmente para formar o aparelho governamental, naquelas esferas da economia e cultura que exigiam conhecimentos especiais procedia-se de outro modo. Aí era impossível operar sem os intelectuais como portadores de conhecimento.

A derrota da sabotagem consistiu em conseguir que os especialistas empenhados na sabotagem regressassem ao

seu trabalho e em os obrigar a cumprir os seus deveres. Deveria notar-se que não se utilizava nessa altura uma dura repressão contra os que estavam empenhados na sabotagem. Confiscação de fundos, prisões de pouca duração dos dirigentes, privação de rações e falta de vencimentos eram virtualmente os únicos castigos usados contra os sabotadores.

Esta foi uma batalha, mas mais do que uma batalha contra os intelectuais em si, foi contra os desertores da frente do trabalho que condenavam o povo a sofrimentos demasiados. Tal como qualquer governo legal, o Governo soviético tinha todo o direito, mesmo sob um ponto de vista legalista burguês, de obrigar os cidadãos que se recusavam em nome de objectivos políticos preconcebidos a cumprir os seus deveres directos para com o Estado.

O Estado soviético puniu não só a organização de sabotagem mas também as represálias sobre os intelectuais que aderiram à plataforma soviética. Protegia-os da perseguição pelos reaccionários e deu-lhes apoio moral.

Por alturas da Primavera de 1918, a sabotagem feita pelos intelectuais tinha sido em geral suprimida. As razões mais importantes para a mudança de atitude dos intelectuais foi a marcha triunfante do poder soviético através do país e o derrube do velho e a criação de um novo aparelho de Estado.

A dissolução da Assembleia Constituinte (28) destruiu as

(28) A Assembleia Constituinte na Rússia era um corpo representativo. A convocação da Assembleia Constituinte foi preparada pelo Governo Provisório em 1917 sob pressão das massas. As eleições tiveram lugar em Novembro, mas com listas eleitorais que tinham ido elaboradas antes da Revolução de Outubro. Por esta razão, predominavam nela os partidos contra-revolucionários. A Assembleia Constituinte reuniu em 5 (18) de Janeiro de 1918 em Petrogrado e recusou confirmar os decretos do II Congresso dos Sovietes sobre a terra, a paz e a transferência de poder para os Sovietes ou ratificar a Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado. A 6 de Janeiro a Comissão Executiva Central de Toda a Rússia dissolveu a Assembleia Constituinte.

esperanças das forças contra-revolucionárias de uma rápida vitória. Isto mostrou inevitavelmente a atitude daqueles grupos que sabotavam o novo Estado. Assim, os delegados do Congresso dos Professores junto de Gubernia de Moscovo, numa resolução sobre as suas relações com o Estado soviético, notaram que a situação política tinha dado uma viragem brusca em direcção à transferência de todo o aparelho governamental, tanto no centro como nas localidades, para as mãos dos Sovietes de Deputados dos Operários, Camponeses e Soldados. O congresso reconheceu que era «impossível para a profissão docente usar as greves como demonstração colectiva contra este Estado» e declarou que julgava ser imperativo para os professores terem relações activas com o poder soviético.

Deve-se também notar que o fim da sabotagem realizada pelos intelectuais estava em certa medida ligado à continuação, pela Alemanha do Kaiser, da actividade militar contra a República Soviética em Fevereiro de 1918. Isto sucedeu assim particularmente a respeito dos médicos que fizeram greve. A sua posição, em face da onda popular geral de repulsa pelo inimigo, foi bastante ambígua e difícil, atraindo o ódio do povo por eles como sendo em tudo os aliados dos invasores alemães. Foi esta uma das razões da decisão tomada por uma reunião de trabalhadores médicos de Moscovo em 2 de Março de 1918 de criar um corpo médico que servisse o Exército Vermelho. O Sindicato dos Enfermeiros de Toda a Rússia e os estudantes da Academia Militar de Medicina ofereceram também os seus serviços aos doentes e feridos. O famoso microbiólogo D. K. Zabolotny encarregou-se do trabalho dos destacamentos antiepidémicos.

A intervenção militar estrangeira, efectuada pelos países do Pacto, e a intensificação da Guerra Civil também aceleraram o processo de divisão dos intelectuais e a sua mudança de rumo, começando a cooperar com o Estado soviético. Amplas secções de intelectuais começaram a oferecer os seus serviços. Por exemplo, em Março de 1918,

A. P. Karpinski, o presidente da Academia das Ciências, comunicou numa carta a Lunatcharski que os trabalhadores da Academia se tinham convencido da necessidade de cooperar com o Governo soviético. Muitos intelectuais que se consideravam fora da política começaram a tomar um interesse activo pelos acontecimentos políticos que se passavam no país. Isto é confirmado pelas reuniões realizadas pelos intelectuais e pelas suas publicações na imprensa. Foi com sentimentos de intensa indignação que todos os intelectuais honestos encararam o odioso atentado contra a vida de Lénine.

Nesta altura, os intelectuais começaram a formar organizações de massa com uma plataforma soviética. Vários novos sindicatos de intelectuais apareceram espontaneamente por iniciativa dos seus membros mais progressistas, mas tinham sempre o apoio absoluto do Partido Comunista e do Estado soviético. Logo no final de 1917, um grupo de trabalhadores da saúde em Petrogrado criou um sindicato que se chamou Sindicato Federado dos Trabalhadores Médicos de Toda a Rússia. Por volta de meados de Março de 1918 em Moscovo e na Gubernia de Moscovo, os trabalhadores médicos também organizaram um sindicato seu. Uma das tarefas que se fixou, como afirmava a sua carta, era a «cooperação com o Estado soviético na organização dos assuntos médicos, na elaboração das questões médicas e sanitárias em coordenação com as tarefas estabelecidas pelo Estado soviético e na organização dos trabalhadores médicos aderentes à plataforma soviética». Em oposição ao contra-revolucionário Sindicato dos Professores de Toda a Rússia, foi fundado o Sindicato dos Professores Internacionalistas no final de 1917, no qual estavam unidos todos os que se empenhavam na docência e na educação «e empenhados na revolução social».

Sindicatos e associações de tipo semelhante foram fundados pelos intelectuais ligados à arte — artistas, actores, jornalistas e também por funcionários civis. Em começos de 1919, os sindicatos que reconheceram o Estado soviético

tinham os seguintes membros: correios e telégrafos — 58 683 membros; trabalhadores dos departamentos públicos e de comércio — 505 241 membros; empregados bancários — 27 234 membros; assistentes de farmacêuticos — 12 613 membros; Sindicato dos Trabalhadores Médicos de Toda a Rússia — 97 799 membros; trabalhadores das artes — 27 586 membros; trabalhadores agrónomos — 18 557 membros; trabalhadores florestais — 15 007 membros; ao todo cerca de 800 000 pessoas.

A transição dos intelectuais para a cooperação com o Estado soviético deu-se particularmente depressa no Outono de 1918. Por esta altura, um número considerável de especialistas burgueses trabalhava já em departamentos e empresas soviéticas, em unidades do Exército Vermelho, em estabelecimentos científicos, em instituições superiores de ensino. Uma indicação interessante da transição dos intelectuais para o lado do Estado soviético foram as reuniões conjuntas de operários e intelectuais que tiveram lugar no Outono de 1918 em muitas cidades do país. Gorki e Lunatcharski tomaram parte na organização destas reuniões. Em 6 de Outubro, um comício em Petrogrado de mais de 20 000 pessoas aceitou unanimemente a seguinte resolução:

«O comício de operários e intelectuais, convocado pela Comuna dos Trabalhadores de Petrogrado sob a presidência de Máximo Gorki, tendo ouvido uma série de oradores, reconhece que a história do último ano demonstrou o grande apoio popular à Revolução de Outubro... O comício considera imperativa a aproximação entre o povo trabalhador revolucionário e os elementos sãos dos trabalhadores intelectuais que reconhecem a correcção da política geral do Estado soviético e estão prontos a travar a grande batalha pelo socialismo ombro a ombro com a classe operária e os camponeses pobres.» As resoluções destes comícios influenciaram amplos círculos de intelectuais, incluindo aqueles que mais tinham persistido na sua recusa de cooperação com o Estado soviético.

Um exemplo igualmente claro da transição dos democratas pequeno-burgueses para o lado do Estado soviético foi a mudança da posição política de parte dos membros dos partidos mencheviques e SR. Temendo perder finalmente a sua autoridade já em desintegração, o Comité Central do partido menchevique elaborou uma resolução em 17-21 de Outubro de 1918, apelando para que o partido recusasse cooperar politicamente «com as classes hostis à democracia». Na sua resolução de 14 de Novembro, o Comité Central do Partido Menchevique exprimiu a sua prontidão para «finalmente e irreversivelmente» quebrar a sua aliança com a burguesia e para «tomar uma atitude incondicionalmente hostil à interferência de saqueadores estrangeiros...». Os mencheviques anunciaram que reconheciam o sistema soviético «como uma realidade e não como um princípio». Não obstante a sua última reserva, que mostrava que os mencheviques permaneciam em princípio inimigos do bolchevismo, o anúncio da sua intenção de interromper activamente a luta contra o Estado soviético foi considerada positiva pelo Governo soviético.

Uma linha semelhante foi também tomada pelos SRs de direita. A resolução da sua conferência em 8 de Fevereiro de 1919 apelou para que as organizações do SR de direita combatessem os guardas brancos e os intervencionistas. A conferência pronunciou-se contra as tentativas de derrubar o Estado soviético pelas armas e de formar um bloco com a burguesia.

O Partido Comunista tinha um clara compreensão do facto de que o carácter social da pequena burguesia condicionava as suas vacilações permanentes de acordo com a correlação de forças numa dada altura e de que os partidos pequeno-burgueses eram simpatizantes duvidosos e capazes tanto de vacilar como de trair, como se mostrou no decurso de outros acontecimentos. Mas, apesar de todas estas vacilações e traições dos mencheviques e democratas SR, os bolcheviques apoiaram a transição destes partidos para o lado do Estado soviético, porque com o tempo não

eram os partidos pequeno-burgueses que eram importantes mas as massas pequeno-burguesas em cujo número se incluía os intelectuais.

V. I. Lénine escreveu a este respeito: «Não basta encorajar esta mudança de frente e cumprimentar amigavelmente aqueles que a estão a fazer. Um político que sabe para o que está a trabalhar tem de aprender a *provocar* esta mudança de frente entre as várias secções e grupos de ampla massa de democratas pequeno-burgueses se estiver convencido de que existem razões históricas sérias e profundas para esta viragem.» Mas isto não significa, continuou, que deixemos de suprimir inimigos. «Seria ridículo tentar "convencer" ou de uma maneira geral "influenciar psicologicamente" esses inimigos. Mas seria igualmente ridículo — se não mais — insistir apenas na táctica de supressão e terror em relação aos democratas pequeno-burgueses quando o curso dos acontecimentos os obriga a virar na nossa direcção.» (29)

As razões para a mudança dos democratas pequeno-burgueses para o lado do Estado soviético nessa altura devem procurar-se sobretudo na política do Partido Comunista em relação aos intelectuais e também nas mudanças que tiveram lugar por volta do Outono de 1918 na situação interna e internacional da República Soviética. Este período, a seguir à revolução, ensiou muito aos intelectuais. Estes viram que o Estado soviético era firme e que as massas populares sob a direcção dos bolcheviques lutavam por restaurar a economia, preservar os valores culturais e estabelecer uma cooperação honesta com os intelectuais. No seu artigo «As valiosas Confissões de Pitirim Sorokine», Lénine mostrou as razões básicas para a mudança de democracia pequeno-burguesa para uma política de cooperação com o proletariado e para a destruição das suas ilusões. Foram, em primeiro lugar, o colapso do imperialismo alemão, a anulação em Novembro de 1918 do Tratado de Brest, que era de muitas maneiras um obstáculo à aproximação dos intelectuais ao Estado soviético, e, em segundo lugar, a inflexível revelação da crença na «pura democracia» pelo curso dos acontecimentos.

(29) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 28, p. 191.

A assinatura em Março de 1918 do extraordináriamente severo tratado de paz de Brest com a Alemanha foi provocada pela necessidade de adiar a guerra e de evitar que o imperialismo alemão sufocasse a revolução. Esta paz foi considerada pela maior parte dos intelectuais «humilhante» e «vergonhosa» e como uma traição. «A amargura, o ressentimento e a indignação violenta provocadas por esta paz eram fáceis de compreender...» (30) escreveu Lénine. Tudo isto criou as maiores dificuldades na conquista moral dos intelectuais para o lado do Estado soviético.

Uma importante razão da mudança dos intelectuais para o lado do Estado soviético foi o facto de os acontecimentos da Guerra Civil terem mostrado claramente que a intervenção e a contra-revolução da guarda branca pretendiam destruir a Rússia. Os intelectuais da Rússia estavam perante um dilema: ou a existência de um Estado soviético, que defenderia os interesses do povo trabalhador, ou uma república burguesa sob o controle do imperialismo anglo-americano, que restabeleceria a reacção em todo o mundo.

Aqueles intelectuais, que tinham fortes sentimentos patrióticos e para quem a independência nacional da Rússia era importante, tornaram-se diariamente cada vez mais convictos de que esta independência era apenas defendida pelo Partido Bolchevique e assim decidiram servir o Estado soviético. O famoso físico soviético A. F. Ioffe, escreve no seu livro *A Minha Vida e o Meu Trabalho*, o seguinte sobre a forma como passou para o lado dos sovietes: «Não compreendi imediatamente o significado da Revolução de Outubro. A princípio considerei a tomada do poder pelos

(30) *Ibid.*, p. 187.

bolcheviques apenas como um episódio da revolução, como parte do esforço para pôr termo à guerra, e pensei que o papel decisivo pertenceria ao campesinato, que estava agora armado em resultado da desmobilização, apesar de não ser capaz de tomar o poder. Contudo, depois de passar o Verão na Crimeia, onde um governo burguês estava a ser estabelecido pelo exército ocupante alemão, a minha posição foi finalmente determinada pelo atentado contra a vida de Lénine em Moscovo e pelo ódio dos liberais da Crimeia ao proletariado. Já não tinha dúvidas: aqui, um brilhante futuro na frente com o proletariado, ali, um passado destruído com a burguesia. Quando regressei a Leninegrado, em Setembro de 1918, decidi firmemente ligar o meu destino à Terra dos Sovietes e contribuir com a minha parte para a construção do futuro.» O caminho de Ioffe para o Estado soviético foi típico de muitos intelectuais.

A mudança dos intelectuais visando cooperar com o Estado soviético foi rapidamente tida em conta e utilizada pelo Partido Comunista. V. I. Lénine escreveu uma série de artigos nos quais analisou a razão da aproximação da pequena burguesia ao proletariado e formulou as tarefas do Partido nesta nova situação. Num discurso em 27 de Novembro de 1918 numa reunião de operários do Partido em Moscovo, Lénine salientou a necessidade de utilizar ao máximo a mudança feita pelos intelectuais para o lado do Estado Soviético e de atrair ainda mais destacamentos seus para a construção do socialismo.

A actividade do Partido Comunista nesta direcção aumentou particularmente depois das decisões do VIII Congresso do Partido que afirmaram o princípio das relações do Partido com os intelectuais dentro do Programa do Partido e salientou a importância vital da colocação dos seus conhecimentos e experiência ao serviço dos interesses da construção do socialismo. As resoluções deste Congresso exerceram uma grande influência sobre a mudança de

atitude das massas trabalhadoras em relação aos intelectuais e sobre a mudança de atitude dos próprios intelectuais.

A linha correcta do Partido Comunista, baseada numa análise da correlação objectiva das forças de classe e do carácter social dos intelectuais, deram resultados positivos. O Estado soviético trouxe cada vez mais especialistas para o seu aparelho. Cientistas, engenheiros, professores, médicos, especialistas militares e outros grupos de intelectuais vieram servir o Estado soviético.

O Partido Comunista conhecia perfeitamente as vacilações dos intelectuais em relação à burguesia e que elas continuariam, e, que ao menor êxito da contra-revolução, uma secção passaria para o campo inimigo e mais tarde, com outra mudança na situação, regressaria ao serviço do Estado soviético. Lénine ensinou que esta instabilidade dos intelectuais não devia ser temida, que as suas vacilações eram inevitáveis. «Mas através de todas estas vacilações, continuaremos a recrutar grupos de intelectuais cultos para as fileiras dos operários soviéticos e eliminaremos aqueles elementos que continuarem a apoiar os guardas brancos.» (11)

(11) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 29, p. 182.

CAPÍTULO II

A POLÍTICA DO PARTIDO COMUNISTA EM RELAÇÃO AOS VELHOS INTELECTUAIS

V. I. Lénine sobre a utilização de especialistas burgueses como uma forma de luta clássica

A classe operária da Rússia começou a construção do socialismo sob condições extraordinariamente complicadas e difíceis. A Guerra Mundial esgotou a fraca economia do país. A indústria experimentava uma grave carência de operários, matérias-primas e equipamentos. As forças produtivas na agricultura foram também destruídas. A população do vasto país tinha fome. A contra-revolução interna, apoiada por imperialistas estrangeiros, resistiu duramente ao poder dos operários e camponeses.

Uma tarefa de enormes dificuldades surgiu perante a classe operária e o governo revolucionário em vista da quase completa ausência de quadros qualificados necessários para o governo do Estado, a economia nacional e o exército. É natural que, no primeiro período da existência do Estado soviético, a tarefa de atrair os velhos intelectuais para a construção do socialismo, a defesa do país e o treino dos novos quadros operários e camponeses tivesse significado especial. V. I. Lénine disse no VIII Congresso do Partido: «A questão dos peritos burgueses, surgiu no exército, na indústria, nas cooperativas, em todo o lado.

É uma questão muito importante do período de transição do capitalismo para o comunismo.» (1)

A história da luta revolucionária nunca assistira à utilização em grande escala por camponeses e operários de especialistas que ou tinham ideologias alheias ou eram, em muitos casos, positivamente hostis. Este problema nunca fora abordado teoricamente. Lénine notou: «Quando incluímos a questão dos especialistas burgueses no programa revolucionário do nosso Partido, resumimos a experiência prática do Partido numa das questões mais importantes. Tanto quanto me lembro, os primeiros mestres do socialismo, que previram muito daquilo que teria lugar na futura revolução socialista e compreenderam muitas das suas características, nunca expressaram uma opinião sobre esta questão.» (2)

Na resolução do problema da atracção dos intelectuais herdada da antiga sociedade pelo Estado proletário, o Partido Comunista guiou-se por propostas de princípio e direcções práticas elaboradas por Lénine.

Em muitas das suas obras relacionadas com o período pré-revolucionário, Lénine esclareceu a natureza de classe dos intelectuais como um extracto social, que vacilava entre as classes básicas na sociedade, e indicou as maneiras e meios de utilizar os especialistas burgueses. No seu trabalho «Podem os Bolcheviques Manter o Poder Soviético?» (Setembro de 1917), V. I. Lénine escreveu que, depois da tomada do poder, o proletariado se serviria dos serviços de economistas, engenheiros, agrónomos e outros especialistas, mas que seria necessário subordiná-los ao controle das organizações operárias.

Lénine dedicou especial atenção a este problema depois da conquista do poder pelo proletariado, quando a jovem República Soviética se fixou o objectivo de utilizar todos os avanços alcançados sob o capitalismo nos campos cien-

(1) *Ibid.*, p. 178.
(2) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 29, pp. 153-154.

tífico, tecnológico e cultural, no interesse da reorganização socialista da Rússia. Lénine acreditava que o socialismo começaria a ser construído em bases tecnológicas e económicas deixadas pela antiga sociedade, utilizando tanto quanto possível os intelectuais burgueses que continham em si mesmos, nos seus conhecimentos, aptidões e experiências, a parte «espiritual» da produção capitalista. «Mas não basta esmagar o capitalismo», salientou. «Temos de agarrar toda a cultura que o capitalismo deixou e construir o socialismo com ela. Temos de agarrar toda a sua ciência, tecnologia, conhecimento e arte. Sem estas coisas, não seremos capazes de construir a sociedade comunista. Mas esta ciência, tecnologia e arte estão nas mãos e nas cabeças dos peritos.» (3)

Lénine avisou que as tarefas para atrair os quadros da velha sociedade para a construção do socialismo — a despeito da sua visão política — era complicada e difícil, mas que ao mesmo tempo tinha imensa importância para o proletariado. Não foi por acaso que definiu a utilização dos intelectuais como uma das formas de luta de classes (4). Mas é uma forma distinta de luta de classes, que difere bastante de formas como a supressão da resistência por parte das classes exploradoras, a guerra civil e outras.

Era uma forma de luta de classes não contra os intelectuais em si, mas pelos intelectuais.

Se o proletariado fazia uma política de supressão da resistência das anitgas classes exploradoras, então em relação com os velhos intelectuais o Partido Comunista fixou-se a tarefa de «exercer *influência* sistemática e condutora sobre ela (o que também é igual a luta, mas de tipo especial, dominando uma determinada resistência, mas, na verdade, de uma forma completamente diferente...)» (5).

(3) *Ibid.*, p. 70.
(4) *Ibid.*, vol. 30, p. 98.
(5) *Leninsky Sbornik* (Miscelânea Lénine), III, Moscovo-Leninegrado, 1925, p. 494.

Ao mesmo tempo, o objectivo desta forma de luta de classes era não só influenciar os intelectuais. Um trabalho perseverante e sistemático tinha de ser feito pelo Partido Comunista para mudar a atitude dos operários, das massas trabalhadoras, em relação aos intelectuais. Mais, era também necessário, a fim de assegurar opiniões e acções unidas dentro do Partido, suprimir os sentimentos esquerdistas sectários e niilistas entre uma parte dos comunistas. Esta forma de luta de classes tinha, além disso, muitas facetas, era complicada e não deixava de apresentar contradições dialécticas.

V. I. Lénine considerava que uma condição indispensável do recrutamento dos velhos intelectuais para a construção do socialismo era o estabelecimento do controle sobre a sua actividade pela classe operária e pelo seu Partido. O Partido Comunista e a classe operária apelaram para que os intelectuais cooperassem activamente. A classe operária fora preparada para a direcção política da sociedade por meio de toda a sua experiência anterior na luta de classes e não tencionava entregar esta direcção a ninguém. O proletariado vitorioso não era muito experiente, mas no que diz respeito à realização prática da sua ditadura, «às técnicas de administração», ou seja à aptidão para organizar a vida económica e cultural do país numa base científica, era-lhe necessário adquirir este conhecimento. Foi por isto que Lénine considerou que os operários e os camponeses deviam estudar sistemática e perseverantemente com os intelectuais, os especialistas em assuntos científicos, tecnológicos, culturais e militares. Há muitos exemplos de como Lénine criticou muito duramente o conceito burocrático, a ideia feita de que era impossível à classe operária aprender com a burguesia derrotada. Salientou: «A nossa tarefa consiste em atrair, por meio da experimentação, muito especialistas, depois substituí-los treinando um novo corpo de funcionários, um novo corpo

de especialistas que terão de aprender o extremamente difícil, novo e complicado assunto da administração.» (⁶)

Para Lénine, o problema da participação dos antigos quadros na construção soviética estava inseparavelmente ligado à questão geral da atitude em relação à herança cultural do passado. Repetidas vezes notou que era na verdade a classe operária a herdeira da «soma do conhecimento humano», que se não assumisse esta herança, se não dominasse todas as realizações da cultura mundial, não seria capaz de continuar a construção da cultura do futuro — cultura socialista — e, consequentemente, não seria capaz de construir o socialismo. Lénine considerava que existia uma absoluta necessidade de domínio criativo e a reconstrução da cultura baseada em todo o desenvolvimento da humanidade.

Uma definição clara da atitude do Partido Comunista em relação à herança cultural do passado era igualmente importante para conquistar moralmente as forças culturais da nação, e isso só seria possível quando os intelectuais burgueses vissem por si que os extractos avançados dos trabalhadores não davam apenas valor à cultura, mas que também ajudavam a levá-la às massas, que mudariam a sua atitude em relação ao proletariado e que estariam moralmente derrotados. Começariam então a vir para o lado do proletariado.

Noções tendenciosas da queda da cultura em geral e do fim da civilização provocados pela revolução eram na altura muito aceites pelos velhos intelectuais. A «passagem» da cultura era lamentada por velhos intelectuais burgueses que, confundidos, desesperados e angustiados, repetiam velhos preconceitos, atemorizados e atemorizando-se. Culpava o povo trabalhador pelo anarquismo dos extractos pequeno-burgueses, que os atemorizavam e repeliam. O académico S. F. Oldenburg descreveu mais tarde os seus

(⁶) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 30, p. 248.

sofrimentos durante esse tempo difícil. «Era muito grande o perigo para a cultura — cujas raízes regressavam à antiga maneira de viver e que por essa razão tantas vezes parecia ou completamente inaceitável ou apenas pouco em relação ao novo sistema. Era, aliás, difícil encontrar o caminho certo. Havia momentos em que parecia que a cultura ia morrer e com ela a ciência, em que parecia que ninguém precisava delas nesta grande viragem que foi tão depressa realizada.»

As opiniões pessimistas dos processos históricos e morais que tinham sido expressas pela Revolução de Outubro expulsaram os escritores mencheviques e SR. E deve-se dizer que muitos dos velhos intelectuais, fazendo planos sobre o fim da civilização que supostamente os bolcheviques teriam provocado e não vendo nada excepto a ruptura com o passado, abertamente anunciaram que não trabalhariam sob o Estado soviético.

A tarefa tornou-se mais difícil pelo facto de V. I. Lénine e o Partido Comunista terem sido obrigados a lutar contra a posição niilista que fora tomado pela Proletcult. Utilizando a enorme sede de conhecimento e cultura do povo, a Proletcult criou por todo o país uma rede de clubes de operários, círculos literários, estúdios de arte e cursos de teatro. Tudo isto era certamente muito necessário e útil. Contudo, a linha dos dirigentes da Proletcult era radicalmente diferente da do Partido Comunista. Afirmavam que uma tarefa principal da classe operária era criar uma «cultura proletária especial», rejeitando totalmente a herança das gerações anteriores. As melhores criações do génio humano eram rejeitadas pela Proletcult na base de que tinham sido feitas na altura de uma sociedade exploradora. Estes «revolucionários» apelavam para a destruição dos museus, dizendo «Deitem fogo a Rafael», «Calquem aos pés as flores da arte». Propunham-se abolir o ensino da história e da literatura clássica nas escolas, abreviar o curso de ciências naturais, etc.

Os ideólogos da Proletcult desprezavam os velhos artis-

tas, considerando que a tarefa da construção da cultura proletária só poderia ser confiada às forças do proletariado, sendo oriundos do seu meio todos os cientistas, actores, artistas, engenheiros e outros. Até a sua própria noção de carácter da cultura proletária se relacionava com uma rejeição do conteúdo ideológico e figurativo da arte e do seu valor estético.

Lénine considerou os ideólogos da Proletcult como sonhadores irrealistas que podiam prejudicar bastante o Estado e o povo. Falando ao III Congresso do Komsomol em Outubro de 1920, disse: a cultura proletária «não é accionada por ar; não é uma invenção daqueles que a si mesmos se chamam peritos em cultura proletária. Isso é disparate. A cultura proletária deve ser o desenvolvimento lógico da quantidade de conhecimentos que a humanidade acumulou sob o jugo do capitalismo, da sociedade dos latifundiários e burocrática» (¹).

Ao mesmo tempo, Lénine e o Partido Comunista sublinharam que herdar a cultura do passado e fazer desta herança a sua não significava escolha indiscriminada do material cultural. Lutaram persistentemente contra as tentativas de abordagem da herança cultural de uma maneira vulgar ou impetuosa e contra as afirmações de que era possível a utilização sem reservas e sem críticas de todos os elementos da velha cultura. Herdar a cultura da anterior sociedade significava que era necessário retirar dela tudo o que era estagnante, reaccionário e antipopular e colocar todos os seus elementos válidos, sãos e democráticos ao serviço da nova sociedade.

Como já se disse atrás, uma parte considerável dos intelectuais burgueses foi ao encontro da Revolução de Outubro com hostilidade ou tomou uma posição neutra em relação ao Estado proletário. Qual foi a atitude do Estado soviético em relação aos diferentes grupos de intelectuais?

(¹) *Ibid.*, vol. 31, p. 287.

No que diz respeito aos intelectuais que se juntaram ao campo contra-revolucionário e intervencionista, foi desencadeada contra ela uma guerra sem piedade. Mas se estes intelectuais começavam a vacilar, e da posição de hostilidade passavam para a de neutralidade ou cooperação com o Estado soviético, então eram estabelecidos com eles acordos e relações de camaradagem.

Não havia nada de surpreendente ou de inesperado numa determinada parte dos intelectuais que ocupavam uma posição neutra em relação ao Estado dos operários e dos camponeses, e que anunciavam estar «fora da política», dado que não há nada como uma revolução para conquistar e convencer imediatamente e para imediatamente inspirar confiança. Seria ingénuo pensar que imediatamente após a tomada do poder pelo proletariado todas as classes e extractos da sociedade adoptariam uma posição socialista. Por isso, o ponto de partida não consistia em tornar os oponentes da revolução em aliados em dois dias. O objectivo do Partido era atrair os intelectuais que a si mesmos se chamavam neutrais para reforçar a nova sociedade e conquistá-la moralmente. Além disso, Lénine considerava que a neutralidade era um passo necessário no progresso dos intelectuais em relação ao reconhecimento da ideia do socialismo: «...da hostilidade ao bolchevismo em primeiro lugar para a neutralidade e depois para o apoio do bolchevismo» (8).

Claro que, nas condições da mais amarga luta de classes, a neutralidade da pequena burguesia e dos intelectuais não passa de ficção, de um mero preconceito político. Um intelectual que se considerava a si mesmo neutro, foi capaz, ao menor êxito da contra-revolução, de passar para o campo dos inimigos do Estado soviético. Contudo, esta neutralidade instável, vacilante, indefinida, era reconhecida e servia para reforçar o Estado soviético. Se o Partido

(8) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 28, p. 190.

Comunista tivesse considerado a neutralidade dos intelectuais como absolutamente errada e tivesse lutado no sentido de que ser neutro era ser um inimigo, real ou potencial, então, segundo a expressão de V. I. Lénine, teria perdido tempo. E, ao desenvolver este pensamento, acrescentou: «E quando dizem que querem ser neutros e viver em boas relações connosco, responderemos: "Isso é exactamente o que nós queremos."» (9)

Além disto, os comunistas raciocinaram como pessoas práticas: numa situação de carência aguda de quadros qualificados era imperativo utilizar os intelectuais apolíticos neutros, e aproveitar o mais possível a sua posição. Era necessário entrar em acordos com eles e fazer compromissos. Além disto, teria sido um erro ter medo do carácter reaccionário de alguns elementos porque era inevitável que alguns fossem assim durante o período inicial da existência do Estado soviético. De facto, era imperativo atraí-los tanto quanto possível para a construção e defesa do Estado socialista.

A neutralidade dos intelectuais foi, até dada altura, útil ao Estado soviético. Nas suas opiniões ideológicas, os intelectuais, especialmente os seus níveis superiores, permaneceram perto da burguesia mais do que a classe operária e é por isso que, se em nome de um ilusório «apoliticismo» e «neutralidade», não passaram para o lado da contra-revolução, mas cooperaram com o Estado soviético, isso deve ser considerado positivo. Se se tivesse dado o contrário, os inimigos da revolução teriam ganho e o Estado soviético teria perdido um número considerável de quadros altamente qualificados. Nessa altura era preferível para o Estado soviético que uma determinada parte dos intelectuais continuasse sem partido, apolíticos e neutros, em vez de tomar parte numa luta activa contra a ditadura do proletariado.

(9) *Ibid.*, p. 212.

Ao reconhecer a neutralidade dos intelectuais como sendo de facto objectivamente úteis ao Estado soviético, o Partido Comunista explicou ao mesmo tempo aos intelectuais que deveriam abandonar as suas posições neutras, que viver na sociedade soviética e não assumir os seus interesses e aspirações era impossível.

A política leninista de atracção dos intelectuais burgueses para a direcção da economia e do exército e para a construção da cultura estava sujeita a duros ataques de grupos oportunistas e especialmente dos «comunistas de esquerda» (10). Assim, no início de 1918, nas suas *Teses Sobre o Actual Momento,* os «Esquerdistas» substituíram uma análise sóbria da situação e uma apreciação realista das forças por um verbalismo demagógico sobre a maneira como Lénine conduzia uma política de «restauração da direcção dos capitalistas», «a centralização burocrática da República Soviética e negócios impraticáveis com intermediários burgueses e pequeno-burgueses». Numa altura em que o proletariado tinha que resolver questões complicadas de organização, os «esquerdistas» continuaram a considerar com hostilidade as medidas práticas tomadas pelo Partido para a organização da economia, especialmente em questões relacionadas com o emprego de especialistas burgueses. Os «comunistas de esquerda» e a sua atitude, afirmando que os especialistas não passavam de um elemento parasita basicamente desnecessário à produção, apenas ajudou os inimigos do Estado soviético.

Isto tornou-se mais complicado pelo facto de as palavras de ordem demagógicas dos «comunistas de esquerda» terem encontrado resposta por parte de alguns operários. Os «esquerdistas» rapidamente utilizaram a natural — em

(10) «Comunistas de Esquerda»: uma facção no Partido Comunista, formada em Dezembro de 1917 durante o tempo das conversações do tratado de paz de Brest com a Alemanha. A luta do Partido contra os «comunistas de esquerda» era uma luta sobre toda uma série de questões básicas do marxismo-leninismo na nova situação histórica.

tais situações — desconfiança das massas trabalhadoras pelos especialistas como cúmplices da burguesia, para contrariar tanto quanto possível a política leninista de utilização de quadros da antiga sociedade na construção do socialismo.

Lénine criticou duramente os «comunistas de esquerda» e definiu a sua posição como profundamente vergonhosa e uma completa renúncia do marxismo. Disse que os «esquerdistas» não tinham percebido todas as complicações e particularidades das formas de luta de classes que o proletariado tinha de travar depois da tomada do poder. Não tomavam em consideração que nem todas as contradições históricas oriundas do capitalismo podiam ser resolvidas pela mera tomada do poder e expropriação da burguesia pelo proletariado ou que a classe operária podia solucionar estas contradições apenas por meio de uma longa e tenaz luta de classes.

De facto, os anarquistas não diferiam de maneira alguma dos «comunistas de esquerda» sobre a questão dos velhos intelectuais. Acusando caluniosamente Lénine de ser «cúmplice da burguesia», exigiam a adopção pelo poder de Estado de medidas de repressão maciça contra os intelectuais como principal método de passar a exercer influência sobre eles. O anarquista A. Y. Ghe num discurso numa reunião do Comité Executivo Central de Toda a Rússia (11) anunciou que «a única maneira de obrigar os especialistas a trabalhar era ameaçá-los com o pelotão de execução».

Existiram discussões bastante violentas sobre a questão de atrair os oficiais do velho exército para a defesa do país. Esta era uma questão muito complicada, e solucioná-la correctamente era de grande importância para a determinação da linha geral do Partido sobre os intelec-

(11) Comité Executivo Central de Toda a Rússia: até 1937 era o corpo legislativo, administrativo e de controle mais elevado da RSFSR. Era eleito pelo Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia e funcionou até à eleição do Soviete Supremo da RSFSR.

tuais e para a defesa do país que o VIII Congresso do Partido tomou em consideração.

A maioria dos participantes no congresso apoiava Lénine e condenou as opiniões dos «comunistas de esquerda» e outros que se opunham à atracção dos velhos intelectuais para a construção do Estado soviético. O congresso não só aprovou a linha leninista sobre a atracção dos especialistas burgueses, mas também inscreveu uma secção especial no novo programa do Partido que dizia: «...A tarefa de desenvolver as forças produtivas exige uma utilização imediata, ampla e geral dos especialistas científicos e tecnológicos que nos foram deixados pelo capitalismo, a despeito do facto de a maioria deles estar indubitavelmente impregnada de opiniões e hábitos burgueses... O Partido deve, em íntima união com as associações profissionais, prosseguir na sua linha primitiva: por um lado, não fazer nem a mais pequena concessão ao extracto burguês dado e suprimir sem piedade qualquer impulso contra-revolucionário mesmo que fraco e, por outro, combater igualmente sem piedade os pretensos radicais que, na sua ignorância e arrogância, consideram que os operários podem derrotar o capitalismo e o sistema burguês sem aprender com os especialistas burgueses, sem os utilizar e sem se treinar no trabalho conjunto com eles.» (12)

Mas mesmo depois da política de atracção dos intelectuais burgueses para a construção do socialismo ter ocupado uma posição oficial como parte do programa do Partido, não cessaram os artigos e discursos contra a linha leninista por alguns comunistas com inclinações sectárias. Logo após o VIII Congresso do Partido, A. G. Shlyapnikov, que na altura era chefe do Bureau Central dos Sindicatos, publicou na *Pravda* (A Verdade) em Março de 1919 o seu artigo «Os Especialistas», no qual acusava a direcção do Partido de «indulgência para com os especialistas» e imputava ao Partido a palavra de ordem «Tudo para os especialistas». Shlyapnikov tentou acusar o Comité Central do Partido de alienação da classe operária e de servilismo para com os intelectuais burgueses e exigiu que o Partido recusasse os serviços dos especialistas.

(12) *KPSS v Rezolutsiyakh i Resheniyakh Syezdov, Konferentsii i Plenumov TsK*, vol. 2, Moscovo, 1970, p. 52.

No início de 1920, a luta em redor da questão da atracção dos intelectuais tornou a avivar-se devido ao comportamento do chamado grupo «democrático-centralista» (13) que defendia a «direcção colectiva sem limites» na condução da economia nacional e operava contra a direcção de um homem e toda a centralização da direcção do Estado. Não falaram abertamente contra a utilização dos especialistas burgueses, mas, tal como os «comunistas de esquerda», tentaram utilizar a desconfiança pelos especialistas sentida por alguns operários para os seus próprios fins.

O grupo «democrático-centralista» foi totalmente derrotado no XIX Congresso do Partido na Primavera de 1920. No seu discurso ao congresso, V. I. Lénine mostrou o total fracasso destes argumentos do grupo. Apoiou consistentemente as disposições no Programa sobre a atracção de especialistas burgueses para a direcção da economia sob o controle e condução do Partido e do Estado. Apoiando a linha leninista, o congresso, numa decisão aberta, «Especialistas na Indústria», de novo sublinhou a importância da questão dos especialistas na restauração e desenvolvimento das forças produtivas do país, reafirmou as exigências respeitantes aos especialistas burgueses e determinou categoricamente que todos os comunistas deveriam ter presente a tarefa de incluir em grande escala os antigos especialistas na vida produtiva das empresas.

(13) O grupo «democrático-centralista» era anti-Partido e trabalhava contra a direcção de Estado centralizada, contra a direcção de um homem e encorajava os velhos intelectuais a tomarem parte na produção. De facto, este grupo rejeitou a disciplina do Partido e do Estado e o papel de chefia do Partido nos Sovietes e nos sindicatos.

Em oposição à linha do Partido sobre a questão da atitude perante os intelectuais esteve também a chamada «oposição dos operários» (14). Os oposicionistas anunciaram em ataques demagógicos ao CC do PCR(B) que estavam a ser cometidos erros graves ao utilizar os intelectuais burgueses e que não eram os especialistas científicos ou tecnológicos quem estavam a ser encorajados a cooperar, mas os primitivos organizadores da economia capitalista em quem não se justificava confiar demasiado. No seu panfleto *A Oposição dos Operários* publicado em 1921, A. M. Kollontai (15), ao salientar as difíceis condições materiais da classe trabalhadora e também algumas ocasiões em que os especialistas eram incorrectos nas suas relações com os operários, dizia: «...O operário sente e vê que a cada passo os especialistas... despedem as trabalhadoras ignorantes... E o Partido, em vez de verificar este elemento alheio aos operários e ao comunismo, permite-o.»

Os oportunistas trouxeram esta questão ao X Congresso do Partido e apresentaram um projecto de resolução que substancialmente pretendia mostrar que a política do CC do PCR(B) tinha propensão para a falta de confiança nas forças criativas da classe operária e era conciliatória em relação à pequena burguesia e às castas funcionárias burguesas. Num discurso no congresso, Lénine disse que a afirmação de que os especialistas estavam a ofender os operários, de que o CC não confiava na classe operária e que não permitia operários nos seus corpos dirigentes era demagogia da mais pura. «Estamos no fim no que

(14) «Oposição dos Operários»: um grupo anti-Partido que rejeitava o papel dirigente do Partido e da ditadura do proletariado, em cuja base os sindicatos eram a forma mais elevada de organização da classe trabalhadora.

(15) A. M. Kollontai (1872-1952): participante activa e revolucionária profissional na revolta armada de Outubro. Era membro do grupo «comunistas de esquerda» e mais tarde da «oposição dos operários». Desde 1923 era uma importante activista em matérias sociais, estatais e políticas na Rússia Soviética e foi a primeira mulher diplomata.

respeita à falta de homens e estamos preparados para aceitar qualquer auxílio, com ambas as mãos, de todos os homens eficientes, especialmente se forem operários.» (16)

O congresso votou esmagadoramente contra a plataforma da «oposição dos operários». 514 delegados votaram pela resolução do CC e 45 pela da «oposição dos operários». As outras exigências anti-Partido da «oposição dos operários» foram rejeitadas, tal como a sua exigência para uma expressão de não confiança na política do CC do Partido em relação aos intelectuais.

No final de 1922, a questão da atitude em relação à cultura burguesa e aos velhos intelectuais foi de novo suscitada nas páginas da imprensa central pelos oponentes da linha leninista. Em 27 de Setembro de 1922 foi publicado na *Pravda* um artigo de V. Pletnev, «Sobre a Frente Ideológica», no qual o autor defendia uma atitude niilista em relação aos intelectuais. Avançou a tese de que a nova cultura podia ser edificada apenas com o auxílio dos intelectuais proletários e escreveu: «E só quando o proletariado tiver os seus próprios cientistas em todos os ramos do conhecimento, os seus artistas em todos os ramos das belas-artes — só então a tarefa que nos fixamos poderá ser realizada.»

V. Pletnev não admitia um lugar na nova sociedade para os intelectuais que tinham sido educados num ambiente não proletário antes da revolução. Isto levou-o a rejeitar o papel de todos os intelectuais como tal e a não ter confiança nas suas capacidades. Não compreendia que o socialismo possuía uma grande força de atracção e que os melhores intelectuais seriam atraídos para o ensino avançado da sua época e que estavam prontos a fazer qualquer sacrifício em nome dos grandes ideais. Era este mesmo poder de atracção do socialismo que V. I. Lénine tinha em mente quando, no início de Abril de 1919, no seu panfleto «*As Realizações e Dificuldades do Governo Soviético* troçou

(16) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 32, p. 205.

daqueles que sonhavam em construir o socialismo com gente limpa criada em estufas e disse que o comunismo era capaz de trazer os mais diferentes extractos da população para a sua esfera de influência.

Recomendava que todos os especialistas que trabalhavam conscienciosa e eficazmente fossem tratados como a menina dos seus olhos.

Lénine considerava que ignorar os conhecimentos e a experiência dos intelectuais e que contrapor a classe operária e os intelectuais era comunismo pretensioso assim como um dos primeiros e mais perigosos demónios, que devia ser combatido ao mesmo nível dos subornadores. Lénine acreditava que isto era particularmente prejudicial no que dizia respeito às relações mútuas com os intelectuais. Aqui, ensinou, era imperativo ter imenso tacto, aptidão para usar uma abordagem especial e em cada caso ter em conta os interesses de trabalho de cada intelectual e ver se os especialistas estavam satisfeitos com o seu trabalho e reconheciam a sua utilidade para a sociedade.

O artigo de Pletnev, «Sobre a Frente Ideológica», iniciava uma discussão com N. K. Krupskaya, nela tomando parte I. I. Skortsov-Stepanov e Y. A. Yakolev. Foi seguida de muito perto por Lénine. Quando Skvortsov-Stepanof no seu artigo «O que é um Especialista e Como é Feito», publicado na *Pravda* em 28 de Outubro de 1922, apresentou a tese de que «a ditadura do proletariado fracassará... se estes especialistas não forem os nossos especialistas, assim como ver o seu objectivo tornar-se a consolidação e o desenvolvimento da ditadura do proletariado», Lénine salientou directamente numa carta ao autor que isto estava mal. «Não teremos estes especialistas durante muito tempo, até que os especialistas *burgueses*, os especialistas *pequeno-burgueses*, tenham desaparecido, até que *todos* os especialistas se tenham tornado *comunistas*.» [17] Lénine escreveu

[17] V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 35, p. 557.

que «não será em breve que temos os nossos próprios especialistas, a utilização dos antigos especialistas, e a sua educação e reeducação, será um assunto a longo prazo que continuará até «ao *fim* da ditadura» [18] do proletariado.

A 24 e 25 de Outubro de 1922 foi publicado um artigo na *Pravda* pelo chefe adjunto do Departamento de Agitação e Propaganda do CC do PCR(B, Y. A. Yakovlev, intitulado «Sobre "A Cultura Proletária" e o Proletcult», no qual submetia à crítica sob um ponto de vista leninista as propostas erradas de V. Pletnev sobre a compreensão da cultura em geral e sobre a necessidade de «socializar» a ciência e a arte esmagando a antiga cultura e refazendo-a depois. Na sua crítica a Pletnev, Yakovlev escreveu que a sua atitude desdenhosa em relação ao povo oriundo dos extractos não proletários apenas poderia levar a uma ruptura entre o Estado soviético e os intelectuais. «Num país em que o campesinato forma a ampla maioria da população — escreveu — a própria existência do Estado soviético depende da questão de se aprender com o auxílio de professores, engenheiros e educadores do povo que nos foram deixados pelo capitalismo para lutar contra a escuridão e a ignorância e elevar o nível cultural das massas trabalhadoras. *É necessário a todo o custo aprender isto e dirigir o trabalho cultural dos professores primários e secundários, dos professores universitários, para canais determinados pelos interesses do proletariado.*»

No decorrer da discussão, o Proletcult e as teorias vulgarizadas receberam as suas críticas finais e o ponto de vista leninista da cultura e da atitude em relação aos intelectuais tornou-se o preferido.

Desde a Revolução de Outubro até à altura em que os intelectuais burgueses se movomentaram na sua totalidade para as posições socialistas e se tornaram soviéticos

[18] *Ibid.*

não só de nome mas por convicção interior, a política do Partido Comunista a respeito dos velhos intelectuais não sofreu quaisquer mudanças nos seus princípios. O Partido pôs firme e consistentemente em prática uma política de atracção por todas as maneiras possíveis dos velhos intelectuais para a edificação do socialismo e para a defesa do país e encorajou aqueles que honestamente auxiliaram o Estado soviético, reeducou no espírito da ideologia socialista aqueles que tinham dúvidas ou que vacilavam e decididamente suprimiu quaisquer intenções contra-revolucionárias nos intelectuais reaccionários.

Na solução do problema dos velhos intelectuais, o Partido Comunista mostrou o maior tacto político, comedimento, flexibilidade e paciência. Nos seus congressos, conferências e decisões das reuniões plenárias, o Comité Central do Partido salientou repetidas vezes que a ideologia burguesa dos velhos intelectuais tinha de ser ultrapassada por um trabalho contínuo educativo dos comunistas e da classe operária. Mas o facto de existirem alguns vestígios desta ideologia não servia para basear uma rejeição de cooperação com os seus defensores.

Ao mesmo tempo, dever-se-ia notar que o Partido, enquanto fazia todos os possíveis para influenciar a compreensão dos velhos intelectuais acerca do seu lugar na edificação da nova sociedade e enquanto criava as condições necessárias para que ela trabalhasse proveitosamente, também vigiava atentamente os interesses de classe do proletariado sem fazer a mínima concessão ideológica.

Esta era a política geral do Partido em relação aos velhos intelectuais. Mas não bastava determinar uma política correcta, era necessário estabelecer métodos para a sua implementação, planear formas de atrair os intelectuais burgueses para o campo socialista e fazer amplos esforços para cumprir na realidade as exigências concretas do Programa do Partido.

Formas e meios de atrair os intelectuais para a construção do socialismo e a defesa do país

O Partido Comunista e V. I. Lénine encontraram grandes dificuldades na determinação dos métodos de atracção dos velhos intelectuais para o serviço do Estado socialista. Era difícil esperar que os intelectuais burgueses, que tinham servido os capitalistas e que os operários e camponeses que tinham derrubado as regras do Estado burguês encontrassem uma linguagem comum e estabelecessem relações baseadas na confiança mútua e na cooperação.

O Partido Comunista e o Governo soviético dedicaram muita atenção, tempo e esforços para o estabelecimento da cooperação entre os intelectuais e o povo trabalhador. Este trabalho foi efectuado desde os primeiros dias da revolução até à altura em que a grande maioria dos intelectuais tivesse passado finalmente para as posições socialistas.

Já no primeiro período da revolução, o Partido Comunista tinha encarado uma tarefa extremamente complicada: encontrar as formas e os meios para atrair os intelectuais burgueses para a cooperação com o Estado soviético, que, por um lado, garantiria a máxima eficiência ao trabalho dos especialistas e, por outro, permitiria aos intelectuais serem auxiliados a fim de mudarem as suas opiniões.

A posição privilegiada deste extracto sob o capitalismo e a urgente necessidade do Estado socialista de quadros altamente qualificados, assim como as condições da luta de classes, determinaram os métodos a usar pelo Partido Comunista e o Estado soviético para atrair os intelectuais burgueses para a edificação do socialismo e para a defesa do país.

Surge, em primeiro lugar, a questão de saber o lugar que ocupa o elemento de coerção nas medidas tomadas pelo Partido e pelo Estado soviético em relação aos intelectuais burgueses.

De acordo com os historiadores burgueses, foi Lénine quem propôs «a violência e a perseguição» dos intelectuais. Em contrapartida, alguns investigadores e escritores soviéticos descrevem a posição de Lénine como «não-resistente» e pronta a perdoar tudo ao inimigo. Estes dois pontos de vista estão incorrectos, Lénine era uma pessoa excepcionalmente humana e considerava odiosa qualquer forma de violência praticada por uma pessoa sobre outra. Lunatcharski descreveu a maneira como Lénine lhe dizia muitas vezes: «Um grande cientista ou um bom especialista em qualquer campo deve ser poupado ao extremo, mesmo se for reaccionário.» (19) Mas sempre que se tratava da questão do destino da revolução, das vidas de milhões de operários e camponeses, que eram ameaçados pelas acções contra-revolucionárias de conspiradores e agentes dos guardas brancos, então Lénine era uma pessoa dura e firme. Salientava que a posição desesperadamente difícil em que a jovem República Soviética se encontrava significava que, «sem a repressão sistemática e sem mercê da oposição dos exploradores, ser-se hesitante perante qualquer fórmula democrática burguesa, não só é impensável uma revolução democrática, como não existem medidas sérias que seriam impensáveis usar na luta contra a crise e a devastação provocadas pela guerra» (20).

A atitude de Lénine em relação aos intelectuais de espírito contra-revolucionário pode ser examinada na sua correspondência com M. Gorki em 1919, que surgiu pelas seguintes razões. No Verão desse ano, o avanço do general da guarda branca Yudenitch provocou uma situação tensa em Petrogrado e a Comissão Extraordinária de Toda a Rússia tomou medidas para suprimir os movimentos efectuados pelas forças contra-revolucionárias internas. Em

(19) A. V. Lunatcharski, «*Intelligentsia i Eyo Mesto v Sotsialistícheskom Stroitelstve*» (Os Intelectuais e o seu Papel na Construção Socialista), *Revolutsia i Kultura*, n.º 1, 1927, p. 29.

(20) *Leninsky Sbornik*, XXXVI, pp. 24-25.

14 de Junho foram efectuadas buscas gerais nos distritos burgueses de Petrogrado com o auxílio de destacamentos de operários, durante as quais foi confiscada uma grande quantidade de armas. A fim de evitar mais conspirações, foram efectuadas prisões em grande escala e entre aqueles que foram presos contava-se grande número de professores, engenheiros, artistas e professores primários. Alguns deles não tinham tomado parte directa nas conspirações e outros tinham-se envolvido nas organizações da guarda branca «por imprudência ou por credulidade». Uma grande parte dos que foram presos eram, contudo, membros activos do trabalho contra-revolucionário. Os seus interrogatórios produziram abundante material que tornou possível descobrir organizações clandestinas anti-soviéticas em Petrogrado, Moscovo e noutras cidades.

Sem esperar pelos resultados da investigação, Gorki escreveu uma carta que foi entregue a Lénine pelo presidente da Academia Militar de Medicina, V. N. Tonkov, na qual se pode supor (o original da carta não foi encontrado) que ele exprimia a sua indignação pelas prisões dos intelectuais. De acordo com Tonkov, havia mesmo uma frase na carta que dizia: «Se a situação dos cientistas não mudar, abandonarei os bolcheviques e passarei para os Brancos.» Na sua resposta a Gorki, Lénine escreveu:

«Caro Alexei Maximitch,

Recebi Tonkov, e já antes disso e antes de receber a tua carta decidimos no Comité Central nomear Kamenev e Bukharine para fazer averiguações acerca das prisões dos intelectuais burgueses do tipo próximo do cadete e libertar quem fosse possível. Porque vemos bem que houve erros também neste caso.

«É também evidente que em geral a medida de prisão aplicada à gente cadete (e próxima de Cadete) foi necessária e correcta...

«Pronuncias palavras incrivelmente duras sobre o quê? Sobre algumas dúzias (ou talvez algumas centenas) de gente cadete ou próxima de cadete que passam alguns dias na

cadeia *a fim de evitar conluios como o da capitulação de Krasnaya Gorka,* conluios que ameaçam as vidas de *dezenas* de milhares de operários e camponeses.

«Uma calamidade, na verdade! Que injustiça! Alguns dias, ou mesmo semanas, meter na cadeia intelectuais a fim de evitar o massacre de dezenas de milhares de operários e camponeses!...

«Às "forças intelectuais" que querem trazer a ciência ao povo (e não proceder como servidores do capital), pagamos um salário *acima da média.* Isto é um facto. Tratamos deles. Isto é um facto. Dezenas de milhares de oficiais estão a servir no nosso Exército Vermelho e alcançam a vitória, apesar das centenas de traidores. Isto é um facto.» ([21])

Esta era a genuína humanidade de Lénine.

É sabido que o Estado dos operários e camponeses não se vingava nos seus oponentes de classe pela simples razão de antes terem sido membros das classes exploradoras. Em nenhum Estado burguês depois do derrube do feudalismo houve tal humanidade e tolerância pelos oponentes de classe, como os do proletariado na Rússia. Na verdade, nos primeiros meses da sua existência, o Estado soviético nem sequer encarou o estabelecimento de quaisquer corpos punitivos especiais. «Depois da Revolução de Outubro (7 de Novembro) de 1917, afirmou Lénine, «nem sequer encerrámos os jornais burgueses e não existiam sinais de terror. Perdoámos não só a muitos ministros de Kerenski, mas até a Krasnov, que nos combateu» ([22]).

Nessa altura, existiam no país Comités Militares Revolucionários, sendo uma das suas tarefas apenas isolar temporariamente aqueles elementos que poderiam entravar o fortalecimento do novo Estado. Os Comités Militares Revolucionários estavam limitados a poderes de prisão a curto prazo e usavam amplamente o seu direito de libertar

([21]) V. I. Lénine, *Oeuvres,* vol. 44, pp. 283-285.
([22]) *Ibid.,* vol. 29, p. 515.

pessoas presas sob a sua palavra de honra. Contudo, mesmo estas medidas encontraram uma forte oposição por parte dos intelectuais burgueses, que especulavam sobre o terror, sobre as «violações das liberdades» e «limitações dos direitos individuais».

De facto, a primeira sentença de morte por um crime político foi apenas pronunciada em Julho de 1918 a respeito de alguns amotinados SR de esquerda. O Estado soviético não se vingou dos intelectuais por terem servido as classes exploradoras ou pelo facto de uma grande parte deles não ter reconhecido a Revolução de Outubro e ter feito uso errado da paz que se viva no novo Estado.

Mas a maior intensificação da luta de classes em ligação com a Guerra Civil que se desenvolvia (e deve também culpar-se determinados intelectuais por este facto· forçou o Estado soviético a utilizar uma política punitiva mais severa, incluindo contra os intelectuais contra-revolucionários. Mas em todos estes casos era uma questão não de ser intelectual, mas sim um contra-revolucionário. As intervenções realizadas pelas forças intervencionistas intensificaram bastante a luta de classes no país. Depois da revolta dos SR de esquerda em Moscovo e do atentado criminoso à vida de Lénine em Agosto de 1918, o Estado soviético anunciou o terror vermelho contra os inimigos de classe que tinham pegado em armas contra a ditadura do proletariado. Esta medida de emergência era uma resposta às muitas acções terroristas, conspirações e revoltas que tinham sido organizadas pelos remanescentes das classes derrubadas com o auxílio de algumas secções da camada intelectual.

Mas mesmo nas condições da Guerra Civil e da intervenção, o Estado soviético abordou com extremo cuidado a questão de chamar os intelectuais a prestar contas.

Em 14 de Dezembro de 1918 foi publicado um decreto assinado por V. I. Lénine sobre o processo de prisão de funcionários públicos responsáveis e especialistas, que fi-

xava uma estrutura definida para as acções a utilizar pelas autoridades pertinentes.

Um ordem do Presidium da Comissão Extraordinária de Toda a Rússia em 17 de Dezembro de 1919 afirmava: «A prisão de um especialista só pode verificar-se quando se determinar que o seu trabalho está dirigido para o derrube do Estado soviético. Prendê-lo apenas por ter sido um antigo nobre ou por ter sido em qualquer altura um patrão ou explorador é proibido se ele realizar o seu trabalho com eficácia.» ([23])

O emigrado branco, S. P. Melgunov, publicara em Berlim em 1924 um livro intitulado *O Terror Vermelho na Rússia*, no qual dramaticamente descreveu os «exercícios sangrentos» dos «Chekistas sem piedade» ([24]). Melgunov fora de facto preso pela Cheka em 1919 por ter tomado parte numa conspiração contra-revolucionária que tinha como objectivo o derrube do Estado soviético e o assassínio dos dirigentes revolucionários. E como foi ele tratado pelo Estado soviético, pelos «Comissários da Cheka»? Melgunov foi sentenciado por um tribunal revolucionário a pouco tempo de prisão e em 1921 foi libertado e obteve licença de ir para o estrangeiro. Assim, de facto, Melgunov foi uma testemunha não da crueldade «sem sentido e estúpida» dos tribunais soviéticos, mas da sua tolerância em relação ao inimigo conquistado. E não foram poucos os que, como Melgunov, lutaram contra o Estado soviético e cujas vidas foram poupadas pelo Estado e a quem foi permitido ir para o estrangeiro.

Exemplos como o de Melgunov, de um contra-revolucionário e demagogo que foi libertado sem castigo, eram muitos. Mas também houve outro. Seria ingénuo negar

([23]) *Iz Istorii Vserossiiskoi Chezvychanoi Komissii, 1917-1921. Sbornk Documentov* (História da Comissão Extraordinária de Toda a Rússia, 1917-1921, Colecção de Documentos), Moscovo, 1958, p. 346.

([24]) Chekista: operário na Comissão Extraordinária de Toda a Rússia, derivado das suas iniciais que se pronunciam — Veh Cheh-Ka» — N. tr. russo.

que o terror vermelho podia evitar completamente sacrifícios desnecessários, erros e discrepâncias na avaliação de culpas e atribuição de castigo. Isso aconteceu. Os corpos locais do Partido e dos Sovietes no seu trabalho cometeram erros com os intelectuais, em cujo cume se encontrava, como notou Lénine, o facto de que «o povo utiliza o poder cruelmente» ([25]). No auge de uma luta de classes invulgarmente dura houve erros provocados pelo ódio de ambos os lados.

Foram estes os resultados da insuficiente experiência política de algumas pessoas no poder, mas o Partido e os corpos soviéticos deram passos para evitar estes erros e injustiças.

As severas medidas repressivas tomadas pelos órgãos soviéticos do poder de Estado durante os anos da Guerra Civil foram de natureza temporária. Logo em princípios de Janeiro de 1920, mesmo antes da guerra ter terminado, o Comité Executivo Central de Toda a Rússia e o Conselho da RSFSR dos Comissários do Povo ([26]) decidiram abolir a pena capital. Mas mesmo durante este período, quando a lei de emergência sobre o terror contra a burguesia contra-revolucionária era activa, o Estado soviético e os seus corpos punitivos apenas recorreram à repressão quando todos os outros métodos estavam esgotados e o inimigo não tinha deposto as armas.

Travando uma luta decisiva contra os contra-revolucionários, o Estado soviético apelou ao mesmo tempo para os quadros da antiga sociedade exploradora a fim de cooperarem com ele, oferecendo-lhes importantes cargos militares e económicos de acordo com os seus conhecimentos e experiência e sem ter em conta as suas convicções polí-

([25]) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 28, p. 220.

([26]) O Conselho dos Comissários do Povo foi, até 1946, o mais alto órgão executivo e administrativo na URSS. O Conselho dos Comissários do Povo foi reorganizado por uma lei do Soviete Supremo da URSS em Março de 1946 no Conselho de Ministros da URSS.

ticas. Mesmo aqueles intelectuais que, tendo resvalado para o caminho da «não aceitação da revolução», caíram no campo contra-revolucionário, foram atraídos para a cooperação. Se estas pessoas lamentavam os seus erros, os órgãos soviéticos mostravam bom senso e cuidado nas suas relações com eles.

Uma abordagem completa do povo e dos seus destinos era um método estranho ao Estado soviético. Se um aliado, ou pelo menos um ajudante, pudesse ser feito a partir de um inimigo, então o Estado soviético tencionava tentar a experiência e, em regra, não ficava desapontado nas suas esperanças. Havia, contudo, um certo risco e houve fracassos.

O Estado soviético acolheu calorosamente todos os movimentos realizados pelos intelectuais burgueses em direcção à classe operária. «Apreciamos todas as pessoas que têm vontade de trabalhar» ([27]), sublinhou Lénine. Mas, ao mesmo tempo, a classe operária castigou severa mas justamente aqueles que tentaram combatê-la com armas nas mãos.

A questão agora referia-se às maneiras e meios de adaptar os intelectuais burgueses à edificação do socialismo.

Um método consistia em utilizar os intelectuais, especialmente os intelectuais altamente qualificados, à velha maneira burguesa, ou seja com uma elevada remuneração de forma a poder ter melhores condições materiais de vida. O Estado soviético não poupava fundos para este fim. Nos anos difíceis de devastação, guerra e fome, especialistas altamente qualificados receberam os mais altos salários, até cinco, seis ou mais vezes superiores aos salários dos Comissários do Povo ou do Chefe do Estado — V. I. Lénine.

Foi prestada muita atenção às condições materiais dos intelectuais. O Estado soviético fez tudo quanto podia pelos

([27]) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 26, p. 294.

intelectuais nesses tempos difíceis. No final de 1917 e início de 1918, a remuneração mensal dos professores aumentou consideravelmente. Claro que a queda súbita do poder de compra do rublo significou que esta era apenas uma pequena ajuda, mas fazer mais do que isto era impossível na altura. Mais tarde, foi tomada toda uma série de decisões governamentais para melhorar as condições de várias categorias dos intelectuais. Em 1919, foi estabelecida em Petrogrado uma comissão especial por iniciativa de M. Gorki para melhorar o nível de vida dos estudantes, que respeitava a distribuição das rações alimentares e procurava melhorar as condições de vida dos trabalhadores científicos, tecnológicos, literários e artísticos. Mais tarde, estas comissões foram estabelecidas noutras grandes cidades e em Moscovo foi fundada a Comissão Central para a Melhoria das Condições de Vida dos Cientistas.

A política do Governo soviético nem sempre encontrou compreensão por parte de determinados círculos de intelectuais, que viram no alto salário e na melhoria das condições de vida a intenção do Estado soviético «comprar» os seus conhecimentos e experiência. Em Março de 1919, um professor no Instituto Agrícola Voronezh, M. P. Dukelski, dirigiu-se a Lénine numa carta aberta na qual declarava que o Estado soviético esperava «comprar» os intelectuais e fazê-los trabalhar com a perspectiva de um «estômago confortavelmente cheio». Dukelski escreveu que sem inspiração ou exigências criativas nenhum especialista daria coisa alguma, mas era muito bem pago pelo seu trabalho.

O próprio facto de um intelectual, um professor da velha formação, se dirigir numa carta aberta ao chefe de um Estado dos operários e dos camponeses é em si mesmo digno de registo. Mostra que a massa dos intelectuais não se fechou hermeticamente, que os apelos do Estado soviético à cooperação encontraram uma resposta definida do povo que estava longe de uma visão socialista.

Na sua carta, o professor Dukelski expressou os estados de espírito, pensamentos e sentimentos de muitos membros dos velhos intelectuais russos. Foi por esta razão que V. I. Lénine julgou ser absolutamente necessário responder à sua carta, o que fez nas páginas da *Pravda*. Escreveu que não se tratava de «comprar». De qualquer modo, o trabalho dos intelectuais fora altamente pago antes, de modo que nos tempos soviéticos, apesar de serem mais baixos do que os primitivos, mantinham-se por isso salários suficientemente altos. Assim, era impossível chamar a isto compra. Na mesma carta Lénine explicou aos intelectuais que se considerasse com compreensão, simpatia e um sentimento de camaradagem os soldados e os operários exaustos, que se tornaram amargos por séculos de exploração, então os trabalhadores manuais e não manuais aproximar-se-iam muito rapidamente (25). Esta carta de Lénine desempenhou um importante papel na atracção para a cooperação com o Estado soviético daquelas secções dos intelectuais burgueses que ainda estavam vacilantes.

Médias elevadas de salário para atrair os quadros altamente qualificados da antiga sociedade não podiam desempenhar um papel definitivo para garantir a sua cooperação. O Partido Comunista escolheu a influência moral e o domínio da falta de fé no socialismo como um método básico e efectivo de atrair os intelectuais. Aqueles que ainda não compreendiam as tarefas e os objectivos da revolução socialista não podiam ser alienados.

Contudo, os dirigentes do país e o Partido compreenderam que era impossível reeducar todos os intelectuais e sobretudo aqueles que tiveram capital antes da revolução, e assim não diferindo dos capitalistas. Era necessário ensiná-los mas expropriá-los; deveriam ser ensinados a submeter-se ao Estado soviético.

Mas, no que diz respeito a grande número de intelectuais que eram dedicados no seu trabalho apesar de não

(25) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 29, pp. 228-232.

serem capaz de se reconciliarem imediatamente com a perda da sua posição privilegiada na antiga sociedade e de cortar com as tradições burguesas, neste caso a tarefa de os utilizar e submeter ao Estado soviético ligava-se directamente à de lhes ministrar uma reeducação socialista no processo da edificação económica e cultural a grande escala.

Quando a classe operária atingiu o poder, desenvolveu aí grandes possibilidades para a influência proletária sobre todos os elementos sãos das classes não proletárias e extractos da sociedade, incluindo os intelectuais. O proletariado e o seu Partido tinham à sua disposição meios poderosos de influenciar as massas, tais como o entusiasmo revolucionário, a disciplina, a organização, o peso moral, a confiança na justeza da sua causa e, mais importante do que tudo, a força e a verdade da sua ideologia e a grandeza dos seus objectivos, em nome dos quais travou a luta.

Atrair com êxito os quadros da antiga sociedade exigia organização, disciplina de camaradagem nas massas, influência proletária sobre todo o resto da população e o estabelecimento de condições sob as quais cada intelectual burguês veria que só poderia realizar o seu trabalho juntamente com os comunistas, que estavam unidos na condução das massas e que gozavam da sua total confiança.

Ao mesmo tempo, era necessário criar em redor dos intelectuais burgueses uma situação de confiança, boa vontade e cooperação e respeito pelo seu trabalho sem deixar de exercer influência de organização sobre ela. Estas propostas estavam escritas no Programa do Partido aceite em 1919 e foram repetidamente reafirmadas em decisões do Partido.

Juntamente com as suas exigências de relações de camaradagem com os intelectuais por parte da classe trabalhadora, o Partido também mostrou aos intelectuais que apenas poderiam ganhar a confiança dos operários e camponeses se tomassem uma atitude correspondente e se

se relacionassem de uma maneira amiga com o povo trabalhador, endurecido por séculos de exploração.

A tarefa de reformar a psicologia e de mudar a visão dos intelectuais era muito complicada. Estava longe de ser um processo calmo e suave. As suas correntes, ziguezagues e viragens eram provocados pelas características da situação interna e internacional do Estado soviético e também pelos êxitos da construção do socialismo. A tarefa de reeducação dos intelectuais burgueses e da utilização do seu conhecimento e experiência o mais racionalmente possível só poderia ser desempenhada pelo Partido com o auxílio das organizações sociais, entre as quais em primeiro lugar se encontravam os sindicatos.

O Partido Comunista dedicou muita atenção à formação dos intelectuais, especialmente àqueles relacionados com a produção, nos sindicatos. Nas suas decisões no XIX Congresso do Partido (1920) notava-se: «O preconceito contra o pessoal superior tecnológico em estabelecimentos e empresas que se ligam aos sindicatos deve ser finalmente ultrapassado. Permitindo a entrada de engenheiros, médicos, agrónomos e outros nos seus sindicatos, estão a ajudar estes elementos a experimentar a camaradagem da cooperação com o proletariado organizado, a iniciar um trabalho activo de construção soviética e estão também a ministrar aos operários o conhecimento científico especial e a experiência que precisam» ([20]).

As principais questões às quais os sindicatos dedicaram atenção especial no seu trabalho com os intelectuais foram a defesa dos seus interesses de trabalho, a sua atracção para a edificação do socialismo, a elevação do seu nível de conhecimentos políticos e o fortalecimento dos seus laços com as massas trabalhadoras.

Um papel importante na reeducação dos intelectuais e na sua maior inserção na edificação do socialismo foi

([20]) *KPSS v Rezolutsiyakh i Reshentyakh...*, vol. 2, p. 160.

desempenhado pelos vários congressos, conferências, seminários, cursos, reuniões e comícios dos intelectuais.

Em Outubro de 1921 foi convocado o VIII Congresso Electrotecnológico de Toda a Rússia. Mais de 1500 pessoas tomaram parte no seu trabalho, em particular no exame profundo de questões relacionadas com a electrificação do país. Muitos especialistas cépticos foram ao congresso com receio de que o seu trabalho não passasse de uma reunião de agitação sobre a electrificação. Contudo, a abordagem objectiva das questões, a vasta gama dos projectos do Partido Comunista e a total confiança na competência dos delegados mostrada pelos dirigentes do Estado soviético liquidaram a desconfiança dos especialistas. «A coisa mais importante dos trabalhos do congresso», lembrou mais tarde um dos seus participantes, «foi, pode-se dizer a total mudança de atitude da maioria dos delegados». Estes congressos e conferências que eram realizados quase todos os anos sobre temas científicos, tecnológicos e culturais eram uma importante escola para a educação dos intelectuais.

O papel positivo desempenhado pelos vários tipos de sociedades e associações — sociedades científicas e tecnológicas, associações de escritores e artistas e outras — na mudança da visão dos intelectuais deve igualmente ser notada. Eram centros onde as ideias criativas eram usadas para resolver questões concretas do desenvolvimento da economia nacional socialista e da educação do novo homem.

Finalmente, os planos e o trabalho prático do Estado soviético na reconstrução económica do país exerceram uma enorme influência nas opiniões dos intelectuais burgueses. Durante a preparação e colocação na prática destes planos, cientistas e técnicos elaboraram uma nova abordagem para resolver as tarefas práticas da organização da produção. Estavam encantados com a novidade dos princípios do planeamento socialista, com ideia de combinar diferentes ramos da produção, a distribuição racional das forças produtivas, etc. Tudo isto despertou a criatividade dos especialistas que se dedicaram ao seu trabalho e criou

neles simpatia pelo novo Estado. Apesar de nem todos partilharem ou compreenderem os objectivos políticos dos bolcheviques, podiam ver bem e compreender que os bolcheviques eram pessoas práticas que sabiam o que queriam e como organizar eficientemente o seu trabalho.

Foi por esta razão que os planos construtivos do Partido Comunista e do Estado soviético não podiam deixar de inspirar a melhor parte dos intelectuais. Numa carta a V. I. Lénine em 28 de Novembro de 1918, o presidente do Departamento Científico e Tecnológico do Conselho Supremo Económico, N. P. Gorbunov, conta:

«Depois da consulta de ontem ao projecto Kara-Bogaz, ao seu papel e ao papel de Baku e de toda a região Cáspia como centro mundial da futura indústria química... os professores que vieram especialmente de Petrogrado a esta reunião ficaram comigo durante muito tempo e falaram entusiasticamente sobre o novo trabalho e os seus planos... Eles mesmos começam a ficar arrebatados e o seu entusiasmo começa a influenciar os seus colegas cépticos.»

Houve muitos casos nesses dias de centenas de especialistas que chegavam a uma empresa com cepticismo pelos planos dos bolcheviques e pela sua aptidão para restaurar o trabalho normal da fábrica ou oficina. Mas ao cabo de pouco tempo e apanhados pelo entusiasmo do trabalho das massas trabalhadoras, e entusiasmados com a ideia do renascimento económico do país, tornaram-se bons dirigentes de produção e aprenderam gradualmente a observar tudo sob uma perspectiva diferente.

Os especialistas começaram a convencer-se de que o Estado socialista estava a criar as condições necessárias que abriam um campo ilimitado para a aplicação dos seus conhecimentos e talentos para o trabalho criativo. «As nossas ideias e os objectivos que nos fixámos», escreveu F. E. Dzerzhinski, «são tão grandiosos, tão grandes, que as pessoas com conhecimentos podem ser (e estão a ser atraídas pela grandeza da nossa criação de massa, pela criatividade de um colectivo de operários e camponeses.

«Podemos atrair em maior grau do que os capitalistas fizeram num sistema capitalista» ([30]).

A solução cheia de êxito destes problemas complicados e desencorajantes que o destino de amplos grupos de intelectuais estava envolvido, por exemplo, o plano leninista para a electrificação do país, a liquidação do analfabetismo, a edificação do Caminho de Ferro Turquestão-Sibéria, do Complexo Metalúrgico de Magnitogorsk, a criação de novos ramos da indústria, o ritmo de industrialização e colectivização, tudo isto não podia deixar de atrair o cientista, o engenheiro, o professor ou o agrónomo que gostasse do seu trabalho. O fim da produção socialista, que consistia em utilizar todas as realizações da ciência, da tecnologia e da cultura não apenas para o enriquecimento de um pequeno grupo de pessoas mas para bem de toda a nação era uma poderosa força motriz que levava os velhos intelectuais a fazer uma viragem final para o campo do socialismo.

Os melhores operários do Partido trabalharam na atracção dos intelectuais para a edificação do socialismo e a defesa do país. Ao pôr em prática as políticas leninistas respeitantes aos velhos intelectuais, realizaram, sem descanso e por sua própria iniciativa, um trabalho extremamente importante para a conquistar moralmente.

A imprensa soviética auxiliava bastante o Partido Comunista neste assunto. Os jornais *Pravda* e *Izvestia* e a revista *Bolchevique* e muitos outros publicaram frequentemente material que analisava os processos que se realizavam nos intelectuais e publicaram artigos que ajudaram os intelectuais a formar uma visão correcta e científica dos problemas.

A experiência histórica da Terra dos Sovietes mostrou que os métodos de trabalho com os intelectuais iniciados

([30]) F. E. Dzerzhinski, *Izbranniye Proizvedeniya v Dvukh Tomakh* (Obras Escolhidas em 2 volumes), vol. 2, Moscovo, 1957, pp. 157-158.

pelo Partido Comunista e a determinação de modos de transição para uma posição de cooperação com o Estado soviético eram os únicos correctos. A conquista moral dos intelectuais, a sua comparticipação nos interesses do povo revolucionário, a confiança na experiência e competência dos especialistas e o contacto pessoal dos intelectuais com o operário e o camponês ajudaram o Partido Comunista a resolver a tarefa muito complicada de separar os intelectuais da burguesia e de reeducar os intelectuais burgueses a fim de se tornarem socialistas. Este foi um processo de muito tempo. Foi um longo caminho, mas o correcto.

CAPÍTULO III

O ALISTAMENTO DOS INTELECTUAIS BURGUESES NA DEFESA DO PAÍS E NA CONSTRUÇÃO DA ECONOMIA E DA CULTURA NOS ANOS DA GUERRA CIVIL

Os especialistas militares

A Guerra Civil impediu os operários e os camponeses da Rússia Soviética de se lançarem na construção em grande escala das bases socialistas. O tempo pacífico chegou ao fim e o Estado soviético teve de reunir todas as suas forças para combater os seus numerosos inimigos.

Com a intensificação da Guerra Civil e os ataques violentos e renovados da intervenção militar, a tarefa da defesa do país, de construção do Exército Vermelho e de uma direcção para as operações militares tornaram-se de importância capital. O destino do primeiro Estado socialista no mundo dependia do êxito com que o Partido Comunista realizasse esta tarefa. Quadros qualificados com experiência, aptidão e conhecimentos eram necessários para iniciar o trabalho nas empresas industriais a fim de fornecer o que era necessário na frente para mobilizar a força científica para a defesa e dar comandantes ao exército.

Em Janeiro de 1918, um decreto do Governo soviético, assinado por Lénine, iniciou a fundação do Exército Vermelho. Operários e camponeses ofereceram-se como voluntários para se juntar às suas fileiras e mais tarde o alistamento no Exército Vermelho foi realizado numa base de recrutamento e de mobilização. Existiam, contudo, apenas

alguns comandantes experientes nas suas fileiras. Milhares de pessoas dedicadas à causa da revolução, soldados e marinheiros, oficiais não milicianos do antigo exército e marinha que passaram pelas mais amargas experiências da Guerra Mundial eram nomeados para cargos de comando. Foram criados cursos e escolas para treino de comandantes. Muitos comandantes surgiram no decurso da Guerra Civil que foi uma escola muito apta para fornecer experiência militar. Os quadros de comando do Exército Vermelho desempenharam um papel muito importante na obtenção da vitória para o Estado soviético sobre os numerosos inimigos da revolução.

O Partido Comunista recrutou numa ampla base para a edificação das Forças Armadas soviéticas vários especialistas militares do antigo exército e armada, mesmo quando existiam sérias dificuldades, principalmente de natureza política, relacionadas com este facto.

Na Rússia pré-revolucionária, os corpos de oficiais tinham servido como um dos principais baluartes da autocracia. O czarismo implantara um intenso sentimento de casta nos oficiais e educara-os num espírito de devoção ao trono e ódio às massas trabalhadoras. Contudo, o crescimento do movimento revolucionário no país fizera com que uma parte dos oficiais reconsiderasse as suas convicções políticas.

A Guerra Mundial desempenhou um papel importante no progresso do corpo de oficiais para a esquerda. Não foram apenas os operários e camponeses enfiados em sobretudos de soldados que compreenderam que o povo não queria a guerra: a melhor parte dos oficiais chegou à mesma conclusão. Deve-se ter também em conta que durante a guerra os comandantes regulares que representavam a parte mais reaccionária dos oficiais tinham sido em grande medida substituídos pelos que estavam na reserva e que eram estranhos às tradições e opiniões da clique militar czarista. O comando tinha também uma percentagem relativamente ampla de membros da pequena bur-

guesia e mesmo operários. A Revolução de Fevereiro promoveu também em grande medida a democratização dos corpos de oficiais.

A Revolução de Outubro dividiu os corpos de oficiais em vários grupos. Um destes, relativamente pequeno em número, alinhou imediatamente com os operários e camponeses. Há casos bem conhecidos de antigos oficiais de patente elevada que vieram fazer parte dos corpos oficiais do Estado soviético e que ofereceram os seus serviços ao povo revolucionário. Logo sob o Governo Provisório, N. M. Ptapov, ajudante de campo do chefe do estado-maior e quartel-mestre general, veio para o lado dos bolcheviques. Esta mudança feita por um importante general teve uma grande influência na determinação da posição política de muitos dos oficiais de patente elevada do antigo exército.

Muitos dos comandantes do antigo exército, apesar de não terem entrado voluntariamente para o serviço do novo Estado, apesar disso cumpriram desde o princípio as suas determinações sem hesitar. A sua transição para o campo soviético foi realizada externamente de uma forma suave sem as vacilações dolorosas e as dúvidas que podem acompanhar casos destes.

Uma parte considerável dos oficiais não reconheceu o Estado soviético mas não entrou em guerra aberta com ele, tomando em vez disso uma posição contemporizadora. Eram principalmente oficiais oriundos dos extractos da pequena burguesia. Não queriam combater o povo e além disso não ficaram contra os bolcheviques, que como podiam ver, gozavam do apoio de amplas massas trabalhadoras.

Finalmente, um outro grupo de oficiais estava intimamente ligado às classes exploradoras e passou abertamente para o campo contra-revolucionário a fim de formar a sua força de choque. Eram na sua maioria representantes da velha Rússia e por princípio implacáveis inimigos do Estado dos operários e camponeses. Combatê-los custou muitos sacrifícios.

Tomando em consideração a grande falta de comandantes experientes no Exército Vermelho, Lénine determinou uma tarefa corajosa, mas baseada numa análise concreta da situação, a de atrair os especialistas militares burgueses para a edificação do Exército Vermelho e para a defesa da jovem República dos ataques dos seus numerosos inimigos. Não foi apenas uma questão de vencer as dúvidas dos «neutrais», mas também de atrair os elementos vacilantes para fora do campo contra-revolucionário e para o lado do povo revolucionário.

Lénine foi o primeiro marxista no mundo a levantar a questão do recrutamento de especialistas militares burgueses para a construção de um novo tipo de exército.

Numa situação extremamente complicada, conseguiu ver que, sem a utilização dos conhecimentos e experiência dos antigos especialistas militares, seria impossível erguer o exército dos operários e camponeses e que, se um exército destes não estivesse preparado no mais curto prazo de tempo, seria impossível manter as conquistas da revolução socialista.

A solução de Lénine para esta questão foi apoiada pela maioria do Comité Central e das organizações locais do Partido e importantes activistas do Partido e do Estado concordaram igualmente com ele. Contudo, não existia nessa altura uma total unidade no Partido a este respeito. Funcionários do Partido e uma determinada parte das bases comunistas viraram-se contra a linha leninista. Por exemplo, os membros do CC do Partido G. Zinoviev, V. Volodarski e M. Lashevitch escreveram no *Petrogradskaya Pravda* em Abril de 1918 que os especialistas militares burgueses deveriam ser considerados como os «nossos impedidos» e que quando já não houvesse necessidade deles deveriam ser largados como «limões espremidos que já não são precisos». Obviamente isto não contribuiu para se atingir uma compreensão mútua entre o Estado soviético e os intelectuais.

Outra parte dos membros do Partido temeu que, ao permitir a entrada de antigos generais e outros oficiais no Exército Vermelho, o Partido Comunista enfraquecesse a sua posição entre as massas e que isso significasse objectivamente a criação de uma situação adequada para a restauração do poder da burguesia.

Aproveitando-se destes sentimentos, os comunistas «de esquerda» anunciaram demagogicamente que V. I. Lénine travava declaradamente uma política cujo fim seria a restauração do antigo corpo de oficiais e do comando dos generais czaristas. Era um sério obstáculo o facto de uma grande parte dos comunistas não compreender nem acreditar que os antigos oficiais do exército czarista podiam ser colocados ao serviço da revolução e que podiam ir contra a sua própria classe. Não foi por acaso que Lénine dedicou muita atenção à explicação àqueles que estavam confusos e a convencer os duvidosos de que era absolutamente imperativo recrutar especialistas militares para o Exército Vermelho e finalmente alargar a luta persistente contra os opositores confirmados desta única linha correcta e quebrar a sua resistência.

Na segunda metade de Março de 1918 foi convocada uma reunião na qual estiveram presentes representantes do Comissariado do Povo para os Assuntos Militares e um grupo de antigos generais czaristas que tinham reconhecido o Estado soviético. Nesta reunião, uma grande parte de funcionários comunistas militares falaram contra o recrutamento de oficiais regulares para o Exército Vermelho.

Lénine rejeitou firmemente estes pontos de vista, sublinhando como era imperativo dominar a ciência militar e os métodos de chefia militar para o que era necessário aprender com os especialistas militares.

Diferenças de opinião no Partido sobre a questão da utilização de especialistas militares no Exército Vermelho surgiram de novo no final de 1918 quando foram publicados na *Pravda* os artigos escritos por comunistas de «es-

querda», V. Sorine e A. Kamenski. Sorine, no seu artigo «Comandantes e Comissários no Exército no Campo», criticou duramente as projectadas regras de relações mútuas dos Conselhos Revolucionários Militares e os comandantes do exército e da frente, onde ao comandante só era permitido falar de questões militares. Descreveu a política do Partido da utilização de especialistas militares para a defesa do país como um entrega premeditada do poder no Exército aos generais czaristas, como uma linha dirigida ao enfraquecimento da vigilância revolucionária dos comunistas do exército e apelaram para a «luta firme... contra as tentativas para destruir a ditadura do Partido Comunista no Exército» (1).

A. Kamenski, no seu artigo «Grandes Tempos Também», exprimiu a sua completa solidariedade para com o autor do artigo anterior. Escreveu: «O camarada Sorine levantou a questão "Como é que os comandantes do czar Nicolau (2) se atrevem a exercer o seu poder pessoal neste país, onde a classe operária está no poder?" Responderei ao camarada. Atrevem-se a exercer este poder na base de determinados parágrafos do projecto que citou e, além disso, é necessário levantar outra questão: Como podem esses que elaboraram o projecto dar aos contra-revolucionários de Nicolau esses direitos?» (3). Este era um libelo sobre a política do Partido que de modo algum dera aos antigos generais poder completo no exército, mas que, pelo contrário, os colocava sob controle.

Esta tentativa, no auge da Guerra Civil, para desacreditar na imprensa central os fundamentos da política militar do Partido teve sérias consequências e assim o CC do Partido reagiu imediatamente. No mesmo dia em que o artigo de Kamenski foi publicado, o CC do PCR(B), numa

(1) *Pravda*, 29 de Novembro de 1918.
(2) O czar Nicolau II, que abdicou em 2 de Março de 1917 (Velho Estilo) depois da Revolução de Fevereiro — Tr.
(3) *Pravda*, 25 de Dezembro de 1918.

resolução especial «Sobre a política do Ministério da Guerra», condenou duramente os ataques caluniosos feitos por Kamenski contra a política militar do Partido. Na resolução foi atribuído um lugar especial ao facto de a política do Ministério da Guerra não ser o produto da opinião de pessoas individuais ou mesmo de grupos individuais, mas sim de ser conduzida de acordo com as directivas gerais do Partido representado pelo seu Comité Central e sob o controle directo do último. O Comité Central do Partido sublinhou que «a responsabilidade da política do Ministério da Guerra pertence totalmente ao Partido» (4).

Algumas organizações locais do Partido também se opuseram à utilização de especialistas militares burgueses. Contudo, deve-se sublinhar que a maioria das organizações locais do Partido e dos Sovietes, assim como as organizações do Partido das unidades militares maiores, compreenderam correctamente a situação real e apoiaram a linha leninista de recrutamento de especialistas militares para a construção do Exército Vermelho.

Um grande perigo para a Terra dos Sovietes era apresentado pela posição tomada por Trotski e os seus seguidores, que cegamente confiaram nos especialistas burgueses, curvando-se perante a sua autoridade. Em Outubro de 1918, Trotski levantou a questão da libertação de todos os oficiais presos como reféns. A Reunião Plenária do CC do Partido, realizada em 25 de Outubro, rejeitou a sugestão de Trotski, declarando que «apenas aqueles oficiais sobre quem era claro que não pertenciam ao movimento contra-revolucionário poderiam ser libertados». Com a conivência de Trotski, as comissões de averiguação encarregadas de examinar totalmente e seleccionar os antigos comandantes antes de os aceitar no Exército Vermelho foram pela primeira vez divididas e em Fevereiro de 1919 completamente desmanteladas.

(4) *Pravda*, 26 de Dezembro de 1918.

Aproveitando os sentimentos de classe de alguns comunistas honestos, os «esquerdistas» conseguiram atraí-los para o seu lado e organizar uma oposição a Lénine e ao Comité Central no VIII Congresso do Partido. A oposição, apontando uma série de casos de traição cometidos por importantes especialistas militares, votou contra a sua utilização no Exército em postos de comando em geral e exigiu que os membros dos Conselhos Revolucionários Militares e os comissários tivessem o direito de falar em decisões operacionais e de que os antigos especialistas militares fossem apenas recrutados como entidades consultivas ou como instrutores militares sem direitos de comando.

No congresso, Lénine criticou severamente aqueles funcionários do Partido e militares que se colocaram contra a utilização correcta e judiciosa dos antigos especialistas e tentaram um regresso à direcção colectiva das tropas, à luta dos resistentes. O VIII Congresso do Partido apoiou Lénine e notou que, mesmo que o Exército Vermelho tivesse tido a possibilidade em vários anos de ser sistematicamente contruído e de simultaneamente treinar por si só novos comandantes, mesmo assim não haveria objecções em princípio ao recrutamento daqueles especialistas militares que tinham «ou intimamente tomado o partido do Estado soviético ou dados os acontecimentos tivessem considerado necessário servi-lo honestamente» (⁸).

As resoluções do congresso exerceram uma influência benéfica no fortalecimento da capacidade de luta do Exército Vermelho e no estabelecimento das relações normais entre o Exército Vermelho e os especialistas militares. «Os especialistas militares», notou o falecido marechal da União Soviética Zhukov, «seguiram interessadamente os trabalhos do VIII Congresso do Partido e compreenderam que o Partido confiava neles, lhes dava valor e se preocupava com eles. Aproximaram-se consideravelmente das massas

(⁸) *KPSS v Rezolutsiyakh i Resheniyakh...*, vol. 2, pp. 66-67.

do Exército Vermelho e das organizações do Partido. Os comandantes que tinham sido antigos oficiais do exército czarista tornaram-se mais activos e exigentes em questões de disciplina e serviço das tropas. Tudo isto se reflectiu favoravelmente na sua prontidão de combate e capacidade de luta. As tentativas para minar a confiança do antigo exército foram firmemente eliminadas pelos comissários, pelos funcionários do Partido e mesmo pelos próprios soldados do Exército Vermelho» (⁹).

O Partido começou a pôr em prática a sua política de utilização de especialistas militares imediatamente após a Revolução de Outubro. O processo de demissão dos oficiais e funcionários militares do antigo exército foi determinado por um decreto especial do Ministério da Guerra soviético em Dezembro de 1917. Era proibido abandonar o exército à vontade. Os especialistas que abandonassem as suas unidades sem licença eram obrigados a regressar ao seu local de serviço.

Os especialistas militares eram usados na participação em acções militares contra os inimigos da República Soviética. Havia especialistas oriundos do antigo exército que tomaram já parte logo na repressão aos ataques sobre Petrogrado pelo general Krasnov e suas tropas (28-31 de Outubro de 1917.

Sob as directivas de Lénine, no final de Outubro de 1917, fundou-se em Mogilev o Quartel-General Revolucionário para o Combate da Contra-revolução, que era chefiado por um porta-bandeira da guarda, o bolchevique M. Ter-Arutyunyants. O departamento de operações era chefiado pelo coronel I. I. Vatsetis, que juntamente com o seu regimento de atiradores de Latvian passara para o lado do Estado soviético. Durante Janeiro e Fevereiro de 1918; a batalha no Don contra o general Kaledine foi travada por

(⁹) G. K. Zhukov, *Vospominaniya i Razmyshleniya* (Recordações e Reflexões), Moscovo, 1969, p. 58.

destacamentos sob o comando de antigos oficiais czaristas R. F. Sivers e Y. V. Sabline. Nos Urais o oficial graduado bolchevique S. D. Pavlov chefiou o Esquadrão Aéreo do Norte.

Muitos mais antigos generais e outros oficiais de alta patente tomaram parte nas batalhas contra as tropas do Kaiser, considerando este facto como seu dever patriótico. Sob iniciativa de Lénine, em Fevereiro de 1918 um grupo de especialistas militares fez um estudo de organização para a defesa de Petrogrado, quando esteve em perigo de ser tomado por tropas alemãs. Em 22 de Fevereiro, o plano para a defesa de Petrogrado elaborado por este grupo de especialistas foi considerado numa sessão alargada do Presidium do Comité Executivo Central de Toda a Rússia e imediatamente posto em prática. Foi em grande medida graças aos especialistas militares que grandes destacamentos de protecção foram colocados com êxito nas proximidades de Petrogrado.

Em Fevereiro de 1918 houve o grande perigo de barcos da Armada do Báltico serem capturados pelos alemães. O Governo soviético ordenou que a armada mudasse a sua base de Helsingfors para Kronstadt. Importantes especialistas foram recrutados para chefiar esta operação — os almirantes A. P. Zelenoi e A. A. Ruzhek, o capitão de 1.ª classe M. A. Petrov, o capitão de 2.ª classe L. V. Antonov e outros. Sob a direcção do almirante Zelenoi, o heróico movimento realizado por um total de 211 barcos da Armada do Báltico para Kronstadt foi realizado com êxito.

Em 19 de Março de 1918, o Governo soviético considerou a questão de um Supremo Conselho Militar e decidiu o recrutamento a larga escala de antigos especialistas militares para o Exército Vermelho. A 21 de Março, o Supremo Conselho Militar, sob as directivas de Lénine, publicou um decreto que aboliu o princípio de eleição no exército, permitindo assim amplo acesso ao Exército Vermelho de antigos generais e outros oficiais. A 27 de Março, o Comissariado do Povo para os Assuntos Militares e o Supremo

Conselho Militar anunciáram oficialmente o recrutamento para o Exército Vermelho de especialistas militares e a «introdução de comissários militares como guardiões dos mais altos interesses da revolução e do socialismo».

O recrutamento de especialistas militares para o Exército Vermelho foi em primeiro lugar posto em prática numa base de voluntarismo com uma campanha publicitária a grande escala. Contudo, com o aumento do Exército Vermelho devido à intensificação da Guerra Civil e à expansão da intervenção, aumentou também a necessidade de especialistas militares. O Governo considerou necessário recorrer à mobilização de antigos oficiais e a 10 de Julho de 1918 o V Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia tomou a decisão correspondente. Na base desta decisão, um decreto do Conselho dos Comissários do Povo da RSFSR em 29 de Julho anunciava a primeira (parcial) chamada de oficiais para o Exército Vermelho.

Durante o ano de 1918-1919, o Conselho dos Comissários do Povo e o Conselho de Defesa examinaram repetidamente questões relacionadas com o registo da amplitude das forças das várias categorias de especialistas militares e a sua utilização. Numa quase completa ausência de registos de reservas, muitos oficiais conseguiram evitar (e de facto evitaram completamente) aparecer nos pontos de chamada. Todavia, por volta de 15 de Agosto de 1920, de acordo com estatísticas incompletas, 48 409 oficiais superiores czaristas (não contando as patentes mais baixas e outros de patente correspondente) tinham sido chamados para o Exército Vermelho. Além disto, 10 300 funcionários militares, 14 000 médicos e 26 800 trabalhadores da saúde menos qualificados serviam no Exército Vermelho [1].

Os especialistas militares do exército czarista formavam uma parte considerável do pessoal de comando do Exér-

---

[1] *Grazhdanskaya Voina 1918-1921* (A Guerra Civil de 1918-1921), vol. 2, Moscovo, 1928, p. 95.

cito Vermelho. M. V. Frunze, que serviu em cargos de responsabilidade no Exército Vermelho a partir de 1918, escreve que «nos primeiros anos da existência do Exército Vermelho, a grande massa dos comandantes consistia no resto dos corpos de oficiais do exército czarista recrutados por nós para a tarefa de edificação do exército. Esta foi uma base absolutamente necessária no processo de criação das Forças Armadas do nosso Estado dos operários e camponeses» (8). De acordo com números apresentados pelo historiador soviético Y. P. Petrov, a proporção de especialistas militares oriundos do exército czarista no pessoal de comando do Exército Vermelho era superior a 75 % em 1918, em 1919 passou a ser de 53 % e em 1920 era de 42 % (9). Deve-se notar que esta proporção desceu, não porque fossem chamados para o Exército Vermelho menos especialistas militares ou porque abandonassem o serviço, mas porque os efectivos do pessoal de comando eram compostos de operários e camponeses que tinham sido treinados em institutos militares e cursos militares ou que se tinham tornado comandantes experientes na frente.

V. Antonov-Ovseyenko, que conhecia bem a situação nas frentes, salienta que, por volta do final da Guerra Civil, os comandos consistiam em 6 % de antigos oficiais de carreira e em 28 % de antigos oficiais do tempo da guerra (10). Estes números concordam com o que foi fornecido por outras fontes autorizadas. Assim, de acordo com os números preparados para o IX Congresso dos Sovietes (Dezembro de 1921), o pessoal de comando do Exército Vermelho tinha 33,7 % de oficiais e funcionários

(8) M. V. Frunze, *Izbranniye Proizvedeniya* (Obras Escolhidas), Moscovo, 1965, pp. 215-216.

(9) Y. P. Pertov, *KPSS — Rukovoditel i Vospitatel Krasnoi Armii* (1918--1920) (PCUS Dirigente e Educador do Exército Vermelho), Moscovo, 1961, p. 273.

(10) V. Antonov-Ovseyenko, *Stroitelstvo Krasnoi Armii v Revolutsii* (Construção do Exército Vermelho Durante a Revolução), Moscovo, 1923, p. 31.

militares do antigo exército (11). Um número semelhante foi fornecido por um dos mais importantes dirigentes do Exército Vermelho, G. K. Orjonikidze, num discurso em 1922. Salientou que existiam «22,3 % de oficiais do tempo da guerra no Exército Vermelho, 6,1 % de antigos funcionários militares, 5,6 % de antigos oficiais de carreira, perfazendo 34 % ou um terço do total» (12).

Desde cerca de 1921 que existiam 217 000 comandantes de todas as categorias no Exército Vermelho e, se se considerar que os especialistas militares perfaziam 34 % do pessoal de comando, então pode-se afirmar que existiam setenta a setenta e cinco mil generais e outros oficiais oriundos do exército czarista e que serviam no Exército Vermelho. Dado que em 25 de Outubro de 1917 existiam 157 884 oficiais no Exército russo (incluindo o exército em campo, unidades de retaguarda e organizações sociais mas não contando a reserva), pode-se verificar que cerca de metade dos complementos de oficiais do antigo exército servia no Exército Vermelho.

Os motivos que levaram esta grande parte dos intelectuais militares a unirem-se ao Exército Vermelho são vários. Pode-se dizer com certeza que a maioria não se guiou por convicções socialistas. Nem houve um papel dominante desempenhado por considerações pessoais — tentando atingir um elevado cargo a partir do novo Estado, promoção, etc. Seria igualmente ingénuo afirmar que dezenas de milhares de oficiais do exército foram obrigados a prestar serviço no Exército Vermelho por meio de ameaças ou pela força.

As razões da transição dos intelectuais militares para a cooperação voluntária com o Estado soviético devem procurar-se noutros aspectos.

(11) *Pyat let Vlasti Sovetov* (Cinco Anos de Governo Soviético), Moscovo, 1922, p. 157.

(12) G. K. Orjonikidze, *Izbranniye Statyi i Rechi, 1918-1937*, Moscovo, 1945, p. 79.

A Guerra Civil e a intervenção militar estrangeira exerceram uma imensa influência sobre as convicções políticas dos oficiais do exército ex-czarista. Qualquer pessoa honesta percebia que os imperialistas, em aliança com os «governos» da guarda branca, poderia estrangular a independência e a liberdade da Rússia e pôr termo à sua existência como Estado.

O sentimento de patriotismo e a urgência de manter a Rússia como uma grande potência levou muitos oficiais a colocarem-se ao serviço do Estado soviético. Ao explicar os motivos que levaram os especialistas militares a servir o novo Estado, N. I. Podvoiski, que fez uma obra considerável para a construção do Exército Vermelho e das suas unidades, escreve: «... nenhum dos melhores especialistas militares oriundos do Pessoal General cometeu sabotagens; eles tentaram de todas as maneiras ajudar-nos na construção do Exército, não por simpatias políticas nem por quaisquer razões pessoais, mas porque muitos deles eram defensores do Estado e deram ao nosso novo regime aquilo que pensaram ser necessário dar-lhe... Estavam convictos de que, tendo tomado o poder nas nossas mãos, não tínhamos eliminado a guerra e não permitíriamos que a Rússia fosse desfeita pela Alemanha, mas que continuaríamos a guerra até à assinatura de um tratado de paz, que tínhamos avançado em direcção à assinatura da paz, e exigiam que ela fosse firmada em termos democráticos, ou seja, nos termos mais honrosos e mais vantajosos para a Rússia.» E a seguir Podvoiski chega à conclusão de que tudo isto permitiu «a formação à nossa volta de um grupo compacto, honesto e inteligente de pessoal general que deu um auxílio real nos primeiros dias da construção do Exército Vermelho» (13).

(13) N. Podvoiski, *«Stroitelstvo Krasnoi Armii», Voyenno-Istorichesky Zhurnal* (Construção do Exército Vermelho. Em: Jornal de História Militar), n.º 12, 1968, p. 70.

A repulsa pelo ataque cometido pelas tropas do Kaiser no início de 1918 ou pelo dos Polacos Brancos em 1920 foi considerada pelos especialistas militares como seu elevado dever patriótico. Por exemplo, em 1918, o tenente-coronel N. G. Krapivyanski chefiou um movimento de resistentes contra as tropas do Kaiser na região de Chernigov. Os ocupantes tiveram de destacar todo um corpo do exército contra os resistentes que ele chefiava e o comando alemão ofereceu um prémio de cinquenta mil rublos de ouro pela cabeça do corajoso dirigente resistente.

Na Primavera de 1920, quando os Polacos Brancos atacaram a Rússia Soviética, V. I. Lénine notou que «mesmo os antigos generais czaristas consideram injustas as queixas polacas e estão a ajudar-nos» (14).

Sem partilharem as opiniões dos bolcheviques, muitos oficiais do exército ex-czarista eram forçados a reconhecer que a Revolução de Outubro eram uma ocorrência natural e que era despropositado lutar contra ela. Foi assim que A. A. Brusilov, um general czarista que se colocou ao lado do Estado soviético, a descreve: «Já antes anunciara firmemente que não me separaria do povo russo ou o abandonaria, acontecesse o que acontecesse. Foi assim que me comportei desde o início da revolução até agora. Compreendi que, uma vez que uma revolução começara num Estado tão grande e complicado como o antigo Império Russo, não pararia se alguém o quisesse e que tínhamos que estar com o bolchevismo...

«Obviamente, no início de uma revolução há excessos e alguma confusão. Seria pouco realista esperar que isso não acontecesse aqui. Quem, quando ou como treinou este povo e quem se interessou mesmo por ele? Há muito que se sabe que as revoluções não começam ou acabam com uma ordem. Existe o decorrer natural dos acontecimentos que é impossível tanto para Kornilov como para Denikine mudarem.

(14) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 31, p. 137.

«Pertencendo ao meu povo, tinha de partilhar a sua sorte...» (15)

Em 1920, quando os Polacos Brancos atacaram a Rússia Soviética, A. A. Brusilov juntamente com eminentes generais do exército A. M. Zaionchkovski, V. N. Klembovski, A. Y. Gutor e outros dirigiram-se num apelo que foi publicado na *Pravda*, a todos os antigos oficiais para que «entrem voluntária e desinteressadamente para o Exército Vermelho, na frente ou na retaguarda, para onde quer que o Governo da Rússia dos Operários e Camponeses Soviéticos vos mandem e sirvam aí não pelo medo mas de acordo com a vossa consciência e com os vossos serviços honestos, não poupando a vossa vida para defender a nossa preciosa Rússia a todo o custo e não permitindo que ela seja saqueada...»

Mas o argumento mais convincente para os especialistas militares foi a política do Partido Comunista e do Estado soviético, dirigida para tornar a Rússia de país subdesenvolvido num poderoso Estado defendendo os interesses das mais amplas massas do povo, e a confiança e respeito que o Partido e o Estado soviético mostraram por aqueles que tinham vindo do outro campo e honestamente serviram os operários e os camponeses.

O Partido Comunista e o Estado soviético utilizaram amplamente os conhecimentos dos especialistas militares. O recrutamento de antigos oficiais e generais para a construção do Exército Vermelho permitiu que se acelerasse a formação do pessoal dos comissariados militares locais e que as suas actividades fossem postas em ordem, que se iniciasse o registo de reservistas, que se organizasse o treino militar dos operários e dos camponeses, que se acelerasse o processo de formação de destacamentos da Guarda Vermelha separados em unidades eficientes regulares e em formações e que se conseguisse o fornecimento de armas, munições e provisões ao exército.

(15) *Rossiya*, n.º 3 (12), 1924, pp. 148-149.

Os especialistas militares do exército ex-czarista prestaram um auxílio incalculável à organização de institutos de treino militar do Exército Vermelho e ao treino dos comandantes vermelhos. Por volta de Outubro de 1918 tinham sido organizados 39 cursos e escolas de pessoal de comando. Por volta de Janeiro de 1919, este número passou para 63 e por volta de 1921 para 153. Várias academias começaram também a trabalhar, incluindo a Academia do Pessoal General que preparava pessoal de comando altamente qualificado. Os antigos oficiais formaram praticamente todo o pessoal docente dos institutos militares soviéticos. De 378 comandantes e professores de curso na Frente Ocidental em 1920 existiam 349 antigos oficiais e apenas 29 comandantes vermelhos, assim divididos: de origem operária — 31, de origem camponesa — 94, dos intelectuais — 236, e outros — 17 (16).

Uma parte considerável dos velhos especialistas militares trabalhava em muitas instituições locais e centrais. Por exemplo, 184 especialistas militares serviam no Departamento Central de Artilharia do Exército Vermelho, dos quais 29 eram generais, 66 coronéis e tenentes-coronéis, 35 capitães e 54 tenentes, alferes e aspirantes (17) e no Supremo Conselho Militar 10 eram generais, 26 corónéis e tenentes-coronéis, 22 capitães e 30 tenentes, alferes e aspirantes (18).

Contudo, os antigos especialistas militares eram utilizados na sua maior parte em cargos de combate com unidades e formações e também em quartéis maiores e departamentos militares. Não havia um único regimento ou divisão em que não existissem antigos especialistas militares no comando ou com cargos em quartéis-generais.

(16) Arquivos Centrais do Estado do Exército Soviético, Fólio 104, Arquivo 10, Documento 12, p. 30.
(17) *Ibid.*, Documento 265, pp. 107-116.
(18) *Ibid.*, Fólio 4, Arquivo 10, Documento 265, pp. 1-11.

Nas unidades e formações que foram organizadas no Verão de 1918 nos distritos militares de Moscovo, Petrogrado, Yaroslav e outros, quase todo o pessoal de comando, desde os comandantes de pelotão aos de divisão, era formado por antigos especialistas militares.

Especialmente muitos antigos oficiais serviam nas unidades blindadas, na armada e na aviação, ou seja, nos ramos das forças que exigiam um conhecimento básico da tecnologia. Por exemplo, por volta do início de 1919, nas unidades da força aérea os antigos oficiais perfaziam 80 % dos pilotos, 60 % dos comandantes de esquadrão e 62 % dos comandantes da aviação da frente e do exército [19].

Dezenas de milhares de especialistas militares serviram honestamente o Estado do povo desde o momento em que se alistaram no Exército Vermelho. Entre eles havia dois antigos coronéis do velho exército que exerciam o cargo de Comandante-Chefe das Forças Armadas da República, I. I. Vatsetis (desde meados de 1918 a meados de 1919) e S. S. Kamenev (desde meados de 1919 até ao final da Guerra Civil). O coronel B. M. Shaposhnikov era chefe do departamento de operações do Quartel-General durante os anos da Guerra Civil, o coronel A. I. Yegorov, comandante na frente, o tenente M. N. Tukhachevski, também comandante na frente, e o tenente I. K. Bagramyan, tenente F. I. Tolbukhine, tenente-coronel A. M. Vasilevski e outros mais tarde tornaram-se marechais da União Soviética. O contra-almirante V. M. Altfater e mais tarde o capitão de 1.ª classe Y. A. Berens comandaram a Armada da República. O major-general A. A. Samoilo chefiou com êxito as acções militares da Frente Norte.

O marechal da União Soviética Zhukov escreve: «Ao relembrar o trabalho conjunto com os oficiais do antigo exército, devo dizer que na sua maioria eram filhos hones-

([19]) *Ibid.*, Fólio 30, Arquivo 1, Documento 86, pp. 14-15.

tos e conscienciosos do seu povo e dedicados à sua Pátria. Quando era necessário morrer em batalha com o inimigo, encaravam a morte sem tremer, com dignidade e valor militar.» ([20])

Muitos especialistas militares deram as suas vidas pelo Estado soviético e foram heróis da Guerra Civil. Quando o antigo general A. D. Stankevitch foi ferido e capturado, repeliu indignado todas as promessas feitas pelos Denikine e foi enforcado. As suas cinas estão agora enterradas na Praça Vermelha junto da muralha do Kremlin. O antigo general A. P. Nikolayev recusou servir os guardas brancos e foi executado por isso em Yamburg. O antigo coronel G. K. Petrov esteve entre os 26 comissários de Baku que foram abatidos pelos intervencionistas ingleses e os SRs em 20 de Setembro de 1918.

Há inúmeros exemplos semelhantes. Contudo, nem todos os antigos especialistas militares serviram o Estado soviético honesta e conscienciosamente. Não foram poucos os que se juntaram ao Exército Vermelho esperando destruir a sua capacidade de combate e com um objectivo directo de o trair pela causa contra-revolucionária. Os actos de traição dos especialistas militares como Muravyov, Nosovitch, Kovalevski e outros que ocuparam cargos de responsabilidade no Exército Vermelho e traíram as forças soviéticas provocaram muitas vítimas. Houve especialmente muitas traições cometidas por antigos oficiais em 1918. Mas mais tarde, à medida que o Estado soviético aumentava em força, o seu número diminuiu consideravelmente.

Um importante papel na construção do Exército Vermelho em geral e na utilização com êxito de especialistas em particular foi desempenhado pelos comissários militares. Teriam existido mais actos de traição e os seus resultados teriam sido piores, se o Partido Comunista não tivesse exercido um controle estrito e vigilante sobre as actividades

([20]) G. K. Zhukov, *op. cit.*, p. 57.

dos especialistas militares na forma da instituição dos comissários militares, que foi estabelecida em Abril de 1919.

Por volta do final de 1919, o número dos comissários militares no Exército tinha alcançado 5200.

Controlar as actividades dos especialistas militares foi uma das principais tarefas dos comissários. Estava ligada ao recrutamento de antigos oficiais para cargos de comando no Exército Vermelho e por isso tornou-se necessário encontrar este tipo de instituição, como foram os comissários militares. Um segundo ponto foi o controle dos comissários militares sobre as actividades dos especialistas militares, que tinha de dissipar a desconfiança natural que as massas do Exército Vermelho sentiam pelos antigos oficiais. A assinatura de um comissário em cada ordem servia de garantia de que ela não era uma traição.

Seria incorrecto supor que o dever dos comissários de controlarem os especialistas militares significava que tinham de os forçar a fazer o que era exigido pela situação de combate. Era impossível forçar um oficial com experiência de batalha a fazer algo contra sua vontade, a elaborar planos de operações com êxito ou a dar ordens de combate simplesmente empunhando uma pistola dirigida à sua cabeça. Além disso, havia dezenas de milhares de especialistas militares que serviam no Exército Vermelho e apenas existia, no final de 1919, por exemplo, um pouco mais do que cinco mil comissários.

O dever dos comissários militares consistia em mostrar vigilância, não dando origem a suspeitas infundadas, e na reeducação dos antigos oficiais czaristas para a compreensão da essência e do significado dos acontecimentos que tinham lugar no país, de modo a tomarem posições correctas na batalha contra os intervencionistas e os guardas brancos. Graças a um trabalho diário e laborioso de educação, baseado em confiança e exactidão feito pelos comissários militares, milhares de antigos oficiais deram os seus

conhecimentos e experiência à causa da classe operária e do campesinato trabalhador.

As relações mútuas entre os comissários militares e o pessoal de comando eram reguladas por instruções e estatutos especiais. Exigia-se dos comissários que criassem uma situação de cooperação activa, mútua compreensão e camaradagem.

Os comissários militares tinham também direitos claramente definidos a respeito dos comandantes dos oficiais do exército ex-czarista. Podiam suspender temporariamente um comandante se tivessem sérias razões para o fazer e mesmo prendê-lo, informando imediatamente os órgãos superiores deste facto. Contudo, em questões operacionais, o comandante tinha a palavra decisiva. O comissário era obrigado a assinar a ordem do comandante, mesmo que não concordasse com ela. Nestes casos, tinha o direito de apelar contra as acções do comandante para a categoria superior. Claro que na condução prática das acções militares havia desvios a esta regra conforme as circunstâncias o exigiam.

Um dever dos comissários mais importantes consistia em explicar ao Exército Vermelho e aos seus soldados a política militar do Partido Comunista, a necessidade da utilização dos especialistas militares do exército ex-czarista e eliminar a insubordinação e desconfiança pelos especialistas militares que honestamente serviam o povo revolucionário. Trabalhando lado a lado com os generais e outros oficiais do ex-exército czarista, os comissários militares aprenderam bastante com eles e eles mesmos se tornaram bons comandantes.

Por outro lado, os comissários e os comandantes comunistas auxiliaram os especialistas militares a finalmente cortarem com todos os laços do passado e a entrarem na via do serviço honesto à república socialista. Os oficiais do exército czarista convenceram-se de que os comissários eram autênticos patriotas que lutavam desinteressadamente pela liberdade e independência da sua Pátria. Isto

exerceu enorme influência sobre as suas opiniões. Por exemplo, N. M. Potapov, que já se mencionou atrás, notou que «a maleável transição do Ministério da Defesa czarista para o trabalho com os bolcheviques devia-se em grande medida ao tacto mostrado pelo então presidente do Comité Militar Revolucionário de Petrogrado, N. I. Podvoiski, que mais tarde veio a ser Comissário do Povo para os Assuntos Militares» (21).

A reeducação com êxito dos quadros de comando do antigo exército foi seguida não só pela instituição de comissários militares mas também por toda a gama de trabalho político do Partido desempenhado no Exército e pela atenção e respeito com que os especialistas militares que serviam honestamente o Estado soviético estavam rodeados.

Lénine escreveu sobre a reeducação dos especialistas militares: «Centenas e milhares destes especialistas traíram-nos e dezenas de milhares vieram servir-nos mais confiantemente, trazidos até nós pela própria luta, dado aquele entusiasmo revolucionário que fez maravilhas no Exército Vermelho e que derivou de termos servido e satisfeito os interesses dos operários e dos camponeses. Esta situação, na qual massas de operários e camponeses actuam em harmonia e sabem pelo que lutam, produziu o seu próprio efeito e ainda números cada vez maiores de pessoas que vêm para o nosso lado vindas do outro, algumas delas inconscientemente, tornaram-se e tornam-se nos que nos apoiam conscientemente.» (22).

Os generais da guarda branca tentaram desacreditar aos olhos do Estado soviético esses especialistas militares que serviam honestamente o Exército Vermelho e assustá-los com ameaças de violentas represálias. E se um

(21) N. M. Potapov, «*Zapiski o Pervykh Shagakh Sovetskogo Voyennogo Stroitelstva*» (Notas sobre o Início da Construção do Exército Vermelho); *Voyennoistorichesky Zhurnal*, n.º 1, 1968, p. 62.

(22) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 30, p. 224.

antigo oficial, agora comandante vermelho, fosse feito prisioneiro pelos Brancos, podia ter a certeza de não contar com misericórdia. Aos olhos dos oficiais da guarda branca, ele era mesmo mais um «traidor à sua Pátria» do que um convicto comunista. Num dos seus jornais, os guardas brancos escreveram: «Enquanto ainda é possível perdoar a um bolchevique de base por crimes contra o Pátria, para um general, alguém como Samoilo, não pode haver misericórdia. Enforquem esse traidor!»

V. I. Lénine desempenhou um papel particularmente importante na atracção de antigos oficiais para o Exército Vermelho. Não só lutou firmemente contra os opositores da utilização de antigos oficiais czaristas, mas fez muito para fortalecer o Exército Vermelho com comandantes experientes, seguindo cuidadosamente o trabalho dos antigos especialistas militares e ajudando-os. Conhecia muitos pessoalmente, aconselhava-os, procurava o seu conselho e tomou uma parte directa na selecção e promoção de antigos oficiais para cargos de comando responsáveis.

Como já foi mencionado, o pessoal de comando do Exército Vermelho consistia em grande medida em oficiais do ex-exército czarista e ocupava, em regra, elevados cargos nos quartéis-generais e nas unidades militares maiores. Os antigos especialistas militares tinham o seu papel a desempenhar em acções de combate do Exército Vermelho. Contudo, ao avaliarmos o seu papel, não devemos encarar a questão apenas sob o ponto de vista das proporções deste grupo no pessoal de comando do Exército Vermelho.

Os antigos especialistas militares foram capazes de usar o seu treino para auxiliar os operários e os camponeses na luta contra os guardas brancos e os intervencionistas apenas devido à correcta linha leninista sobre a utilização dos quadros de comando oriundos do antigo exército para a defesa do jovem Estado soviético.

O Partido Comunista e o Governo soviético confiaram aos oficiais do antigo exército importantes cargos de comando no Exército Vermelho mesmo depois de ter ter-

minado a Guerra Civil. Por exemplo, em Fevereiro de 1923, oficiais do ex-exército czarista perfaziam 82 % dos comandantes dos regimentos de infantaria, 83 % dos comandantes de corpos e divisões e 54 % de todos os comandantes de tropas. Estavam menos representados entre os comandantes de cavalaria (41 %) ([23]). Na Armada, por exemplo, na Armada do Báltico, o alto comando consistia em 71% de antigos nobres tal como no início de 1927 e 90 % dos capitães de navios eram também de origem nobre ([24]).

Com o auxílio dos antigos especialistas militares, dezenas de milhares de comandantes do Exército Vermelho de origem camponesa e operária foram treinados e desempenharam um papel importante na Guerra Civil, no posterior fortalecimento do Exército Vermelho e na direcção das operações militares das tropas soviéticas na Grande Guerra Pátria.

Para a maioria dos intelectuais militares, assim como para os intelectuais russos como um todo, a sua regeneração interna e o corte radical com as suas antigas posições foi um processo complicado e doloroso. Muitos apenas se assustaram pela singularidade deste ponto de viragem nos seus destinos e pela obscuridade e complexidade da situação. Contudo, os intelectuais militares foram os primeiros a quebrar com o passado e a fazerem rapidamente uma escolha final. A activa participação em acções militares contra a contra-revolução interna e externa, o heroísmo das massas do Exército Vermelho, o trabalho político das organizações do Partido e dos comissários militares, o esforço dos bolcheviques para tornar a Rússia uma potência poderosa e independente, tudo serviu para favorecer o facto de dezenas de milhares de antigos oficiais

([23]) *Izvestiya VTsIK*, 23 de Fevereiro de 1923.

([24]) A. M. Iovlev, «*K Istorii Borby Partii za Peaekhod k Yedinenachaliyu v Krasnoi Armii* (1924-1931)» (Para a História da Luta do Partido para Introduzir o Sistema de um Chefe do Exército Vermelho), *Voprosy Istorii KPSS*, n.º 12, 1964, p. 29.

se terem fundido com o resto do pessoal de comando do Exército Vermelho. Em batalha, onde o genuíno valor tanto das palavras de ordem políticas como das qualidades individuais pessoais se tornou manifesto, foi mais fácil para uma pessoa honesta ver de que lado estava a verdade. E se em condições «normais» um intelectual levasse anos a perceber o grande significado dos acontecimentos correntes, nas duras batalhas da Guerra Civil um intelectual militar precisava apenas de alguns meses. Neste caso a escolha era simples: ou o serviço honesto prestado ao Estado soviético ou a traição, a deserção para o lado do inimigo. Dezenas de milhares escolheram servir o povo.

Os cientistas e os tecnólogos

Depois da vitória da Revolução de Outubro, a classe operária e o campesinato laborioso encararam a enorme e complicada tarefa de reconstrução da economia nacional desde as suas fundações. Em numerosos discursos e artigos a partir do final de 1917 — início de 1918 e especialmente na sua obra *As Tarefas Imediatas do Governo Soviético*, Lénine claramente formulou os objectivos imediatos do fortalecimento político do Estado soviético e as tarefas económicas imediatas na reconstrução socialista da economia.

Lançar os fundamentos de uma sociedade socialista sem utilizar todas as conquistas da ciência e da tecnologia e, obviamente, sem recrutar especialistas em todos os ramos do conhecimento era impossível. Lénine sublinhou que a construção de uma base para a sociedade socialista podia apenas ser levada a cabo com êxito se se apoiasse firmemente em factos científicos e tecnológicos, que uma condição prévia para a construção do socialismo era atrair os cientistas, os engenheiros, os técnicos, etc., para desempenharem as tarefas que a República Soviética encarava. Escreveu: «Sem a direcção dos peritos nos vários campos

de conhecimento, tecnologia e experiência, a transição para o socialismo será impossível, dado que o socialismo apela para um avanço de massa consciente para maior produtividade de trabalho comparada com o capitalismo e na base realizada pelo capitalismo.» ([25]) Além disso, o recrutamento de especialistas burgueses para a solução dos problemas económicos que a classe operária encarava era um dos componentes do plano de lançamento da construção do socialismo.

Os órgãos soviéticos admitiram a cooperação dos intelectuais burgueses nos mais variados ramos da construção do Estado e da cultura. Isto foi ditado não só por considerações de política económica mas também pelas necessidades políticas do momento. Era necessário formar os intelectuais na vida industrial e cultural do país, ligar as suas actividades à construção prática da economia, convencê-la de que o Estado soviético se tinha fixado o objectivo de restaurar a economia do país numa base económica, política e cultural mais forte.

Era especialmente importante assegurar a cooperação dos velhos intelectuais mais qualificados — cientistas, engenheiros, professores primários e de educação superior. No início de Janeiro de 1918, foi criado o Departamento para a Atracção das Forças Científicas para a Construção do Estado dentro do Comissariado do Povo para a Educação. Em Fevereiro do mesmo ano, foi fundado um Conselho de Peritos no Supremo Conselho Económico ([26]), cuja tarefa consistia em unir as forças tecnológicas e científicas do país para auxiliarem nas tarefas económicas, e em Agosto o Departamento Científico e Tecnológico do

([25]) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 27, p. 248.

([26]) O Supremo Conselho Económico foi criado sob a dependência do Conselho dos Comissários do Povo em Dezembro de 1917. Os seus deveres eram a organização de toda a economia nacional e das finanças.

Supremo Conselho Económico foi fundado de modo a aproximar mais a ciência e a tecnologia das necessidades da produção. A actividade deste departamento auxiliava a união das forças científicas e tecnológicas e o recrutamento da sua cooperação para os órgãos soviéticos. Os empregados permanentes, membros de conselhos, consultores e peritos neste departamento consistiam em 250 professores, 300 engenheiros e cerca de 240 outros especialistas.

O Partido e o Estado soviético prestaram muita atenção ao mais poderoso estabelecimento científico no país — a Academia das Ciências. Antes da Revolução, a Academia das Ciências da Rússia ocupava uma posição privilegiada. O governo czarista garantia-lhe uma certa «autonomia» e ao mesmo tempo os órgãos governamentais verificaram cuidadosamente se a Academia das Ciências não se «profanava» permitindo que opiniões «esquerdistas» entrassem dentro das suas portas.

Um espírito de casta e um sentimento de apoliticismo desenvolveram-se no meio académico. Muitos académicos acreditavam que a ciência e a política eram incompatíveis e que não havia lugar para a política no laboratório ou no estudo dos cientistas.

O seu isolamento da vida social do país levou os membros da Academia das Ciências a considerarem a Revolução de Outubro como um acontecimento inesperado e «absurdo». Alguns esperavam que o «encanto demoníaco» se quebrasse em breve e que tudo voltasse à forma normal. Mas o tempo passou e a revolução aprofundou-se e propagou-se. Os operários e os camponeses não iriam obviamente entregar de novo o poder a ninguém, poder esse que tinham ganho em duras batalhas. Então, a atitude dos membros da Academia das Ciências para com o Estado soviético começou a mudar.

Depois de conversas preliminares, o Comissário do Povo para a Educação, Lunatcharski, dirigiu-se em Março de 1918 à direcção da Academia das Ciências numa carta

oficial na qual perguntava que participação o seu colectivo propunha dar para a construção do Estado soviético. Na sua resposta, o presidente da Academia, A. P. Karpinski, disse que a Academia das Ciências oferecia os seus serviços para ajudar «à mais rápida e frutuosa revelação das nossas forças produtivas para as necessidades do povo» (27). Anexa a esta carta, via-se uma nota da Comissão para o Estudo das Forças Produtivas Naturais do País com um plano detalhado para a possível participação da Academia das Ciências na prospecção de minério e no campo da energética, canalizações, agricultura, etc.

A vontade dos cientistas em cooperar com o Estado proletário não significava, evidentemente, que tivessem passado completamente para o campo soviético. Mas como os cientistas exprimiam o desejo de ajudar o seu povo numa altura difícil, mesmo apesar do facto de os comunistas estarem à frente do país, o Partido considerou que isto era uma base a partir da qual se alargaria a cooperação e a reeducação dos cientistas.

Em 12 de Abril de 1918, o Conselho dos Comissários do Povo da RSFSR tomou a decisão, relacionada com a oferta feita pela direcção da Academia das Ciências, de financiar o seu trabalho. O Governo reconheceu que uma importante e premente tarefa consistia em resolver o problema da distribuição geográfica correcta da indústria e a utilização mais racional das suas capacidades.

Apesar das condições desesperadamente difíceis resultantes da Guerra Civil, o Governo soviético encontrou os meios para criar novos institutos de investigação científica, entre os quais se contam o Instituto de Platina e Metais Raros, os Institutos Químico, Hidrológico e Óptico, o Instituto Físico-Tecnológico de Petrogrado, o Instituto de Radioscopia, o Instituto Central de Aerodinâmica, o Radiolaboratório Nizhny Novgorod e outros. Sobretudo nos pri-

(27) *Izvestiya Rossiiskoi Akademii Nauk,* Séries VI, n.º 14, 1918, p. 1395.

meiros dois anos da existência do Estado soviético surgiram 117 novas instituições científicas. «Contudo, por muito paradoxal que possa parecer — lembra o académico A. F. Ioffe — num período de fome, frio e guerra civil, foi necessário começar a construir a ciência... Nós, cientistas, considerámos ser este o nosso dever e que ao fazermos isto tomaríamos as nossas responsabilidades em relação ao futuro. Além disso, muito cedo, mesmo em 1918, no tempo dos acontecimentos mais violentos... começámos, primeiramente, a construir institutos científicos...»

O Estado soviético prestou a maior atenção aos cientistas. Basta dizer que apenas seis dias depois da assinatura pelo Governo do decreto sobre a organização do Instituto Físico-Tecnológico, o seu colectivo pôde começar o trabalho científico. E isto passou-se em Setembro, quando a República Soviética estava numa posição desesperada.

A política do Partido Comunista e do Estado soviético sobre a formação dos cientistas na construção de uma nova sociedade provocou um efeito benéfico sobre os sentimentos políticos e a psicologia dos trabalhadores científicos e tecnológicos. Muitos quiseram cooperar com o novo Estado e expressaram este desejo pela sua activa participação na resolução de problemas da economia e da defesa. A Comissão Académica para o Estudo das Forças Produtivas Naturais do País alargou a sua actividade.

Com a activa participação de L. B. Krasine, G. M. Krzhizhanovski e o professor M. A. Shatelen, um grande número de cientistas e engenheiros começaram um trabalho de investigação no campo da electroenergética. O trabalho de investigação e de projecto começou com a instalação das estações de energia eléctrica de Kashira perto de Moscovo e das estações eléctricas distritais de Nizhny Novgorod e Ivanovo-Voznesensk. A prospecção geológica foi realizada no Cazaquistão e nos Urais do Sul, na bacia de carvão de Moscovo e na região da anomalia magnética de Kursk. As expedições zoológicas e botânicas estudaram os problemas de importância para a economia nacional:

métodos de tratar pragas de plantas, investigaram as pescas, etc.

Foi possível admitir um considerável número de cientistas no trabalho das necessidades de defesas do país. Por exemplo, o Instituto Central de Aerodinâmica (TsAGI), fundado em 1918 sob a direcção de N. Y. Zhukovski, elaborou uma série de estudos valiosos para o Exército e a Marinha. Pode-se dizer o mesmo em relação ao Instituto Físico-Tecnológico que fez um grande trabalho de investigação no campo dos explosivos. Ao cumprirem as ordens do Exército Vermelho, os cientistas resolveram muitos problemas tecnológicos complicados.

O trabalho científico noutros campos importantes também não foi interrompido. Em Junho de 1920, em Saratov, no Congresso de Selecção de Toda a Rússia, o futuro fundador e primeiro presidente da Academia das Ciências Agrícolas da União dos Sindicatos Lénine, professor N. I. Vavilov, proferiu um discurso com grande significado científico e prático no qual fez uma exposição sobre os novos princípios de mutação. Esta teoria, ou como foi chamada pelo seu autor, a lei da série homológica na mutação genética, foi um acontecimento da maior importância na ciência biológica mundial e tornou-se um ponto central no trabalho de botânicos, cultivadores de plantas e agrónomos. Esta descoberta contribuiu muito para a transformação no futuro próximo da agricultura do país.

No auge da Guerra Civil, um grupo de jovens cientistas, M. Y. Susline, P. S. Uryson, P. S. Alexandrov, A. Y. Khinchine, D. Y. Menshov e A. N. Kolmogorov, trabalhou em importantes problemas teóricos no campo matemático. O Instituto da Platina, sob a direcção do académico N. S. Kurnakov, contribuiu de muitas formas para alargar a investigação a metais raros. O trabalho realizado pelo laboratório do académico A. F. Ioffe deu início ao estudo da coesão dos cristais. O director do Instituto Óptico, professor D. S. Rozhdestvenski fez uma importantíssima descoberta sobre a estrutura do átomo em 1919, ao descobrir a estrutura do átomo do lítio.

Não exageramos se dissermos que os primeiros anos da existência do Estado soviético assistiram à fundação da escola soviética de física a quem o mundo deve os primeiros satélites, feitos pelo homem, da terra e da lua, a primeira viagem no espaço realizada pelo homem e descobertas muito importantes no campo da energia atómica.

Durante os anos da Guerra Civil, o conhecido inventor e cientista F. A. Tsander trabalhou na concepção de um motor de foguetão que podia ultrapassar a gravitação da terra. Na sua autobiografia escreveu: «No final de 1920, falei sobre o meu motor na conferência da gubernia dos inventores em Moscovo... e falei sobre o meu projecto para aeronaves interplanetárias... Vladimir Ilitch prometeu apoio. Depois disso trabalhei mais intensamente porque queria apresentar estudos mais completos...»

Quando foi levantado o bloqueio à República Soviética, o mundo científico estrangeiro viu com autêntico espanto que um país rodeado por linhas de batalha e devastado pelos intervencionistas, um país sobre o qual toda a gente pensava que tudo nele tinha caído e no qual os intelectuais tinham sido «aniquilados pelos comissários», esse país alcançou importantes êxitos nos ramos mais avançados da ciência e da tecnologia.

O estabelecimento do plano para a electrificação da Rússia era uma conquista considerável do pensamento científico. Por iniciativa de V. I. Lénine, em princípios de 1920 foi fundada a Comissão do Estado para a Electrificação da Rússia e notáveis trabalhadores científicos e tecnológicos tomaram parte nas suas actividades — os professores G. O. Graftio, Y. Y. Shulgine, A. A. Gorev, I. G. Alexandrov, K. A. Krug, M. A. Shatelen e muitos outros. A obra teve lugar sob a direcção de Lénine e do distinto cientista comunista G. M. Krzhizhanovski. Lénine notou: «Mais de duzentos especialistas trabalharam nele com profundo interesse, apesar de não serem comunistas. Contudo,

sob o ponto de vista da técnica, tinham de admitir que esta era a única maneira correcta.» ([28])

Os membros da comissão não concordaram com a amplitude do projecto e com o seu significado para o futuro do país. Uma parte comparativamente pequena dos especialistas não acreditava na possibilidade da transformação socialista do país e tentou de todas as maneiras reduzi-la a um plano de simples restauração da economia destruída pelos anos da guerra, mas a maioria dos cientistas viu no plano para a electrificação da Rússia o início do renascimento do país numa base económica poderosa. A participação na aplicação do plano foi uma excelente escola de reeducação política para eles. Alguns eminentes especialistas conseguiram sair da sua estreita e burguesa estrutura de ideias sobre o desenvolvimento das forças da produção e viram que o ressurgimento económico do país estava ligado às oportunidades sociais que estavam a ter lugar na Rússia.

No prefácio do plano, os especialistas escreveram: «Fomos inspirados pelo desejo de responder o melhor que pudermos ao grande trabalho de criação de uma nova vida, que o destino desejou que o nosso país introduzisse... Sentimo-nos seguros do nosso futuro, ele está nas boas mãos dos verdadeiros construtores da vida...»

O facto de nas condições inacreditavelmente difíceis do bloqueio, da fome, da Guerra Civil e da intervenção ter surgido no meio académico um activo pensamento criativo, de a ciência se ter aproximado mais da vida do povo e das suas necessidades deve ser considerado um acontecimento importante na história dos intelectuais russos. Gorki, que estava em íntimo contacto com o mundo científico nesses anos e que ele mesmo fez muito para o estabelecimento de compreensão mútua entre os cientistas e o Estado soviético, afirmou mais tarde numa carta ao

([28]) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 32, p. 493.

académico S. F. Oldenburg: «Observei o modesto heroísmo e a estóica coragem com que os criadores da ciência russa viviam no meio da fome e do frio agonizantes, vi como trabalhavam e vi como morriam. Durante esse tempo fiquei imbuído de um sentimento de profundo e respeitoso entusiasmo por vocês, investigadores livres, sem medo e heróicos. Penso que os cientistas russos deram ao mundo uma lição maravilhosa de estoicismo através das suas vidas e do trabalho nos anos da intervenção e bloqueio e que a história contará ao mundo acerca desse tempo com o mesmo orgulho no povo russo que eu sinto ao escrever-vos estas simples palavras.» ([29])

★

Nos primeiros anos do poder soviético, surgiu uma situação altamente complicada nas universidades e institutos. A maior parte do antigo professorado encontrou-se depois da revolução numa encruzilhada. Não tomou parte activa na luta anti-soviética, mas ao mesmo tempo, pela força de longas tradições, hábitos e opiniões, não podia aceitar o poder soviético. No que diz respeito aos estudantes, muito deles estudando em institutos de educação superior, vacilaram ou desperdiçaram o seu tempo e muitos sustentaram opiniões opostas, que surgiram em alguns casos não tanto de motivações políticas mas de considerações religiosas, éticas e vulgares. Mas houve estudantes que responderam ao apelo para defender a revolução. Os estudantes democráticos em particular tomaram parte na formação das forças armadas a fim de expulsar os invasores alemães. Os estudantes da Universidade de Moscovo, por exemplo, fundaram um batalhão de estudantes, uma unidade médica, etc.

A camada superior do professorado burguês avançou a palavra de ordem da não interferência da ciência e da edu-

([29]) *Pravda*, 4 de Setembro de 1925.

cação superior na política. Assim, em Janeiro de 1920, o quadro de professores do Instituto de Moscovo de Mecânica e Engenharia declarou numa das suas resoluções que tomava uma posição «de total não interferência na vida política do país... dado que a tecnologia científica não está de forma alguma ligada à política». Houve inúmeras afirmações deste tipo.

«Não interferência» na política certamente não evitou que uma parte do professorado se imiscuísse tanto secretamente como abertamente nos assuntos do jovem Estado soviético e que ajudasse os generais da guarda branca e os intervencionistas nas suas tentativas para derrubar o Poder dos Sovietes. Os professores reaccionários tomaram parte em conspirações e revoltas contra-revolucionárias, recusaram trabalhar em universidades e institutos e sabotaram as medidas tomadas pelo Estado soviético no campo da educação.

Mas não existiam outros professores. Além disso, foi necessário confiar o treino dos novos especialistas a estes professores embora na sua maioria fossem apolíticos e por vezes mesmo abertamente anti-soviéticos. Exigências supérfluas como a selecção de professores por linhas de classe não era possível. O que era preciso fazer consistia em neutralizar e tornar impotentes as camadas superiores reaccionárias deste extracto dos intelectuais, aproximar o cerne dos professores da parte mais progressista do professorado e, finalmente, convencer todo o professorado de que só o sistema socialista podia dar as mais favoráveis possibilidades para um desenvolvimento geral da ciência e da cultura.

Em primeiro lugar na ordem do dia estava a questão da democratização da educação superior dado que a antiga forma da escolaridade superior não podia ser colocada ao serviço do Estado soviético sem reformas fundamentais. Não se tratava da destruição completa da estrutura organizativa da educação superior e de expulsar todos os professores burgueses das suas instituições, mas da reestru-

turação extremamente cuidadosa de tal modo que ela se tornasse educação superior para todo o povo e acessível a todos, transformá-la de arma da classe da burguesia numa regra para a reconstrução da sociedade numa base comunista. A reforma da educação universitária foi contemplada tendo em vista a democratização da educação superior. O projecto de reforma propunha a educação livre, a abolição de diplomas e de graus de educação como uma condição para o emprego nas faculdades, competição pública obrigatória para cargos de chefe de faculdade e a eleição do professorado por prazos que não excedessem cinco anos. À frente da universidade estaria um conselho de representantes dos professores, dos estudantes, o Comissariado do Povo para a Educação e a população trabalhadora. A reforma dos currículos que dependiam das exigências da economia nacional foi também contemplada.

Ao conceber a reforma, o Partido e os órgãos soviéticos propuseram pô-la em prática sem recorrer a pressões ou coacção, mas por meio de acordos voluntários com o professorado burguês. O projecto de reforma da educação universitária foi submetido a discussão em duas reuniões de trabalhadores da educação superior que tiveram lugar em Julho e Setembro de 1918. Decidiu-se que o professorado faria uma abordagem obrigatória da discussão dos urgentes problemas da educação superior, acrescentaria os seus comentários e sugestões e basicamente aceitaria o projecto de reforma. A parte progressista do velho professorado fez exactamente isto. Os esetudantes revolucionários acolheram também calorosamente a projectada reforma democrática na educação superior.

O professorado da direita, contudo, defendendo realmente os seus antigos privilégios de casta, opuseram-se duramente ao projecto de reforma. Todas as acções dos opositores da reforma se resumiam à defesa da palavra de ordem de «autonomia» para a educação superior e à não interferência pelo Governo nos seus assuntos.

Toda a discussão fez ver claramente que o professorado de direita não abandonaria voluntariamente a sua posição e que considerava o apelo para a cooperação como um sinal da fraqueza do Governo soviético. Deve igualmente notar-se que a linha esquerdista do Proletcult e também de alguns trabalhadores no Comissariado do Povo para a Educação tornaram difícil alcançar melhores e mais positivos resultados.

Um grupo do Proletcult apresentou ao Comissariado do Povo para a Educação o seu próprio projecto de reforma para as instituições científicas e de educação superior no qual propunham, «no interesse de assegurar a unidade do plano e de economizar esforços e despesas», encerrar as universidades e outros estabelecimentos de educação superior e em vez deles fundar «institutos científicos de educação homogéneos» e ao mesmo tempo dissolver a Academia das Ciências.

O Partido Comunista não podia, evidentemente, concordar com as exigências feitas pelos elementos esquerdistas e começou a reestruturação gradual da educação superior contrariando os sentimentos reaccionários e as opiniões do antigo professorado. Um dos principais métodos de influenciar o antigo professorado consistia em alterar a composição de classe do corpo estudantil aumentando radicalmente os números de estudantes de origem proletária e camponesa. Por um decreto do Conselho dos Comissários do Povo da RSFSR em 11 de Dezembro de 1917, todas as instituições de educação superior ficavam subordinadas ao Comissariado do Povo para a Educação. Em 2 de Agosto de 1918, o Conselho dos Comissários do Povo da RSFSR assinou uma resolução Sobre a Admissão nas Instituições de Educação Superior da RSFSR, que foi elaborada por Lénine, e no mesmo dia assinou o decreto Sobre as Regras de Admissão nas Instituições de Educação Superior. Os documentos foram um acontecimento na via para a formação de novos intelectuais soviéticos: estas

decisões governamentais abriam as portas dos estabelecimentos de educação superior a todos os cidadãos com mais de dezasseis anos. As restrições à admissão para as instituições de educação superior devido à nacionalidade, estado ou classe foram abolidas, o mesmo sucedendo às mensalidades. O ensino dos dogmas religiosos foi proibido.

A abolição dos exames de admissão para os estabelecimentos de educação superior e a manutenção dos estudantes mais pobres foram um passo importante em direcção à liquidação daquilo que eram barreiras virtuais contra o acesso dos operários e dos camponeses à educação superior. Ao mesmo tempo, foi também necessário encontrar métodos tais de organização da preparação de massa do povo trabalhador para a educação superior que permitissem no mais curto prazo encher as instituições de educação superior com estudantes proletários.

No início do Outono de 1918 começou a procura de métodos possíveis. A primeira ideia foi criar cursos preparatórios rápidos que poderiam dar aos que os frequentassem os necessários conhecimentos gerais. Contudo, estes cursos não tiveram muito êxito em Moscovo. Então, das próprias massas trabalhadoras surgiu a ideia de organizar faculdades de operários ligadas às instituições de educação superior. Estas facultariam estudos durante vários anos. É interessante notar que a ideia da criação destas faculdades operárias recebeu a completa aprovação do professorado dos institutos tecnológicos.

A primeira faculdade foi criada em Janeiro de 1919, ligada ao Instituto Comercial de Moscovo (agora Instituto de Economia Nacional Plékhanov), e a segunda na Universidade de Moscovo. Em 15 de Setembro de 1919, o Comissariado do Povo para a Educação assinou uma resolução Sobre a Organização das Faculdades Operárias Ligadas às Universidades, que serviu para avançar na criação de faculdades operárias noutras instituições de educação superior.

O que havia de particular sobre as faculdades operárias como instituições de educação de um tipo especial, de

classe, era o facto de apenas os operários e os camponeses terem o direito de aí serem educados. Também de grande importância para as faculdades operárias foi o decreto Sobre as Faculdades Operárias assinado por V. I. Lénine em 17 de Setembro de 1920 que sublinhou que a principal tarefa destas faculdades era «incluir as massas proletárias e camponesas no campo da Educação Superior».

Os decretos e resoluções do Governo soviético não podiam evidentemente resolver de imediato o problema da democratização dos estabelecimentos de educação superior. Mas tinham sido criadas as primeiras rupturas nas defesas defesas de casta da educação superior. Os operários, os camponeses pobres e os soldados do Exército Vermelho entraram no número daqueles a quem era permitida educação superior. O aspecto de classe da educação superior mudou todos os anos.

Ao mesmo tempo que tomava medidas para mudar o aspecto de classe daqueles que frequentavam a educação superior, o Estado soviético lutou contra os aspectos corporativos e de casta do pessoal docente. O professorado burguês opunha-se firmemente a qualquer interferência nas suas actividades científicas e educativas e considerava quaisquer tentativas feitas por órgãos ou pessoas competentes para controlar a qualidade e o conteúdo das suas lições como altamente insultosas. Como resultado, os departamentos universitários e institucionais ensinavam por vezes o obscurantismo mais chocante e o misticismo.

De facto, esta «autonomia» dos professores e da educação superior como um todo produzia um efeito negativo na qualidade do treino de especialistas e impedia o crescimento dos jovens quadros científicos e pedagógicos. O Estado soviético lutou pela criação de condições para a renovação de quadros docentes na educação superior e ao mesmo tempo pela colocação sob controle do velho professorado. Um decreto de 1 de Outubro de 1918 aboliu

os graus académicos [30] de Doutor e de Mestre de Ciência e também o título de pós-graduado. A fim de estimular o influxo de novos professores, professores assistentes que leccionavam cursos independentes foram elevados à categoria de professores. Foi introduzido o sistema de concursos para ocupar cátedras. A ocupação da cátedra era permitida a pessoas que fossem conhecidas pelos seus trabalhos científicos ou pelas suas actividades pedagógicas científicas. Na realidade, esta medida, não produziu a princípio os resultados desejados. No Outono de 1918, na base do concurso de toda a Rússia, tiveram lugar novas eleições nas quais os elementos reaccionários conseguiram vencer alguns dos professores progressistas, por exemplo, o conhecido astrónomo bolchevique P. K. Shternberg; o grande cientista K. A. Timiryazev foi eleito para um cargo de professor com uma escassa maioria de votos. Mas, à medida que o tempo passou, a selecção por meio de concurso dos quadros docentes tornou possível admitir muitos cientistas com um grande talento e progressistas para as instituições de educação superior.

Deram-se mudanças importantes no sistema organizativo dos corpos dirigentes das instituições de educação superior. Primeiramente, foram representantes na maior parte do professorado que se colocara à sua frente (a direcção das instituições de educação superior, faculdades e departamentos. Estes corpos travavam políticas correspondentes — tentaram impedir a entrada da juventude operária e camponesa nas principais faculdades e organizaram reuniões privadas de professores nas quais eram tomadas resoluções anti-soviéticas, etc.

Assim, para vencer a oposição do professorado burguês e a dos estudantes reaccionários, foi estabelecido um corpo

[30] O grau de doutor em Ciências foi restaurado na URSS em 1934 e o seu número elevava-se a 29 800. Em 1934 o grau de Candidato em Ciências foi estabelecido e por volta de 1973, possuíam-no 288 300 trabalhadores científicos.

de comissários autorizados e de comités revolucionários na educação superior. Os comissários autorizados foram nomeados entre operários dos Sovietes e trabalhadores do Partido com elevada educação que estavam relacionados com a educação superior. O seu dever consistia em ajudar a reconstrução revolucionária da educação superior e auxiliar a organização dos estudantes proletários, o estabelecimento de forças progressistas no pessoal docente e a propagação do socialismo. Amplos poderes e autoridade foram também concedidos aos comités revolucionários que consistiam em comunistas e activistas estudantes sem Partido.

A destruição da consciência de classe do professorado de direita foi também auxiliada pela introdução nos corpos docentes das instituições de educação superior de representantes oriundos dos estudantes comunistas e outros grupos que tinham tomado uma posição de apoio ao Estado soviético. Isto permitiu aos estudantes proletários tomar parte activa no desenrolar da educação superior, pôr termo a acções hostis realizadas pelo professorado de direita e recuperar os estudantes progressistas.

As medidas tomadas pelo Estado soviético para democratizar a educação superior encontraram a oposição do professorado reaccionário e dos estudantes anti-soviéticos. Protestos e declarações foram enviados ao Comissariado do Povo para a Educação, os professores progressistas encontraram obstáculos no seu caminho, foram anunciadas demissões, etc. Em 1919, em Petrogrado foi criado o Conselho Unido dos Estabelecimentos Superiores de Educação e Científicos que protestou contra as medidas tomadas pelo Governo no campo da educação superior e exerceu pressão sobre os seus membros proibindo-os de ocuparem cargos administrativos. Mas, ao mesmo tempo, as acções dos corpos soviéticos receberam o total apoio dos professores progressistas assim como da parte dos intelectuais que compreendia o significado das mudanças que estavam

a ter lugar e honestamente forneceram os seus conhecimentos ao povo.

O Partido Comunista dedicou grande atenção à utilização de quadros dos velhos intelectuais nos corpos directivos da indústria e directamente em empresas. Um decreto especial introduzia o registo obrigatório de todos os especialistas incluindo aqueles que, apesar de não possuírem educação tecnológica especial, tinham durante dois ou mais anos ocupado cargos de responsabilidade como organizadores tecnológicos em empresas industriais, de transportes ou agrícolas, e também de estudantes nos últimos quatro períodos de todas as faculdades de tecnologia. Estes especialistas podiam ser chamados em qualquer altura.

Em 1920, o Supremo Conselho Económico empregava 14 890 especialistas, o Comissariado do Povo para os Caminhos de Ferro 4936, etc. Na totalidade, o Bureau de Registo Central das Forças Tecnológicas contava 50 275 especialistas de economia a trabalhar nos vários comissariados.

Nos corpos dirigentes da indústria era absolutamente necessário ter especialistas. Estes eram antigos membros da administração superior e média, pessoal comercial e tecnológico, antigos donos de fábricas, engenheiros, técnicos, cientistas, etc. Todas as ordens para a condução das empresas nacionalizadas sublinhavam constantemente a necessidade de participação de especialistas tecnológicos nos corpos dirigentes económicos em não menos do que um terço do seu número total.

A maioria dos trabalhadores compreendeu que o trabalho normal das empresas podia apenas ser assegurado com o auxílio dos especialistas burgueses. O Governo recebeu muitos pedidos de oficinas, fábricas e minas, nos quais os operários pediam que lhes fossem enviados engenheiros, técnicos e administradores. Sabiam que muitos especialistas eram hostis à nova ordem e que abandonariam a empresa na primeira oportunidade, mas apesar de tudo permitia-se-lhes que ocupassem cargos de responsabilidade.

Claro que nem todos os tecnólogos burgueses se entenderam com o novo Estado e o serviram ou tomaram uma posição de neutralidade. Muitos especialistas burgueses travaram guerra activa ou passiva contra o Estado dos operários e camponeses e tentaram miná-lo de uma maneira ou outra.

A burguesia deslocada não tinha ainda, contudo, fixado aos especialistas anti-soviéticos a tarefa de destruir os importantes centros económicos e as empresas. Pelo contrário, estando convictos de que o Estado soviético em breve cairia e que o capitalismo seria restaurado, interessavam-se por preservar as principais capacidades produtivas do país.

Os especialistas burgueses mais reaccionários não se limitaram à sabotagem passiva, mas tomaram parte directa nas acções militares dos exércitos da guarda branca e dos intervencionistas contra o Estado soviético, foram praticipantes ou dirigentes em organizações clandestinas contra-revolucionárias e tomaram parte em actividades subversivas na frente e na retaguarda do Exército Vermelho.

O período da Guerra Civil está cheio de casos de actividades antipopulares, contra-revolucionários, praticados por muitos especialistas burgueses. A sua participação em sabotagens abertas e dissimuladas e em conspirações e revoltas não foi de modo algum um caso raro.

É evidente que os órgãos soviéticos castigaram severamente os contra-revolucionários abertos de acordo com a legislação estrita que protegia a segurança do Estado proletário. Mas uma política de repressão não foi exercida sobre aqueles especialistas que, apesar de não serem condenados por contra-revolução aberta, continuaram a ser inimigos potenciais do Estado soviético. Ao vencer a sua oposição sem fazer concessões políticas, o Estado soviético tentou chamar os especialistas burgueses para o trabalho criativo da fundação da economia socialista.

O IX Congresso do PCR(B) realizado em 1920 recomendou vários métodos de aprendizagem com os especialistas

e de controle do seu trabalho: 1. que o director da empresa fosse um operário e que o especialista que lhe estivesse ligado fosse um consultor; 2. que o engenheiro especialista fosse *de facto* director da empresa e lhe estivesse ligado um comissário dos operários com amplos poderes e o dever de examinar todos os aspectos da actividade da empresa; 3. que um ou dois operários estivessem ligados como auxiliares ao director especialista, mas sem o direito de suspender as suas ordens, etc. Estas formas de controle foram também utilizadas nas oficinas das fábricas onde os operários eram promovidos para cargos de responsabilidade sob a condição de estudarem com os especialistas.

O IX Congresso do Partido dedicou especial atenção ao papel dos sindicatos na atracção dos antigos especialistas para a construção socialista. Os primeiros ramos de engenharia nos sindicatos de operários industriais surgiram na Primavera de 1919 — primeiro no sindicato dos metalúrgicos e mais tarde no sindicato dos mineiros.

Ao assimilar tudo quanto de melhor foi criado pela sociedade burguesa, o proletariado educou os seus próprios especialistas. Contudo, a promoção não poderia resolver inteiramente o problema de fornecer à economia nacional especialistas de origem operária e camponesa. A educação superior tinha de se tornar a principal fonte desta existência.

As políticas do Partido Comunista e do Estado soviético estavam a atrair para o lado da revolução ainda maior número de cientistas e tecnólogos. Uma grande parte dos intelectuais sentiu um desejo crescente de ajudar o povo de uma forma ou outra para lutar contra os inimigos de fora e contra os terríveis resultados da desorganização económica.

Os planos e projectos propostos pelo Partido Comunista pareciam a muitos ser irrealizáveis mas foram considerados, argumentados e aqui e ali começaram a ser levados a cabo. Isto fez com que os círculos científicos e tecnológicos pensassem, tentassem, reavaliar as verdades que

tinham previamente parecido incríveis. Muitos especialistas afastaram-se da parte contra-revolucionária dos intelectuais apenas depois de verem os resultados concretos do trabalho para o qual tinham sido admitidos pelo Estado soviético. Centenas de engenheiros talentosos chegaram aos locais de construção e às empresas num estado de espírito totalmente céptico e completamente estranhos à ideia de construção do socialismo, mas ao fim de pouco tempo durante o qual participaram na elaboração de planos do Estado soviético para o renascimento económico do país, começaram a acreditar na sua realidade.

Professores e trabalhadores da saúde

Assegurar a cooperação de um dos maiores ramos dos intelectuais — os professores — era muito importante para o reforço do jovem Estado soviético. Os professores, especialmente nas aldeias, eram uma força poderosa e por vezes a única força cultural a exercer uma grande influência política sobre a população. Os professores eram amados, as pessoas iam ter com eles para lhes pedir conselho, ajuda e explicações sobre os acontecimentos que então tinham lugar no país. Assim, era necessário um trabalho de esclarecimento feito pelas organizações do Partido, os órgãos do Estado e os sindicatos a fim de colocar esta força ao serviço do Estado soviético.

A. V. Lunatcharski, dirigindo-se aos professores, disse que ninguém pedia aos intelectuais que se imbuísse de um espírito comunista e que juntamente com o Partido trabalhasse activamente a seu lado na construção do socialismo. Mas a cooperação prática era possível se os intelectuais mostrassem objectivamente e apreciassem justamente o trabalho gigantesco para a transformação cultural do país salientada pelos comunistas. Por razões que serão abordadas mais tarde, o Estado soviético, contudo, nos primeiros dias da sua existência, não encontrou esta

mútua compreensão e cooperação prática por parte dos professores melhor qualificados.

O Sindicato dos Professores de Toda a Rússia, e especialmente a sua direcção nos seus Conselhos Alargado e Restrito, constituía um sério obstáculo à forma de cooperação com o Estado soviético. Não tendo conseguido organizar uma greve geral dos professores nos primeiros meses de existência do Estado soviético, o sindicato não se retirou da batalha, mas apenas mudou as suas formas, passando de ataques abertos à política do Partido Bolchevique a métodos mais flexíveis e dissimulados de actividade anti-soviética. A direcção do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia foi obrigada a ter em conta um importante factor como era o do apoio dado ao Estado soviético pelas massas populares. Num editorial do seu órgão oficial, teve de reconhecer de má vontade que, «dado que se tornou claro que o Governo dos Sovietes e dos Comissários é em certa medida reconhecido e apoiado pelas massas populares, é impossível ignorá-lo, e simplesmente recusar ter quaisquer conversações com ele é difícil...». Isto claro que não significava que a direcção do sindicato que tinha *de facto* reconhecido o Estado soviético tivesse decidido cooperar com ele.

Escondendo-se atrás da palavra de ordem de salvação da «verdadeira democracia» e das «conquistas da revolução», as camadas superiores dos professores contavam particularmente com a autonomia e o apoliticismo das escolas. Quando combateram a autocracia czarista, a ideia da autonomia das escolas encontrou apoio por parte dos professores democráticos e teve um significado progressista. Mas depois da Revolução de Outubro, quando o Estado soviético se fixou a tarefa de educar as amplas massas populares e quando os interesses do Estado e das escolas se fundiram num só, então a ideia da autonomia das escolas tomou um significado contra-revolucionário que se fundiu com a ideia do seu «apoliticismo». Os dirigentes do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia tentaram separar

a escola da «política» e exigiram que os funcionários políticos e do Partido não se imiscuíssem nas escolas. Mas, como se vê pelas actividades deste sindicato que tornaram as escolas numa arena para lutas políticas contra o Estado soviético, as escolas não poderiam continuar fora da política. Os dirigentes do sindicato «Sem Partido» e «apolíticos» mostraram ser experientes «políticos» com claras simpatias e antipatias sociais.

O Sindicato dos Professores de Toda a Rússia representava uma força considerável. As suas organizações uniam cerca de 50 mil professores que, além disso, eram os mais qualificados. O sindicato tinha influência entre os professores e os seus órgãos de imprensa — o *Izvestiya Vserossiiskogo Uchitelskogo Soyuza* (Notícias do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia), *Uchitel* (O Professor), *Petrogradsky Uchitel* (O Professor de Petrogrado) e *Narodny Uchitel* (O Professor do Povo) eram populares.

A linha táctica do Partido em relação a uma organização pública com propensões anti-soviéticas era regulada não só de acordo com o tipo de actividades que a organização empreendia, mas também com a atitude das massas em relação a ela. E na medida em que os professores confiavam a princípio na direcção do seu sindicato e a seguiam no principal, fizeram-se esforços para ligar este sindicato ao movimento sindicalista geral do país que era chefiado pelo Conselho Central dos Sindicatos de Toda a Rússia e assim separar os trabalhadores escolares que eram membros do Sindicato dos Professores da influência ideológica da burguesia. Contudo, a direcção dos Cadetes e dos SRs do sindicato recusaram categoricamente tomar parte no I Congresso do Sindicato de Toda a Rússia (em Janeiro de 1918). O Partido escolheu então uma táctica diferente: lançar-se num amplo trabalho explicativo entre os membros de base. Esta linha táctica continuou a ser a principal durante 1918 enquanto se travava a batalha para unir as forças progressistas dos professores.

O Sindicato dos Professores de Toda a Rússia sustentou as suas posições durante mais tempo do que qualquer outra organização dos velhos intelectuais. Eventualmente, como resultado do trabalho de propaganda a larga escala que denunciava a política da direcção, levada a cabo pelas organizações do Partido e pelas do sindicato, e também dada a consolidação do poder soviético, etc., no Outono de 1918 as fileiras do sindicato começaram rapidamente a dissolver-se. O Outono e final de 1918 foi um tempo de completa desintegração dentro daquilo que apenas recentemente tinha sido uma poderosa e autoritária organização pública de professores. É certo que os seus dirigentes continuaram a tentar lutar e a realizar os congressos e conferências de professores sob as suas directrizes e a incitar a restauração da velha ordem quando surgiam as oportunidades para isso, mas um número ainda maior de colectivos de professores anunciou a sua transição para o lado do Estado soviético.

Assim, no congresso de professores da gubernia de Kursk no começo de Maio de 1918 aprovou a seguinte resolução por uma maioria de 166 votos contra 3: «Consideramos o Estado soviético como um Estado do povo que trabalha para a reconstrução da vida do país numa base justa, socialista... Acreditamos que é um dever sagrado do professor no seu trabalho social e pedagógico não só reconhecer este Estado mas apoiá-lo de todas as maneiras.» (31) Mesmo os mais inveterados e implacáveis opositores do Estado soviético entre a direcção do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia tiveram de admitir que não possuíam «nenhuma frente unida de professores», nenhuma unidade de pensamento ou acção.

Por volta do final de 1918, em resultado da sua posição anti-soviética, o Sindicato dos Professores de Toda a Rússia perdeu toda a influência sobre a grande massa dos pro-

(31) *Pravda*, 10 de Maio de 1918.

fessores. A passagem dos professores para a cooperação com o Estado soviético estava feita. Tendo analisado a situação, o Comité Central Executivo de Toda a Rússia decretou em Dezembro de 1918 que «o Sindicato dos Professores de Toda a Rússia, representado pelas suas organizações centrais e locais, deve ser dissolvido. Os seus órgãos de imprensa, o Notícias do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia, o Professor de Petrogrado, O Professor e outros órgãos centrais e locais devem ser *encerrados...»*. O Governo soviético não tomou quaisquer medidas repressivas contra antigos membros do sindicato. Nessa altura, a autoridade do sindicato era tão reduzida, que a liquidação desta organização não provocou qualquer protesto.

O destino do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia foi altamente instrutivo para os velhos intelectuais. Mostrou que as organizações dos intelectuais que se distanciavam do povo e actuavam contra ele e os seus interesses perderiam com o tempo a sua influência e autoridade e seriam obrigados a abandonar a arena política. Mostrou também que nenhuns apelos demagógicos e palavras de ordem oriundas da direcção do sindicato poderiam seduzir os professores para a via da luta activa contra o Estado soviético. Os professores como um todo continuaram fiéis às suas tradições democráticas e aos seus princípios de servir os interesses do povo.

Contudo, seria errado supor, que, com a dissolução do Sindicato dos Professores de Toda a Rússia, o grande exército de professores se tornou o campeão e defensor activo da política do Estado soviético. Uma parte dos professores, especialmente nas cidades, oferecia resistência passiva ao trabalho do Estado soviético no campo da educação nacional enquanto nominalmente desempenhava os seus deveres e não dava oportunidade a que se descobrissem os erros e fracassos dos ramos locais das autoridades da educação nacional ao mesmo tempo que salientavam o seu «apoliticismo»

Dado que existia uma grande falta de forças culturais, especialmente nas aldeias, os professores podiam ter desempenhado um importante papel não só na educação das massas em geral mas também no seu esclarecimento político. Mas, para o fazer, era necessário educar ideologicamente os professores.

O Comité Central do Partido prestou grande atenção a questões de agitação e propaganda entre os professores. Para influenciar ideologicamente os professores eram utilizados métodos tais como a participação de Comunistas no trabalho dos congressos e conferências dos professores, a criação de bibliotecas políticas para os trabalhadores escolares, a instrução de professores em disciplinas sociais e conversas e conferências com professores sobre assuntos políticos por funcionários do Partido. Nos centros da gubernia e nos distritos foram criados cursos rápidos de instrução nos rudimentos do conhecimento político, tal como foram criadas Escolas dos Sovietes e do Partido e cursos para agitadores que treinavam trabalhadores escolares a fim de ensinar os conhecimentos políticos básicos. A agitação foi levada a cabo para encorajar os professores a juntarem-se ao Partido Comunista.

Atenção especial foi prestada ao trabalho entre os professores do campo. Nessa altura havia muito bons professores nas aldeias que simpatizavam sinceramente com o Estado soviético. Era necessário organizá-los e ajudá-los. Um testemunho muito interessante acerca do papel dos professores da província e também das maneiras de os interessar pelo trabalho social é apresentado nas instruções distribuídas localmente pelo Departamento do CC do Partido para o Trabalho nas Aldeias: «Deve-se dar uma grande atenção aos professores: os próprios professores... são de origem camponesa e é apenas por atraso que estão contra o comunismo. O professor conhece normalmente todos os meandros da aldeia assim como todos os interesses do seu povo; devemos aproximar-nos dele. Se for um bom professor, mas se lhe faltam conhecimentos, então... temos

de cuidadosamente o virar para o nosso lado e ajudá-lo nas suas necessidades, convencê-lo, dar-lhe materiais, apressar as autoridades na cidade a enviar lápis e blocos, dar-lhe um bom livro para ler e interessá-lo pelo trabalho de esclarecimento cultural. Depois de ter obtido um bom professor, devemos mandá-lo formar outros professores no trabalho e eles devem ser ajudados na sua dura e difícil tarefa.» (32).

No I Congresso de Toda a Rússia sobre o Trabalho nas Aldeias que teve lugar em Novembro de 1919, Lénine sublinhou que, apesar da situação política e militar complicada, o trabalho nas aldeias era um importante factor na construção do socialismo. Apelou para que as organizações do Partido nas aldeias fizessem amplo uso dos especialistas burgueses. As directrizes aprovadas pela conferência recomendaram que os professores da província deviam sem falta tomar parte no trabalho do Partido.

N. K. Krupskaya, um membro de longa data do Partido, camarada de armas e mulher de V. I. Lénine, desempenhou um papel muito importante no esclarecimento político dos professores. Como professora, também ela, compreendeu perfeitamente os sentimentos, a maneira de viver e a psicologia dos professores e conseguiu encontrar a maneira correcta de abordar este grupo de intelectuais. Nos primeiros anos do poder soviético não houve um único congresso de professores de toda a Rússia ou uma conferência sobre questões relacionadas com a educação nacional onde Krupskaya não tivesse a parte mais activa. Falava muito frequentemente em reuniões de professores a fim de explicar a política do Partido no campo da educação nacional, o papel dos professores na construção da nova sociedade e para criticar a palavra de ordem «o professor e a escola estão fora da política» que era popular entre uma parte considerável de professores. Sobre este assunto,

(32) Arquivos Centrais do Partido, Instituto do Marxismo-Leninismo do CC do PCUS, Fólio 17, Arquivo 5, Documento 25, pp. 179-180.

afirmou num dos seus discursos: «Não há nada de mais ingénuo do que a afirmação de que a pedagogia pode e deve ser alheia à política. No sentido amplo da palavra, o que significa "política"? Significa a nossa compreensão das tarefas do momento, as maneiras de as pôr em prática, etc. A pedagogia é uma ciência que é três quartos social e por essa razão não há forma pela qual possamos estar separados dos problemas vitais da política, os problemas vitais do nosso tempo.» (33)

O livro de Krupskaya *A Educação Pública e a Democracia* (1919) e também os seus numerosos artigos sobre questões respeitantes à educação pública ajudaram a atrair para o lado do Estado soviético muitos dos que ainda vacilavam ou ocupavam posições anti-soviéticas.

Um papel importante na educação ideológica dos professores foi também desempenhado pelo velho bolchevique S. I. Mitskevitch que, sob instruções do Partido, chefiou e participou na fundação da União dos Trabalhadores da Educação. Sabia como travar tanto com os jovens cientistas abruptamente críticos como com os antigos. Muitas personalidades importantes entre os professores não se juntaram à União, revoltaram-se, fundaram as suas próprias comissões e dirigiram ao Conselho dos Comissários do Povo as mais incríveis exigências, mas Mitskevitch não só não hostilizou os indignados e os cépticos, mas pela palavra e factos convenceu-os do aspecto progressista da educação soviética.

Formar um sindicato profissional de professores era um processo complicado e difícil. Contra o Sindicato dos Professores de Toda a Rússia, foi fundado o Sindicato dos Professores Internacionalistas no final de 1917 a fim de unir trabalhadores do campo educacional que «se mantiveram firmes na revolução social e na destruição do actual

(33) N. K. Krupskaya, *Ob Uchitele. Izbrannyie Statyi, Rechi e Pisma* (O Professor. Artigos Escolhidos, Discursos, e Correspondência), Moscovo, 1960, p. 78.

sistema escolar». Mas este sindicato possuía muito poucos membros. Por volta do final de 1918 tinha apenas um pouco mais de 12 mil membros. O insignificante número dos seus membros pode explicar-se pelo facto de o Sindicato dos Professores Internacionalistas ter tomado uma posição incorrecta em relação às massas de professores. Distinguindo-se dos professores de base, o sindicato admitia apenas nas suas fileiras «activistas politicamente maduros». Os seus dirigentes tomaram posições sectárias, anunciando que o Estado soviético estava a cometer um sério erro ao não tomar medidas suficientemente decisivas e drásticas respeitantes a todos os antigos professores, em relação a quem, consideravam, não se poderia estar com cerimónias porque «apenas uma centésima parte era na verdade de alguma utilidade para o desempenho das novas tarefas da educação revolucionária».

Ao mesmo tempo, o Sindicato dos Professores Internacionalistas fez muito no que respeita à estratificação política dos professores e aumentou o número dos aliados activos do Estado soviético. Mas as suas actividades nesta direcção teriam sido mais eficientes se a sua estreiteza organizativa e o seu sectarismo o não tivessem impedido de se tornar uma organização de massa dos professores soviéticos.

No Verão de 1919, o Sindicato de Toda a Rússia dos Trabalhadores da Educação e da Cultura Socialista (que mudou o seu nome em 1921 para Sindicato dos Trabalhadores da Educação) foi fundado na base do Sindicato dos Professores Internacionalistas. Isto tornou-se na verdade uma organização de massas para os professores tanto nas cidades como nas aldeias. Lançou-se num trabalho em grande escala de esclarecimento político dos professores, de protecção dos direitos profissionais dos trabalhadores da educação nacional e no seu interesse pela criação de um novo tipo de escola.

A propaganda e agitação geral do Partido, o trabalho de educação das organizações locais do Partido e a criação

e actividade do Sindicato de Toda a Rússia dos Trabalhadores da Educação deram os seus resultados. Os relatórios das gubernias de Tver, Tula, Arkhangelsk, Penza, Kursk e outras gubernias notaram o aumento da actividade social dos professores, a entrada dos melhores para as fileiras do Partido e a animação do trabalho de esclarecimento cultural nas aldeias. A vida social da aldeia começou gradualmente a concentrar-se em redor da escola. Muitos professores da província tomaram parte em reuniões camponesas, organizaram casas da aldeia em salas de leitura e lugares de reunião e ajudaram as organizações do Partido a desenvolver as campanhas sociais e políticas.

As casas que se tornaram salas de leitura apareceram em todo o lado e na sua maioria foram organizadas por professores. Estatísticas incompletas do Comissariado do Povo para a Educação apresentam registos de 12 007 destas salas de leitura no início de 1919.

O Partido Comunista e o Estado soviético dedicaram atenção especial, apesar das dificuldades que surgiram com a Guerra Civil e com a intervenção, à questão da educação pública. As dificuldades neste caso eram grandes. Devido à guerra e à destruição, as escolas encontravam-se numa grave situação. Os próprios edifícios encontravam-se em pobres condições e o seu equipamento educativo estava destruído. As escolas sofriam de uma grande falta de professores e não existiam suficientemente livros de texto, material escolar e material para escrever. Dificuldades especiais foram sentidas pelas escolas em regiões onde as actividades militares tinham lugar. Tudo isto provocou um efeito desastroso nas escolas soviéticas nos primeiros anos da revolução.

As condições de trabalho nas escolas eram muito complicadas mas muitos professores continuaram as suas actividades de que o povo tanto precisava e trabalharam rapidamente para reconstruir as escolas numa nova base e venceram muitas dificuldades. O Estado soviético fez tudo quanto podia nesses tempos difíceis para facilitar o tra-

balho tanto das escolas como dos professores. No início de 1918, um decreto do Conselho dos Comissários do Povo aumentou o salário dos professores de 50 para100 rublos por mês e em Março do mesmo ano foi fixado entre 300 e 500 rublos. Devido ao aumento do custo de vida foi de novo elevado a partir de Novembro de 1918 para 600-800 rublos por mês. Além disto, as normas da duração de trabalho para os professores igualaram as dos médicos e engenheiros e foram tomadas medidas para facilitar a situação dos professores que se tinham incapacitado para o trabalho.

Como resultado da consolidação do Estado soviético, as vitórias do Exército Vermelho, a propaganda e agitação do Partido entre os professores e as relações sensatas em relação a eles pelo Governo soviético e a comunidade, as massas de professores mudaram-se gradualmente para uma posição de cooperação com o Estado soviético. A *Pravda* comentou em 4 de Setembro de 1920 que «uma séria mudança em direcção à ideologia comunista pode ser mantida entre as amplas massas daqueles que trabalham no campo da educação nacional». Havia ainda um certo número de elementos anti-soviéticos entre os professores mas no final da Guerra Civil tinham já perdido qualquer influência decisiva.

O Partido Comunista deu os primeiros passos em relação ao treino dos operários e camponeses como novos quadros docentes. Em 1919, mais de 150 cursos de treino de professores foram criados em todo o país. «A maioria dos que os frequentam», salientava uma afirmação sobre este assunto, «é oriunda da população trabalhadora». Havia cerca de 6500 pessoas no curso. Os departamentos locais do sistema de educação nacional e os Sovietes tomaram medidas enérgicas para organizar pequenos cursos a fim de melhorar as qualificações dos professores. Nestes cursos, os professores assistiam a conferências sobre os fundamentos do socialismo científico, da ciência social, da teoria e prática das escolas operárias e métodos de ensino.

Os congressos, conferências e cursos auxiliaram as massas de professores a compreender a essência dos acontecimentos normais, explicaram a importância das reformas na educação nacional e ajudaram-nos a dominar os princípios básicos de organização das escolas operárias, etc.

Apesar das imensas dificuldades, a rede de escolas do país não só não foi reduzida mas alargou-se ainda mais. No ano escolar de 1914-1915 existiam 106 400 escolas primárias e secundárias com 7 800 000 alunos e em 1920-1921 o número de escolas aumentou para 118 408 com 9 781 000 alunos. Os professores tiveram um grande mérito nesta conquista.

As condições resultantes da Guerra Civil, a intervenção e o descalabro económico tornaram numa tarefa importante para o Estado soviético o recrutamento de trabalhadores da saúde. Os não muito numerosos trabalhadores da saúde tinham uma grande tarefa sobre os seus ombros: devolver os feridos às suas unidades, combater as epidemias e as doenças provocadas pela fome, fornecer auxílio médico à população, promover medidas sanitárias preventivas e muito mais do que isto. Os resultados de um censo levado a cabo pelo Comissariado do Povo Para a Saúde Pública em 25 de Fevereiro de 1920 mostrou que na República Soviética (excluindo a Ucrânia existiam ao todo 24 000 médicos dos quais 40 % tinham sido mobilizados para o Exército Vermelho.

O caminho dos trabalhadores da saúde na via da cooperação com o Estado soviético foi tão difícil e complicado como o dos professores. As camadas superiores dos médicos tinham centros próprios que tentavam opor estes intelectuais ao Estado soviético. Eram centros como os da Sociedade Pirogov, o quadro do Sindicato Profissional dos Médicos de Toda a Rússia e o quadro do Sindicato das Uniões dos Assistentes Médicos de Toda a Rússia. Exactamente como se passou com os professores, 1918 foi um ano de mudança para os médicos, os assistentes médicos e enfermeiros nas suas relações com o Estado soviético.

Depois do seu lamentável apelo aos médicos em 22 de Novembro de 1917, em que apelava para que eles «mostrassem oposição às forças que agora dividiam o país» e para que «tomassem parte na batalha com a reacção», a direcção da Sociedade Pirogov continuou a sua linha de oposição ao Estado soviético. O congresso extraordinário da Sociedade Pirogov realizado em Moscovo em 13-15 de Março de 1918 aprovou as acções dos sabotadores e tomou um determinado número de resoluções contra o Governo soviético. O congresso culpou também o Estado soviético pela falta de cuidados médicos e sanitários.

Obshchestvenny Vrach (O Médico Público), o órgão da Sociedade Pirogov, fomentou nas suas páginas uma campanha de mentiras e calúnias contra o Estado soviético e exigiu o seu «isolamento moral». Entre outras coisas, o jornal descrevia o Estado dos operários e camponeses como «tirania feroz», uma «experiência criminosa» que conduziria à «regra da anarquia e da guerra fratricida». O jornal também publicava uma coluna chamada «Os Médicos no Campo Bolchevique» que era uma «lista negra» peculiar de nomes de médicos, a fim de poderem ser boicotados. Entre os primeiros que dela faziam parte, contavam-se os médicos comunistas Z. P. Solovyov, I. V. Rusakov e N. A. Semashko.

A direcção da União dos Sindicatos dos Assistentes Médicos do Sindicato de Toda a Rússia e o seu órgão oficial *O Arauto dos Assistentes Médicos* tomou uma posição igualmente implacável. De facto, os seus discursos e artigos contra o Estado soviético eram ainda mais desabridos e intransigentes do que os dos «pirogovitas». O jornal organizou a perseguição dos médicos assistentes que cooperavam com os departamentos de saúde pública soviéticos e apelaram para que os outros passassem de aceitação passiva a oposição activa.

O Sindicato Profissional dos Médicos de Toda a Rússia, que foi fundado em Março de 1918 e era de facto uma ramificação da Sociedade Pirogov, tomou uma posição

mais moderada, mas na essência igualmente implacável. A comissão organizadora do sindicato dirigiu um apelo a todos os médicos na Rússia para que apoiassem os ideais da «medicina pública» e na realidade se colocassem contra o Estado soviético.

Enquanto proclamavam o «apoliticismo da medicina», a camada superior dos intelectuais médicos travou, de facto, uma guerra contra o Estado soviético que foi confirmada pelo carácter das suas acções e anúncios dos seus «dirigentes» e organizações. As mentiras e a hipocrisia das declarações dos médicos sobre «apoliticismo» estão bem patentes na «Mensagem dos Médicos da Região Norte aos Médicos de Inglaterra» que foi publicada em 16 de Agosto de 1919. Afirma ela: «Nós... afirmamos que as tropas aliadas que estão defendendo a região dos chamados bolcheviques não estão de modo algum a servir os interesses da reacção ou a ajudar a restaurar o velho sistema... Apelamos para vós, camaradas médicos ingleses, para que com a vossa voz cheia de autoridade influenciem o vosso povo a dar-nos auxílio nestes tempos difíceis enviando-nos imediatamente forças armadas para nos ajudarem a organizar e a estabelecer a paz e a ordem neste país que foi calcado pelos bolcheviques.» O jornal *Izvestiya Narodnogo Komissariata Zdravookhraneniya* (Notícias do Comissariado do Povo para a Saúde Pública), que em 1920 publicou de novo esta mensagem tirada dos jornais dos guardas brancos como um exemplo do «apoliticismo» dos médicos, acrescentou não sem sarcasmo: «Qualquer outro comentário é absolutamente supérfluo.»

Seria, contudo, errado supor que os trabalhadores médicos formavam uma frente unida contra o Estado soviético. A Revolução de Outubro provocou uma profunda estratificação no seu meio. A acção anti-soviética dos «pirogovitas» foi duramente rejeitada pela parte progressista dos trabalhadores médicos que se colocaram ao lado do Estado soviético. Existia além disso, um grupo considerável de médicos que era formado por aqueles que estavam

vacilantes e que ainda não tinham compreendido o autêntico significado dos acontecimentos. Sentiam-se nervosos perante a novidade das reformas que estavam a ser levadas a efeito pelo Estado soviético no campo da saúde médica e pública, mas, ao mesmo tempo, revoltavam-se com os métodos de luta contra o Estado utilizados pelos «pirogovitas» e outros grupos de trabalhadores da saúde que tinham anunciado que «não reconheciam os Sovietes».

Uma carta do médico sem partido N. Shvaitsar publicada em 17 de Março de 1918 no jornal *Izvestiya VTsIK* é um interessante registo daquele período. Critica nela duramente a posição tomada pelo Congresso da Sociedade Pirogov em Março de 1918. «Não aprenderam nada», escreveu. «As acusações feitas pelos pirogovitas contra os bolcheviques sofrem da mesma banalidade e são tão pouco convincentes para as massas como sempre. Os métodos que propõem para salvar a Rússia são antigos, estão gastos e chegam a ser inúteis e criminosos na actual situação; e uma greve dos médicos é algo que só pode ser mencionado com vergonha, especialmente pelos moscovitas.» No final desta carta, Shvaitsar dirigiu-se àqueles médicos que ainda continuavam «a não reconhecer» o Estado soviético: «É possível ser um opositor ideológico dos bolcheviques e mesmo do bolchevismo (eu próprio ainda estou "confuso" e não pertenço a nenhum partido), mas é errado entregar-se apenas ao estímulo do bolchevismo e, por receio de que isto ajude o Estado a consolidar-se, não tomar parte activa na edificação positiva de uma vida que nesta altura é impossível sem contactos com o Estado soviético... Acreditem-me, não são vocês quem o apoia e não serão vocês quem se verá livre dele. E ninguém se livrará dele enquanto as suas raízes estiverem no povo.

«Queiram ou não, a nova era social far-vos-á submeter à sua poderosa vontade.»

O Partido Bolchevique teve de enfrentar uma tarefa complicada: paralisar as actividades anti-soviéticas dos «pirogovitas», apressar o processo de extractificação dos

trabalhadores da saúde, libertar os médicos da influência dos partidos pequeno-burgueses e recrutá-los para a cooperação frutuosa com o Estado soviético. Lénine, nos seus discursos durante a Guerra Civil, referiu-se muitas vezes à questão da criação de uma nova medicina soviética e apelou para que os médicos dessem os seus conhecimentos e experiência ao povo.

Os médicos bolcheviques N. A. Semashko, Z. P. Solovyov, D. I. Ulyanov (irmão de V. I. Lénine), I. V. Rusakov, M. F. Vladimirski, V. A. Obukh e outros desempenharam papéis importantes nesta questão. Em numerosas ocasiões, tanto em discursos como na imprensa, explicaram pacientemente e com grande bom senso aos mais amplos círculos de médicos em todos os campos da prática e da investigação assim como aos professores e médicos assistentes que a sua participação na edificação de uma medicina sobre novos princípios era ditada não de cima mas da própria lógica da vida, pelos interesses do povo e pelo próprio curso do desenvolvimento da ciência médica. O seu próprio serviço desinteressado aos interesses do povo era um exemplo a ser seguido.

As explicações e persuasões dos comunistas não teriam sido, contudo, eficazes, se as não tivessem reforçado com acções concretas. Depois da Revolução de Outubro, a situação na saúde pública sofreu mudanças consideráveis. O Estado soviético zelou pela manutenção de todas as instituições médicas concedendo largas somas para este fim e em Julho de 1918 foi criado o Comissariado do Povo para a Saúde Pública. Esta instituição, que não tinha existido na Rússia czarista, encarregou-se de todos os assuntos da saúde pública e dos assuntos médicos do país. A assistência médica era gratuita e acessível a toda a população.

Deve-se também mencionar o primeiro jornal médico soviético *Izvestiya Sovetskoi Meditsiny* (Notícias Médicas Soviéticas) que mais tarde se passou a chamar *Izvestiya Narodnogo Komissariata Zdravookhraneniya* (O Notícias

do Comissariado do Povo para a Saúde Pública) que apareceu pela primeira vez em Maio de 1918 e difundiu activamente a organização dos assuntos médicos e da saúde pública numa nova base; deu também apoio moral aos trabalhadores da saúde que cooperavam com o Estado soviético, denunciando duramente as acções anti-soviéticas dos «pirogovitas» e outros oponentes da democratização da saúde pública. O jornal defendia a admissão em grande escala dos médicos para a construção de um novo sistema de saúde pública.

No Verão de 1918, os trabalhadores da saúde mostraram claramente um movimento em direcção à cooperação com o Estado soviético. As massas gerais de médicos, médicos assistentes e outros trabalhadores da saúde estavam a trabalhar em departamentos soviéticos e instituições soviéticas. Mesmo órgãos como a direcção da Sociedade Pirogov e a direcção da União de Toda a Rússia dos Sindicatos de Médicos Assistentes reconheceram a necessidade de ter relações de trabalho com o Estado soviético. Sublinharam como antes a «falta de democracia» do Estado soviético, mas a pressão vinda de baixo, dos seus próprios membros de base, forçou-os a ter contactos activos com os departamentos soviéticos de saúde pública.

S. I. Mitskevitch, que conhecia muito bem os sentimentos dos médicos, escreveu mais tarde nas suas memórias sobre as razões que levaram os trabalhadores da «medicina pública» a colocarem-se ao serviço do Estado soviético: «Uma parte dos médicos foi trabalhar a princípio com as organizações soviéticas porque era necessário trabalhar nalgum lado para viver; além disso, o Estado soviético ganhava força mensalmente e as esperanças de que em breve cairia, previstas por muitos a princípio, desapareceram rapidamente. A melhor parte dos médicos viu que o Estado soviético tinha por objectivo o bem e a felicidade do povo e as grandiosas perspectivas que ele oferecia para o desenvolvimento da ciência médica; assim, e para repetir a expressão de Lénine, chegaram ao reconhe-

cimento do comunismo através dos factos da sua própria ciência.»

O processo dos trabalhadores da saúde de viragem para a cooperação com o Estado soviético não foi, evidentemente, um acto instantâneo. Nas regiões centrais da Rússia, uma grande mudança nos sentimentos políticos médicos tinha já tomado lugar na Primavera ou Verão de 1918, mas nos locais ocupados pelas forças da guarda branca, este processo prolongou-se durante um período muito mais longo e apenas se completou depois da libertação destes territórios.

O processo de atracção das figuras mais importantes dos médicos para o lado do Estado soviético foi especialmente complicado porque eles, na sua maioria, eram membros da Sociedade Pirogov. A Sociedade tinha relativamente poucos membros: em 1919 tinha 845 membros e em 1920 aumentaram para 1126. Incorporava, contudo, todos os médicos mais qualificados. A sua ajuda na edificação da medicina soviética e no estabelecimento de um serviço de auxílio médico geral à população seria muito valioso.

A Sociedade Pirogov já não era unida e sólida. Existiam mesmo sérios desacordos entre os seus dirigentes em relação à sua linha política. O curso dos acontecimentos e especialmente as medidas tomadas pelo Estado soviético no campo da saúde pública fizeram com que os «pirogovitas» revissem as suas opiniões. No final de 1917 e início de 1918, médicos importantes começaram a oferecer a sua cooperação às instituições soviéticas. Os «pirogovitas» mais activos não podiam deixar de notar o trabalho progressista do Estado soviético no campo da saúde pública. Se se tiver em conta que o congresso da Sociedade Pirogov em Março de 1918 aprovou também, além de soluções de «não reconhecimento» do Estado soviético, uma resolução sobre a criação de uma comissão para lutar contra as epidemias, pode-se então afirmar que foram dados alguns primeiros passos em direcção à cooperação construtiva

com o novo Estado mesmo por um órgão anti-soviético como os «pirogovitas».

Depois da criação do Comissariado do Povo para a Saúde Pública em Julho de 1918, a mudança de atitude dos «pirogovitas» tornou-se mais notória. Muitos deles começaram a trabalhar em ramos do Comissariado e alguns tornaram-se membros do seu Conselho Científico.

A extractificação dos dirigentes «pirogovitas» e a cooperação da sua melhor parte com o Estado soviético foram, contudo, difíceis e complicadas. Semashko, que foi convidado pelo presidente da direcção da Sociedade Pirogov para uma das suas reuniões, lembrou que, depois do seu discurso sobre os princípios da medicina soviética, a reunião mostrou uma forte antipatia em relação às suas opiniões. «Fui especialmente atacado», escreveu mais tarde, «por um membro da direcção, Dorf, que, em paroxismos de raiva, injuriou o Estado soviético e o seu sistema de saúde pública. Só o bom-senso e a autoridade de L. A. Tarasevitch acalmou as paixões daquele que me atacava. A reunião não aprovou naturalmente as minhas decisões. Alguns dias mais tarde, um grupo de notáveis trabalhadores da saúde encontrou-se em casa de Tarasevitch para discutirem a situação. Todos se interromperam uns aos outros nas suas tentativas para injuriar o Estado soviético e o seu sistema de saúde pública como se se antecipassem à atitude negativa do presidente da Sociedade Pirogov em relação a ele. Contudo, o professor Tarasevitch, para admiração de todos os que o rodeavam, anunciou de súbito: "Não, estão errados ao tomarem essa atitude negativa em relação à afirmação sobre as tarefas da medicina soviética. Há algo nelas e, além disso, algo de progressista e interessante que devemos acolher." A afirmação de Tarasevitch provocou uma grande impressão e abalou muitos na sua atitude negativa em relação à medicina soviética». Deve-se também dizer que L. A. Tarasevitch tomou mais tarde parte activa na organização do auxílio médico à população.

P. N. Diatroptov, outro importante membro da Sociedade Pirogov, mudou também radicalmente na sua apreciação das acções do Estado soviético, apesar do facto de em Novembro de 1917 ter assinado um apelo anti-soviético publicado pela direcção da Sociedade Pirogov.

«Pouco depois da Revolução de Outubro», lembra N. A. Semashko, «quando dirigia o departamento de saúde pública de Moscovo, P. N. Diatroptov veio ter comigo e ofereceu-se para ajudar a conciliar os médicos de consulta externa de Moscovo com o departamento de saúde pública porque tinham até aí estado empenhados em sabotagens. Basta lembrar o que foi a greve em Moscovo para apreciar este facto. O departamento de saúde pública do Soviete de Moscovo estava então a ser boicotado pela maioria dos médicos em Moscovo. Às vezes o boicote transformou-se mesmo em sabotagem... E então Diatroptov, um homem de idade com cabelo grisalho que já vira e trabalhara muito no seu tempo e que, juntamente com o seu amigo, L. A. Tarasevitch, era praticamente o dirigente da Sociedade Pirogov, veio oferecer a paz ao Estado soviético e, mais do que isso, actuou como intermediário a fim de ajudar os médicos de Moscovo a colaborarem com o Soviete».

Deve-se dizer que o Estado soviético foi sempre o mais cuidadoso e sensato possível nas suas relações com a Sociedade Pirogov, esperando que ela se juntasse gradualmente como um todo ao trabalho de edificação de um sistema de saúde pública soviético. De facto, a maioria dos médicos cortou com a sociedade mas um pequeno grupo dos seus membros mais activos continuou agarrado às suas antigas posições ideológicas. A sociedade continuou a existir durante mais alguns anos e foi apenas dissolvida em Fevereiro de 1925.

A fundação do Sindicato dos Trabalhadores Médicos de Toda a Rússia desempenhou um papel muito importante na transição dos trabalhadores médicos para a cooperação com o Estado soviético e para a participação activa na

organização e nas actividades do novo sistema de saúde pública. Mas mesmo depois de ter sido fundado, o movimento profissional dos trabalhadores médicos ainda não era um movimento totalmente unido: muitos médicos ainda não se tinham juntado ao novo sindicato e continuavam a ser membros do Sindicato Profissional de Médicos de Toda a Rússia. O jornal *Izvestiya Narodnogo Komissariata Zdravookhraneniya* considerava ser esta uma situação anormal e criticou duramente os dirigentes deste sindicato que proibiam que os médicos aderissem a um único sindicato e avisavam que, se não mudassem a sua política, arriscavam-se a encontrar-se na posição de oficiais sem exército. Sob a pressão dos trabalhadores médicos, os dirigentes do sindicato foram obrigados a começar prolongadas negociações para a sua adesão ao Sindicato dos Trabalhadores Médicos de Toda a Rússia. No Verão de 1920, todos os médicos tinham aderido ao sindicato único.

O Estado soviético teve em conta o lado material da vida dos trabalhadores médicos. Não era possível fazer muito nesta direcção durante os anos difíceis da Guerra Civil, mas o Governo soviético garantiu aos médicos privilégios e vantagens definidas. Assim, em 10 de Dezembro de 1919, V. I. Lénine assinou um decreto do Conselho de Defesa sobre a Assistência ao Pessoal Médico e da Saúde nas Frentes que dava a todo esse pessoal que fosse enviado para a frente um subsídio extraordinário, assim como completo abastecimento, sapatos e roupas quentes fora da normal lista de espera. As suas famílias recebiam cartões de racionamento suplementares.

No mesmo ano foram assinadas as Regras Provisórias para o Tratamento de Trabalhadores Médicos em Caso de Doença ou Morte por Doenças Epidémicas. De acordo com estas regras, qualquer trabalhador médico que ficasse doente continuaria a receber o seu antigo salário e, quando se restabelecesse, receberia uma licença de um mês para além da normal. As famílias dos que morressem receberiam uma pensão maior.

As massas dos trabalhadores médicos aderiram à construção do socialismo à medida que se foram convencendo da solidez do Estado soviético e da eficácia das suas medidas no campo da saúde pública. Nas condições mais dramáticas provocadas pela Guerra Civil e a devastação, os trabalhadores médicos conseguiram cumprir o seu dever.

A luta do pessoal médico contra as epidemias de tifo, cólera e gripe espanhola em 1919-1920 foi um momento heróico na história da medicina soviética. «Pode-se dizer sem o mínimo exagero», lembrou Z. P. Solovyov, «que a campanha contra as epidemias no período da Guerra Civil foi como que um assalto, um teimoso e sangrento assalto no qual entraram conscienciosamente os médicos militares fiéis ao seu dever médico e revolucionário». A maioria dos trabalhadores médicos também apanhou o tifo e a média da sua mortalidade total foi quatro vezes superior ao resto da população. A Cruz Vermelha, os trabalhadores nos hospitais da província e da cidade trabalharam igualmente desinteressadamente. Por exemplo, o Directório da saúde pública da gubernia de Perm observou por várias ocasiões que não tinha havido um caso de recusa ao trabalho nas zonas mais perigosas.

O povo teve em alto apreço o nobre trabalho e o desinteresse do pessoal médico e da saúde. Na imprensa central e local, e também nos jornais do Exército Vermelho da época, há inúmeras cartas e comentários vindos tanto de habitantes rurais como de citadinos, de soldados do Exército Vermelho feridos ou doentes que expressam a sua gratidão aos trabalhadores médicos. Muitos foram condecorados ou obtiveram diplomas de honra e também presentes de valor.

Os trabalhadores médicos foram um dos primeiros destacamentos dos velhos intelectuais a pôr termo à sabotagem ao Governo soviético e a entrar para o serviço do Estado dos operários e dos camponeses.

Os artistas

A luz viva da revolução e da Guerra Civil, iluminou a autêntica face política dos vários grupos dentro dos artistas. Muitos escritores, actores e outros membros dos artistas continuaram fiéis ao povo e à revolução. Não quer dizer, contudo, que imediatamente após a Revolução de Outubro tenham todos compreendido toda a complexidade e as contradições provocadas pela revolução e pela Guerra Civil ou que as suas opiniões sociais e políticas e a sua visão do mundo tenham correspondido completamente às exigências da época.

A Revolução de Outubro tornou o processo de extractificação mais profundo entre os que eram activos na literatura e na arte. Nos primeiros dias da revolução, surgiu um pequeno grupo de escritores, actores e pintores para quem a revolução era absolutamente inaceitável. Pessoas que exactamente no dia anterior tinham louvado ao máximo o povo e jurado por ele começaram a injuriar terrivelmente esse mesmo povo. O poeta K. Balmont em 1905 escreveu num dos seus poemas: «Ó trabalhador, eu estou contigo e canto a tua tempestade», mas em 1918 falava com ódio sobre os combatentes da liberdade: «Já não são cães, são piores, são lobos, cães raivosos que, babando-se da boca, mordem com todos os dentes a mão que os libertou.» (34)

Em Março de 1917, Z. Gippius cantou loas à Bandeira Vermelha e apelou: «Deixem-nos ir para as ruas primaveris, vamos para a tempestade de neve dourada!» Mas depois da Revolução de Outubro, a poetisa cantou: «Em nome de que demónio, com que horroroso pesadelo, tu, ó povo, continuas calado e matas a tua liberdade, ou não exactamente isso mas a condenas à morte com um chicote.» (35)

(34) K. Balmont, *Revolutsioner ya ili net* (Sou ou não um Revolucionário), Moscovo, 1918, p. 3.
(35) Z. I. Gippius, *Posledniye stikhi* (Últimos Poemas), Petrogrado, 1918, pp. 39, 48.

I. A. Bunine, num jornal denikinita injuriou o «vilão do planeta» que «se sentava aos ombros do selvagem russo, e o selvagem russo atreveu-se a fazer aquilo que teria aterrado o próprio demónio» (36), e apelava para uma luta aberta contra a revolução.

Escritores como Gippius, Merezhkovski e Bunine decidiram imediatamente acerca do seu credo político. Entregaram os seus talentos aos inimigos do Estado soviético. Pelo menos eram «bons» no sentido de que não escondiam as suas convicções e procederam abertamente, mas poucos foram tão sérios.

Contudo, entre outros grupos de artistas existia um número razoável de «pantanosos», como eram chamados, que se distinguia pela instabilidade das suas opiniões sociais. As tentativas para representar a Revolução de Outubro como democrático-burguesa e não socialista estavam muito espalhadas.

Muitos artistas famosos estabeleceram uma linha clara entre a arte e a política. E, como resultado disto, era-lhes característico não permitir que a «política» entrasse na esfera da arte. O famoso encenador K. S. Stanislavski disse que ele e os seus colegas «queriam olhar para a alma revolucionária do país» mas ao mesmo tempo contrapôs a tendência política de uma peça à «semente de ainda mais puros sentimentos e pensamentos humanos». Em 1920, numa reunião de trabalhadores da arte realizada no Teatro Bolchoi, foi lida uma carta de Stanislavski na qual se pode ver a mesma ideia: «...o plano da nossa arte é a estética e é impossível transferi-lo com impunidade para outro plano diferente, que lhe é contrário, como o plano da política ou da vida prática, utilitária, tal como é impossível levar a política para o plano da pura estética.» (37)

Mesmo aqueles artistas que sinceramente aceitaram e

(36) Citado na revista *Krasnaya Nov*, n.º 3, 1924, p. 253.
(37) Carta de Stanislavski in *Vestnik teatra*, n.º 48, 1920, p. 12.

veram correctamente o problema da correlação da política acolheram com entusiasmo a revolução, nem sempre resolveram correctamente o problema da correlação da política e da arte. A. A. Blok que apelou para que os intelectuais «ouvissem a música da Revolução» com todo o seu coração, ao mesmo tempo afirmou que os escritores não praticavam e que «se praticassem a política então estavam a pecar contra si porque "mais vale um pássaro na mão do que dois a voar": não estariam a praticar política e perderiam a sua inspiração» (38).

No seu artigo «A Organização do Partido e a Literatura do Partido», V. I. Lénine discutiu as formas específicas da participação dos artistas na vida política. Na análise final, Lénine não concordou em que o escritor devia abandonar a arte em favor da política, mas que a política deveria encontrar o seu lugar em formas apropriadas à essência da própria arte.

Deve-se também mencionar a ocorrência entre os artistas pequeno-burgueses de propaganda de uma «terceira revolução espiritual», que levaria à conclusão inevitável da Revolução de Outubro. Esta ideia formou a base para as actividades da Associação Filosófica Livre que surgiu em 1919, ligando os extractos profundamente diferentes dos intelectuais cuja hostilidade em relação ao carácter socialista da Revolução de Outubro os juntou.

A Casa dos Escritores e a Casa das Artes fundada no final de 1918 por M. Gorki reuniram à sua volta forças consideráveis dos artistas. Ao organizá-las, foi feito um esforço distinto para manter as artes e apoiar as actividades criativas nas condições extremamente difíceis daquela altura. Nelas foram revistos manuscritos e quadros, realizaram-se conferências, debates, etc. Foi também aí que os escritores e os trabalhadores artísticos comeram e receberam as suas rações alimentares.

(38) Alexander Blok, *Sochineniya v dvukh tomakh*, vol. 2, Moscovo, 1955, pp. 227-228.

A Casa dos Escritores, cujo carácter foi estabelecido por figuras culturais importantes como S. A. Vengerov, N. A. Kotlyarevski, A. Y. Sologub e outros, uniu as várias tendências dos intelectuais «democráticos». Lamentações sobre o passado, esperanças de que os «tempos do demónio» passariam depressa e de que a vida regressaria ao seu «curso normal», queixas sobre dificuldades e erros e a respeitosa e aparentemente decente, mas de facto perseguição cáustica e cruel dos trabalhadores na literatura e nas artes que tinham iniciado a via da cooperação com o novo Estado — tudo isto formou o teor das divagações impressas ou orais dos «emigrados internos» que formavam o cerne desta organização. Uma impressão da posição política da sua direcção e da sua falta de vontade de chegar a acordo com o Estado soviético pode ser obtida a partir do episódio relatado pelo escritor K. Fedine. Depois de ter ouvido uma palestra de Vengerov, perguntou se ele «tinha compreendido no discurso que chegara o tempo de os intelectuais se aproximarem mais dos pontos de vista dos Sovietes; ao que Vengerov respondeu: «Somos socialistas desde o início; se alguém pretender aproximar-se de nós, deixemo-lo; nada há que seja preciso mudar nos nossos pontos de vista!» (39) A direcção da Casa das Artes tomou as mesmas posições mas com uma orientação para o Ocidente capitalista.

As figuras progressistas da cultura russa lutaram contra o desânimo e pessimismo dos intelectuais, atacando duramente aqueles que viam apenas o «caos universal» na revolução e não davam conta das mudanças sociais extremamente importantes que se estavam a realizar. Em Dezembro de 1917, o escritor A. S. Serafimovitch escreveu mal-humorado no jornal *Izvestia TsIK*: «Como pode acontecer que

(39) Konstantine Fedine, *Pisatel, iskusstvo, vremya* (Escritor, Arte, Tempo), Moscovo, 1961, p. 62.

membros dos círculos literários russos que se afastaram por bem dos camponeses, dos operários e dos soldados, se encontrem num dos lados de um golfo e aqueles mesmos camponeses, operários e soldados no outro?

«Como pode ter acontecido o mesmo a Yevgeny Chirikov que, apesar de não o fazer artisticamente, descreveu os camponeses com simpatia e piedade, e a Yuli Bunine que na sua juventude lutou pelos camponeses como um revolucionário? E o mesmo com todos os outros membros do grupo (uma sociedade literária chamada *Sreda*) que antes da revolução amavam os operários e os camponeses e, se os não amavam, tinham pelo menos simpatia por eles?

«Como é possível que, tendo sofrido pelos camponeses e operários e mesmo tendo sofrido prisão celular como resultado disso, falem agora com ódio desses mesmos camponeses, operários e soldados?!

«Tudo isto se pode explicar numa frase, uma frase decisiva, a revolução socialista chegou e com ela todos os possuidores ficaram separados dos não possuidores como o azeite da água. Os camponeses e operários ficaram num dos lados de uma grande baía e os abastados e aqueles que de qualquer modo lhes estão ligados no outro.»

«A cegueira do espírito criativo», para empregar uma frase forjada por Serafimovitch, atingiu mesmo um grande artista como Gorki.

A atitude do grande escritor em relação à ditadura do proletariado deveria ser considerada, porque os erros de Gorki são de muitas formas característicos daqueles intelectuais do tempo e a sua evolução em direcção a uma compreensão do autêntico significado da revolução socialista foi um exemplo para muitos dos que tinham dúvidas e se sentiam desorientados.

Durante vários meses depois do poder ter passado para as mãos dos Sovietes, Gorki continuou a ser extremamente unilateral na sua avaliação dos acontecimentos: apenas notava os fracassos e erros individuais do novo Estado, entregava-se a «acusações», atacava quase todas

as medidas tomadas pelo «Governo dos Comissários do Povo» e apenas via a destruição e o caos em todos os acontecimentos correntes.

Os erros do escritor reflectem-se com muita nitidez no seu ciclo de artigos para jornais «Pensamentos Inoportunos». Nos seus artigos panfletários «Em direcção à Democracia», «9 de Janeiro-5 de Janeiro» e em muitos outros artigos do ciclo atrás mencionado, Gorki não concordava com os bolcheviques no ponto principal: a tese sobre a possibilidade da vitória da Revolução Socialista na Rússia. Defendia que a revolução não teria êxito porque as condições alcançadas na altura em que teve lugar não eram as certas. Além disso, ao incitar o proletariado a uma revolta armada, Lénine procedia a uma «experiência cruel, condenada previamente ao fracasso» ([40]). À palavra de ordem da ditadura do proletariado, Gorki opunha a da «unidade da democracia», que defendia a ideia e acalmar os conflitos e classes. Defendia que o campesinato era por natureza hostil à psicologia, ideias e objectivos do proletariado da cidade. Ao subestimar a ideia leninista de uma aliança da classe operária e do campesinato, o escritor baseava as suas esperanças apenas nos artistas e tecnólogos, vendo nela o único dirigente da revolução.

Contudo, em meados de 1918 assistiu-se a um processo de «esclarecimento» político de Gorki. Começou a protestar cada vez mais frequentemente contra o facto dos bolcheviques serem culpados sem terem cometido faltas e contra o silenciar dos seus serviços indubitáveis ao povo. Escreveu sobre a sinceridade das suas convicções e a rara coragem com que lutaram pelos seus ideais. «Os bolcheviques? Pensem só — são também pessoas... E os melhores são pessoas magníficas de quem a história russa se orgulhará em devido tempo e os vossos filhos e netos glorificarão a sua energia...

([40]) *Novaya zhizn*, 10 (23) de Novembro de 1917.

«Sem saber quais os resultados da sua actividade política no final, afirmo que os bolcheviques prestaram já —psicologicamente— um grande serviço ao povo da Rússia pondo em movimento toda a sua massa e incitando todo o povo a tomar parte activa na abordagem da realidade, algo sem o qual o nosso país teria perecido» (41)

Um papel decisivo na mudança de posição de Gorki (e de uma parte considerável dos intelectuais) foi desempenhado por todo o curso do desenvolvimento da revolução e os seus indubitáveis êxitos tanto dentro do país como na arena internacional. A lenda de que o proletariado da Rússia estava completamente entregue a si próprio foi dissipada. O tratado de paz de Brest deu ao povo uma pausa na guerra, permitiu o fortalecimento da aliança entre a classe operária e o campesinato laborioso e o reforço do poder soviético nas gubernias e também a criação do Exército Vermelho. Dezenas de milhões de gente trabalhadora aprendeu a governar o seu próprio Estado. Tudo isto provou aos que não tinham preconceitos e aos honestos que o Estado soviético era um Estado do povo e que exprimia os interesses vitais da classe operária.

O atentado contra a vida de Lénine cometido pelo Revolucionário Socialista Kaplan feriu muito Gorki. Em 4 de Setembro de 1918 numa reunião com Lunatcharski, anunciou que as acções terroristas contra os dirigentes da República Soviética o tinham «decidido a entrar finalmente na via da cooperação honesta com eles» (42). O *Izvestiya VTsIK* (Jornal do Comité Executivo Central de Toda a Rússia), num artigo intitulado «Máximo Gorki e o Comissariado para a Educação», fez o primeiro anúncio da mudança de posição do escritor e da sua intenção de começar a trabalhar na preparação dos clássicos russos e estrangeiros para publicação.

(41) *Novaya zhizn*, 26 de Maio de 1918.
(42) *Izvestiya VTsIK*, 10 de Setembro de 1918.

Não se pode dizer que Gorki mais tarde não tenha recaído em «pensamentos inoportunos». Ocasionalmente estes pensamentos foram expressos nos seus artigos. Às vezes ainda subestimava as capacidades construtivas das massas populares, criticava o proletariado revolucionário da Rússia por falta de generosidade, anunciava o seu desacordo com determinados «modos de actividade» do Governo soviético e protestava contra o julgamento dos SRs da Ala Direita em 1922. Mas, no essencial, o autor destes artigos esteve ao lado dos bolcheviques.

O Partido Comunista e V. I. Lénine desempenharam um papel extremamente importante no auxílio a M. Gorki para que este superasse os seus erros políticos. Mesmo quando ainda ele publicava quase diariamente artigos errados no *Novaya zhipn* (Nova Vida), a *Pravda* bolchevique exprimia a sua firme confiança no rápido regresso do escritor à via correcta. Num artigo intitulado «A Revolução Social e Gorki», em 20 de Janeiro de 1918, dizia: «Gorki é demasiado precioso para a nossa revolução para que não acreditemos que em breve se encontrará nas fileiras dos seus dirigentes ideológicos, no lugar que há muito lhe pertence como precursor da revolução social mundial...»

Lénine seguiu de perto as pesquisas de Gorki e estava também firmemente convencido de que o grande escritor escolheria a via correta. Escreveu muitas vezes a Gorki aconselhando-o urgentemente a estudar a vida do povo nas fábricas e oficinas, na frente, nas aldeias e nas residências dos trabalhadores onde era fácil ver os rebentos da nova vida. A partir de meados de 1918, Gorki tomava já parte activa na construção do Estado soviético e trabalhava bastante na organização e no trabalho de propaganda entre os intelectuais.

Os persistentes esforços dos comunista para ajudar V. G. Korolenko a avaliar correctamente o verdadeiro significado das transformações revolucionárias no país são também um capítulo vivo na história das relações mútuas entre o Estado soviético e os artistas. Como grande escritor

realista e clássico literário russo, Korolenko gozava de imensa autoridade e as suas palavras eram ouvidas com atenção pelos intelectuais não só na Rússia, mas também na Europa. A sua defesa da justiça e da humanidade trouxe-lhe fama como um grande humanista e defensor da justiça. Korolenko passou os últimos anos da sua vida em Poltava, sua cidade natal, que passou todos os horrores da Guerra Civil. Não aderindo a nenhum dos campos opostos, condenou severamente tantos os Vermelhos como os Brancos pela sua crueldade, pelas execuções e outras acções e apelou para a clemência de ambos os lados. A posição de Korolenko foi característica da de determinados círculos de artistas.

Depois da libertação final de Poltava dos guardas brancos, A. V. Lunatcharski teve aí uma longa reunião com Korolenko. A sua conversa abordou os aspectos mais sérios da situação corrente e desempenhou um papel importante no auxílio ao escritor para que este compreendesse os objectivos do novo Estado. O escritor correspondeu-se mais tarde com Lunatcharski e confiou-lhe os seus pensamentos.

O Partido Comunista dedicou as suas energias à tarefa de conquistar a cooperação dos artistas. V. I. Lénine dirigiu-se repetidamente aos intelectuais afirmando que os bolcheviques eram os únicos a lutar pelos mais elevados ideais dos intelectuais, que tinham tomado sobre si a tarefa colossal de erguer o seu povo e mostrou-lhe a via para uma vida verdadeiramente adequada ao homem. O Partido mandou um propagandista e publicista tão talentoso como Lunatcharski trabalhar entre os artistas. K. I. Chukovski, nas suas memórias, afirma sobre esta escolha: «Anatoly Vasilyevitch era exactamente o homem indicado para realizar brilhantemente esta tarefa... Para nós, intelectuais que receberam a sua formação antes da revolução, ele, desde os primeiros dias da existência do Estado soviético, representou a sua personificação mais fascinante. Não podíamos deixar de ficar impressionados pela sua erudição, a sua sabedoria, o seu conhecimento

global de todas as correntes e encruzilhadas da arte mundial e a sua familiaridade com as questões filosóficas e artísticas.»

Para muitos intelectuais, Lunatcharski parecia ser um exemplo vivo da transição do velho mundo para o mundo das ideias socialistas. A sua influência pessoal desempenhou um papel importante no processo da «Sovietização» dos intelectuais, especialmente os artistas. Não foi sem razão que o jornal burguês *O Arauto Literário* escreveu sobre ele nestes termos: «Os futuros historiadores, e não só os bolcheviques, pagarão a sua dívida ao actual chefe do Comissariado da Educação» (43).

Lunatcharski trabalhou muito e com êxito pela «conquista moral» dos intelectuais para o lado do Estado soviético. E tinha toda a razão quando, num discurso em 19 de Outubro de 1918, anunciou que ele e os seus colegas no Comissariado do Povo para a Educação estavam «felizes por se terem tornado o elo de ligação entre o povo e os intelectuais russos, o elo que promoveria o desenvolvimento saudável dos intelectuais russos».

Estas palavras podem também ser empregadas com razão sobre Gorki depois de ter dado conta e corrigido os seus errados pontos de vista sobre a Revolução de Outubro. Em Petrogrado, em condições inacreditavelmente difíceis, realizou o imenso trabalho de conquistar os intelectuais para a cooperação com o Estado soviético e ajudou os escritores, os estudantes, os pintores e os artistas. Organizou uma comissão não oficial para o auxílio aos escritores, estudantes e outros no campo das artes, fez petições sobre o estabelecimento de cantinas e a distribuição de rações alimentares, organizou a publicação de artigos, intercedeu por aqueles que tinham sido presos e outros trabalhos semelhantes. Em suma, para usar uma expressão de Alexander Blok, o destino colocou Gorki como o «intermediário entre o povo e os intelectuais». Ao mesmo tempo,

(43) *Vestník literatury*, n.º 4, 1919, p. 10.

os elementos hostis ao Estado soviético também se agruparam em seu redor e dirigiram agitação contra-revolucionária e tornou-se então necessário para os órgãos da Comissão Extraordinária de Toda a Rússia envolverem-se e procederem a prisões do «público próximo dos Cadetes».

Máximo Gorki, o grande escritor russo e membro honorário das Academias das Ciências, tinha imensa autoridade entre os intelectuais. O seu auxílio em envolvê-los no estabelecimento na prática das medidas do Estado soviético foi particularmente notável. O nome de Gorki e a sua actividade desempenharam um papel importante na atracção dos melhores intelectuais para a vida da cooperação com o proletariado.

Contudo, a actividade de pessoas individuais, mesmo importantes como Lunatcharski e Gorki, não teria tido, evidentemente, resultados tão tangíveis, se não tivesse existido o apoio firme do Partido e do povo.

Exactamente no dia seguinte à tomada do poder pela classe operária, questões respeitantes às artes e à preservação dos tesouros culturais foram levantadas como sendo de importância crucial para o Estado. No final de Outubro de 1917, a Comissão para a Preservação de Monumentos Artísticos e Antigos foi fundada como um «componente e órgão plenipotenciário» do Soviete de Moscovo. Muitos artistas importantes foram membros activos desta comissão.

Além disto, foi instituído um Comissariado especial do Povo para a Propriedade Artística e Histórica da República. Em Abril de 1918, este Comissariado publicou um apelo no qual estabelecia princípios que guiavam a atitude da revolução socialista na via da herança cultural do passado. «Todos os monumentos antigos, todas as obras de arte», lê-se no apelo, «que existiam apenas para prazer dos czares e dos homens ricos, tornaram-se nossa propriedade; nunca os desprezaremos e preservá-los-emos para nós mesmos e para os nossos descendentes, para as gerações vindouras e queremos saber como o povo vivia antigamente e o que lhe interessava...

«Não vale a pena perguntarmo-nos: a quem pertencia antigamente este ou aquele tesouro artístico ou histórico — palácios, templos e similares, resultado dos esforços criativos do povo, e que contêm tanto trabalho e beleza. O que importa saber é quem os possui agora. O possuidor é toda a Rússia, toda a Rússia trabalhadora. Por isso, o povo não odiará os seus antigos senhores — o czar e outros opressores — por coisas que não são criticáveis e que estão a partir de agora sob o seu controle, tornando acessível a todos o seu estudo e prazer.»

Os portadores e criadores de valores culturais, materiais e espirituais eram os mais importantes de todos para o Estado soviético. Foi isto que o jornal russo de emigrantes *O Livro Russo*, que não podia de forma alguma ser suspeito de simpatia pelo bolchevismo, teve de reconhecer: «Seria injusto acusar os bolcheviques de perseguição individual ou mesmo de desdenharem os escritores e cientistas russos. Pelo contrário, se alguém é imparcial, uma qualidade infelizmente não verificada actualmente muitas vezes, temos de admitir que se a vida de alguém da Rússia sofreu o menor perigo foi a vida dos escritores e cientistas. Foram criadas grandes empresas relacionadas com edições com o apoio dos círculos governamentais a fim de ajudar os escritores e cientistas russos.» (4)

Para aumentar a actividade política das figuras artísticas e defender os seus interesses profissionais, foi fundado no princípio de 1919 o Sindicato Profissional dos Trabalhadores Artísticos de Toda a Rússia. Os sindicatos já existentes tais como os sindicatos dos actores de teatro e de circo, dos trabalhadores das artes musicais, dos trabalhadores de filmes, dos bailarinos privados e o Sindicato Internacional dos Artistas de Circo, foram incorporados nele. As suas tarefas políticas estavam definidas no primeiro parágrafo da carta do sindicato: solidariedade com

(4) *Russkaya kniga*, n.º 1, Berlim, 1921, p. 3.

o movimento internacional proletário, a unificação das amplas massas de trabalhadores das artes e a sua conquista para a edificação do socialismo. Os participantes no seu primeiro congresso (Maio de 1919) afirmaram o seu apoio à mais rápida nacionalização possível dos teatros e decidiram unir-se na mobilização dos trabalhadores das artes para a defesa da Pátria socialista.

No congresso foi emitida a opinião de que o Estado não deveria interferir nas questões relacionadas com as artes. A. I. Yuzhine, o director do Teatro Maly, dirigiu-se ao presidente do congresso numa carta na qual afirmava que as tarefas do sindicato deveriam restringir-se à esfera da vida artística e à defesa do direito dos actores a pronunciarem-se exclusivamente sobre o curso da vida dos teatros. «O teatro assenta numa única ideia essencial», escreveu Yuzhine, «conhece apenas uma espécie de trabalhador que pode e deve por direito decidir todas as questões relacionadas com a vida do teatro. Este trabalhador é o actor». Na base dos princípios organizativos e das tarefas dos sindicatos, o congresso rejeitou a proposta de Yuzhine. «A união dos sindicatos dos trabalhadores das artes», lê-se na resposta do presidium do congresso, «deve tomar parte na edificação do Estado e por isso não se pode limitar puramente às questões artísticas».

Representantes do sindicato tomaram parte activa no trabalho dos departamentos do Comissariado do Povo para a Educação que se relacionavam com as artes e na preparação e realização de todas as mais importantes medidas do Estado referentes às artes. Uma das tarefas mais urgentes do Sindicato Profissional dos Trabalhadores Artísticos de Toda a Rússia foi a educação ideológica dos seus trabalhadores e o reforço da influência comunista no seu meio. Em Maio de 1920, um decreto do Comité de Moscovo do PCR(B) encarregou todos os comunistas que trabalhavam nas artes de se juntarem a um ramo deste sindicato e de realizarem o trabalho estabelecido pelo secretário da sua secção do Partido Comunista. Secções semelhantes

foram criadas por ordem do CC do PCR(B) em 40 cidades da RSFSR. Em muitas direcções citadinas do sindicato, os comunistas ocuparam uma parte considerável dos cargos. Desta forma, a influência do Partido aumentou não só dentro do sindicato mas também entre os mais importantes trabalhadores das artes.

Em Junho de 1920, o II Congresso do Sindicato Profissional dos Trabalhadores Artísticos de Toda a Rússia pôde já escrever na sua resolução que «este sindicato assenta na plataforma de realização do sistema comunista por meio da ditadura do proletariado que contém em si a emancipação para a arte.»

Tendo unido nas suas fileiras uma massa considerável de artistas, o sindicato contribui para a sua reorientação ideológica e para a sua conquista para a causa da eficação de uma cultura socialista. Ao estabelecer várias formas de serviços artísticos às cidades, aldeias e ao Exército Vermelho e ao ajudar a entrada de intelectuais para a actividade social e política, o sindicato conquistou os trabalhadores artísticos para a solução das tarefas gerais da construção do socialismo.

O trabalho do Partido Comunista entre os artistas deu os seus frutos. Os seus melhores representantes, apesar do facto dos campeões da burguesia terem tentado assustá-los com o socialismo, começaram a ajudar o Estado soviético no campo do avanço cultural. As forças mais sãs e democráticas dos intelectuais artísticos, gradualmente, com erros e vacilações, fizeram contudo a escolha definitiva. Nem todos podiam dizer como o poeta Vladimir Maiakovski: «A Minha Revolução!», mas não abandonaram o seu povo durante aqueles anos difíceis. Muitos deles continuaram na Rússia, talvez não por «sentimentos revolucionários», mas provavelmente por razões nacionais e patrióticas e por amor à sua arte natal.

Anna Akhmatova faz-nos uma boa descrição desse sentimento de amor pelo país de alguém nalgumas linhas que se tornaram muito conhecidas:

Veio uma voz. Tão suave, tão atraente
Dizia: «Vem até aqui,
E deixa a tua terra tão dura e pecaminosa,
E deixa para sempre a tua Rússia
Limparei o sangue que escorre das tuas mãos,
A vergonha negra sairá do teu coração,
E com outro nome cobrirei
A dor e a ruína e a ofensa extrema.»

Mas indiferente e firmemente
Colocarei os meus ouvidos as minhas mãos,
Para que este discuro sem valor
Não profane a minha alma sofredora ([45]).

Este sentimento de amor pela Pátria de alguém era o mais importante para muitos outros intelectuais russos. Um dos colegas de palco de L. V. Sobinov conta: «Ele não só nos ensinou a disciplina profissional, mas também o amor pela nossa Pátria: mais tarde dificilmente alguém do nosso colectivo de artistas emigrou, apesar de muitos, incluindo eu próprio, termos tido a oportunidade de trocar a "dura realidade russa" por uma confortável existência num país capitalista.» Durante a Guerra Civil, Sobinov encontrou-se acidentalmente em território ocupado pelos Brancos. Ofereceram-lhe um navio especial para o levar para o Ocidente mas ele respondeu: «Não importa o que acontece e como correm as coisas, nunca abandonarei a Rússia por outro sítio qualquer.» A. A. Bakhrushine, um dos homens mais ricos de Moscovo e fundador do museu do teatro, podia ter emigrado sem qualquer dificuldade particular. Mas também ele estava ligado ao seu frio e esfomeado país por amor à sua Pátria e ao seu trabalho. Tendo aumentado a partir de uma pequena colecção privada, o museu Bakhrushine ([46]) era famoso em toda a Europa e em todo o mundo. O seu proprietário ofereceu-o à cidade de Moscovo e ele próprio trabalhou activamente no Comissariado do Povo para a Educação.

([45]) Anna Akhmatova, *Beg Vremeni* (O Tempo Passa), Leninegrado, 1965, p. 195.

Outros escritores e poetas como V. Veresayev, S. Sergeyev-Tsenski, K. Trenyov, S. Yesenine, V. Shishkov, A. Chapygine, A. Grine, N. Teleshov e outros não esqueceram a sua Pátria. Responderam à *Canção de Morte da Terra Russa* com uma afirmação de justeza da renovação revolucionária da vida do país. A 13 de Maio de 1918, A. A. Blok escreveu em resposta a um questionário do Sindicato dos Trabalhadores Literários: «O artista deveria saber que a Rússia que foi já não é e nunca será de novo. A Europa que foi já não é e nunca será de novo... O mundo entrou numa nova era. *Essa* civilização, *esse* Estado, *essa* religião, morreram. Ainda podem voltar a existir, mas a sua *realidade está perdida,* e nós, que estivemos presentes nos seus piores momentos, estamos talvez agora condenados a ver sua putrefacção e decadência... O artista deve enraivecer-se contra algo que tente galvanizar esse corpo morto de novo para a vida... O artista deveria preparar-se para encontrar acontecimentos ainda maiores que podem ocorrer e, tendo-os encontrado, deveria ser capaz de se inclinar perante eles.» ([47])

Ao mesmo tempo, no auge da Guerra Civil cresceram novas forças literárias que em breve iriam construir uma nova literatura soviética. D. A. Furmanov, I. E. Babel, V. P. Katayev, B. A. Lavrenyov, A. P. Gaidar, A. A. Fadeyev, N. A. Ostrovski — todos podiam dizer nas palavras do poeta N. S. Tikhonov: «A Revolução de Outubro fez de mim um poeta. Abriu os meus olhos para o mundo.»

([46]) Depois da Revolução de Outubro, V. I. Lénine decidiu que o Museu tomasse o nome do seu fundador. Possui actualmente mais de um milhão de obras e contém uma das maiores colecções no mundo sobre a história do teatro russo e multinacional soviético.

([47]) Alexander Blok, *Sochineniya v dvukh tomakh,* vol. 2, Moscovo, 1955, p. 291.

O Estado soviético encorajou o desenvolvimento do teatro. Em 1919, os teatros foram nacionalizados por um decreto do Governo soviético e a sua direcção passou para as mãos do Comissariado do Povo para a Educação. Os melhores teatros receberam o título de Académicos. Os seus repertórios foram decididos na sua maioria por uma direcção eleita de actores. A actividade das brigadas de actores que viajavam para as unidades do Exército Vermelho e as aldeias teve muito êxito. A fim de encorajar a actividade dos artistas, foi instituído em 1920 o título de Artista da República do Povo por iniciativa de V. I. Lénine. A primeira pessoa a quem foi conferida esta honra foi a grande actriz russa M. N. Yermolova. O título de Artista da República do Povo foi também conferido a K. S. Stanislavski, A. V. Nezhdanova, L. V. Sobinov, Y. V. Geltser e outros.

Apesar das condições difíceis, a maioria dos artistas trabalhou desinteressadamente a fim de dar espectáculos em edifícios não aquecidos. O novo espectador respondeu com prazer aos artistas e mesmo os críticos burgueses de teatro tiveram de reconhecer este facto.

Entre aqueles que desempenharam um papel particularmente importante no desenvolvimento da cultura musical nos primeiros anos da revolução, encontramos os nomes de muitos compositores eminentes, músicos e professores de música: A. K. Glazunov, M. M. Ippolitov-Ivanov, R. M. Glière, S. N. Vasilenko, M. F. Gnesine, B. V. Asafiev, N. V. Miaskovski, A. B. Goldeveizer, A. F. Gedike e outros. Glazunov, Ippolitov-Ivanov e Glière chefiaram as maiores escolas de música no país — os conservatórios de Petrogrado, Moscovo e Kiev. Vasilenko, além do seu trabalho criativo, dirigiu o Bureau de Organização de Concertos que foi fundado em 1918, dirigiu uma orquestra sinfónica em Moscovo, ele mesmo deu conferências explicativas em concertos nos clubes e hospitais do Exército Vermelho e também deu conferências públicas sobre a teoria e a história da música. Gnesine realizou um trabalho de ordem geral

sobre o esclarecimento musical, ensinando e conferenciando em Rostov-sobre-o-Don, e desempenhou um papel activo na fundação do conservatório do Don.

★

O desenrolar da luta dos operários e dos camponeses contra a contra-revolução interna e externa convenceu amplos sectores de intelectuais de que um rápido regresso à ordem burguesa era um sonho impossível. A lógica dos acontecimentos convenceu grande parte dos intelectuais burgueses a cooperar com o Estado soviético. Eis, por exemplo, as palavras que o famoso psiquiatra russo, professor V. M. Bekhterev, usou para se dirigir aos cientistas em 1918: «Neste ponto de viragem da história, não devemos permanecer nas encruzilhadas e esperar — devemos ter vontade de acção, de trabalho construtivo, e nós, trabalhadores científicos, que sempre demos a nossa energia para servir a humanidade, não devemos vacilar. Devemos decidir conscienciosamente se estamos com o povo que, tendo conquistado a sua liberdade, quer construir ele mesmo o seu futuro e apela para nós para que nos unamos a ele nesta construção... Devemos por isso lutar por tornar o tempo de devastação o mais curto possível, fornecendo o nosso conhecimento e aptidões ao trabalho construtivo nas actuais condições para bem do povo.» O grande cientista apoiou estas palavras pelas suas acções. Dirigiu-se a V. I. Lénine com uma proposta para organizar cursos de treino avançados para os médicos assistentes do Exército Vermelho, fundou um dos primeiros estabelecimentos científicos soviéticos, o Instituto Psiquiátrico, e elaborou o projecto de um Instituto do Estado para o Estudo do Cérebro.

Nos periódicos do tempo apareceram artigos cada vez mais frequentemente em que os representantes dos intelectuais tentaram definir as suas relações com o Estado soviético cada vez mais forte. Em relação a isto, um do-

cumento publicado em 3 de Março de 1920 pelo jornal *Izvestiya VTsIK* e intitulado «Declaração dos Trabalhadores Intelectuais», é de muito interesse. Nas notas editoriais salientou-se que o documento era oriundo de um grupo de pessoas que trabalhavam para fundar o Sindicato dos Trabalhadores Intelectuais. Alguns dos membros deste grupo tinham grande autoridade nos círculos de intelectuais.

O primeiro ponto no projecto «Estatuto do Sindicato dos Trabalhadores Intelectuais», que foi citado no editorial estabelecia a tarefa de «dar todo o auxílio possível para a utilização mais eficaz das forças dos intelectuais da Rússia com o fim de reconstruir a vida cultural e económica do país» e de ajudar na «distribuição das forças dos intelectuais por especialidades».

Os autores da declaração apelaram para os «dirigentes dos círculos sociais da Europa e da América e outros colegas no estrangeiro» para que:

«1. Pusessem fim ao apoio à interferência armada nos assuntos puramente internos da Rússia;

2. Estabelecessem laços culturais e de comércio com a Rússia logo que possível a despeito do sistema social que existia aí;

«3. Prestassem assistência a grande escala e geral ao povo russo na restauração das suas forças culturais, produtivas e económicas.»

Ao mesmo tempo, os autores da declaração explicavam aos brancos emigrados que era «imperativo que eles reconsiderassem muitas das suas opiniões e convicções, porque já não correspondiam às necessidades contemporâneas do país, aos sentimentos e pontos de vista das massas populares em geral e também de numerosos grupos de intelectuais que tinham evoluído consideravelmente durante esse tempo...

«Ao longo de que linhas o processo revolucionário russo continuará, que ideais principais serão vitoriosos no final e como se manifestará a mudança psicológica corrente em

profundidade, são actualmente aspectos impossíveis de prever e por isso e até mais difícil influenciar este processo por meios coercivos.»

Não é difícil ver que, através do verbalismo de facto bastante nebuloso e cauteloso deste documento, surgem algumas das propostas da publicação *Smena Vekh* (Mudança de objectivos) que deveria surgir no ano seguinte, em 1921.

A possibilidade e até mesmo a necessidade que os intelectuais tinham de executar uma viragem política foi anunciada de uma maneira mais definida nos numerosos discursos de N. A. Gredeskul, um professor de direito. Um dos antigos dirigentes do Partido Cadete publicou em 1920 uma série de artigos que foram publicados na imprensa soviética, em particular no *Izvestiya VTsIK*. O quadro redactorial do jornal prefaciou os seus artigos em 11 de Julho com o seguinte comentário: «O quadro editorial publica os artigos do camarada N. A. Gredeskul como sendo um reflexo típico do processo que se está a dar nos círculos intelectuais.»

O que tinha um antigo membro do Comité Central do Partido Cadete a dizer aos intelectuais? O seu tema principal foi definir a posição que os intelectuais deveriam ocupar no sistema político e económico do Estado soviético. A sua linha política está mais claramente expressa na sua série de artigos intitulada «Os Intelectuais no Ponto de Viragem». N. A. Gredeskul escreveu neles: «Todos os dias se torna mais evidente que não é um beco histórico que temos perante nós, nem é apenas um episódio casual, mas uma estrada enorme, batida e brilhante ao longo da qual o processo da história, e desta vez dirigido pelos esforços conscientes do povo perspicaz, nos conduz à maior mudança na história humana.

«O observador deve olhar nesta direcção porquanto toma atenção no que está a acontecer. Mas nós não somos observadores, somos participantes directos no que está a acontecer na Rússia. Mesmo que fiquemos de lado, o que

acontece dirige-se-nos determinando o seu próprio destino e o nosso igualmente, juntamente com o destino do nosso país. Não podemos apenas medir as probabilidades, devemos escapar-nos de todas as espécies de infelicidades e levar a Rússia para fora da destruição económica, para aquilo que ela criou. Devemos por isso transferir todos os nossos raciocínios e deduções do campo mental para o da vontade, devemos tomar uma decisão. Devemos dizer sim ou não: estamos com a Rússia Soviética ou contra ela? A posição de espectadores afastados do nosso próprio país não nos convém e não vale a pena. Finalmente, é simplesmente doloroso e diariamente é cada vez mais assim.

«Os nossos intelectuais militares russos, os oficiais russos chefiados pelo general Brusilov, deixaram-se de incertezas, mostraram a sua vontade e encontraram as suas decisões... Nós também devemos dizer: sim ou não, estamos aqui com a Rússia Soviética ou contra ela.

«Penso que a bem de uma resposta afirmativa a esta pergunta, nós, na Rússia, temos de considerar mais uma coisa que finalmente eliminará todas as dúvidas e vacilações. Pensem se a revolução terá êxito; hesitam, é possível pagar o preço que ela exige? Mas seguramente, tudo isto já aqui foi feito agora: a revolução foi feita e já se pagou todo o preço... O capitalismo foi destruído e o país entregou-se seriamente à tarefa da reconstrução socialista.

«Então continuaremos a repetir que a história não seguiu o nosso caminho e que se deve fazê-la voltar atrás? E como se faz isto sem contra-revolução, sem outra guerra civil? E isto significa, não é assim, que o sangue voltará de novo a jorrar, que haverá novas destruições e outra ditadura, desta vez uma ditadura burguesa em vez de uma ditadura proletária? Ou alguém pensa que o antigo paraíso pode regressar por meio dos próprios bolcheviques? Isto é seguramente ser-se muito ingénuo. Deixando de lado o resto, a história não está tanto nas mãos do povo que se possa obrigá-la a ir por este ou aquele caminho segundo uma regra arbitrária. Não, o nosso destino está traçado,

o nosso Rubicão foi passado, já estamos do outro lado e com toda a nação; temos de decidir aqui ou afogarmo-nos na sedição e no pânico de uma viragem de regresso» ([45]).

Deve-se dizer que os discursos de Gredeskul em reuniões de intelectuais atraíram grandes multidões de ouvintes e que eram acompanhados, segundo os relatos do *Izvestiya VTsIK,* com aplausos e a aprovação de resoluções apoiando os feitos do Estado soviético.

A Declaração dos Trabalhadores Intelectuais e os discursos de Bekhterev, Gredeskul e outros eram uma espécie de sinal dos tempos e um indicador de que uma ampla parte dos intelectuais que previamente não reconhecera o Estado soviético ou apenas o tinha feito superficialmente, anunciava agora a sua aceitação.

Não importava que os objectivos finais desta parte dos intelectuais não coincidissem inteiramente com os do Estado soviético. Mas o resultado foi o facto de se ter tornado possível ao Estado soviético usar os conhecimentos e a experiência dos velhos intelectuais. E isto sob a contínua e severa falta de quadros altamente qualificados que eram especialmente importantes para a jovem República Soviética. Discursos tais como os descritos atrás testemunham o momento cada vez mais alto no processo de extractificação dentro dos velhos intelectuais e a sua separação de grupos consideráveis que eram leais ao Estado soviético.

Mas, ao mesmo tempo, saíram dos intelectuais elementos extremamente contra-revolucionários, que se opunham teimosamente ao Estado dos operários e camponeses. Nessa altura, quando uma esmagadora maioria dos chamados «especialistas» trabalhava já em empresas e instituições soviéticas, muitos dos «dirigentes» dos intelectuais continuaram em posições anti-soviéticas. O poeta Sergei Gorodetski comenta apropriadamente este assunto: «Os especialistas há muito que têm estado a trabalhar, mas os

([45]) *Izvestiya VTsIK,* 29 de Julho de 1920.

pensadores e criadores ofendem-se perante os seus ícones velados de fumo.» A participação dos representantes dos intelectuais em conspirações e revoltas foi um facto muito divulgado.

Foi isto que se passou com os intelectuais no território da República Soviética, na maioria no centro do país. Mas uma parte considerável dos intelectuais encontrou-se durante a Guerra Civil em território ocupado pelos guardas brancos e pelos intervencionistas ou fugira das regiões soviéticas. Muitos não tomaram parte directa nos acontecimentos políticos mas outros cooperaram no centro de propaganda denikinita que provocou agitação contra-revolucionária, serviram nas tropas brancas, organizaram os tumultos dos Cem-Negros, massacrando pessoas pacíficas e prisioneiros.

Outra parte dos intelectuais apressou-se a abandonar a sua terra natal mesmo mais cedo, durante a Guerra Civil. Estes eram oficiais de alta patente, figuras políticas, advogados, jornalistas e outros. Muitas figuras importantes da cultura russa emigraram: os escritores A. I. Kuprine e I. A. Bunine, os compositores S. V. Rakhmaninov, N. K. Metner e A. T. Grechaninov e alguns cientistas importantes, artistas e pintores. Os motivos que os levaram a ir para o estrangeiro foram vários. Alguns deixaram a Rússia dado o «desacordo ideológico» com o Estado dos operários e dos camponeses. Outros recearam as dificuldades da vida num país destruído e atolado na miséria. Um terceiro grupo sentiu que a Rússia se tinha afundado e que a cultura russa se tinha destruído juntamente com ela e ainda outros esperaram que passassem os tempos difíceis e que viessem tempos melhores.

Foi assim, por exemplo, que o famoso escritor A. N. Tolstoi emigrou. Nas suas obras escritas na Primavera e Verão de 1917 acolheu com prazer o nascimento de uma «nova Rússia» e falou da revolução como um símbolo da verdade e da justiça. Mas as realidades dos dias depois de Outubro foram muito complicadas para as ideias so-

ciais e éticas do escritor. Os horrores da Guerra Civil, a crueldade de ambos os lados, a fome, o sofrimento de milhões de pessoas, tudo isto o levou a pensar que o país se tinha afundado. Deixou a Rússia em 1919 ([59]).

Muitos emigrados continuaram mesmo a luta «contra os Sovietes» no estrangeiro. Empenharam-se em furiosa propaganda anti-soviética, aviltando o Estado dos operários e camponeses de todas as maneiras, acusando-o da morte dos valores da civilização e da cultura e apelaram para uma cruzada contra o Estado soviético. O famoso escritor Leónidas Andreyev escreveu: «Tal como um operador de rádio num barco que se afunda e que envia uma última mensagem nocturna para o espaço que o rodeia: "Socorro! Depressa! Estamos a afundar-nos! Salvem-nos!", assim faço eu, levado por uma crença na simpatia humana, mandem a minha súplica a favor das pessoas para o espaço escuro. A noite é escura... E o mar assusta! Mas o operador de rádio confia e chama com teimosia, apela até ao último momento, até que se apague a última luz e que o seu telégrafo sem fios fique calado para sempre.» ([60])

Os primeiros anos da revolução foram uma época de «grande reavaliação de valores» para os intelectuais. Para muitos intelectuais foi um primeiro passo na via que os conduzia no futuro a uma aceitação consciente dos ideais do socialismo e a uma activa participação na sua construção. Para outros, esta mesma época marcou uma maior separação entre eles e o povo, uma transição final para o campo dos seus inimigos, o campo dos emigrados brancos.

A linha política de V. I. Lénine e do Partido Comunista em relação aos velhos intelectuais eliminar os elementos contra-revolucionários e utilizar os leais — desempenhou

([59]) A. N. Tolstoi (1882-1945) regressou da emigração à sua Pátria em 1923 e tomou parte activa na edificação da cultura socialista. Foi Deputado do Soviete Supremo da URSS.

([60]) L. Andreyev, *Spasite!* (SOS) (Salvem-nos!), Paris, 1918, p. 14.

um papel muito importante na consolidação do Estado soviético. Nos anos difíceis da Guerra Civil, da intervenção e da destruição, o Partido Comunista e o Estado soviético asseguraram a cooperação de uma grande parte dos intelectuais com o auxílio de quem a classe operária podia defender o país da intervenção estrangeira e da contra-revolução interna, apoiar a economia nacional e dar os primeiros passos no desenvolvimento da ciência e da cultura. Esta cooperação foi assegurada, em primeiro lugar, graças ao rápido fortalecimento da ditadura do proletariado; em segundo lugar, graças à tenaz luta do povo trabalhador pela liberdade e a independência nacional para o seu país; e em terceiro lugar, graças à correcta política leninista do Partido Comunista em relação aos velhos intelectuais.

O facto de as principais partes dos velhos intelectuais terem ficado ao serviço do Estado soviético continuou a não significar que todos eles tenham feito a transição para as posições de uma ideologia socialista e que se tenham tornado num campeão ideológico da edificação de uma nova sociedade. Havia muitos intelectuais antigos que não acreditavam na «experiência bolchevique» e que apenas trabalhavam dado o seu patriotismo, dedicação à sua profissão ou incentivos materiais. Contudo, o próprio facto da viragem dos intelectuais a favor do Estado soviético foi uma imensa vitória para o Partido Comunista. Significou que os primeiros e mais difíceis passos na separação dos intelectuais da burguesia tinham sido dados e que se tinham lançado bases firmes para a cooperação criadora entre os homens da ciência, tecnologia e cultura e a classe operária.

CAPITULO IV

OS INTELECTUAIS NO PERÍODO DA RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA NACIONAL

A transição para a nova política económica e os intelectuais. Os vestígios da ideologia burguesa. O movimento Smena Vekh. A consolidação da frente ideológica

Depois das guerras imperialista de quatro anos e civil de três, o país ficou em ruínas. Os intervencionistas e os guardas brancos tinham causado grandes prejuízos à economia nacional que montavam a 50 000 milhões de rublos ouro [1]. As fábricas, empresas, minas e os transportes foram destruídos. A produção da indústria pesada em 1920 foi sete vezes menor do que antes das guerras. A agricultura que tinha sido excessivamente tributada pela guerra não podia fornecer alimentação à população. Havia grande falta até dos bens mais necessários — pão, gorduras, sapatos, roupas, sal, sabão, parafina e outros em todo o país. Em 1921, muitas regiões produtoras de cereal (a bacia do Volga e as planícies dos Urais, o Cáucaso, a Crimeia e parte da Ucrânia) foram atingidas pela seca, provocando uma fome em massa. Outro resultado da guerra foi a perda de um enorme número de pessoas. Entre 1918 e 1920, só

(1) *Istoryia Kommunisticheskoi partii Sovetskogo Soyuza* (História do PCUS), vol. 3, livro 2, Moscovo, 1968, p. 562.

o Exército Vermelho perdeu um milhão de homens. Ao todo, durante aquele período a República Soviética perdeu cerca de 8 milhões de pessoas que foram mortas, feridas ou morreram de epidemias e fome (2).

A desorganização económica, o empobrecimento e a fome provocaram grande descontentamento entre o campesinato. Durante a guerra suportara o sistema de apropriação do excesso (3) e a falta de bens. Mas depois da guerra acabar, os camponeses começaram a exigir a abolição do sistema de apropriação do excesso e quiseram melhores fornecimentos de bens. Dadas as privações materiais e um sentimento de tédio, uma parte da classe operária mostrou também sinais de insatisfação. Tudo isto enfraqueceu a base de classe da ditadura do proletariado.

Os inimigos do Estado soviético tentaram utilizar a complicada situação no país para perseguirem os seus próprios objectivos. Os SRs, mencheviques e nacionalistas burgueses em várias regiões do país incitaram revoltas anti-soviéticas. Em 28 de Fevereiro de 1921 eclodiu a revolta Kronstadt, organizada pelos SRs e os mencheviques.

As dificuldades que o país atravessava provocaram igualmente efeitos dentro do Partido. No Outono de 1920, começou a discussão sobre os sindicatos, dirigida por Trotski e surgiu a «oposição dos trabalhadores». Vacilações devidas à compreensão incorrecta das vias do desenvolvimento socialista tornaram-se aparentes entre uma parte dos comunistas.

(2) *Ibid.*

(3) Sistema de apropriação do excesso: um método de compra pelo Estado dos produtos agrícolas que eram utilizados pelo Estado soviético durante o período da intervenção estrangeira e a Guerra Civil (1918-1920). Consistia na submissão compulsiva, a preços fixos, ao Estado, por parte dos camponeses com excesso de trigo e forragem acima de uma quantia para uso pessoal, para as sementeiras e alimentação do gado. O sistema de apropriação do excesso era imperativo de modo a assegurar que o Exército Vermelho e as cidades fossem abastecidas de pão. Em 1921 foi substituído por um imposto em espécie.

Nestas condições difíceis e muito complicadas, era imperioso vencer a desorganização e restaurar o nível de produção de antes da guerra tanto na indústria como na agricultura. V. I. Lénine escreveu: «Seremos derrotados se não conseguirmos restaurar a nossa economia.» (4).

Guiado pelas leis económicas do desenvolvimento da sociedade e tendo cuidadosamente em conta a disposição de forças no país, V. I. Lénine sublinhou a maneira de fortalecer e desenvolver mais a edificação do socialismo. Foi esta a Nova Política Económica, cuja decisão para a sua transição foi tomada no X Congresso do PCR(B) em Março de 1921.

A Nova Política Económica para o período de transição do capitalismo para o socialismo tinha por objectivo o estabelecimento de uma sólida e económica união entre a classe operária e o campesinato trabalhador. Esta política foi a reflexo mais evidente das leis económicas objectivas do período. Para restaurar a economia nacional e construir uma sociedade socialista, o Estado, enquanto retinha nas suas mãos o controle das grandes e médias empresas, dava concessões, permitia arrendamentos e empresas privadas. O comércio privado foi permitido a par de um monopólio de Estado no comércio externo e no comércio cooperativo do Estado. Aos camponeses foi garantido o direito de escolherem a forma de trabalho da terra que quisessem e foi-lhes permitido arrendar a terra e contratar trabalhadores. Foi instituído um imposto em espécie para substituir o sistema de apropriação do excesso. O Estado estabeleceu as normas para os impostos na forma de uma dada percentagem do cereal retirado de toda a terra arável de cada quinta depois de tomar em conta o número de trabalhadores aptos para o serviço em cada uma, a quantidade de gado e a média de cereal para a zona. Depois do pagamento do imposto, os camponeses recebiam o direito

(4) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 31, p. 499.

de dispor do remanescente como quisessem e vendê-lo no mercado. Isto levou a um aumento considerável de bens entre a cidade e o campo e ao fortalecimento da união entre a classe operária e o campesinato. Nas condições históricas dadas, esta foi a única maneira correcta e possível de chegar ao socialismo.

A recuperação da economia tomou lugar em condições invulgarmente difíceis. Houve falta de equipamento industrial, de materiais de construção, matérias-primas, dinheiro e produtos alimentares. Grandes dificuldades foram também provocadas por uma séria falta de quadros altamente qualificados.

O Partido e os órgãos soviéticos tinham adquirido grande experiência de trabalho com os velhos intelectuais durante os anos da Guerra Civil. A transição para a Nova Política Económica não originou alterações de vulto no carácter da atitude do Partido em relação aos intelectuais. Contudo, sob a Nova Política Económica, os problemas da utilização racional dos conhecimentos e experiência dos trabalhadores da ciência, tecnologia e cultura e a sua reeducação num espírito socialista tornaram-se de importância ainda maior sob o ponto de vista político e prático.

Durante os anos da Guerra Civil, a luta contra a contra-revolução interna e externa exigiu que se prestasse atenção especial aos especialistas militares, mas no período do pós-guerra os problemas de utilização dos conhecimentos e da experiência dos cientistas e tecnólogos, especialmente os quadros de engenharia, foram os principais. Isto também se aplicou aos intelectuais que trabalhavam na esfera da cultura.

Na estrutura geral da sociedade soviética daquela altura, os intelectuais apenas formavam um extracto limitado. O seu maior ramo consistia nos professores. Os trabalhadores científicos, engenheiros, professores das escolas secundárias especiais e da educação superior, médicos e figuras artísticas e literárias eram grupos de intelectuais que continham muito poucas pessoas. Contudo, o Estado

soviético, não possuía nessa altura qualquer outra força cultural à sua disposição. Era por isso necessário, ao mesmo tempo que treinava os seus próprios intelectuais, os seus quadros dos intelectuais soviéticos, transformar os especialistas burgueses, segundo a palavra de V. I. Lénine, de servidores dos capitalistas em servidores das massas trabalhadoras, em conselheiros amigos.

Como consideraram os intelectuais a transição realizada pelo Estado soviético para a Nova Política Económica? Todos os intelectuais acolheram excelentemente, sem dúvida, esta Nova Política Económica ainda que apenas ela lhe trouxesse e a todo o povo trabalhador a confiança na sua situação material e melhorasse o nível de vida. Depois dos anos de estagnação durante a Guerra Civil, isto teve importância para os intelectuais e os seus membros acolheram a Nova Política Económica com entusiasmo unânime.

Mas, no que respeita à avaliação política da Nova Política Económica e à sua influência sobre o destino da revolução e do país, aqui a unidade não é uma palavra que se deva empregar. Os aspectos políticos da Nova Política Económica eram acolhidos de maneira diferente pelos vários grupos dos intelectuais. Muitas razões contribuíram para isto — a heterogeneidade social dos intelectuais, as suas ligações com diferentes partidos e grupos, a sua experiência política, posição económica e outros factores. Apesar das várias avaliações, alguns grupos de intelectuais podem distinguir-se da massa pela «sua» interpretação da Nova Política Económica e opinião acerca da situação política e económica do país e das perspectivas para o seu desenvolvimento social, económico e cultural.

Uma grande parte dos intelectuais, tendo adquirido experiência da cooperação criadora com o Estado soviético durante os anos da Guerra Civil, considerou a Nova Política Económica como um sinal da viabilidade e flexibilidade política do novo Estado e avaliou correctamente as possibilidades dos progressos económicos e culturais

que esta política criaria. Os intelectuais viram que as condições operadas por um Estado socialista abriam aos trabalhadores da ciência, da tecnologia e da cultura um campo ilimitado de acção no qual realmente se empenhavam num trabalho criador usando todos os seus conhecimentos e experiência.

Todos os anos assinalaram um aumento do número de trabalhadores da ciência, tecnologia e cultura que ajudavam a classe operária e o campesinato a vencer as imensas dificuldades relacionadas com a recuperação da economia arruinada. Trabalharam honesta e conscienciosamente em fábricas e oficinas, em institutos de investigação científica, em escolas, hospitais e órgãos governamentais. Estas pessoas podiam já chamar-se, muito justificadamente, especialistas soviéticos. Os melhores juntaram-se às fileiras do Partido Comunista. Por exemplo, o eminente cientista I. M. Gubkine escreveu: «Estou muito feliz por o Partido me ter concedido uma grande honra e me ter admitido nas suas fileiras... Este título é o que mas aprecio e considero-o o meu maior tesouro, apesar de dificilmente conquistado. Aprecio-o mais do que a minha vida, a qual estou pronto a dar ao primeiro pedido do Partido pela grande causa da libertação do trabalho do capital e pelo maravilhoso futuro da humanidade na sociedade comunista» (5).

A Nova Política Económica foi bem acolhida por uma grande parte dos professores e deram-se importantes mudanças nas suas opiniões políticas. Estavam totalmente prontos, na sua maioria, a cooperar com o Estado soviético. Claro que havia os que continuavam em certa medida na oposição e eram mesmo por vezes hostis ao novo Estado, mas estes não determinaram a verdadeira face das massas docentes.

Os cientistas reconsideraram também atitudes e postulados irrevogáveis. A Revolução de Outubro colocou os

(5) Citado em V. A. Ulyanovskaya, *Formirovaniye nauchnoi intelligentsii v SSSR, 1917-1937*, pp. 106-107.

representantes da ciência burguesa perante sérias questões de desenvolvimento social e fê-los olhar criticamente para o passado e analisar o que de facto tinha acontecido, onde estavam as causas dos acontecimentos que tomaram lugar na Rússia e quais seriam as suas possíveis consequências. Os cientistas, que sensatamente avaliaram o presente trabalharam honestamente nas suas investigações científicas, especialmente dado que a Nova Política Económica lhes estava a criar novas possibilidades para isso.

Um campo particularmente vasto para a aplicação do seu conhecimento e experiência abriu-se perante os trabalhadores de engenharia e tecnológicos. A Nova Política Económica assinalou uma nítida viragem em direcção ao trabalho criativo e construtivo que encontrou uma resposta de parte considerável dos tecnólogos. Por isso eles acolheram a Nova Política Económica como uma mudança positiva.

Contudo, apenas parte dos intelectuais tomou esta posição realista. Os mais reaccionários consideraram esta política como um novo «subterfúgio» bolchevique, uma manobra realizada com o fim de «iludir as massas» e continuaram como antes a esperar que a força, com o auxílio da interferência estrangeira, alterasse o curso dos acontecimentos.

A participação dos intelectuais em conspirações e revoltas nos primeiros anos da Nova Política Económica não foi um acontecimento invulgar. A Organização Militante de Petrogrado, que foi descoberta em 1921, foi dirigida pelo professor V. N. Tagantsev e uma grande parte dos seus membros eram intelectuais. Intelectuais contra-revolucionários tomaram parte nas actividades anti-soviéticas da Comissão de Toda a Rússia para o Auxílio à Fome, do Centro de Acção Ucraniano, nas organizações terroristas do Partido SR e nas revoltas na região de Tambov, na Sibéria Ocidental e na Geórgia. Não era um grupo muito numeroso de intelectuais, mas a sua actividade anti-soviética representava uma certa ameaça.

Entre estes dois grupos, em ambos os pólos da escala das suas relações com o Estado soviético e as suas políticas, encontravam-se os neutrais, a «esquerda» e outros grupos de intelectuais que viram na Nova Política Económica maneiras que correspondiam às suas esperanças e convicções políticas.

A parte de intelectuais, que ou ficou no distante flanco «esquerdo» ou que refugiou em verbalismo pseudo-revolucionário, considerou esta política de maneira peculiar. Era exactamente no seu meio que existiam especialmente muitas ilusões pequeno-burgusas e ilusões românticas. Uma certa tolerância dos elementos capitalistas na economia nacional foi considerada com pânico pelos intelectuais de «esquerda», como uma submissão ao capitalismo em todas as frentes. Clamava sobre a aproximação de uma «era de fumo» e prometia lutar contra os bolcheviques pelos... «ideais bolcheviques». Havia, evidentemente, pessoas entre os intelectuais de «esquerda» que não compreendiam a essência da Nova Política Económica e alarmavam-se sobre o futuro destino da revolução. Mas este ponto também foi perseguido por «revolucionários», que, com o único objectivo de comprometer os bolcheviques, clamavam que «chegara a morte da revolução», que ela tinha degenerado.

O maior grupo, contudo, era o dos «neutros», que preferiam interessar-se apenas pelos seus assuntos profissionais no sentido mais estrito e não interferir na política.

As opiniões ideológicas, os hábitos e as tradições da maioria dos intelectuais, especialmente daqueles que pertenciam aos extractos mais bem pagos, continuaram amarrados ao passado.

Tendo sido privados dos seus antigos privilégios materiais durante a Guerra Civil, estes intelectuais não confiavam no novo Estado. As dificuldades da vida diária criavam tédio e irritação no seu meio. Deve-se notar que os vestígios dos partidos anti-soviéticos derrotados continuavam a ser activos entre os intelectuais, apoiando atitudes

deles que conduziam à instabilidade política e ao absentismo.

A Nova Política Económica exerceu uma grande influência em todas as esferas da vida da sociedade soviética. A maior luta na frente económica foi acompanhada por uma não menos dura na esfera ideológica, uma luta pelos espíritos e corações do povo.

A Nova Política Económica aprofundou e acelerou o processo de extractificação que estava a ter lugar entre os intelectuais. Por um lado, realizou uma separação mais rápida dos elementos leais ao Estado soviético e a sua transição para o apoio activo do Estado. Por outro, as condições políticas criadas pela realização da Nova Política Económica (tolerância parcial do capitalismo na economia nacional e similares) tornou objectivamente possível à ala direita dos intelectuais burgueses reavivar as suas actividades anti-soviéticas.

A transição para a Nova Política Económica foi interpretada por uma parte dos intelectuais burgueses como um regresso ao sistema capitalista. As teses do Comité Central do Partido *Vinte e Cinco Anos do PCR(B)* salientavam: «Como resultado da restauração parcial do capitalismo dentro da estrutura do sistema soviético, nos primeiros meses de 1922 assistiu-se à actividade animada realizada pelos remanescentes dos velhos intelectuais burgueses e à criação da chamada frente ideológica (o reavivar da ideologia burguesa).»

Entre os intelectuais burgueses começaram a espalhar-se teorias de que o Estado soviético se desenvolveria numa república parlamentar burguesa, que o bolchevismo estava a degenerar e que a economia socialista estava a ser transformada em capitalista. Esta «crítica» dos ideais do socialismo tomou uma forma dissimulada e foi afirmada como uma linha para o «melhoramento» do socialismo.

Além das suas outras consequências negativas, a ideologia burguesa provocou efeitos extremamente negativos na reeducação dos intelectuais. Saudades de uma restauração,

ilusões de que o Estado soviético tinha falta de solidez, misticismo, idealismo e religiosidade, tudo isto provocou um restabelecimento.

Tudo isto surgiu de várias maneiras. As casas editoras manifestamente anti-soviéticas que tinham sido encerradas durante a Guerra Civil e as sociedades e associações dos intelectuais burgueses que tinham desaparecido retomaram as suas actividades com a transição para a Nova Política Económica.

Assim, em Petrogrado em 1921 foram reiniciadas as reuniões da Sociedade Filosófica que tinham o seu próprio periódico — o jornal *Mysl* (Pensamento). Esta publicação estava cheia de afirmações obscurantistas, homilias místicas, idealismo e ataques aos ensinamentos marxistas. Mostrava também uma evidente preferência pela religião sobre a ciência.

Os intelectuais reaccionários consideraram a Nova Política Económica como uma prova de uma crise no bolchevismo e nos seus ideais comunistas, como o fim da revolução e a primeira aplicação da pressão sobre os travões, um resvalar «da grande utopia para o encarar sério da realidade». Foi afirmado que o objectivo final do desenvolvimento da revolução e também da vida político-social e económica do país era a restauração de um sistema político e económico burguês.

Uma característica das exigências políticas dos ideólogos destes extractos dos intelectuais era a aspiração de retirar os aspectos mais importantes da vida política e cultural do país ao controle do Partido e do Estado. O jornal *Znamya* (A Bandeira), que era o órgão dos intelectuais dirigentes SR, exigia que o sistema dos sovietes de condução da economia nacional «fosse reduzido a cinzas, com raízes e tudo». O jornal movimentou um programa exigindo «socialismo integral» que «não esteja ligado ou relacionado com qualquer classe definida ou grupos». Os activistas do antigo Sindicato dos Professores de Toda a Rússia difundiram entre os professores a ideia do apoliticismo da educação pública e agitaram-se para que as escolas deixassem de estar sob o controle do Partido e do Estado. O jornal *Obshchestvenny Vrach* (O Médico Público), que iniciou a sua publicação em 1922 e era o órgão dos «pirogovitas», adiantou uma exigência para a unificação de todos os assuntos médicos e de saúde nas mãos dos chamados bureaus sanitários que deveriam ser órgãos colegiais com presidiuns eleitos e independentes do Estado soviético. Sugeriram que a rede de assistência médica na província fosse dirigida pelos órgãos do Zemstvo (*) que o jornal exigia fosse restaurado. O professorado fez afirmações sobre a independência da educação superior do Estado.

A «nova ideologia» dos intelectuais burgueses que estava a nascer não relegava evidentemente para o último lugar a ideia da «consciência nacional», por outras palavras, o nacionalismo russo e o chauvinismo de Grande-Poder. Adiantando a palavra de ordem da fundação de um forte «Estado russo», os ideólogos burgueses desdenhavam dos interesses nacionais dos povos que viviam no país. De facto, consideravam as regiões remotas da Rússia como colónias e fontes de matérias-primas para o país central.

A introdução da Nova Política Económica trouxe de novo à luz a questão que provocava tanto interesse nos círculos liberais depois da Revolução de Fevereiro, do lugar e papel dos intelectuais na vida político-social do país. Uma certa tolerância dos elementos capitalistas na esfera económica aumentou as esperanças dos ideólogos da burguesia numa «Nova Política Económica» no campo também da política. Em particular, difundiram-se bastante as exigências da independência política dos intelectuais e mesmo da participação na direcção do país ao mesmo

(*) *Zemstvo:* órgãos autogeridos locais. Existiam nalgumas gubernias da Rússia Europeia depois de 1864. Foram eliminados depois da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro.

nível da classe operária. Um dos dirigentes da parte reaccionária dos intelectuais, A. S. Izgoyev (que também usava o pseudónimo de A. S. Lande), anunciou que «os intelectuais devem ser independentes do Estado tanto no campo espiritual como moral» (7).

Izgoyev abordou a questão do lugar e papel dos intelectuais na Rússia pós-revolucionária com grande relevo no seu artigo «Sobre as Tarefas dos Intelectuais» no qual afirmava em nome de uma determinada parte dos intelectuais burgueses que eram precisamente os intelectuais quem deveria ser o «mentor espiritual» do povo. Na opinião de Izgoyev e dos seus adeptos, os intelectuais tinham uma missão a cumprir, agindo como uma espécie de força acima das classes e dos partidos com o dever de «trazer à luz do dia a opinião pública do país e de criar as condições a grupos muitas vezes com interesses contraditórios e hostis para que vivessem pacificamente juntos sob um único tecto», dado que «numa situação em que cada um come o outro é impensável uma vida comum para grupos sociais diferentes. As relações humanas devem ser estabelecidas» (8).

A. Izgoyev ainda não levantara a questão de permitir aos intelectuais a entrada na direcção do país em pé de igualdade com a classe operária e limitou o seu papel a uma missão de «mentor espiritual». Mas houve «teóricos» que, sem complicarem as suas tarefas com subtilezas estado. O editor do jornal *Novaya Rossiya* (Nova Rússia), I. Lezhnev escreveu em meados de 1922: «Os intelectuais devem deixar de desempenhar o papel aviltante de uma força de serviço e de assalariada obrigatória do Estado. Enquanto a Rússia encarar um reviver económico e cultural, os intelectuais... têm o direito a um papel independente em assuntos de Estado... A máquina administrativa e de Estado ficou fisicamente gasta durante estes anos tormentosos e precisa de algumas reparações consideráveis... É imperioso que o aparelho seja renovado... Os intelectuais devem tirar proveito desta oportunidade a fim de entrarem em novos campos de energia social e irão, e vão... não como um terceiro elemento que depende do Estado, mas auto-suficiente... como uma força auto-suficiente cultural e social.» (9)

(7) A. Izgoyev, *Vlast i lichnost* («Poder e Personalidade»); *Veestnik literatury*, n.º 1, 1922, p. 3.

(8) A. S. Izgoyev, *O zadachakh intelligentsii* (As Tarefas das Intelechai), *Parfenon*, Colecção 1, Petrogrado, 1922, p. 39.

Os ideólogos burgueses estavam especialmente aborrecidos com o destino da recuperação da economia. Adiantaram sugestões de que a indústria pesada não deveria ser «proibida à empresa privada», que deveria ser dado impulso à iniciativa pessoal, que o monopólio no comércio externo deveria ser abolido, que os investimentos de capital estrangeiro deveriam ser permitidos e que o princípio de uma economia planeada deveria ser posto de parte. Este programa para encaminhar o país para linhas capitalistas tinha o nome de «liberalismo económico». Encontrou a sua expressão mais notável nas páginas dos jornais de Petrogrado *Ekonomist e Ekonomicheskoye Vozrozhdeniye* (Renascimento Económico) publicados em 1922, cujo quadro redactorial consistia na sua maioria em pessoas pertencentes aos Cadetes. Em toda uma série de longos artigos exprimiam esperanças definidas numa restauração do capitalismo.

Os publicistas burgueses concentraram-se na sua maior parte numa avaliação negativa dos fundamentos da ciência económica marxista e numa revisão da política do Partido Comunista e do Estado soviético sobre todas as mais importantes questões económicas. Tentaram provar que a acção das leis do desenvolvimento económico era espontânea e incontrolável e a inutilidade da interferência do homem no «mecanismo económico». A partir daqui afir-

(9) I. Lezhnev, *Zapiski sovremennika* (Notas de um Contemporâneo), Moscovo, 1936, pp. 238-239.

maram que o Estado soviético não era capaz de qualquer influência sobre o curso dos processos económicos e que por isso era melhor regressar aos métodos capitalistas experimentados na prática de condução da economia.

De acordo com os teóricos da restauração, os principais princípios económicos que deveriam ser mantidos eram os da empresa capitalista. A fim de salvar a Rússia do caos da desorganização, propuseram procurar formas de atrair o capital estrangeiro e argumentavam que a realidade tornou necessário mesmo para os «comunistas convictos» «esperar melhoramentos de um regresso parcial ao capitalismo livre».

Os jornais *Ekonomist* e *Ekonomicheskoye Vozrozdeniye* prestaram muita atenção às perspectivas de desenvolvimento da agricultura. Rejeitaram a ideia leninista da cooperação agrícola e os seus redactores afirmaram que aqueles que «viam o caminho para o socialismo na cooperação» apelavam de facto para uma maior desigualdade no campo e que arriscavam tudo o que tinham basicamente no kulak, o capitalista rural.

Estes eram alguns dos conceitos da «nova ideologia» dos intelectuais burgueses que tomavam forma. Em essência, dirigia-se afinal para uma restauração do sistema capitalista.

As tendências de restauração reflectiam-se também na literatura e na arte e alguns escritores louvaram bem alto o novo homem — o nephomem [10], que chegara com a missão de «revitalizar e sarar» a Rússia.

Lançando-se na batalha contra as tendências reaccionárias entre os intelectuais, o Partido Comunista e o Estado soviético fizeram persistentes esforços para os interessar na construção da nova vida. Mas, como já se disse atrás, o significado real daquilo que foi realizado estava muito longe de ser compreendido por todos os intelectuais. Muitos continuaram a ser «emigrados internos», apesar de tomarem parte na vida económica e cultural do país, e sonhavam com a restauração do capitalismo. Enquanto acreditavam que uma regeneração gradual do Estado soviético para uma república democrática-burguesa era perfeitamente possível e inevitável, tomaram parte na reconstrução da economia nacional e na vida cultural do país.

(10) Nephomem: da abreviatura NEP — New Economic Policy (Nova Política Económica).

Deve-se dizer que estes sentimentos não eram novos para os intelectuais daquele tempo. A ideia de que a Rússia, tendo passado por um período difícil de experiências sociais e cataclismos, chegaria a alguma «forma normal de Estado», não abandonou uma determinada secção de intelectuais durante a Guerra Civil. A introdução da Nova Política Económica e até o facto de que uma parte dos influentes intelectuais brancos emigrados tinha também chegado à conclusão de que existia uma possibilidade de que o «bolchevismo se desenvolveria em parlamentarismo» apenas activou mais estas tendências. É por isso interessante abordar as características dos processos que estavam a ter lugar entre os emigrados brancos dados os êxitos do Estado soviético e a formação de um movimento que recebeu o nome de *Smena Vekh* (Mudança de Época) na literatura soviética.

A emigração branca representou, é sabido, um perigo considerável para a República Soviética. «Preservaram a sua organização de classe no estrangeiro», disse V. I. Lénine em 1921 referindo-se aos latifundiários e capitalistas, «como emigrados, que somam provavelmente entre 1 500 000 a 2 000 000 de pessoas, com mais de 50 jornais diários de todos os partidos burgueses e "socialistas" (isto é, pequeno-burgueses), os remanescentes de um exército, e numerosas conexões com a burguesia internacional. Estes emigrados estão ansiosos, com toda a energia, por destruir o poder soviético e restaurar o capitalismo na Rússia» [11].

(11) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 32, p. 455.

Havia uma proporção considerável de intelectuais na emigração branca. Encontrando-se no estrangeiro, a maior parte levava uma existência miserável. Sem meios de subsistência, ignorando a língua e os hábitos dos países nos quais tinham procurado refúgio, serviram para aumentar as fileiras do lumpen-proletariado e dos desempregados. Um engenheiro empregou-se como motorista de táxi, um general vestiu um uniforme de porteiro e um oficial juntou-se à Legião Estrangeira. O pintor I. Y. Bilibine descreveu em termos amargos as suas provações na emigração e a posição privada de direitos civis de um intelectual que fugiu para o estrangeiro: «Desde Setembro de 1917 até Setembro de 1919, vivi na Crimeia. Então tive de "saltar" para Novorossiisk e aí dormi em vagões de caminho de ferro e salas de espera... então fui apanhado na evacuação inglesa... encontrei-me preso por trás do arame farpado de um campo de concentração em revolta e extremamente quente perdido nas areias do deserto em Tel-el-Kebir, e finalmente encontrei-me na renovada cidade do Cairo onde trabalhei duramente... O salário é absolutamente miserável, apenas o suficiente para sobreviver. Não podem existir argumentos dado que se é um refugiado e um *sansculotte* — toma o que te dão e agradece a Deus por isso... O meu trabalho preferido — ilustração de livros — não existe. Às vezes tenho muitas saudades da Rússia e anseio por ela.» (12)

Uma profunda desilusão pelo resultado da luta contra o Estado soviético, pessimismo, aridez espiritual, a histeria delirante dos Cem-Negros, o ódio implacável de alguns por tudo quanto era «soviético» e a total prostração espiritual e o abalo peculiar de outros, tudo isto eram características dos emigrados brancos da altura.

Entretanto, a situação na Rússia consolidava-se. As suas posições na arena internacional melhoravam e a renovação do trabalho dentro do país progredia. Amplas

(12) *Dom iskusstv*, n.º 2, 1921, p. 130.

perspectivas para a recuperação da economia e da cultura podiam ver-se abrir num futuro próximo. Nesta situação, muitos dos intelectuais emigrados não apenas simpatizaram com os planos do Governo soviético, como cresceu entre eles um desejo cada vez maior de regressar à sua Pátria

Longe da Rússia, tornaram-se cada vez mais profunda e dolorosamente conscientes de quão justo e natural era para o seu povo lutarem por conduzirem a batalha pelo renascimento do seu país a um fim vitorioso.

Esta era uma parte da emigração. Na outra, D. Merezhkovski e Z. Gippius, D. Filosofov e B. Savinkov, juntamente com antigos «socialistas» do tipo de P. Struve, diariamente caluniaram e aviltaram os bolcheviques, os Sovietes e o povo a quem tanto odiavam. Isto testemunha o facto de, por influência dos êxitos da Terra dos Sovietes, tomar lugar um processo de extractificação profunda entre os emigrados brancos russos, uma tentativa para compreender o cataclismo que abalara a Rússia e avaliar as suas próprias acções no passado recente e determinar a sua posição no futuro próximo. Haveria uma maneira dos intelectuais se entenderem com os bolcheviques ou tinham sido cortadas todas as saídas? Dever-se-ia regressar a casa e ajudar o povo durante tempos difíceis ou dever-se-ia, mesmo numa terra estranha, continuar implacável, «recusando trair a bandeira»?

Uma parte dos emigrados inclinava-se para a ideia da reconciliação com o Estado soviético e para a falta de esperança da luta armada contra ele. Em inícios de 1920, o professor N. V. Ustryalov publicara em Harbin um livro intitulado *A Batalha pela Rússia* no qual rejeitara o método da intervenção armada, condenara as insurreições contra-revolucionárias e apelara para a reconciliação com os Sovietes. Em 1921; o professor S. Zagorski expressou ideias semelhantes no jornal de Paris *Posledniye Novosti* (As Últimas Notícias). Cadetes como A. Gurovitch, I. Yefimovski e outros também defenderam no jornal de Praga

Slavyanskaya Zarya (O Amanhecer dos Eslavos) a necessidade de «fazer uma viragem política», de efectuar uma reconciliação com o Estado soviético e de se unir aos intelectuais que já há muito «estavam a trabalhar com os Soviéticos». Estes sentimentos estavam mais precisamente expressos na colecção *Smena Vekh* (Mudança de Época) que se publicou em Praga em meados de 1921.

Os autores desta colecção consideraram a sua tarefa como uma das que utilizava «as experiências revolucionárias mais recentes... para saber, finalmente, o verdadeiro significado da revolução agora na prática» ([13]).

Falando audaciosamente em nome de todos os intelectuais russos, explicaram as conclusões a que tinham chegado como um resultado do facto de terem reconsiderado as suas convicções pré-revolucionárias em relação a todos os intelectuais, incluindo aqueles que viviam e trabalhavam na Rússia Soviética. Mas apesar de Klyuchnikov, Ustryalov e outros autores da colecção gozarem de uma certa influência entre os intelectuais emigrados brancos, na Rússia Soviética eram pouco conhecidos.

Os autores do *Smena Vekh* analisaram criticamente os seus erros, arrependeram-se das suas ofensas contra o povo e chegaram à conclusão de que os intelectuais contemporâneos não percebiam uma série de factos e que estavam enganados em muitos outros, mas que, no conjunto, já não eram um inimigo implacável da revolução e que tinham crescido suficientemente para conseguir reconhecê-la como um facto consumado.

O artigo principal do professor Klyuchnikov, que abria a colecção, dizia: «A Guerra Civil foi perdida. A Rússia segue há muito a sua própria via e não a nossa. A crise terminou. A situação tomou forma. Portanto, reconheçam esta Rússia que detestam ou permaneçam fora da Rússia,

([13]) *Smena Vekh*, Praga, 1921, p. 6.

porque não existe uma "terceira Rússia" que se conforme com as vossas receitas e não existirá.» ([14])

Os autores tinham feito a sua opção e reconheceram o Estado soviético como o único e legal poder na Rússia. O eminente advogado de Petersburgo A. Bobrishchev-Pushkine escreveu na mesma colecção que «não pode existir nenhum outro Estado excepto o Estado soviético, ninguém mais pode combatê-lo, cairão todos em discussões entre si... Só o Estado soviético, contra o qual havia uma coligação mundial, os exércitos brancos que ocuparam três quartos do seu território, a desorganização interna, a fome, e a força centrífuga da inércia que conduziu a Rússia para a anarquia poderiam ter vencido estas dificuldades sem precedentes históricos» ([15]).

A ideia da reconciliação com o Estado soviético reflectia os sentimentos de muitos dos emigrados e por isso foi amplamente difundida. No decurso de 1922, vários jornais de emigrados Smenavekhovitas foram publicados: *Novaya Rossiya* (Nova Rússia) em Sófia, *Novosti Zhizni* (Notícias da Vida) em Harbin, *Nakanune* (Nas Vésperas) em Berlim, *Put* (O Caminho) em Helsingfors e *Novy Put* (O Novo Caminho) em Riga. O órgão principal dos Smenavekhovitas reunia-se em redor do jornal *Nakanune* que foi publicado diariamente desde Março de 1922 até Junho de 1924.

Uma carta aberta escrita por A. N. Tolstoi ao eminente activista emigrado branco N. V. Chaikovski mostra claramente a via seguida por alguns intelectuais, a opção que fizera e os seus métodos típicos de julgamento e argumentação. Foi publicada em 14 de Abril de 1922 em *Nakanune*.

«Eu represento — escreveu A. N. Tolstoi — o emigrado russo típico, ou seja, uma pessoa que passou por todo o tipo de infelicidades. Na época da grande guerra entre os Brancos e os Vermelhos, estive ao lado dos Brancos.

([14]) *Smena Vekh*, Praga, 1921, p. 79.
([15]) *Ibid.*, p. 86.

«Tinha um ódio físico aos bolcheviques. Considerava-os os destruidores do Estado russo e a causa de todo o infortúnio...»

Mas então a Guerra Civil acabou. Na Rússia Soviética começou a restauração da economia nacional, assim como o desenvolvimento da cultura soviética. Os operários e os camponeses não tinham intenções de tomar em consideração se a ordem que estava a ser estabelecida no país agradava ou não aos vários grupos políticos que viviam fora da Rússia. Nestas condições, A. N. Tolstoi chegou à conclusão que o Governo bolchevique era a única força real «que sozinha defende agora as fronteiras russas da invasão dos vizinhos, defende a unidade do Estado russo e sozinha na Conferência de Génova defende a Rússia de possível subjugação e pilhagem realizados por outros países».

Ao analisar o desenvolvimento da revolução, o escritor admitia que, dadas as circunstâncias dentro do país e fora dele, planear derrubar os bolcheviques, como era zelosamente defendido pela parte reaccionária dos emigrados brancos, seria um erro. Na sua opinião, considerou três maneiras possíveis de actuar para salvaguardar o Estado russo e examinou escrupulosamente as virtudes e fracassos de cada uma até que chegou à única que pensou ser correcta.

«Primeira acção: reunir um exército de estrangeiros, entregar-lhes os restos dos exércitos brancos destroçados, entrar na Rússia pelas fronteiras polaca e romena e começar a combater os Vermelhos. Para fazer isto, tem de se ter na consciência o sangue do povo russo morto e mutilado por esta acção. Não tenho espaço suficiente na minha consciência para conter o sangue dos outros.

Segunda acção: derrotar os bolcheviques pela fome, dando alguma comida, contudo, aos que estão realmente a morrer de fome. Este método está igualmente cheio de problemas: 1) um aumento de mortalidade na Rússia; 2) uma redução no poder de resistência da Rússia como

Estado. Mas exige uma firme fé no facto de que o Governo bolchevique, protegido por tropas de primeira e que vive, como qualquer governo, em melhores condições do que o cidadão médio, pode morrer de fome antes que a população da Rússia morra. Não acredito muito nisto.

«Terceira acção: reconhecer a realidade da existência do Governo da Rússia chamado bolchevique e reconhecer que não há alternativa dentro ou fora da Rússia. (Reconhecer isto é como reconhecer o facto de que lá fora sopra uma forte ventania, mesmo se gostássemos, ficando à janela, de pensar que está um lindo dia de Maio.) Tendo reconhecido isto, fazer tudo para auxiliar a fase final da revolução russa a ir na direcção do enriquecimento da vida, em direcção a tirar-se tudo quanto é bom e justo da revolução e afirmar que isto é bom, em direcção à aniquilação de tudo quanto é cruel e injusto criado pela mesma revolução e finalmente em direcção ao fortalecimento do nosso grande Estado. Escolho esta terceira acção... A minha consciência apela para que não me meta numa cave mas para que vá para a Rússia e pregue o meu próprio prego no barco gasto pela tempestade da Rússia.» (16)

Esta carta desempenhou um importante papel na mudança dos sentimentos políticos de parte considerável dos emigrados brancos. Se uma figura tão famosa como A. A. Tolstoi, um conde, um eminente escritor e uma pessoa longe de ser desconhecida em círculos de emigrados, falava publicamente a favor do regresso à Rússia, seria claramente um exemplo influente. Claro que exerceu influência em muitos exilados de menos nível e igualmente nos aristocratas bem nascidos que sofriam de dúvidas e vacilações.

A corrente destes regressos cresceu anualmente. O Estado soviético não só não evitou o regresso dos emigra-

(16) Alexei Tolstoi, *Sobraniye sochinenii i 10 tomakh*, Moscovo, 1961, pp. 34-39.

dos preparados para cooperar honestamente com ele, como os encorajou a isso de todas as maneiras possíveis, é certo com algumas condições compreensíveis. Ao dirigir-se aos emigrados russos, o presidente do Comité Executivo Central da URSS, M. I. Kalinine, escreveu: «Se desejam ser úteis ao vosso povo, vão sem astúcias filosóficas e sirvam o vosso povo, mas não vão à espera de mandar.»

Os monárquicos, Cadetes, SRs e outros inimigos políticos do Estado soviético perseguiram os que regressaram, espalharam boatos provocatórios sobre represálias exercidas pelos comunistas contra os emigrados e organizaram acções terroristas contra as pessoas que pediam para regressar à Rússia Soviética. Em Sófia, A. M. Ageyer, o editor do jornal de emigrados *Novaya Rossiya* (Nova Rússia), foi assassinado por homens de Wrangel assim como o foi D. I. Cherniavski, o editor do jornal de Harbin, *Novosti Zhizni* (Notícias da Vida). O jornal *Nakanune* (Nas Vésperas) travou uma luta sistemática contra os guardas brancos activos e os círculos de emigrados anti-soviéticos e como resultado conquistou os títulos de «traidor», «vendido», «réptil soviético» e outros.

A extractificação dos emigrados e a separação dos seus elementos mais sãos levou ao regresso à Rússia nos anos 20 de um número considerável de intelectuais. Isto provou ser muito útil na edificação da nova vida. Por outro lado, entre aqueles que por diversas razões permaneceram no estrangeiro existiam grupos que seguiam os êxitos da construção socialista na URSS com simpatia crescente e tentando de uma maneira ou de outra ajudar a Rússia que se tornara num país socialista. Isto tornou-se especialmente aparente mais tarde, quando a Terra dos Sovietes sofreu as amargas privações da Grande Guerra Pátria.

Assim, uma das principais conclusões a que chegou parte dos intelectuais dos emigrados brancos foi a de que a ideia de luta armada contra o Estado soviético era totalmente errada. Esta ideia foi substituída pela tese de que era imperioso assinar a reconciliação com o Estado soviético e cooperar com ele lealmente ou, segundo uma xpressão do tempo, «servir os Sovietes». Esta foi uma sensível e racional maneira de pensar. Mas ao mesmo tempo, os autores da colecção *Mudança de Época* assim como outros ideólogos dos intelectuais emigrados expuseram muito francamente o objectivo deste serviço: promover a transformação do Estado soviético numa república burguesa. Acreditavam que «a revolução era dirigida contra certas categorias específicas de proprietários de quem era impossível tomar o poder sem lhes tirar a propriedade. Mas a afirmação de que a propriedade não existe na Rússia não concorda de modo algum com os factos. Toda a estrutura e maneira de viver da nação se baseia, como antes, na propriedade. Finalmente, tudo se resumiu na repartição do que tinha sido ganho pela revolução ou, como as vítimas diriam, "pilhado". Esta repartição está a tomar lugar em linhas baseadas na propriedade.

«Tudo vem direito ao fim; haverá propriedade na Rússia, iniciativa privada, comércio e cooperação. A única coisa que não existirá são os antigos proprietários atirados para o estrangeiro.» (17)

Para permitir que a Rússia realizasse a sua restauração mais rapidamente, era necessário, na opinião de um dos autores da *Mudança de Época*, S. S. Chakhotine, «participar mais activamente na restauração da nossa Pátria». Mas então, continuou, alguns podem pensar que, «fortalecendo a situação económica do país, estamos a fortalecer a posição dos bolcheviques». Como se adapta isto às convicções de um «respeitável» intelectual honestamente lutando contra o Estado soviético? «Pelo contrário», respondeu Chakhotine, «elevar o nível cultural do país e normalizar a sua política dependem da transformação dos seus esforços económicos em direitos» (18).

(17) *Smena Vekh*, Praga, p. 111.

(18) *Smena Vekh*, Praga, 1921, p. 129. Os últimos tempos da vida de Chakhotine são muito curiosos. No estrangeiro, em 1920, escreveu uma

N. V. Ustryalov era um defensor especialmente veemente da teoria de que o bolchevismo se estava a degenerar. No seu artigo «Patriótica» e noutros publicados no jornal *Smena Vekh*, afirmou que «o bolchevismo, tendo mudado a sua política económica e travado a sua política de "comunismo imediato", já não é o que o bolchevismo era...» (19)

A ideologia reaccionária dos smenavekhovitas ligava-se objectivamente aos objectivos políticos dos mencheviques e dos SRs. Todos supunham que o maior desenvolvimento político da Rússia conduziria a uma recuperação do capitalismo. Em 15 de Setembro de 1921, o órgão do CC dos mencheviques *Sotsialistichesky Vestnik* (O Araulto Socialista) publicou um artigo de Y. Martov no qual anunciava que o desejo do proletariado de sair da estrutura da revolução democrático-burguesa era utópico. Os mencheviques consideravam a degeneração do Estado soviético como inevitável. Este programa foi de facto apoiado por vários grupos pseudo-revolucionários que se chamavam a si mesmos «operários» e grupos «comunistas». Os antigos dirigentes da «oposição dos operários» criaram um «grupo de operários» que considerava a Nova Política Económica

---

série de artigos defendendo a República Soviética, os quais se erguiam contra o tom hostil da imprensa estrangeira. L. B. Krasine, o Comissário do Povo para o Comércio Externo, convidou S. S. Chakhotine e para dirigir a representação do comércio soviético em Berlim, mas ele não gostava de trabalho de organização. Sendo um eminente biólogo-experimentalista, dedicou-se à investigação científica. Com a autorização do Governo soviético (tinha cidadania soviética) foi para Itália e mais tarde regressou de novo à Alemanha. O trabalho científico, contudo, não conseguiu afastá-lo das tempestades políticas e não se escondeu delas, tomando parte activa na luta contra o nazismo. Os hitlerianos atiraram-no par um campo de concentração. Liberto em 1944, tornou-se um dos primeiros organizadores do movimento mundial de cientistas lutando pela paz. Desde fins de 1940 que S. S. Chakhotine viveu na União Soviética e trabalhou no Instituto de Biofísica da Academia das Ciências da URSS. Morreu em Dezembro de 1973.

(19) *Smena Vekh*, 1922, p. 18.

como uma recuperação das «relações capitalistas normais» e exigia que todos os partidos políticos na Rússia tivessem liberdade de expressão e de imprensa.

Os apelos dos smenavekhovitas, mesmo dos seus membros mais à direita, para a cooperação com o Estado soviético eram, sem dúvida, um fenómeno positivo. Mas o que se escondia nestes apelos, os objectivos políticos desta cooperação, precisava de ser explicado às massas e ao Partido. No seu discurso no XI Congresso do Partido (1922), V. I. Lénine deu uma definição precisa dos motivos que levaram alguns intelectuais como Ustryalov a apoiarem os bolcheviques e a cooperarem com eles, Lénine explicou a teoria de Ustryalov e caracterizou a sua posição desta maneira: «Sou a favor do apoio ao Governo soviético, afirma Ustryalov, apesar de ele ser um democrata-constitucional, um burguês, e apoiar a intervenção. "Sou a favor do apoio ao Governo soviético, porque tomou a via que o levará ao Estado vulgar burguês".» (20)

Na literatura histórica soviética há dois pontos de vista sobre o lugar e o tempo do aparecimento do *Smena Vekh* e do seu movimento. Alguns historiadores julgam que fez o seu aparecimento e tomou forma no estrangeiro e que foi o resultado da desintegração do campo contra-revolucionário e dos sérios desacordos entre os emigrados brancos. Os outros investigadores são de opinião que o smenavekhismo como corrente ideológica surgiu antes de 1921 e no país.

O último ponto de vista não recebeu grande acolhimento. Os seus autores apenas o expuseram, sem quaisquer argumentos que o apoiassem. Contudo, a opinião de que o movimento smenavekhismo apareceu na realidade na Rússia Soviética antes da transição para a Nova Política Económica merece atenção.

---

(20) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 33, p. 286.

Se deixarmos de parte os vários cambiantes nas atitudes de indivíduos e mesmo de grupos, pode-se dizer que a essência do smenavekhismo reside em duas propostas básicas: os intelectuais devem servir o Estado soviético; o objectivo deste «serviço» é promover o processo de degeneração do Estado soviético numa república democrático-burguesa. Esta é a essência da táctica política e da teoria da *Mudança de Época*. E também se sabe bem que os intelectuais, pelo menos a sua maior parte, não foram «servir os Sovietes» nem depois da proclamação da Nova Política Económica nem depois da publicação da *Mudança de Época*. No início de Dezembro de 1919, V. I. Lénine pôde notar na VIII Conferência do Partido que as simpatias «não só da classe operária, mas também amplos círculos de intelectuais burgueses estão do lado do poder soviético» ([21]). Dezenas de milhares de especialistas militares serviram nas fileiras do Exército Vermelho, centenas de milhares de professores, médicos, engenheiros e técnicos trabalharam na economia nacional e no campo do desenvolvimento cultural.

Ao mesmo tempo seria incorrecto acreditar que muitos milhares de intelectuais serviram o Estado soviético guiados pelo desejo de ajudar a fortalecê-lo. De modo nenhum todos, apesar do seu declarado apoliticismo, desejavam os êxitos dos bolcheviques na realização dos seus planos.

Foi só depois das tentativas de um derrube armado da ditadura do proletariado terem falhado e depois de se ter tornado evidente que o Estado soviético tinha já basicamente ganho (e num certo número de casos mesmo antes disso) que surgiu em cena a ideologia da «reconciliação» com os bolcheviques e do reconhecimento da necessidade de cooperar com eles no trabalho da construção económica e cultural. O apoio nacional ao Estado soviético e os seus êxitos, a derrota do campo contra-revolucionário e a lógica

([21]) *Ibid.*, vol. 30, p. 117.

dos acontecimentos como um todo, levaram uma parte considerável dos intelectuais a cooperar com o Estado soviético.

A Declaração dos Trabalhadores Intelectuais e os discursos e artigos de Gredeskul, Bekhterev e outros devem ser considerados como estando dentro do mesmo espírito das afirmações dos smenavekhovitas de Praga. Podem ser dados muitos exemplos que mostram que mesmo durante os anos da Guerra Civil existiam, nos discursos e artigos dos representantes dos intelectuais, argumentos que mais tarde foram considerados como parte do movimento *Smena Vekh*. No seu livro *Perspectivas do Pós-Guerra para a Indústria Russa* (Kharkov, 1919), o conhecido engenheiro I. V. Grinevetski negou o carácter socialista da Revolução de Outubro e tentou salientar as perspectivas para a recuperação da economia nacional na Rússia numa base capitalista.

Os factos mostram que um processo de mudança complicado, difícil e doloroso nos sentimentos dos intelectuais russos estava a tomar lugar. Mas também mostravam que os intelectuais burgueses tinham tanto uma ala direita como uma esquerda e que a primeira considerava a recuperação do capitalismo como o objectivo final do desenvolvimento do país, enquanto a última exprimia os pontos de vista dos grupos de intelectuais que se tinham virado para a cooperação honesta com o Estado soviético.

No que diz respeito à *Mudança de Época*, os seus autores apenas deram uma explicação «teórica» para a mudança de época que se passava *entre os emigrados brancos* e deram-lhe o seu nome. Na Rússia Soviética, contudo, o processo começou mais cedo, quando os intelectuais decidiram cooperar com o Estado soviético, e continuou a deesnvolver-se durante os primeiros anos da Nova Política Económica. A. S. Bubnov, que estava encarregado do Departamento de Agitação e Propaganda do CC do Partido, escreveu que naqueles anos os defensores da burguesia «não precisavam de trabalhar num novo tipo de ideologia

dado que já tinham uma ponta. Apenas exigia umas adaptações respeitantes ao lugar, tempo e espaço». Se o termo smenavekhismo (Mudança de Época) deve usar-se quando nos referimos ao princípio dos anos 20, então deve apenas sê-lo no sentido de que os pontos de vista de uma determinada parte dos intelectuais durante os anos da Guerra Civil tomaram finalmente uma forma definitiva nessa altura.

É por isso discutível a afirmação de que o movimento Smena Vekh deve o seu aparecimento à emigração branca. Tinha as suas raízes dentro do país. O sério desacordo entre os emigrados brancos e a decisão de «estabelecer uma reconciliação com os Sovietes» foram consequências dos acontecimentos que tiveram lugar dentro da Rússia Soviética. Não foi por acaso que Klyuchnikov, um dos autores da *Mudança de Época*, reconheceu que era precisamente «a partir dali, da Rússia, que saiu a tendência reflectida no estrangeiro na forma do movimento Smena Vekh e que representava acima de tudo uma mudança na psicologia dos intelectuais russos».

Um dos notáveis ideólogos dos intelectuais pós-revolucionários, o professor V. Tan-Bogoraz, disse sobre este assunto: «Existe um grave e essencial mal-entendido por de trás da ligação dos russos daqui com os que estão no estrangeiro. Não é uma questão de nomes. Chamem-nos "smenavekhovitas" se quiserem. Mas, contudo, é absurdo dizerem que nós aqui na Rússia mudámos a nossa orientação numa maneira semelhante aos smenavekhovitas no estrangeiro... A Rússia real, básica e vasta está aqui e não aí, no estrangeiro. Aí é apenas a Rússia n.º 2. E os intelectuais reais estão também aqui, na Rússia genuína. E já passaram dois anos desde que os intelectuais russos começaram a mudar a época, muito antes desta ideia estrangeira. Foi um assunto difícil e tormentoso.» (22)

(22) *Rossiya*, n.º 1, 1922, pp. 12-13.

No seu discurso ao XI Congresso do Partido na Primavera de 1922, V. I. Lénine mostrou claramente onde se deviam procurar as raízes do movimento *Smena Vekh*. «Os aderentes do movimento *Smena Vekh*», disse, «exprimem os sentimentos de milhares e dezenas de milhares de burgueses ou de empregados dos Sovietes cuja função é realizar a nossa Nova Política Económica» (23). V. I. Lénine tinha no espírito, neste caso, Ustryalov e o seu grupo, ou seja, aqueles «dirigentes» dos intelectuais que representavam uma tendência que vencera entre os emigrados russos.

O facto de *Mudança de Época* ter sido publicado em Praga em meados de 1921 deve também ser tomado em consideração. Para a ideologia daqueles que alinhavam pela nova corrente e pensavam que ela seria capaz de penetrar nos amplos extractos dos intelectuais dentro da Terra dos Sovietes e para que eles se tornassem conscientes dela e a aceitassem, eram necessários tanto muito tempo como grande quantidade de material de propaganda. Mas, é bem sabido que, dadas várias razões, os laços entre a Rússia Soviética e os outros Estados quase não existiam. Os smenavekhovitas não podiam enviar grandes quantidades da sua literatura do estrangeiro para a Rússia Soviética. À luz deste facto, parece duvidoso que pudesse ter tido tanto uma influência em grande escala como uma influência suficientemente eficaz sobre a psicologia dos intelectuais.

O movimento *Smena Vekh* deve por isso ser considerado como um fenómeno basicamente interno que fez o seu aparecimento entre os intelectuais que ficaram na Rússia Soviética.

Até que ponto estavam espalhadas as ideias do *Smena Vekh* entre os velhos intelectuais? Pode-se ficar com uma impressão a partir de números registados em 1922 em

(23) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 33, p. 287.

Moscovo durante reuniões não oficiais com 230 engenheiros que trabalhavam em empresas conjuntas e outras organizações económicas. O primeiro grupo dos que foram entrevistados consistia em antigos proprietários de empresas, antigos membros de quadros directivos de companhias associadas e directores fabris — 45 pessoas ao todo. O segundo grupo consistia em antigos engenheiros vulgares — 185 ao todo. O interrogatório feito a estes 230 engenheiros sem partido mostrou que 110 tinha ideias que correspondiam ao movimento Smena Vekh, 46 tinham uma atitude indiferente em relação ao Estado soviético, 12 eram-lhe hostis, 34 não responderam e 28 simpatizavam com a plataforma soviética (34). O número que chama a atenção é o número de pessoas hostis ao Estado soviético: 12 comparado com 28 dos interrogados ao mesmo tempo expressaram o seu apoio, os destantes não se opunham nem apoiavam o Estado soviético. Se estes números se aplicam aos intelectuais como um todo (o que, evidentemente, apenas só pode ser feito com qualificações), as conclusões testemunham o imenso êxito do Partido Comunista em separar os intelectuais da burguesia.

Tendo reconhecido a necessidade de «servir os Sovietes», os smenavekhovitas enunciaram simultaneamente os princípios da «neutralidade» e do «apoliticismo» dos intelectuais e da não interferência na vida política do país. Em 1922, por exemplo, no I Congresso dos Engenheiros Sindicalizados de Toda a Rússia, M. G. Yevreinov — dirigente da Associação dos Engenheiros de Toda a Rússia — anunciou: «A nossa tarefa é salvaguardar a associação das atitudes políticas de qualquer espécie e não a tornar na arena para lutas políticas.»

As ideias de neutralidade e de natureza não partidária das escolas e da arte estavam difundidas numa série de afirmações de figuras da educação pública e de trabalhadores da arte. O realizador de cinema, I. Perestiani, que foi também o autor do primeiro filme de aventuras soviético *Os Pequenos Demónios Vermelhos*, afirmou: «Nunca em qualquer das minhas obras fui guiado pela política. Trabalho como me ditam os meus sentimentos pessoais e julgo que misturar as questões políticas com a arte é extremamente pernicioso, como é a questão dos realizadores de filmes estarem sob vigilância.»

O «apoliticismo» dos velhos intelectuais foi o resultado da sua falta de carácter e de princípios políticos. Os intelectuais como um todo compreenderam que o velho mundo fora profundamente destruído, mas o futuro parecia-lhes ser sombrio e caótico. Não conseguiam alinhar com os bolcheviques, mas ao mesmo tempo não conseguiam ver no país qualquer força com a qual se pudessem juntar a fim de lutar contra o Estado soviético. Daí os seus sentimentos apolíticos e apartidários, na esperança de ver que espécie de viragem os acontecimentos poderiam tomar. Deve-se notar que a «neutralidade» dos intelectuais foi um passo importante e talvez necessário na sua transição para as posições do Estado soviético. Os intelectuais, apesar de acreditarem que continuavam «fora da política», colocavam-se objectivamente ao lado do Estado soviético pelo mero facto do seu frutuoso e criativo trabalho sob o novo sistema.

Vejamos um exemplo muito característico: em 1922-1924 o Teatro de Arte, dirigido por K. S. Stanislavski, deu espectáculos no estrangeiro. Os membros do grupo não se consideravam defensores convictos dos bolcheviques e não foram para o estrangeiro de modo algum como propagandistas da arte soviética. Pelo contrário, nas cartas de Stanislavski daquele tempo pode-se ver que ele se considerava genuinamente apolítico e longe de estar envolvido em qualquer tipo de luta ideológica. Stanislavski escreveu do estrangeiro em 1922: «Desenvolveu-se uma tendência para nos considerar como teatro soviético. Dado um certo gosto pela intriga, não nos querem reconhecer como apolíticos.

(34) *Pravda*, 3 de Setembro de 1922.

Temos de ter muito cuidado.» [25] Ficou furioso com a imprensa burguesa: contou aos jornalistas a verdade sobre a Rússia Soviética, que os teatros tinham a sua autonomia, que o Governo tomara conta dos velhos teatros e que não perturbava o seu trabalho criativo. Na manhã seguinte, os jornais alardeavam: O Teatro de Arte de Moscovo é bolchevique e Stanislavski é um agente do Kremlin. K. S. Stanislavski não compreendeu então que ele, um artista «apolítico», já se tornara um «propagandista do bolchevismo» pelo seu relato verdadeiro e imparcial da situação real na Rússia Soviética.

Este episódio mostra que o «apoliticismo» defendido por muitos intelectuais começou de facto a transformar-se em política absolutamente genuína. O próprio curso dos acontecimentos levou o intelectual «apolítico», apesar da sua convicção sincera de que estava «acima da confusão», a ser atirado para a vida social e política do país. Deve-se acrescentar que a posição apolítica encontrou um criticismo de princípio cada vez mais frequente nas fileiras dos próprios intelectuais. Na imprensa, em reuniões e debates, uma única questão era discutida cada vez mais frequentemente: os intelectuais têm o direito de ficar de fora de tudo o que faz parte da vida do povo?

Um caso a salientar é a posição do jornal *Rossiya.* Nele podiam encontrar-se artigos apelando para que os intelectuais promovessem a recuperação do capitalismo e ao mesmo tempo havia outros que discutiam o papel e o lugar dos intelectuais na nova sociedade e se eles tinham o direito de permanecer à margem de tudo o que era vital para o povo. Os seus autores eram pessoas progressistas e patriotas.

Um artigo do famoso perito energético professor I. G. Alexandrov intitulado «Os Intelectuais Russos e as Suas Tarefas Actuais» foi publicado no *Rossiya* n.º 9 (1923) e

[25] K. S. Stanislavski, *Sobraniye sochinenii,* vol. 8, Moscovo, 1961, p. 30.

provocou uma grande resposta por parte dos intelectuais. Escreveu: «Os intelectuais russos ainda não se libertaram da severa crise que os submergiu em tempos contemporâneos, mas por muitas razões tornou-se impossível continuar na mesma posição; o país mostrou ser capaz de vencer a destruição do primeiro período da revolução, apareceram novos focos de actividade criadora à superfície da vida e as amplas massas populares produziram novas forças jovens nos últimos anos.

«Permanecer fora do processo histórico por mais tempo é impossível. É impossível afastar-se espiritualmente durante anos do grande processo de reconstrução da estrutura social no país e continuar impune. Daqui segue-se inevitavelmente a morte espiritual ou a degeneração.

«A ausência dos intelectuais da arena histórica ou a sua participação como especialistas, que não aceitam responsabilidades, leva à perversão de muitas realizações valiosas que podem melhorar tanto as formas do nosso desenvolvimento intelectual como o processo do renascimento económico do nosso país... Poderemos ficar indiferentes quando o Estado revolucionário não encontra gente que se encarregue em segurança de obras importantes? Não será nenhum de nós afectado pela luta sistemática contra o renascimento do nosso Estado que está a ser devastado pelos nossos antigos inimigos que são apoiados pela burguesia da Europa?

«Talvez não seja possível fazer nada, mas os limites das nossas realizações estão certamente e acima de tudo ligados à nossa solidariedade, à nossa energia e ao nosso desejo de vida.

«Como podem os intelectuais russos não ver por detrás das árvores caídas as maravilhosas e poderosas raízes da nova e jovem floresta que cresce?»

Mais adiante, o autor afirma que as dificuldades, inconvenientes e erros durante o renascimento da economia nacional se deviam em grande medida à atitude passiva dos intelectuais em relação às medidas tomadas pelo Estado

soviético, apesar de ser verdade que esta passividade começava a esmorecer. «Mas isso não basta», salientou Alexandrov, «não basta ser apenas um especialista consciencioso; iniciativa, esforços, trabalho criativo e a procura de novos caminhos para fazer as coisas, tudo isto é necessário. Tem de se renunciar a essa linha trágica que se tem colocado entre os intelectuais e o povo. Não se deve apenas dar valor e compreender a personalidade crescente do povo, mas é preciso juntarmo-nos a ele a fim de formarmos uma massa comum de pessoas com vários talentos e diferentes espécies de conhecimentos, mas em compreensão mútua sem castas e divisões.»

Esta carta exprime a heterogeneidade e complexidade dos processos ideológicos que tinham lugar entre os smenavekhovitas. Havia a ideologia de Ustryalov e Lezhnev que fixaram aos intelectuais a tarefa de promover a recuperação do capitalismo, mas havia também a ideologia de pessoas que, como o professor Alexandrov, apelavam para que os intelectuais prestassem o seu auxílio desinteressado à grande obra do povo. Talvez estas pessoas não fossem sempre consistentes e ideologicamente puras e honestas, mas seria errado e injusto colocá-las num mesmo grupo com os Ustryalovs.

Uma análise da essência política do movimento Smena Vekh fornece o campo para a sua definição como uma tendência ecléctica e heterogénea. Os seus vários grupos fixaram-se diferentes objectivos. A ala mais reaccionária desta tendência (Ustryalov e outros) pensava no futuro do país apenas em termos de uma recuperação do capitalismo e foi com este objectivo que os smenavekhovitas da ala direita começaram a cooperar com o Estado soviético. Mas, no mesmo movimento Smena Vekh havia uma parte de intelectuais que era relativamente maior do que o grupo «ideólogo» e que compreendeu a palavra de ordem «Mudança de Época» no sentido da necessidade imediata de uma aproximação tão perto quanto possível do Estado soviético, dado que ele expressava os interesses do povo.

Para eles, esta palavra de ordem não significava um movimento em direcção à recuperação do capitalismo, mas uma mudança de época na visão do mundo e na reestruturação da sua compreensão do mundo baseada no reconhecimento do facto de que o país se dirigia para o socialismo e não para o capitalismo.

O movimento Smena Vekh levou uma grande parte de intelectuais a cooperar com o Estado soviético. Isto teve enormes vantagens dado que havia uma grande falta de mão-de-obra qualificada. A política de «reconciliação» com os bolcheviques, os apelos feitos pelos smenavekhovitas para cooperar com a classe operária e a sua condenação da ideia de interferência armada nos assuntos da Rússia Soviética, tudo isto levou, por um lado, a uma profunda cisão no campo contra-revolucionário e, por outro, desempenhou um papel objectivamente positivo no estabelecimento de relações mútuas correctas entre a classe operária e os intelectuais.

O Partido Comunista apoiou esta facção do movimento Smena Vekh de todas as maneiras possíveis e o Governo soviético permitiu que os smenavekhovitas publicassem jornais e revistas, dessem conferências públicas, organizassem debates entre os intelectuais, etc. O lado positivo do movimento Smena Vekh foi notado na resolução da XII Conferência do Partido (Agosto de 1922). Lê-se em parte dela: «A chamada tendência Smena Vekh desempenhou até aqui e ainda desempenha um papel objectivamente progressista. Uniu e une ainda os grupos de emigrados e os intelectuais russos que se «reconciliaram» com o Estado soviético e que estão prontos a trabalhar com ele para o renascimento do país. Por isso, o movimento Smena Vekh mereceu e merece uma atitude positiva» (26).

Simultaneamente, o Partido Comunista travou uma luta firme de princípios contra a essência reaccionária da ideo-

(26) *RPSS v rezolutsiyakh i resheniyakh...*, vol. 2, p. 393.

logia Smena Vekh. A resolução da XII Conferência do Partido já avisara o Partido e a classe operária de que as tendências de recuperação burguesa eram fortes no movimento Smena Vekh e de que os smenavekhovitas estavam unidos aos mencheviques e aos SRs esperando que se seguissem concessões políticas no respeitante à ideologia burguesa concessões económicas.

Por isso, o Partido Comunista não lutou contra o movimento Smena Vekh como um todo, mas contra as suas tendências anti-socialistas e a sua ideologia anti-soviética. Dado que tinha lugar uma diferenciação entre os intelectuais (e o movimento Smena Vekh era um indicador deste facto), o Partido formulou a sua política em relação a cada grupo destes, a fim de tornar fácil aos elementos mais leais nos intelectuais entrarem em cooperação activa com o Estado soviético. A resolução da XII Conferência do Partido afirmava: «... As nossas organizações partidárias devem poder abordar de uma maneira séria cada grupo que antes era hostil ao Estado soviético e que mostra agora nem que seja o mais leve mas sincero desejo de realmente ajudar a classe operária e o campesinato no trabalho de restabelecimento da economia, de elevação do nível cultural da população, etc. É agora mais do que nunca necessário que as organizações do Partido mostrem pela sua atitude que sabem distinguir entre os grupos (e mesmo indivíduos) que representam a ciência, a tecnologia, a medicina, o ensino, etc.»

V. I. Lénine sublinhou que era imperioso distinguir a parte do movimento Smena Vekh que era útil ao Estado soviético e não identificar os smenavekhovitas com os autênticos inimigos da revolução. Em Maio de 1922, V. I. Lénine escreveu o seguinte a F. E. Dzerzhinsgy:

«*Novaya Rossiya* n.º 2. Encerrado pelos camaradas de Petrogrado.

«Terá sido encerrado demasiado cedo? Circular pelos membros do *Politbureau* e discutir *mais globalmente.* O que é o seu editor *Lezhnev?* É de *Dyen?* Pode-se obter informação sobre ele? Claro que *nem todas* as pessoas que trabalham na revista são candidatos à deportação» ([27]). Esta foi uma conferência ao jornal do Smena Vekh *Novaya Rossiya* publicado por I. Lezhnev que começou a sua publicação em 1922. Como se pode ver por este documento, V. I. Lénine considerava ser um erro tê-lo encerrado tão depressa e de facto o jornal em breve reapareceu sob o título ligeiramente alterado de *Rossiya* (Rússia). Continuou a ser publicado até 1926.

Mas, ao mesmo tempo, Lénine deu um exemplo da batalha de princípios descomprometida contra os smenavekhovitas que proclamavam a «evolução» do bolchevismo. Sabe-se que no seu discurso ao XI Congresso do Partido, Lénine criticou o lado negativo do movimento Smena Vekh. Referiu-se aos intelectuais do tipo Ustryalov como inimigos.

Quando desapareceu o movimento Smena Vekh como uma tendência social? A literatura histórica soviética aponta os seus limites para 1925-1926, e normalmente liga isto ao encerramento dos seus periódicos no país nessa altura. Mas a mudança da época por gente da antiga formação não foi apenas uma tendência social, mas também um processo puramente individual e pessoal de reavaliação das suas atitudes perante o mundo e das suas convicções e de formação de uma nova concepção da realidade. Para muitos, isto levou alguns anos. Tornou-se um resultado da queda das ilusões de recuperação e também da tentativa para compreender a realidade soviética. A «mudança de época» continuou para além de 1925-1926 para muitos intelectuais e para os mais amplos extractos de intelectuais só terminou quando finalmente fizeram a sua transição para as posições socialistas. A «mudança de época» estava terminada, mas não da forma encarada pela parte reaccionária. A grande maioria dos intelectuais tinha passado

([27]) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 45, p. 555.

para o lado do Estado soviético, mas o renascimento deste Estado numa espécie de parlamentarismo burguês não tomou lugar.

A «mudança de época» realizada pelos intelectuais foi um fenómeno natural e necessário. A. V. Lunatcharski disse: «Como se pode pensar em geral que os intelectuais — essa parte do público soviético e dos intelectuais que tomou posições anticomunistas — se pode tornar comunista sem uma mudança de atitude. É um absurdo.» E mais tarde: «Não acredito nisso quando vejo um liberal virar comunista em três tempos. Fico como se apenas tivesse visto um truque estranho, por vezes impulsivo, e por vezes mesmo como uma mudança de cores de um camaleão. O processo realmente genuíno é um mudança de atitudes em que as pessoas entram e se acostumam à história olhando-a retrospectivamente» ([28]).

O movimento Smena Vekh era por isso, no sentido amplo do termo, uma das manifestações do processo de transição feito pelos intelectuais, de posições burguesas ou pequeno-burguesas para posições socialistas, que, tendo começado depois da vitória da Revolução de Outubro, ficou terminado nos anos 30, quando foi edificada a base de uma sociedade socialista.

Enquanto trabalhavam activamente contra a parte reaccionária do movimento Smena Vekh, o Partido Comunista e o Estado soviético lutaram simultaneamente contra a ideologia burguesa e especialmente quando se encobriu por detrás das ideias do Smena Vekh de «degeneração» do Estado soviético. O perigo aumentou muito com a actividade, nos primeiros anos da Nova Política Económica, de vários agrupamentos diferentes dentro do Partido (Trotsquistas, a «oposição operária», etc.). A frente ideológica tomou por isso um significado especialmente importante. Foi necessária uma grande vigilância e uma grande

([28]) Arquivos Centrais do Estado de Literatura e Arte, Fólio 2355, Arquivo 1, Documento 5, p. 8.

atenção em relação às várias manifestações de ideologia hostil. Era sobretudo imperioso organizar e travar uma ofensiva em grande escala contra a ideologia burguesa, aumentar a disseminação da propaganda comunista entre as massas e reforçar a frente teórica.

O artigo de V. I. Lénine «Sobre o Significado do Materialismo Militante», publicado em Março de 1922 no jornal *Pod znamenem marxizma* (Sob a Bandeira Marxista), desempenhou um papel muito importante na luta ideológica. Este seu artigo definiu as tarefas do Partido na frente ideológica para todo um período de história e sublinhou um programa de trabalho em grande escala, cujo objectivo era encorajar e desenvolver os princípios de uma visão científica do mundo e fazê-los prevalecer em todas as esferas da vida da sociedade soviética.

A ideia central de V. I. Lénine nesta obra era o princípio de que a ideologia tem um carácter de classe e de Partido e que por isso um dos deveres mais importantes dos comunistas era travar uma ofensiva sistemática contra a ideologia burguesa, a reacção filosófica e todas as espécies de idealismo e misticismo. V. I. Lénine sublinhou que nessa batalha era necessária uma união entre os comunistas e os materialistas consistentes, mesmo que por enquanto estivessem fora do Partido. Deu especial importância ao estabelecimento de laços estreitos entre a filosofia marxista e a ciência natural e entre os filósofos marxistas e os representantes das ciências naturais, dado que «sem uma aliança com os não comunistas nas mais diversas esferas da actividade não pode haver qualquer construção comunista com êxito» ([29]).

A publicação da primeira edição das obras de V. I. Lénine, cuja decisão foi tomada no IX Congresso do Partido, foi um acontecimento importante na vida ideológica do Partido e do país. Os pedidos eram tantos que se fez nova edição em 1922. Além disto, os artigos de V. I. Lénine

([29]) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 33, p. 227.

sobre questões de importância para a vida do Partido e do país, assim como os seus discursos em congressos do Partido, congressos do Sovietes e do Komintern, foram todos publicados em números maciços.

Começou uma edição das obras completas de Karl Marx e Friedrich Engels, juntamente com uma série de obras marxistas escritas por autores soviéticos e estrangeiros contemporâneos.

A imprensa periódica desempenhou um papel extraordinariamente importante na luta contra a ideologia burguesa e no fortalecimento da influência ideológica sobre as massas. A revista *Bolchevique* e também os jornais *Pravda* e *Izvestiya* contribuíram bastante para a luta contra a ideologia burguesa.

O Partido Comunista tomou medidas extremamente enérgicas para organizar uma «contra-ofensiva» na frente ideológica. A XII Conferência do Partido dedicou especial atenção a esta questão e expôs as tendências de recuperação burguesa na ideologia do movimento Smena Vekh e também no dos mencheviques e SRs. Recomendou medidas concretas para fortalecer o trabalho de agitação e propaganda entre as massas, para melhorar a preparação ideológica e teórica dos quadros do Partido e para elevar o papel da imprensa do Partido e soviética. Enquanto estabelecia como tarefa básica «que todos os esforços devem ser dirigidos para o fortalecimento ideológico do núcleo proletário do nosso Partido», a resolução da XII Conferência do Partido do PCR(B) intitulada «Partidos e Tendências anti-soviéticas» salientava ao mesmo tempo que «o apoio sistemático e a cooperação prática são imperiosos na nossa atitude em relação aos elementos genuinamente sem partido entre os tecnólogos, cientistas, professores, escritores, poetas e outros que conseguiram compreender pelo menos em termos gerais o autêntico significado da grande revolução que tem sido realizada.

«O Partido deve fazer tudo para auxiliar a cristalização dessas tendências e grupos que mostram um desejo genuíno

de ajudar o Estado dos operários e dos camponeses. Desde a capital à cidade de distrito, o Partido deve paciente, sistemática e persistentemente levar a cabo esta acção a fim de promover a transição dos elementos atrás mencionados para a cooperação com o Estado soviético».

Um papel considerável na influência ideológica dos intelectuais foi também desempenhado pelas várias sociedades científicas marxistas organizadas nas instituições de educação superior e nos estabelecimentos de investigação científica, nos círculos de estudo marxistas e cursos e seminários de educação política. A importância de instituições como a Academia Socialista e o Instituto dos Professores Vermelhos no desenvolvimento do pensamento social soviético foi enorme.

Assim, na primeira metade dos anos 20, o Partido Comunista determinou as formas mais importantes de influenciar as massas, incluindo os intelectuais, ideologicamente, e opôs-se às tentativas para reavivar a ideologia burguesa por meio de uma ofensiva militante de ideologia socialista na frente marxista-leninista.

O estabelecimento de cooperação activa entre a classe trabalhadora e os especialistas. O papel das organizações sociais na reeducação dos intelectuais

Aqueles intelectuais, que apenas em termos gerais tinham compreendido o verdadeiro significado das mudanças que estavam a ter lugar no país e a quem era preciso ajudar a quebrarem gradualmente os seus laços com o passado burguês, começaram a tomar parte na edificação do socialismo. Todos tinham as suas diferentes maneiras de efectuar esta ruptura e cada um tinha o seu sentido individual da experiência da nova realidade soviética. Compreender esta experiência foi-lhes, contudo, extraordinariamente difícil e doloroso.

Seguindo as instruções de V. I. Lénine sobre a atracção dos velhos intelectuais para a edificação do socialismo e para a sua reeducação no espírito da ideologia socialista, o Partido Comunista tomou uma série de medidas para completar esta tarefa.

Fez-se muito para melhorar as condições materiais dos especialistas e para elevar o nível dos seus conhecimentos científicos e tecnológicos. No início de Agosto de 1921, um dos mais difíceis períodos por que o país tinha passado, o Governo soviético assinou uma resolução especial que respeitava às medidas para elevar o nível dos conhecimentos de engenharia e de tecnologia no país e para melhorar os níveis de vida dos trabalhadores engenheiros e tecnológicos da RSFSR.

A fim de pôr em prática esta resolução, o Presidium do Supremo Conselho Económico criou uma comissão especial que deveria examinar as médias salariais dos trabalhadores engenheiros e tecnológicos tendo em vista o aumnto do seu vencimento, a elaboração de propostas gerais para um acordo colectivo, que encarava cláusulas especiais que salvaguardavam os interesses dos especialistas. Números obtidos pelo Conselho Central dos Sindicatos de Toda a Rússia mostram que, por volta de meados de 1925, o salário médio dos especialistas na indústria metalúrgica, por exemplo, era de 165 rublos por mês (sem extras) e até 500-600 rublos por mês para especialistas altamente qualificados. Deve-se ter em conta que os especialistas tinham uma elevada média de salário; os operários ganhavam 35 rublos por mês e os operários especializados cerca de 100. O nível da segurança material dos trabalhadores científicos aumentou rapidamente.

Prestou-se muita atenção à melhoria da situação material dos especialistas que trabalhavam na produção no XII Congresso do PCR(B) em Abril de 1923. Salientou na sua resolução que «é imperioso criar condições de trabalho normais em empresas de modo a satisfazer moral e materialmente aqueles que tinham sido para aí recrutados como especialistas e em particular utilizar o princípio de encorajamento de todas as maneiras possíveis dos êxitos técnicos e económicos obtidos directamente no decorrer da produção (economias de todos os tipos, invenções, melhoramentos, etc.). Os administradores e técnicos que tinham provado ser úteis e que mostraram iniciativa durante muito tempo devem ser reconhecidos pelo Partido, as organizações dos Sovietes e os sindicatos como trabalhadores especialmente válidos, e fazer isto tendo por eles o mesmo respeito que se tem pelos especialistas que trabalham com êxito para o Exército Vermelho».

O Partido e o Estado soviético preocuparam-se em melhorar a posição material dos professores. Em Janeiro de 1921, o Conselho dos Comissários do Povo da RSFSR aprovou uma resolução assinada por V. I. Lénine sobre as pensões para professores idosos que tinham servido com mérito na educação pública. Estes professores tiveram direito a uma pensão duas vezes superior à normal.

Em 1923 e nos anos seguintes, o Estado soviético investigou a possibilidade de aumentar consideravelmente as verbas destinadas à educação pública e de elevar o salário dos professores. Em 1923-1924, as despesas totais com a educação pública mais do que duplicaram e o fundo de salários aumentou cerca de 150 por cento comparado com o ano orçamental anterior.

Mas, apesar dos imensos esforços feitos pelo Governo soviético, houve um pequeno período em que foi impossível melhorar a posição material dos professores e continuou a ser difícil durante vários anos. Em 1921, a fome assolou muitas províncias e os professores rurais foram particularmente afectados. A dedicação à sua causa e a consciência do seu dever civil ajudaram os professores a vencer as imensas dificuldades e a continuarem nos seus cargos.

Contudo, o factor material, não foi o mais importante no recrutamento dos intelectuais para a edificação da economia nacional. Tinham de ser tomadas várias medidas de carácter político. Uma das condições mais importantes

para cumprir o pedido de Lénine da criação de uma atmosfera de confiança e camaradagem na cooperação com os especialistas foi o estabelecimento de correctas relações mútuas entre os tecnólogos e a classe operária. Esta era uma questão vital e a sua solução positiva tinha muita importância para a restauração rápida e a reconstrução da economia nacional.

A dificuldade residia no facto de uma determinada parte da classe operária continuar a ter a ideia de que os engenheiros eram cúmplices dos capitalistas. Velhas feridas, recordações de humilhação recebidas pelos operários às mãos de engenheiros reaccionários, maus tratos e multas ilegítimas não podiam desvanecer-se imediatamente após a revolução.

A sabotagem e a oposição feitas por uma parte dos especialistas às medidas do Estado soviético nos primeiros anos da sua existência estavam ainda vivas nos espíritos dos operários. O estado de espírito das massas operárias era também influenciado pela participação de alguns engenheiros e trabalhadores tecnológicos na destruição de algumas empresas e da riqueza nacional. Relatos judiciais destas acções foram publicados na imprensa e receberam evidentemente uma resposta definitiva dos operários.

Deve-se salientar especialmente que o desenvolvimento cultural global da classe operária estava atrasado pelo crescimento da indústria. O atraso cultural e tecnológico da classe operária, um legado do capitalismo, era uma séria dificuldade para o estabelecimento de relações mútuas correctas entre a classe operária e os especialistas. Isto fez-se sentir especialmente quando uma massa de camponeses semiletrados veio trabalhar em fábricas e oficinas. Ao passo que um operário industrial treinado tinha, sob a influência de muitos anos do Partido e da propaganda dos sindicatos, já como um todo aprendido e compreendido a importância dos especialistas que trabalhavam na produção e aprendeu a estabelecer relações mútuas correctas com eles, os novos operários ainda não se tinham libertado

de preconceitos e de equívocos sobre os especialistas. A desconfiança e por vezes a hostilidade directa na atitude de operários que não estavam tão conscientes em relação aos engenheiros e tecnólogos e às suas propostas para a racionalização e redesenvolvimento da produção, para a introdução de um regime de economia e a elevação da produtividade do trabalho, tornaram mais difícil fortalecer a autoridade dos especialistas na produção.

Tal atitude perante os especialistas não vinha apenas dos operários menos conscientes. Os órgãos do Partido salientaram repetidamente exemplos de atitudes incorrectas em relação aos especialistas por parte de alguns dirigentes do Partido e dos sindicatos e especialmente do pessoal da economia. Isto encontrou a sua expressão nas demissões infundadas de engenheiros e trabalhadores tecnológicos, infracções aos seus direitos na produção, desrespeito pelas suas sugestões e similares.

O «bater nos especialistas» não era um movimento de massas. Apesar de existirem frequentes relatos de casos de atitudes incorrectas em relação aos especialistas na imprensa daquele tempo, isto pode ser explicado pelo facto de a imprensa do Partido e dos sindicatos terem dado grande publicidade a cada caso e o terem submetido a dura censura.

A imprensa desempenhou um papel significativo no estabelecimento de relações de camaradagem entre os operários e os especialistas. Nos seus artigos, os correspondentes-operários faziam menção especial aos engenheiros e técnicos conscienciosos, criticavam o trabalho fraco realizado pelo pessoal de engenharia e tecnológico, relataram acções incorrectas e por vezes hostis de um ou outro especialista e apelaram para um união mais íntima entre as mãos e o cérebro. Os dirigentes do Partido e governamentais falaram repetidamente, em artigos na imprensa central, sobre o estabelecimento de relações mútuas normais entre os operários e os especialistas.

O Partido Comunista e o Estado soviético travaram uma batalha decidida contra quaisquer tentativas para considerar todos os especialistas como inimigos abertos ou dissimulados do sistema soviético e contra casos de atitudes incorrectas e por vezes mesmo criminosas para com os especialistas. Em 1922, a opinião pública foi abalada pelo julgamento de alguns trabalhadores do Partido e dos sindicatos que tinham organizado a perseguição de um antigo especialista que fizera trabalho honesto. Era o engenheiro chefe do sistema de fornecimento de água a Moscovo, V. V. Oldenberger, que, em resultado disto, se suicidou.

O caso do suicídio de Oldenberger tornou-se um assunto de princípio para o Estado soviético na sua protecção aos especialistas honestos. Isto, incidentalmente, foi reforçado pelo facto de o caso ter sido retirado, por um decreto especial do Comité Executivo Central de Toda a Rússia em 23 de Janeiro de 1922, dos processos usuais e transferido para o Supremo Tribunal da República.

No julgamento, o promotor de justiça, N. V. Krylenko, em resposta à acusação de que em Outubro de 1917, Oldenberger recebera 4000 rublos para utilizar com os especialistas que estavam em greve, anunciou: «... Se alguém, em 1922, se queixar de qualquer membro de uma classe hostil que lhe esteja ligado pelas suas origens por aquilo que essa pessoa fez, disse e pensou nesses dias críticos de Outubro — e se os dirigentes políticos vão utilizar essa espécie de prova nas lutas políticas actuais — então esses dirigentes políticos devem ser expulsos da tribuna da direcção política, porque isto significa que não só nada esqueceram mas também nada aprenderam!» (30)

A crítica aos que estavam envolvidos no caso, incluindo comunistas, testemunha o facto de as autoridades do Partido e do Estado não estarem de modo algum dispostas

(30) N. V. Krylenko, *Za pyat let. 1918-1922. Obvinitelniye rechi* (Cinco anos. 1918-1922. Acusações), Moscovo-Petrogrado, 1923, p. 438.

a favorecer os seus trabalhadores que desvirtuaram a linha leninista de atracção dos especialistas burgueses para a edificação de uma nova sociedade. É interessante notar que o Supremo Tribunal da República ordenou que os tribunais locais aplicassem o Artigo 64 do Código Criminal (não um crime comum mas um acto de terrorismo) àqueles que eram acusados de atentar contra a vida de directores de empresas estatais industriais e estabelecimentos estatais.

Todos os casos de violência contra os especialistas perpetrados por operários que não eram considerados em terram uma onda de indignação e foram considerados em termos de classe pela classe operária. A classe operária compreendeu o imenso valor dos especialistas com os seus conhecimentos e experiência na edificação do socialismo e como era importante assegurar condições que favorecessem o seu trabalho frutuoso.

Enquanto pedia aos operários que tivessem relações de camaradagem com os especialistas, o Partido mostrou ao mesmo tempo aos últimos que ganhariam a confiança da classe operária apenas se eles mesmos se relacionassem com os operários com camaradagem.

O estabelecimento de relações de camaradagem entre os especialistas e os operários era um problema complicado e difícil. Era uma questão de transformar a velha psicologia tanto dos operários como dos intelectuais, e de os reeducar, dado que eram membros de grupos sociais que antigamente tinham estado desunidos. Isto era impossível realizar apenas por meio de medidas administrativas ou por mera persuasão verbal. Era imperioso que todo um complexo de trabalho de educação política fosse posto em prática tanto entre os operários como entre os especialistas.

A fim de cumprir as determinações dos congressos e conferências do Partido, as organizações locais do Partido, os sindicatos, as organizações dos Sovietes e do Komsomol desenvolveram uma campanha explicativa em larga escala entre os operários. Foram feitos discursos nas reuniões

gerais dos colectivos de produção sobre o papel dos trabalhadores de engenharia e tecnologia na edificação do socialismo, organizaram-se festas conjuntas para o pessoal e operários de engenharia e tecnologia, conseguiu-se que existissem quadros de honra com os nomes dos trabalhadores de engenharia e tecnologia, clubes conjuntos de operários e engenheiros, etc.

O sentimento de desconfiança e hostilidade directa dos operários em relação aos engenheiros e técnicos desapareceu gradualmente, sob a influência do trabalho educativo das organizações do Partido e dos sindicatos, e deu lugar à consideração dos especialistas como pessoas com valor na edificação do socialismo e com direitos iguais dentro do colectivo dos operários. Claro que também surgiram mais tarde casos de atitudes incorrectas em relação aos especialistas por parte dos operários e da administração, mas não eram tão obviamente políticos como nos primeiros anos do poder soviético. Um papel decisivo foi desempenhado nesta mudança pelo desejo dos trabalhadores de um ressurgimento da produção, de disciplina e autocontrole de classe das massas proletárias e do trabalho de educação política do Partido Comunista.

O Partido e o Estado não podiam cumprir com êxito a tarefa de reeducação dos intelectuais burgueses sem o envolvimento das organizações sociais e em primeiro lugar dos sindicatos.

Nos anos imediatamente a seguir à guerra, os sindicatos tornaram-se uma arena da luta de classes dada a renovação dos elementos capitalistas em ligação com a Nova Política Económica. O remanescente dos partidos e tendências contra-revolucionárias tentou limitar a sua actividade e usar as dificuldades que o país sofria e também a falta de maturidade política dos intelectuais.

A renovação dos elementos anti-soviéticos verificou-se principalmente nos sindicatos não ligados à produção. No congresso dos médicos na Primavera de 1922, um dos participantes anunciou que eles, os democratas, viviam

num «ambiente comunista» e que, afirmou, se deviam organizar para se lhe opor. Vários participantes ao congresso afirmaram que «nós sempre fomos pela ditadura do proletariado, nós estamos sempre prontos para sermos servidores do proletariado, mas não seremos os servidores do Estado soviético».

Explosões semelhantes tiveram lugar no congresso dos agrónomos, no congresso dos geólogos e em vários congressos de professores da gubernia.

As tendências restauracionistas reavivaram-se especialmente ligadas à discussão acerca da pressão dos sindicatos sobre o Partido feita por Trotski no Outono de 1920. Elementos hostis ao Estado soviético consideraram isto como o início do conflito do Partido e pensaram que era o fim de um Partido monolítico e que havia uma esperança não só de uma mudança dos acontecimentos mas também de poder. Os inimigos da ditadura do proletariado entre os intelectuais tentaram utilizar a discussão sobre os sindicatos que tinham feito pressão sobre o Partido para liquidar as organizações sindicais dos intelectuais.

Existia igualmente uma tendência nos sindicatos para «aderir» e «transformar em organizações do Estado» que de facto levaria à sua liquidação. Outro fenómeno prejudicial no desenvolvimento dos sindicatos foi a tentativa para encontrar sindicatos sectários desligados das massas.

Uma luta especialmente dura foi travada num dos maiores sindicatos dos intelectuais — o sindicato dos trabalhadores da educação. Os mencheviques e os SRs, activistas do antigo Sindicato dos Professores de Toda a Rússia, tentaram restaurar a sua antiga influência sobre as massas de professores e difundiram entre eles a ideia de que a educação pública era apartidária e fizeram agitação para que as escolas se libertassem do controle do Partido e do Estado.

Em 1922, num plenário alargado do Comité Central do Sindicato dos Trabalhadores da Educação, a facção comunista dedicou a sua atenção à necessidade de aumento

drástico do trabalho do Partido no sindicato de modo a reforçar a influência comunista sobre a massa dos professores. As questões de trabalho dentro do sindicato dos professores preocupavam o CC do PCR(B). Salientou que a participação activa dos professores na edificação do socialismo não poderia ser assegurada sem o correspondente trabalho político entre os professores. Numa resolução especial tomada em 1921 e intitulada «O Trabalho entre os Trabalhadores da Educação», o CC do Partido chamou a atenção das organizações do Partido para os erros e prejuízos da falta de confiança e por vezes mesmo de atitudes hostis para com os professores tomadas por algumas células do Partido. «Devemos compreender», salientou o CC do PCR(B), «que este tipo de atitude é neste momento um grande erro e que é seriamente prejudicial à causa do desenvolvimento soviético... Devemos fazer tudo para envolver este grupo social de elevado valor nos interesses e no trabalho criativo do Estado soviético...»

Como resultado da grande quantidade de trabalho realizado pelas organizações do Partido e pelos sindicatos, os mencheviques e os SRs perderam completamente a sua autoridade sobre os professores e foram expulsos dos órgãos representativos do Sindicato dos Trabalhadores da Educação em todo o lado.

Os êxitos do trabalho do Partido Comunista entre os professores foram também testemunhados nos congressos e conferências deste sindicato. Os elementos anti-soviéticos foram aí duramente condenados, foi estabelecida a unidade entre membros comunistas apartidários e surgiu um desejo de dominar a teoria marxista-leninista.

Um papel especialmente importante na conquista moral e política das massas docentes foi desempenhado pela obra de V. I. Lénine *Páginas de um Diário,* ditadas por ele em 2 de Janeiro de 1923. Esta obra colocou as questões da educação pública entre as tarefas mais importantes da edificação do socialismo e tratou os professores da província como um grupo vital para a realização dos

objectivos da revolução cultural. «O nosso professor primário», escreveu V. I. Lénine, «deve ser elevado a um nível que nunca atingiu e não pode atingir na sociedade burguesa». E mais tarde salientou: «Devemos desenvolver sistematicamente os nossos esforços a fim de organizar os professores de modo a transformá-los do baluarte do sistema burguês, que ainda são em todos os países capitalistas sem excepção, no baluarte do sistema soviético, a fim de, por meio do seu trabalho, desviar o campesinato da sua aliança com a burguesia e aliá-lo ao proletariado.» (21)

A crescente actividade política dos professores não só produziu um efeito distinto sobre o trabalho das próprias escolas, mas também levou massas de professores cada vez mais amplas, especialmente nas aldeias, a participar na prática da política do Partido. Muitos leram ou proferiram discursos ao povo trabalhador, organizaram círculos de actividades gerais, salas de leitura de aldeia e Casas do Povo e realizaram um trabalho anti-religioso.

A viragem dos professores para o lado do Estado soviético foi na verdade muito importante, mas era ainda necessário fazer muitos esforços a fim de conquistar as massa dos professores. O treino político dos professores não tinha ainda alcançado em todo o lado um nível suficientemente elevado, especialmente nas aldeias.

O trabalho com os professores foi também minuciosamente discutido no XIII Congresso do PCR(B) em Maio de 1924. Os problemas do dia na educação pública e a situação dos professores foram colocados ao congresso e este salientou as mudanças substanciais nos sentimentos políticos dos trabalhadores na educação pública e o seu desejo de ligar a sua actividade a todas as tarefas de âmbito nacional para a edificação do socialismo. O congresso salientou nas suas decisões a necessidade de ser activo no recrutamento dos professores para o trabalho

(21) V. I. Lénine, *Oeuvres,* vol. 33, pp. 464-465.

social e político entre a população, especialmente nas aldeias.

O trabalho de educação realizado pelo Partido entre os professores provocou resultados positivos. Os professores começaram a juntar-se ao Partido e ao Komsomol e começaram a ser activos no trabalho dos Sovietes locais. Em 1 de Dezembro de 1925, do exército de professores com 180 000 na RSFSR, 8811 eram membros do Partido ou candatos e 10 807 eram membros do Komsomol. Isto significou que os membros do Partido e do Komsomol representavam 10,8 por cento do total. Pelo seu trabalho desintessado, os professores mostraram que o período da sua divergência do Estado soviético tinha passado e que tinha chegado a altura dos professores aceitarem a ideologia socialista e tomarem parte consciente na edificação do socialismo. Pode-se dizer que, em 1926, o Partido Comunista tinha de um modo geral conseguido conquistar a maioria dos professores ideologicamente e ganhar um aliado de confiança na edificação da cultura soviética.

O trabalho social e político foi também realizado noutras secções dos intelectuais. Deram-se os primeiros passos no sentido da criação de um sindicato profissional de trabalhadores científicos e de educação superior. Esta parte dos intelectuais recusava sistematicamente juntar-se ao sindicato dos trabalhadores da educação. O Conselho Central dos Sindicatos de Toda a Rússia tomou uma série de compromissos. Apesar de se opor categoricamente à criação de pequenos sindicatos com tendências sectárias, concordou contudo na organização dentro do sindicato dos trabalhadores da educação de uma secção especial que incluísse os trabalhadores científicos e de educação superior. A reunião plenária do CC do sindicato dos trabalhadores da educação que teve lugar em Abril de 1921 salientou na sua resolução: «Considerando a imensa importância dos trabalhadores com conhecimentos científicos especializados para a organização da educação, é imperioso que se encontre uma solução o mais depressa possível para o problema da organização, como uma medida temporária, de uma secção do Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Toda a Rússia para os trabalhadores científicos (levando estes a incluir professores nas instituições de educação superior) que ficará directamente ligada ao sindicato.»

No final de 1922, as secções dos trabalhadores científicos começaram a aparecer. Consideraram ser sua tarefa defender os interesses profissionais dos trabalhadores da ciência e as escolas superiores e incitá-los à vida social do país. No final de 1923 tinham sido organizados 31 ramos que incorporavam 8818 trabalhadores científicos e, em 1 de Novembro de 1924, as secções reuniam já 85 por cento de todos os trabalhadores científicos.

O I Congresso dos Trabalhadores Científicos Sindicalizados teve lugar em Novembro de 1923. Demonstrou a prontidão da maioria dos cientistas em auxiliar o estado soviético na edificação do socialismo. A resolução do congresso notou que «o antigo desacordo entre os trabalhadores científicos e a classe operária tornou-se actualmente um caso passado e dá lugar cada vez mais a uma aproximação crescente no processo de trabalho conjunto de restauração da vida económica e cultural do país. O congresso apela para os trabalhadores científicos da União das Repúblicas para que ponham de parte as suas últimas vacilações e de mãos dadas com o povo trabalhador ganhem a batalha para encontrar uma sociedade livre baseada na unidade da ciência e do trabalho manual».

O processo de conquista dos intelectuais industriais e tecnológicos para os sindicatos foi também complicado. Como se disse atrás, os primeiros sindicatos industriais surgiram durante a Guerra Civil. Contudo, o processo de conquista dos especialistas para os sindicatos desenvolveu-se lentamente tanto dada a inércia dos intelectuais como dado o desejo da direcção de um certo número de sindicatos de os tornar em «meros sindicatos de operários».

O Partido Comunista condenou esta política de um certo número de sindicatos, por ser incorrecta. Depois do

IX Congresso do PCR(B), a conquista do pessoal tecnológico para sindicatos profissionais tomou força e no Outono de 1921 já existiam secções de engenharia e tecnológicas em sete sindicatos. Mas continuavam a existir muitos desvios na definição do seu papel e lugar dentro dos sindicatos e continuava a haver uma falta de uniformidade nas condições de recrutamento dos engenheiros e dos técnicos. Num determinado número de casos, as directrizes do Partido sobre o recrutamento de trabalhadores de engenharia e tecnológicos para os sindicatos foram simplesmente ignoradas.

O XI Congresso do PCR(B) salientou que «os sindicatos têm, em relação aos especialistas, o trabalho mais duro e difícil de influenciar diariamente as mais amplas massas do povo trabalhador de modo a estabelecer relações mútuas correctas entre eles e os especialistas e na selecção e encorajamento dos mais capazes e trabalhadores. Além disto, é apenas este tipo de trabalho que dará resultados práticos sérios».

Depois das categóricas determinações do Partido e da decisão do V Congresso dos Sindicatos (Setembro de 1922) sobre a organização de secções de engenharia e tecnológicas, a unificação dos intelectuais industriais e tecnológicos tomou o seu curso correcto. No final de 1922 teve lugar o I Congresso dos Engenheiros Sindicalizados de Toda a Rússia. Duzentos e sete delegados representando cerca de 27 mil trabalhadores de engenharia e tecnológicos tomaram parte nele. O congresso formou um órgão directivo para as secções de engenharia — o Bureau Intersecções de Engenheiros de Toda a Rússia no Conselho Central dos Sindicatos de Toda a Rússia — e apoiou o apelo do Partido para a participação activa no desenvolvimento da economia do país.

O primeiro congresso dos engenheiros sindicalizados provou ser um estímulo para a organização de secções e bureaus de intersecções de engenheiros num determinado número de sindicatos. Por altura do II Congresso dos

Engenheiros (1924) já possuíam secções em 11 sindicatos reunindo mais de 50 mil pessoas (das quais 19 mil eram trabalhadores na agricultura). Foi tomada uma decisão no II Congresso dos Engenheiros sobre o direito dos técnicos se unirem às secções de engenharia que aumentou consideravelmente e democratizou os seus membros. No III Congresso dos Engenheiros e Técnicos em 1927 havia 105 600 trabalhadores de engenharia e tecnológicos nos sindicatos.

O corpo principal das secções de engenharia e tecnológicas consistia em trabalhadores industriais, pertencentes na sua maioria aos grupos médios e inferiores do pessoal de engenharia e tecnológico. No caso dos especialistas mais qualificados, como foi salientado no relatório apresentado pelo departamento de organização do Conselho Central dos Sindicatos de Toda a Rússia [12] em 1925, juntaram-se às secções de engenharia e tecnológicas com relutância e preferiram permanecer na Associação de Engenheiros de Toda a Rússia. Em meados de 1926, os membros das organizações sindicais de engenheiros consistiam em: na Ucrânia e nos Urais 90 % do número total de especialistas em Leninegrado 88 % e em Moscovo 85 %. Em 1927, na União Soviética no seu conjunto, as secções de engenharia e tecnológicas compreendiam cerca de 90 % de todos os trabalhadores de engenharia e tecnológicos.

Os sindicatos trabalharam muito para a vida das secções de engenharia e tecnológicas e para a conquista dos seus membros para o trabalho sindical.

As organizações sindicais de engenheiros avançaram sugestões para o desenvolvimento global da produção e para a mais rápida liquidação da dependência tecnológica dos países estrangeiros. Por exemplo, o congresso dos

(12) Depois da formação em 1922 do Sindicato das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o Conselho Central dos Sindicatos de Toda a Rússia mudou o seu nome para Conselho Central da União dos Sindicatos.

engenheiros de Leninegrado em Março de 1924 reconhecia ser imperioso «continuar a aumentar a carga nas indústrias metalúrgicas e eléctricas atraindo encomendas do centro... Para este fim, é necessário lutar ainda mais energicamente contra a transferência de encomendas para o estrangeiro quando elas podem ser realizadas dentro do país». Esta nova abordagem na avaliação da situação mostrou um sentido de preocupação sobre a independência económica do país.

É impossível não deixar de mencionar o papel positivo desempenhado pelas organizações sindicais de engenheiros na elevação dos níveis cultural, industrial e tecnológico das massas trabalhadoras. Esta actividade das secções aumentou anualmente; foram organizadas discussões, conferências, excursões e exposições, engenheiros dirigiram círculos sobre as profissões tecnológicas, ensinaram vários cursos, etc.

Em Setembro de 1925, o CC do PCR(B) aprovou uma resolução intitulada «Sobre o Trabalho dos Especialistas» na qual reconheceu ser imperioso que o nível de vida dos especialistas fosse melhorado, que fossem convidados para discutir questões respeitantes à entrega de cargos de responsabilidade aos especialistas e que a produção e o trabalho económico das secções fosse revitalizado. O CC do PCR(B) decidiu que os comunistas apoiariam de todas as maneiras possíveis as organizações sindicais dos engenheiros e fortaleceriam a sua autoridade. O Comité Central salientou especialmente que ao avaliar a competência dos especialistas era imperioso considerar o seu tempo ao serviço na indústria (especialmente soviética) e os seus serviços nesse ramo particular. Em caso algum era permitido basear atitudes em relação aos especialistas nas suas origens de classe. A resolução também sublinhou um certo número de medidas para a melhoria das capacidades profissionais dos especialistas, para a criação de condições de trabalho favoráveis às sociedades tecnológicas e científicas, aos institutos, etc.

Esta resolução, tomada no período de transição entre a reabilitação da economia nacional e a sua reconstrução, determinou as bases do trabalho do Partido e dos órgãos sindicais para a criação de condições mais favoráveis para os especialistas.

Vários congressos, conferências, seminários, etc., desempenharam um papel importante na reeducação dos intelectuais e na sua conquista mais activa para a edificação do socialismo.

O Congresso dos Trabalhadores Científicos de Toda a Rússia em Novembro de 1923 e o I Congresso dos Professores de Toda a Rússia no início de 1925 provaram que tinham tido lugar importantes mudanças na atitude dos cientistas e dos professores e no seu desejo de auxiliarem o mais possível a edificação da economia que se realizava no país.

Realizaram-se congressos e conferências semelhantes quase todos os anos em várias secções da ciência, tecnologia e cultura e provaram ser uma importante escola para o estabelecimento de cooperação útil entre os intelectuais, o Partido Comunista e o Estado soviético. O Partido alcançou também importantes êxitos na mudança de atitude dos trabalhadores em relação aos intelectuais. O sentimento de desconfiança deu lugar à opinião de que os intelectuais eram um participante extremamente válido na nova construção.

Mudanças na visão do mundo dos cientistas

Ao dedicar a sua atenção à reeducação dos velhos intelectuais num espírito socialista, o Partido Comunista e o Estado soviético não se poupavam a esforços ao mesmo tempo para que os operários e os camponeses recebessem ensino para se tornarem intelectuais.

Durante o período de reabilitação, o processo de promoção dos trabalhadores e comunistas melhor treinados

para cargos administrativos e tecnológicos continuou, mas isto não conseguiu suprir a tremenda falta de quadros qualificados. Os que foram promovidos ocuparam cargos como encarregados ou directores de empresas e os antigos especialistas eram seus adjuntos ou conselheiros. Os «Directores Vermelhos», enquanto levavam a cabo com êxito a linha do Partido no campo das relações industriais, eram por vezes menos competentes em assuntos científicos e tecnológicos e confiavam totalmente no conselho dos especialistas que eram muitas vezes reaccionários. O país precisava imperiosamente de quadros especialistas oriundos das fileiras dos operários.

As instituições de educação superior continuaram a ser a origem básica dos novos quadros. O Partido Comunista estudou muito o problema da transferência da educação superior para novas linhas. A resolução da primeira consulta do Partido sobre questões de educação pública, que foi realizada sob os auspícios do CC do PCR(B) no final de Dezembro de 1920, determinou as tarefas da conquista política da educação superior, ou seja, «em primeiro lugar, que o seu trabalho tem uma direcção revolucionária segura; em segundo lugar, que todos os estudantes que frequentam cursos têm uma educação política; e, em terceiro lugar, que a educação superior é utilizada para formar o maior número de proletários e em particular membros do Partido, especialistas».

A proletarização do órgão estudantil foi realizada por meio do preenchimento das instituições de educação superior com estudantes que saíam das faculdades operárias e pela manutenção de princípios de classe ao recrutar jovens para a educação superior. A rede de faculdades operárias aumentou continuamente. Em 1919 existiam 14 faculdades operárias no país e em 1923 o seu número aumentara para 106, enquanto o número de estudantes aumentou de 2149 para 38 394. Aumentaram também os extractos de operários e de Partido-Komsomol. O X Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia (Dezembro de 1922)

salientou com satisfação os êxitos obtidos na atracção dos operários e dos camponeses para as instituições de educação superior. O congresso apelou para o Comissariado do Povo para a Educação da RSFSR e outros departamentos dos sovietes para «que dessem especial atenção aos estudantes proletários, aos seus interesses espirituais e exigências materiais e para que tomassem todas as medidas a fim de assegurar que estas novas forças na educação superior crescessem e se tornassem mais fortes».

Milhares de estudantes que terminavam os estudos nas faculdades operárias começaram a partir de 1923 a juntar-se às fileiras dos estudantes na educação superior. Em 1925, por exemplo, atingiam dois terços do número total de estudantes nos institutos industriais e tecnológicos de ensino superior e metade daqueles que foram aceites para os institutos de ciências sociais e economia.

O princípio de selecção dos estudantes para a educação superior permitiu o recrutamento de membros de outras classes além dos operários e dos camponeses. Membros da burguesia, para não mencionar os intelectuais trabalhadores, estudaram em instituições de educação superior. Apesar de, naturalmente, ser dada preferência a pessoas oriundas da classe operária e do campesinato laborioso.

Nos primeiros anos do período de recuperação, deu-se uma situação bastante complicada no meio estudantil. Entre os estudantes havia ainda alguns que eram hostis ao Estado soviético e que tinham tomado parte na Guerra Civil ao lado dos guardas brancos e dos intervencionistas. Aceitaram as medidas tomadas pelo Estado soviético para a democratização da educação superior com hostilidade e perseguiram os estudantes que vieram para os institutos oriundos das faculdades operárias. A sua maioria, contudo, era apática e aborrecia-se com qualquer coisa que saísse da ciência particular que queriam estudar como profissão.

Mas a revolução deu origem a um novo tipo de juventude que cresceu na luta revolucionária. Muitos rapazes e raparigas de origem operária e camponesa, que apenas

recentemente tinham estado a trabalhar em fábricas ou no campo, vieram para os institutos vindos das faculdades operárias. Os cursos inferiores nas instituições de educação superior apresentavam por isso naqueles anos um quadro completamente diferente. «Nestes», lembra um contemporâneo, «existia um ambiente muito mais vivo. A maioria dessa gente jovem crescera habituando-se à revolução. Muitos tinham lutado pela revolução na frente, arriscado as suas vidas e sofrido por ela. A revolução ensinara-lhes a serem democratas. Havia uma proporção considerável de comunistas entre esta parte da juventude».

A mudança no trabalho das escolas superiores e na composição de classe dos estudantes foi amplamente realizada pelas suas organizações partidárias que controlavam directamente o recrutamento de estudantes e realizava um trabalho de educação de ampla base entre os estudantes e os professores. No final do período de recuperação as células do Partido nas instituições de educação superior tinham-se tornado colectivos poderosos contendo centenas de comunistas. Assim, em 1925, a célula do Partido da Academia Agrícola de Moscovo tinha 757 membros — 20 % do corpo estudantil; a célula do Partido do Instituto Tecnológico de Kharkov tinha 403 — também 20 % do colectivo de estudantes; a célula do Partido do Instituto de Moscovo de Economia Nacional, 1050 membros — 27 % dos estudantes e a célula do Partido da Primeira Universidade de Moscovo tinha cérca de 1800 membros — 18 % de todo o corpo estudantil.

Em Janeiro de 1925, por um decreto do Bureau de Organização do CC do PCR(B), foi reformado o sistema dos órgãos do Partido nas instituições de educação superior. Em vez de células do Partido de trabalhadores técnicos e pessoal docente, científico, estudantil, independentes e pobremente interligadas, foram criadas células simples em cada instituição que tornou possível trabalhar com mais êxito na união do colectivo. Foi dada uma atenção especial ao aumento da actividade das organizações do

Komsomol e dos sindicatos nas instituições de educação superior e melhorou-se a sua direcção pelo Partido.

A fim de realizar a proletarização da educação superior era necessário vencer o conservadorismo e por vezes mesmo a sabotagem directa oriunda de uma determinada parte do pessoal docente. Isto sentiu-se especialmente no campo da organização quando foram revistos regras, programas, etc. O professorado tentou por todas as maneiras desligar a educação superior do Estado e da «política» e evitar a sua democratização.

Os comunistas compreenderam claramente que era impossível reeducar imediatamente os antigos professores ou ensinar novos. O Partido Comunista considerou por isso que ao mesmo tempo que atraía o maior número possível de professores comunistas para a educação superior, era imperioso manter relações sensatas e cuidadosas com os antigos professores. Prestou uma atenção constante à melhoria dos métodos de chefia na educação superior, ao estabelecimento de relações mútuas normais entre os órgãos do Partido, dos Sovietes e sociais e o quadro de professores enquanto ao mesmo tempo lutava firmemente contra a «autonomia» da educação superior que de facto significava manutenção de castas e alienação das massas populares. O Partido também fez esforços enérgicos para conseguir uma situação em que os métodos para o desenrolar da educação superior pelo Partido e os órgãos dos Sovietes fossem de molde a corresponder aos sentimentos específicos e às tradições desta parte dos intelectuais e a assegurar que as medidas tomadas pelo novo Estado não seriam contrárias ao professorado mas, pelo contrário, ligassem a sua melhor parte ao Estado soviético. Em 1921, contudo, num certo número de escolas superiores, o pessoal docente entrou em conflito com os órgãos do poder de Estado. Uma das mais importantes razões para este conflito foi a política incorrecta respeitante aos professores por parte da direcção de determinados departamentos, em

particular a Administração Central da Educação Profissional, que consistia em «apertar os parafusos» e em abusar do poder.

Assim, no início de 1921, o director da Universidade de Moscovo, o professor comunista D. P. Bogolepov, foi incapaz de estabelecer relações mútuas correctas com os seus professores e começou a demitir muitos deles pela simples razão de serem «antigos». Estas acções suas eram apoiadas pela Administração Central da Educação Profissional e também pela célula do Partido Comunista da universidade que consistia principalmente em estudantes e jovens oriundos das faculdades operárias. É claro que, chegaram numerosas queixas ao Governo. Quando V. I. Lénine tomou conhecimento das acções de Bogolepov, opôs-se firmemente à prática da perseguição de professores sem razão e muitas vezes absolutamente infundada. Em Maio de 1921, Bogolepov foi substituído como director da universidade pelo comunista V. P. Volgine que conseguiu apaziguar os professores e também fazer um bom trabalho de união do colectivo.

Um conflito muito mais sério surgiu em Abril de 1921 na Escola Tecnológica Superior de Moscovo ligado à nomeação pela Administração Central da Educação Profissional de um novo quadro directivo no qual não se dava um lugar ao candidato apresentado pelos professores. Uma reunião dos professores discutiu a acção da Administração, considerou-a ilegal e decidiu pôr termo às aulas como sinal de protesto.

Por sugestão de V. I. Lénine, os acontecimentos nessa escola superior foram apresentados ao Politburo do Comité Central para discussão e este cancelou a nomeação apesar de ter também proposto que todo o pessoal docente fosse censurado por ter usado formas de protesto inaceitáveis.

A afirmação feita pelo Comissariado do Povo para a Educação, na qual explicava a decisão do Politburo do Comité Central, reconheceu também que o director do

departamento de educação superior da Administração Central da Educação Profissional não era competente para tratar do assunto que lhe fora confiado e foi por isso desobrigado do seu dever.

Desta vez o incidente na Escola Tecnológica Superior de Moscovo ficou sanado.

Em 2 de Setembro de 1921 foi aprovado um decreto intitulado «Sobre as Instituições de Educação Superior da RSFSR» e assinado por Lénine. Formulava claramente as tarefas de classe da educação superior, cujo dever era formar quadros especialistas nos vários ramos do conhecimento, treinar trabalhadores científicos e difundir conhecimentos entre as amplas massas proletárias e camponesas «cujos interesses devem estar em primeiro lugar». O decreto foi também um forte obstáculo à autonomia notória da educação superior.

A parte reaccionária do professorado defendeu firmemente os seus privilégios e tradições e considerou com hostilidade o decreto sobre as instituições de educação superior. Os pontos que consideravam mais indignos eram aqueles onde se afirmava que a Administração Central da Educação Profissional ratificava os corpos que presidiam às faculdades e que o Comissariado do Povo para a Educação nomeava os quadros das instituições da educação superior entre os candidatos apresentados pelo colectivo de professores e estudantes. Isto, na opinião do antigo professorado, era uma «infracção às sagradas tradições dos direitos da educação superior» por parte do Estado.

A insatisfação sobre a severa limitação da autonomia das instituições de educação superior, nomeações que nem sempre eram apropriadas, as dificuldades materiais devidas à má colheita e o pagamento atrasado dos salários levou a greves no Inverno e Primavera de 1922 feitas pelos professores da Escola Tecnológica Superior de Moscovo e também da Universidade de Moscovo e outras escolas superiores no país.

O Politburo do Comité Central discutiu a situação da educação superior várias vezes. A fim de resolver o conflito rápida e pacificamente, em 2 de Fevereiro de 1922, o Politburo decidiu formar uma comissão conjunta para estudar os problemas económicos da educação superior, para pagar as dívidas de salários, o fornecimento de equipamento, etc. A direcção da Administração Central da Educação Profissional continuou, contudo, a recorrer a medidas repressivas (incluindo prisões) contra os participantes em greves, para cuja acção encontrou apoio nas células comunistas de algumas escolas. O Politburo do CC do PCR(B) explicou ao Comissariado do Povo para a Educação que a resolução do Comité Central de 2 de Fevereiro «tinha como objectivo a liquidação pacífica e rápida das greves dos professores sem usar a repressão» e em 9 de Fevereiro anunciou a censura de Y. A. Preobrazhenski, A. V. Lunatcharski e M. N. Pokrovski por não acatarem a decisão do Politburo. Preobrazhenski pediu a demissão do seu cargo como chefe da Administração Central da Educação Profissional e esta foi aceite. Em 13 de Fevereiro, o Politburo ratificou as propostas da comissão especialmente organizada sobre a melhoria da situação material do pessoal docente. Em resultado das medidas tomadas, o conflito foi resolvido e recomeçaram as aulas em todas as escolas superiores. Ao lembrar a «greve dos professores», Lunatcharski disse que foi o pior conflito com os intelectuais em todos os anos do poder soviético.

A política leninista flexível do Partido Comunista respeitante aos velhos intelectuais deu resultados positivos. Na Primavera de 1921, um grupo de professores da faculdade de ciências sociais da Universidade de Petrogrado fez uma tentativa para unir os professores entre si com o fim de ajudar a reforma da educação superior e de se aproximar mais do Estado soviético. O grupo do Professorado Vermelho, como se chamou a si mesmo, fez uma declaração na qual salientava que o proletariado era o aliado

natural e o defensor real da ciência, porque «o desenvolvimento da ciência é uma garantia da vitória dos seus objectivos finais», e que a ditadura do proletariado «criou pela primeira vez na história as condições para o livre desenvolvimento da ciência e a utilização alargada das suas conquistas no interesse da sociedade como um todo». A declaração salientava também as flagrantes contradições entre o estado da educação superior e as tarefas que lhe competiam e lhe foram determinadas pelo Estado soviético. O grupo apelava para que os professores baseassem o seu ensino das disciplinas sociais no materialismo histórico e que subordinassem o seu ensino das ciências aplicadas à tarefa de auxiliar o desenvolvimento planeado das forças produtivas do país. O grupo considerou que o fim da sua actividade era lutar contra os aspectos corporativos e de casta da educação superior e apoiar a íntima cooperação entre o Professorado Vermelho e os estudantes.

O grupo do Professorado Vermelho de Petrogrado limitou-se principalmente à propaganda dos seus objectivos e tarefas. Os seus membros falavam em debates públicos e em reuniões de estudantes e reuniões de pessoal docente. Não conseguiu, contudo, tornar-se o porta-voz dos sentimentos de nenhum círculo amplo de professores. Foi nisto impedido pela sua heterogeneidade política e também porque tomara uma posição sectária sobre um certo número de assuntos. Por exemplo, o director da Universidade de Petrogrado, professor N. S. Derzhavine escreveu que os membros do grupo se tinham dissociado demasiado abruptamente do corpo principal dos trabalhadores científicos da educação superior e ficaram isolados. Não se comprometeram com os seus opositores mas ficaram de lado. Considerou este facto como um erro táctico.

O grupo do Professorado de Esquerda que surgiu em Petrogrado no final de 1921 teve mais resultados. Os seus membros eram principalmente pessoas das ciências humanísticas. Em Setembro de 1922, o grupo possuía 80 mem-

bros, aumentando para 116 no final de Novembro e em Março de 1923 este número subira para 150 membros dos quais 42 eram comunistas.

Na sua primeira reunião geral na cidade em 14 de Maio de 1922, o grupo aprovou a sua carta, de acordo com a qual o seu objectivo era «lançar uma campanha organizada para a reforma e desenvolvimento da educação superior baseada na sua renovação ideológica em conformidade com as novas vias da ciência e esclarecimento das amplas massas populares que tinham dado entrada na educação superior pela Revolução de Outubro». O grupo aceitou como membros professores e trabalhadores científicos.

Uma das principais acções que provocou animadas discussões e por meio das quais foi testada a atitude do professorado em relação ao Estado soviético foi a questão da autonomia da educação superior. A linha política do professorado reaccionário foi lutar por tornar a educação superior independente do Estado e retirá-la do controle do Estado soviético. É claro que o grupo de activistas progressistas da educação superior só podia definir a sua posição sobre esta questão. Rejeitou firmemente a autonomia porque servia apenas para alienar a educação superior do povo e evitava que as medidas tomadas pelo Estado soviético para a sua renovação fossem postas em prática. O apelo do grupo do professorado de esquerda «A Todos os Cientistas e Trabalhadores na Educação Superior» em Setembro de 1922 afirmava em parte: «Na nova Rússia, a educação superior não deve ser completamente colocada à disposição das pessoas que conhecem uma ciência ou outra perfeitamente, mas que também são completamente desprovidas da dávida da direcção e da aptidão para considerarem e avaliarem correctamente as exigências do momento. Aprender, por muito profundo que possa ser, já não pode conter em si direitos exclusivos para dirigir a educação superior. Na Rússia Soviética, onde o nosso lema é a negação dos privilégios de classe, não há lugar para uma casta privilegiada de cientistas. Aos cientistas

deve-se apenas o direito de respeitar e reconhecer os seus serviços científicos, mas não o privilégio de dirigir a educação superior. Esta, como a Rússia, deve ser dirigida pelos trabalhadores na pessoa dos seus representantes oriundos das organizações que têm interesse no bem-estar da educação superior.»

O grupo participou activamente no trabalho de reestruturação das escolas superiores, na elaboração de planos de estudo e currículos, na selecção e recomendação de candidatos para o quadro de dirigentes e outros órgãos, organizou muitas reuniões, debates, discussões, etc.

O CC do PCR(B) apoiou a iniciativa dos professores progressistas de Petrogrado. Em 24 de Fevereiro de 1923, numa reunião da direcção do Departamento de Agitação e Propaganda (Agitprop) do CC do PCR(B) sobre a questão «Trabalho entre os Estudantes», foi tomada a seguinte decisão: «...considerar imperioso que o bloco do professorado de esquerda em linhas do grupo de Petrogrado se organizasse em centros maiores e encarregar Agitprop de dar as correspondentes instruções.» As organizações da gubernia, do território e do Partido na cidade seguiram as directrizes do CC do PCR(B) e começaram a trabalhar no estabelecimento de grupos do professorado de esquerda com secções comunistas. Além de Petrogrado, estes grupos foram fundados em Moscovo, Kazan, Rostov-sobre-o-Don e outras cidades.

Os grupos do professorado de esquerda desempenharam um papel importante na extractificação dos professores, na separação dos elementos mais progressistas da sua massa e na sua atracção para o trabalho activo da reestruturação da educação superior numa nova base e finalmente no isolamento do professorado reaccionário. No Outono de 1923, com o recrudescer da actividade da secção dos trabalhadores científicos fundada em 1921 no Sindicato dos Trabalhadores da Educação, os grupos do professorado de esquerda dissolveram-se gradualmente, dado que os seus objectivos e tarefas eram realizados por esta secção.

Um trabalho importante foi feito pelo Partido Comunista na normalização da atmosfera ideológica da educação superior. As escolas superiores do país eram libertadas do professorado reaccionário. Na Universidade de Petrogrado, por exemplo, os professores N. O. Losski, N. P. Karsavine, P. A. Sorokine, S. A. Askoldov, S. L. Frank e outros reaccionários foram demitidos.

A demissão do professorado de extrema-direita das faculdades foi ditada por todo o decorrer do desenvolvimento da educação superior soviética. Na *Pravda* de 5 de Fevereiro de 1921, V. I. Lénine escreveu que «os comunistas sozinhos devem determinar o conteúdo dos currículos, na medida em que isto diz respeito a assuntos de educação geral, e particularmente à filosofia, às ciências sociais e à educação comunista» (33).

Houve imensas dificuldades no que respeita à realização desta tarefa, principalmente ligadas à grande falta de especialistas nas ciências sociais e económicas. Em Agosto de 1924, o CC do PCR(B) mandou mais de 60 importantes trabalhadores do Partido realizarem trabalho docente em instituições de educação superior.

A falta de quadros docentes era contudo tão grande que se tornou necessário empregar pessoas com posições ideológicas pouco firmes no ensino das ciências sociais e políticas. Eram especialistas conhecedores, mas era preciso «ter um olho em cima deles» a fim de evitar que transformassem a sua faculdade numa tribuna para a propaganda de pontos de vista antibolcheviques.

Os órgãos dos Sovietes e do Partido atribuíam grande importância à organização de cursos de estudo sobre a teoria marxista para os intelectuais, a começar pelas suas partes dirigentes. V. I. Lénine dedicou muita atenção a esta questão e considerava que todos os professores nas instituições de educação superior, especialmente os professores de ciências sociais e políticas, deveriam ser obrigados a estudar os fundamentos do marxismo.

(33) V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 32, p. 121.

Círculos de estudos, associações científicas de marxistas, cursos, seminários e simpósios foram organizados nas instituições de educação superior. Por exemplo, em 1924, muitos professores de matemática e física da Universidade de Moscovo pertenciam a um círculo de estudos sobre o marxismo. Quando se criou um círculo de estudos de professores sobre o materialismo histórico na Universidade dos Urais, o interesse que lhe foi dedicado ultrapassou todas as expectativas. A associação científica de marxistas na Universidade de Petrogrado também alargou o âmbito das suas actividades.

Ao mesmo tempo, foram tomadas medidas para fornecer aos jovens de origem operária e camponesa e aos comunistas um ensino como quadros docentes marxistas científicos. Em 1921 foi criado o primeiro instituto para treino de especialistas nas ciências sociais e económicas. Foi ele o Instituto do Professorado Vermelho do qual saíram formados centenas de historiadores altamente qualificados, economistas e filósofos. O treino dos especialistas em ciências sociais era também feito nos institutos da Associação dos Institutos de Investigação em Ciências Sociais da Rússia e nas faculdades de ciências das universidades.

A via do antigo professorado para se juntar ao Estado soviético foi dura e difícil. Contudo, foi um processo natural e inevitável criado por todo o curso do desenvolvimento social. No período em questão, este processo ainda não tinha terminado, mas foi exactamente nessa altura que o Partido e o Estado conseguiram obter algumas mudanças decisivas nos sentimentos da maioria dos professores da educação superior. Em meados de 1925, o Conselho dos Comissários do Povo da RSFSR salientou numa das suas resoluções que tinham tido lugar mudanças consideráveis nos sentimentos e opiniões ideológicas do professorado e que estava a ter lugar uma viragem a favor

do novo sistema. O Conselho dos Comissários do Povo da RSFSR salientou que atribuía uma importância extraordinária a este fenómeno assim como à mudança paralela que tinha lugar em geral entre os cientistas da República.

Os órgãos centrais do Partido e dos Sovietes tomaram medidas para desenvolver o trabalho de investigação científica e para criar as condições necessárias aos cientistas. A fim de assinalar a ocasião do quinquagésimo aniversário da actividade científica do professor N. Y. Zhukovski e os seus enormes méritos como pai da aviação russa, o Conselho dos Comissários do Povo da RSFSR, num decreto especial, assinado por Lénine, instituiu um Prémio Zhukovski para os melhores estudos matemáticos e mecânicos do ano e atribuiu também um certo número de privilégios pessoais ao próprio Zhukovski. O Conselho dos Comissários do Povo da RSFSR também tomou resoluções sobre o melhoramento das condições de trabalho para I. P. Pavlov, K. E. Tsiolkovski e muitos outros cientistas.

Quando a investigação de I. M. Gubkine foi coroada dos seus primeiros êxitos, Lénine sugeriu que o Presidium do Conselho Supremo Económico atribuísse fundos para a continuação deste trabalho e fizesse encomendas (e entregasse uma grande quantia em dinheiro) a este grupo de investigadores.

A Comissão Central para a Melhoria das Condições de Vida dos Cientistas, que, em 1921, por iniciativa de Lénine e com a íntima colaboração de Gorki, foi criada pelo Governo soviético, testemunha o interesse pelos trabalhadores científicos. Dois milhões e novecentos mil rublos de ouro foram concedidos para prover às primeiras necessidades da comissão. A comissão empenhou-se na distribuição das chamadas «rações académicas» (34) e prémios monetários, defendeu os direitos ao alojamento dos cientistas, etc. Abriram casas de repouso especiais para cientistas e sanatórios para cientistas idosos e para as suas famílias no Cáucaso e em redor de Moscovo. A Casa dos Cientistas abriu em Moscovo.

(34) Uma entrega mensal de produtos que era dada aos trabalhadores da ciência, tecnologia, literatura e arte durante os anos de dificuldade económica (1918-1923).

Deve-se, salientar que a decisão do Governo de criar a Comissão Central para a Melhoria das Condições de Vida dos Cientistas e também um certo número de outros textos para melhorar a situação dos intelectuais foram tomados durante um período particularmente difícil para o Estado soviético, quando terríveis fomes assolavam todas as regiões centrais do país: os operários tinham de se contentar com rações de fome e os camponeses alimentavam-se de erva e de cascas de árvores. Estes factos mostram mais uma vez os pesados sacrifícios que o Estado soviético fez quando quis manter os quadros científicos e culturais.

O auxílio material concedido aos cientistas pelo Estado soviético foi um dos factores que contribuiu para a sua mudança de atitude em relação à ditadura do proletariado. Mas o mais importante foi o facto de isto tornar manifesto o cuidado do Estado sobre o desenvolvimento da ciência e da conquista dos cientistas para a via do trabalho criativo na edificação de uma nova economia e cultura. Os cientistas começaram a ver cada vez mais claramente que, nas condições da edificação do socialismo, a ciência tinha os mais largos âmbitos para todo o seu desenvolvimento e que um cientista tinha todas as oportunidades de pôr na prática as suas conclusões e teorias.

Todas as actividades do Estado soviético testemunharam claramente o facto de que as afirmações sobre o valor da ciência para a edificação de uma nova sociedade não eram frases vazias e que a ciência era um elemento absolutamente necessário e básico desta edificação. Tendo ficado convencidos disto pela sua própria experiência, os cientistas, sem concordarem com o Estado soviético em tudo, cooperaram apesar disso eficaz e criativamente com ele.

A primeira conferência de Petrogrado dos trabalhadores científicos realizada em 5-6 de Novembro de 1923 foi um acontecimento importante e originou uma mudança notável nos sentimentos de uma parte considerável de cientistas e professores da educação superior. Muitos cientistas que se pronunciaram na conferência expressaram o seu desejo de trabalhar em estreita relação com o Governo soviético. Conferências semelhantes tiveram lugar também noutras cidades.

O período de recuperação da economia nacional foi um dos acontecimentos mais importantes no desenvolvimento da ciência tanto no campo teórico como no da aplicação da teoria à edificação do socialismo. O desenvolvimento planificado da ciência de acordo com as necessidades da economia nacional constituiu um novo princípio na história da ciência soviética e mundial. A ideia de introduzir uma base planificada à ciência foi considerada por muitos cientistas como irrealista e uma «invenção bolchevique». Alguns temeram que o planeamento da ciência limitasse a criatividade individual e que a tentativa de estabelecer uma interligação entre a investigação científica e a economia nacional conduzisse ao declínio da ciência.

Havia, contudo, pessoas nessa altura no mundo científico que já compreendiam que o progresso científico e tecnológico rápido não poderia ser realizado na tranquilidade dos laboratórios e que o «anarquismo» na ciência e na investigação científica não deveria ser tolerado. Estes cientistas viram que os seus «planos pessoais» deviam ser dedicados aos problemas científicos que eram mais importantes para o crescimento da economia e cultura da nação.

Forças científicas consideráveis foram admitidas no órgão supremo de planeamento estatal — a Comissão de Planeamento Estatal da URSS (Gosplan). Personagens científicas eminentes também trabalharam como consultores junto dos Comissariados do Povo e ocupavam importantes posições nos órgãos económicos.

Em Junho de 1925, o Governo soviético aprovou uma resolução intitulada «Sobre a Instituição do Prémio Lénine para o Trabalho Científico». Esta resolução significava que o Estado soviético tencionava encorajar os cientistas a trabalhar em linhas mais próximas das ideias de Lénine, ou seja, linhas orientadas para uma íntima ligação entre a ciência e a prática.

A realidade soviética confirmou diariamente a ideia leninista de que o especialista conseguiria ter uma compreensão dos ideais socialistas através dos factos da sua própria ciência. Para o pessoal docente e os trabalhadores científicos, a primeira metade dos anos 20 foi um período de delimitação e de grandes mudanças na visão do mundo. Foi também um período em que se deu um passo importante por esta parte de intelectuais na transição para a participação activa na edificação do socialismo.

A questão dos «simpatizantes» na literatura e na arte

A fim de vencer a influência ideológica da burguesia sobre os intelectuais, os quadros do Partido e dos Sovietes tinham de mostrar muita erudição, ter uma compreensão concreta das condições autênticas, ter em conta a correlação de forças e ser flexíveis e sensatos. Era impossível «abolir» a ideologia burguesa; só poderia ser vencida por meio de uma sistemática influência ideológica sobre os defensores dos seus vestígios. A actividade do Partido entre os artistas é um exemplo da política flexível, apesar de firme, do Partido Comunista de pressão ideológica sobre os elementos não proletários.

A literatura e a arte representam um elemento muito importante na vida espiritual da sociedade. O Partido não era evidentemente indiferente à maneira como os «ventos ideológicos» aí sopravam.

O objectivo principal do Partido no campo da literatura e da arte durante o período em questão era apoiar o

desenvolvimento da nova cultura e auxiliar os artistas que mostravam sinais de estar próximos do novo sistema a fim de derrubar a influência da ideologia burguesa e de tomar uma posição de participação activa na edificação do socialismo.

Os artistas que foram formados antes da revolução começavam a compreender gradualmente a nova realidade. O processo de diferenciação que começara dentro deles imediatamente após a Revolução de Outubro continuava e penetrava mais fundo.

A transição para a Nova Política Económica implicava uma intensificação renovada das contradições ideológicas. Muitos velhos intelectuais artísticos navegavam sob a bandeira do não partidarismo militante e da «arte pura». O poeta Andrei Bely tomou a defesa do apoliticismo e do não partidarismo em tal medida, que veio a ser uma apologia do filistinismo ou mesmo da elevação do filistinismo a um tipo de princípio filosófico. «Desgosta-me qualquer ideia — escreveu — de espírito de Partido, que actua conscientemente "para bem dos outros"... De dois males: ser uma pequena rã viva ou uma rã morta, despedaçada por uma falsa viragem para a grandeza, prefiro permanecer uma rã viva; e — tornar-me filisteu.»

Alguns artistas, não concordando absolutamente com o Estado soviético, tentaram explicar porque viviam e trabalhavam na Rússia Soviética onde a classe operária chefiada pelo Partido Bolchevique estava no poder. Isto, por exemplo, é o que o escritor Boris Pilnyak disse no seu livro *Fragmentos do Meu Diário*: «... Não sou comunista e por isso não reconheço que deva ser um comunista e escrever de uma maneira comunista. Reconheço que o poder comunista na Rússia for determinado — não por desejo dos comunistas, mas pelo destino histórico da Rússia, e, na medida em que quero seguir (na medida em que sou capaz e como a minha consciência e espírito ditam) este destino histórico da Rússia, estou com os comunistas, isto é, na

medida em que os comunistas estão com a Rússia. Estou com eles (agora, hoje, mesmo mais do que antes, porque o meu caminho não é com os filisteus). Reconheço que o destino do Partido Comunista da Rússia é muito menos interessante para mim do que o destino da Rússia: para mim o Partido Comunista é apenas um elo na história da Rússia.»

Mas, ao mesmo tempo, um grande grupo na literatura e nas artes separou-se dos artistas. Este grupo tentou aceitar a revolução não só como um facto consumado mas remodelar a sua visão do mundo e compreender o que a revolução tinha feito ao carácter das pessoas e às relações humanas como um todo. Este foi naturalmente para eles um processo muito difícil e complicado: escritores, pintores, artistas e outros tiveram, a princípio, de mudar os temas e a direcção ideológica da sua obra e isto pressupunha evidentemente uma mudança de toda a sua visão do mundo. Tais metamorfoses não são fáceis e não se realizam sem dor. Além disso, os métodos criativos, todo o complexo de meios descritivos e a maneira criativa dos artistas que já estavam formados não deixavam de ter a sua importância. As vezes os métodos criativos do artista eram bons para a descrição da realidade pré-revolucionária, mas provavam ser completamente inadequados para falar verdade e a um nível artístico elevado sobre a revolução e o seu povo. Não só os objectivos e as tarefas da literatura e da arte na nova sociedade, mas também a maneira como o artista se exprimia tornaram-se tema de luta. Assim, o conflito sobre os aspectos político-sociais e gerais entrelaçaram-se com o campo da estética. É por isso que foi impossível pedir ou esperar que os trabalhadores artísticos passassem instantaneamente para o campo revolucionário. Se não esconderam as suas cores políticas e se evitaram um comportamento de camaleão, mas se se expuseram como adeptos «do liberalismo humanitário não partidário», então só isto tornou possível a esses artis-

tas compreenderem e mostrarem sensibilidade em relação a tudo o que era bom e útil que, de acordo com eles, o Estado fazia pelo povo, mas apesar disso um Estado que lhes continuava alheio.

Lunatcharski deu um quadro muito verdadeiro e vivo das relações entre essa parte de intelectuais e o Estado soviético quando falava do eminente artista e «ancião do Teatro Maly», A. I. Yuzhine: «Seria estranho, evidentemente, esperar uma atitude revolucionária de Yuzhine. Seria estranho esperar dele uma revolução no teatro. A este respeito, é um conservador, mas um conservador no mesmo sentido que um homem que protege as plantas numa estufa.

«Claro que não vale a pena procurar sentido revolucionário em Yuzhine no sentido em que nós entendemos a palavra, que é o único sentido correcto. Mas pode-se imaginar este diálogo entre nós mesmos e o velho artista. Teve de facto lugar por mais de uma vez e quase palavra por palavra, não só entre ele e eu, mas também entre ele e outros representantes do Estado soviético.

«Diz-nos: "Não vos peço um milagre, não vos peço que tragam para a terra o céu socialista que prometem às massas populares. Sei que a vossa luta é difícil, que por vezes a vossa força se esvai, mas acredito que realmente querem o melhor; acredito que têm muita força e grandes perspectivas na vossa frente. O tempo dirá, mas em qualquer dos casos não devem calcar os tesouros herdados do passado."

«E nós respondemos-lhe: "Também nós não lhe pedimos um milagre. Sabemos que pertence a outra falange e não podemos subitamente fazer brotar as rosas da revolução, mas sabemos que nos entrega gentilmente as flores mais cheirosas e delicadas que nos foram deixadas pelas gerações passadas e sabemos que, na nossa ainda muito breve primavera, o nosso solo ainda tão fraco de flores precisa do presente que nós dá."

«Esta é a constituição não escrita que existe entre o Estado soviético e os melhores representantes das velhas artes.» [35]

Enquanto combatia os seus inimigos, o Partido Comunista e o Estado soviético lutaram também pelos seus amigos, ajudando-os a libertar-se das influências ideológicas hostis e a aproximarem-se gradualmente do povo. Este processo foi característico em todos os campos do desenvolvimento cultural nos primeiros anos do poder soviético.

A luta do Partido Comunista para atrair os chamados «simpatizantes» para a edificação do socialismo ocupa uma página especial na história da cultura soviética e dos intelectuais. Este termo foi aplicado nos anos 20 às pessoas empenhadas na literatura e na arte que tentavam compreender as mudanças revolucionárias, tomar parte na nova vida e contribuir à medida da sua força e capacidade para o seu desenvolvimento. Aceitaram a revolução mas não possuíam uma compreensão clara das suas tarefas e objectivos. O termo «simpatizante» usado na literatura soviética, especialmente sobre os escritores, não exprime a essência e as particularidades do processo por que os intelectuais passaram. Um «simpatizante» é um companheiro de ocasião, uma pessoa que temporiamente e apenas de fora se junta a algum movimento social sem estar interiormente ligado a ele. Uma análise da vida social nos anos 20 convence-nos, contudo, de que os escritores, artistas, pintores e outras figuras literárias e artísticas não eram simpatizantes de ocasião apenas até um determinado ponto. Eram pessoas que tinham procurado e encontrado a sua via para a compreensão da revolução e dos ideais do socialismo.

Ao determinar a sua atitude para com os «simpatizantes», o Partido partiu do princípio que os escritores e as

---

[35] Arquivos Centrais do Estado de Literatura e Arte, Fólio 2328, Arquivo 1, Documento 1324, pp. 151-152.

pessoas envolvidas na arte conseguiriam, à medida que continuasse a edificação do socialismo, encontrar uma maneira para ultrapassar as influências ideológicas alheias.

A questão dos «simpatizantes» era muito complicada e séria. O Partido Comunista e os próprios «simpatizantes» tinham um interesse directo na sua resolução correcta. Provou ser parte constituinte de um problema mais vasto e mais importante, o da assimilação da herança cultural do passado e a inclusão de alguns elementos seus na nova cultura que estava a nascer. Naturalmente este complicado processo não poderia ter lugar suavemente e sem sofrimento e sem erros, dificuldades, conflitos ou lutas. Tudo isto se encontra na vida cultural do país daquela altura.

O problema dos «simpatizantes» chamou a atenção de todo o público soviético. Despertaram paixões a seu respeito, surgiram discussões e teses nas quais tomaram parte eminentes trabalhadores, escritores e críticos do Partido. No decurso destas discussões, tomaram forma dois pontos de vista, na sua maioria, se não completamente, mutuamente exclusivos. Um deles tinha as suas principais ligações com o jornal *Krasnaya nov* (Solo Vermelho Virgem) e o seu editor, A. K. Voronski, um crítico de renome e organizador das forças literárias do país nos anos 20.

Nos primeiros anos da sua existência, o jornal mensal *Krasnaya nov* (fundado em 1921) obteve êxitos na conquista para o lado do Estado soviético das forças mais vivas dos velhos intelectuais, incluindo alguns que ainda vacilavam e cujas opiniões políticas ainda não tinham, apesar disso, tomado forma. Descobriu também e apoiou novos talentos, criou uma ampla frente a favor da literatura soviética e lutou contra a ideologia burguesa e os emigrados «internos» e no estrangeiro. O jornal tentou unir nas suas páginas escritores dos mais diferentes grupos literários e com os mais variados estilos.

Os escritos de jovens autores soviéticos que acabavam de entrar na literatura naqueles anos apareceram publicados no jornal: Vsevolod Ivanov, Konstantine Fedine,

Mikhail Zoshchenko, Nikolai Aseyev, Fyodor Gladkov, Lydia Seifullina, Alexander Neverov, Leónidas Leonov, Alexander Malyshkin, Nikolai Lyashko, Artyom Vesyoly, Larissa Reisner, Vasily Kasine, Eduard Bagritski, Isaak Babel e muitos outros.

Voronski também recrutou a participação no *Krasnaya nov* de escritores e poetas que tinham entrado para o campo literário antes da revolução: Vikenty Veresayev, Konstantin Trenyov, Valery Bryusov, Alexei Tolstoi, Mikhail Prishvine, Sergei Sergeyev-Tsenski, Boris Pasternak, Olga Forsh, Marietta Shaginyan, Vyacheslav Shishkov, Ilya Ehrenburg, Alexei Chapygine, Ivan Sokolov-Mikitov, Vladimir Mayakovski, Sergei Yesenine e outros.

Voronski, ao defender a importância e as vantagens do trabalho com os intelectuais não partidários, disse: «O trabalho deve continuar no futuro e unir mais os escritores não partidários e vacilantes que devem caminhar no sentido da ligação dos seus destinos e dos seus escritos mais organicamente ao destino da Revolução de Outubro e do proletariado e promover a união do Partido com o campesinato e os intelectuais... A flexibilidade e o cuidado na abordagem dos simpatizantes não deve, evidentemente, ser acompanhada da dissimulação dos seus erros ideológicos e artísticos.» (36)

A. Voronski e o grupo que reunira em redor do jornal *Krasnaya nov* não cometeram, contudo, erros graves. Enquanto declarava a necessidade de uma abordagem sensata e delicada dos antigos escritores (e na verdade fazendo isto na prática), Voronski não julgava ser possível criar uma nova cultura. Pela sua abordagem preconceituosa da avaliação das novas forças literárias, Voronski via talentos principalmente entre os «simpatizantes», a quem considerava os genuínos descendentes dos clássicos e que tinham

(36) Arquivos Centrais do Estado de Literatura e Arte, Fólio 1968, Arquivo 1, Documento 848, pp. 5-6.

atravessado «a ponte estética entre a velha arte e a arte de hoje». Voronski defendeu os «simpatizantes» de ataques e acusações injustos, mas também louvou alguns escritores que o não mereciam e foi idulgente acerca das suas posições ideológicas e das opiniões alheias que tomavam nas suas obras.

As opiniões erradas de Voronski e o seu preconceito em relação aos escritores «simpatizantes» expuseram-no a justa crítica do Partido e da comunidade literária. Quando A. V. Lunatcharski chamou a Voronski «um dos mais cultos e sérios representantes do nosso mundo comunista artístico e científico-artístico» e «o principal organizador da vida literária do período intermédio», também comentou os seus erros: «A delicadeza para com os intelectuais que aceitarám a Revolução de Outubro foi levada ao ponto de as cortejar, de exagerar a sua força e subestimar as suas fraquezas e as notas falsas nos seus escritos. Conduziu também a uma atitude até certo ponto desdenhosa para com os passos rápidos de uma literatura proletária pura.» ([37])

Contudo, os erros graves de Voronski, incluindo os da visão do mundo, considerados em conjunto, não destroem a importância da sua frutuosa e útil actividade na atracção de forças literárias vigorosas para a edificação da cultura socialista.

Uma opinião contrária sobre os «simpatizantes» foi expressa por membros de alguns grupos de escritores e artistas proletários: a Associação Russa de Escritores Proletários, a Associação de Artistas da Rússia Revolucionária, a Frente Artística Revolucionária ([38]) (LEF) *Kuznitsa* (A

([37]) A. Lunatcharski, *Etapy rosta sovetskoi literatury* (As Fases do Progresso da Literatura Soviética), in *Na literaturnom postu*, N.º 22-23, 1927, p. 19.

([38]) A Frente Artística de Esquerda era um grupo literário que existia em Moscovo em 1923-1930. As opiniões literárias dos membros do grupo estavam ligadas à escola futurista. O grupo publicou o jornal *Lef* (as suas iniciais russas) desde 1923-1925 e *Novo Lef* de 1927-1928.

Forja) ([39]) e outros. Estes grupos desempenharam, sem dúvida, um papel positivo na organização dos jovens quadros proletários na literatura e nas artes. Ao mesmo tempo, contudo, havia muito de negativo na sua actividade: o «esquerdismo», a fragmentação, o sectarismo e uma tendência para vulgarizar a sociologia ao abordar questões teóricas.

Os duros ataques feitos por alguns grupos criativos proletários aos escritores e artistas que não estavam nestas organizações produziu efeitos particularmente negativos. O criticismo «esquerdista» tratava os escritores e as figuras artísticas oriundas dos intelectuais democráticos — os «simpatizantes» — com particular desprezo e por vezes hostilidade. A resolução da I Conferência dos Sindicatos dos Escritores Proletários (1925) mostra o significado político que deram a este termo: «O tipo mais prevalecente de "simpatizante" é um escritor que representa mal a revolução nas suas obras e muitas vezes a difama, que está permeado de espírito de nacionalismo, de chauvinismo de Grande Poder e misticismo... A literatura "simpatizante" é basicamente literatura dirigida *contra* a revolução proletária.» Uma classificação de «simpatizantes» foi elaborada em pormenor: simples simpatizantes, simpatizantes internos, simpatizantes de esquerda, emigrados internos, escritores neoburgueses, etc. A crítica na imprnsa transformava-se por vezes em abuso grosseiro e era acompanhado de provocações e insultos. Alcançou mesmo um tal ponto que no auge da polémica literária, Maiakovski e Gorki foram tratados como «simpatizantes».

A interpretação incorreta do significado de «simpatizante» levou a dizer que o «simpatizante» escritor deveria ser colocado sob a vigilância dos seus colegas proletários. Se um «simpatizante» reconhecia um ou outro grupo de escritores proletários como a única tendência comunista

([39]) *Kuznitsa* era um jornal fundado por um grupo de poetas soviéticos que tinham abandonado a Proletcult em 1920. Os temas do jornal eram a poesia do trabalho, a camaradagem, a solidariedade de classe e o romantismo revolucionário. O seu grupo literário existiu até 1928.

expressa na literatura, então podia contar com o seu apoio e aprovação. Mas se recusasse seguir as direcções dos dirigentes destes grupos, deixava imediatamente de ser um «simpatizante» e era um contra-revolucionário que deveria ser denunciado». O órgão da Associação Russa de Escritores Proletários, o jornal *Na postu* (Sobre o Dever), que tinha tomado posições de extrema-esquerda, publicou acusações políticas abusivas e contundentes e de bom grado classificou politicamente os «simpatizantes» de várias maneiras aplicando mecanicamente a tecnologia das lutas políticas aos fenómenos literários e artísticos.

Deve-se igualmente notar que muitos dos «simpatizantes» apoiavam de facto pontos de vista não soviéticos e tentaram a sua publicação forçada. O mérito do jornal *Na postu* residiu no facto de falar da organização e do apoio às jovens forças literárias proletárias e sujeitar as tendências anti--soviéticas na literatura a uma crítica merecida. Os editores do jornal não tiveram, contudo, em conta nem as condições concretas do desenvolvimento da literatura nem a complexidade da batalha ideológica. Os escritores que se agruparam em redor do jornal *Na postu* rejeitaram a própria ideia de que os velhos intelectuais podiam «vestir nova roupagem» e adoptar uma ideologia socialista. Não podiam compreender que a questão era a da política mais razoável, de como atrair para si o maior número de amigos e de como isolar e neutralizar os mal intencionados.

A «matança» organizada pela crítica de «esquerda» foi rejeitada, em primeiro lugar, pelas organizações do Partido e pela comunidade literária. Lunatcharski disse que, «quando fazemos discursos cheios de uma espécie de irritação agitada sobre o facto dos "simpatizantes" serem camaleões e lambe-botas, escritores comerciais, etc., devemos opor-nos com toda a nossa energia».

Na sua maior parte infundados, estes ataques pela crítica sociológica vulgar e sectária estreita provocou junta indignação em muitos escritores e trabalhadores nas artes. Isto pode verificar-se, por exemplo, na carta de um grupo de escritores que foi tornada pública numa reunião lite-

rária no Departamento de Imprensa do CC do PCR(B) em Maio de 1924. Lê-se em parte na carta: «Acreditamos que as vias da literatura contemporânea russa — e assim também as nossas — estão ligadas às vias da Rússia pós-revolucionária soviética... Saudamos os novos escritores operários e camponeses que chegam agora à literatura. De forma alguma somos diferentes deles ou os consideramos hostis ou alheios a nós. A sua obra e a nossa obra é a obra comum da literatura russa contemporânea que caminha numa direcção e tem em vista um único objectivo.

«As novas vias da nova literatura soviética são difíceis e inevitavelmente serão cometidos erros. Os nossos erros pesam mais sobre os nossos próprios ombros. Mas protestamos contra os ataques arrebatados contra nós. O tom de jornais como o *Na postu* e o seu criticismo, que além disto se afirma como a opinião de todo o PCR no seu conjunto, trata a nossa obra literária de uma forma injusta e deliberadamente preconceituosa. Consideramos ser necessário declarar que tal atitude em relação à literatura não é digna nem da literatura nem da revolução e desmoraliza a massa de escritores e leitores. Nós, os escritores da Rússia Soviética, estamos convictos de que a nossa obra de escritores lhe é tão necessária como útil». A carta estava assinada por 37 pessoas, entre as quais A. Tolstoi, M. Zoshchenko, V. Kaverine, M. Prishvine e S. Yesenine.

A situação anormal que se desenvolvia no mundo literário não podia deixar de alarmar o CC do PCR(B). A questão da direcção para o desenvolvimento da literatura foi colocada na «ordem do dia», para empregar as palavras da resolução do XII Congresso do Partido.

Em Maio de 1924 teve lugar uma reunião alargada no Departamento de Imprensa do CC do PCR(B), com funcionários do Partido, jornalistas, escritores e críticos. Abordou as tarefas do Partido na direcção do movimento literário, na organização das forças da literatura proletária e as que diziam respeito aos «simpatizantes». A sua resolução exprimia o desejo do Partido de ajudar todos os

escritores honestos a tomarem a posição ideológica correcta e a tornarem-se defensores activos das conquistas da revolução. A reunião aprovou uma moção a favor do apoio à literatura proletária. Condenou também a táctica incorrecta e prejudicial de «lutar» contra os escritores «simpatizantes».

Mas a polémica continuou. De facto, o mundo literário dividiu-se em dois campos. O primeiro era chefiado pelo jornal *Krasnaya nov* a que se juntaram os jornais *Pechat i revolutsia* (Imprensa e Revolução) e *Sibirskiye ogni* (Luzes Siberianas) e o segundo consistia nos jornais *Na postu, Molodaya gvardiya* (O Jovem Guarda), *Oktyabr* (Outubro) e por vezes *Zvezda* (A Estrela). A querela entre estes dois «campos» incidia sobre os problemas mais importantes do desenvolvimento da literatura soviética.

O Partido Comunista continuou a dedicar muita atenção à situação na literatura. No começo de 1925 tiveram lugar várias reuniões da Comissão Literária no CC do PCR(B). Importantes funcionários do Partido escreveram artigos sobre questões de política literária. Um artigo de I. Vareikis intitulado «Sobre a nossa Linha na Literatura e sobre os Escritores Proletários» publicado na *Pravda* em Fevereiro de 1925 foi importante para a definição da linha do Partido. Nele levantava o problema do apoio geral aos escritores operários e camponeses e também criticava a atitude do jornal *Na postu* em relação aos «simpatizantes».

Numa reunião da Comissão Literária do CC do Partido em 3 de Março de 1925, M. V. Frunze salientou os erros de ambos os «campos» e anunciou que o camarada Voronski, o editor do jornal *Krasnaya nov,* deveria ir ao encontro da juventude proletária e que, ao contrário, os que estavam no jornal *Na postu* deveriam ir ao encontro dos simpatizantes».

A. V. Lunatcharski também teve uma palavra a dizer nesta discussão sobre o papel e o lugar dos «simpatizantes». Num debate sobre o tema «As Primeiras Pedras da Nova Cultura», que teve lugar em 9 de Fevereiro de 1925, disse que a pequena burguesia era o solo social do qual emergiam

os «simpatizantes». Apesar das muitas ilusões e vacilações dos «simpatizantes», apesar do facto de muitas vezes «dançarem com senhoras suspeitas ora para a direita ora para a esquerda», eles, e Lunatcharski estava disto firmemente convencido, tinham uma profunda aversão ao sistema burguês e não eram inimigos da revolução. Os «simpatizantes», na opinião de Lunatcharski, eram pessoas que «podem produzir uma certa quantidade de obras de talento... mas devem ser colocados no seu lugar próprio e não se deve concordar em que são eles quem representa a autêntica literatura e a principal força na edificação da nossa cultura».

A respeito dos intelectuais, Lunatcharski propôs a fórmula: «Aquele que é contra a burguesia está connosco.» (40)

A linha do Partido na literaura e na arte foi na sua maioria expressa na resolução do CC do PCR(B) «Política do Partido no Campo da Literatura» que foi aprovada em 18 de Junho e publicada na *Pravda.* O Comité Central do Partido salientou que era imperioso travar uma batalha decisiva contra todas as manifestações de ideologia burguesa na literatura, contra «os elementos anti-revolucionários» e criticou duramente as atitudes conciliatórias e capitulacionistas. Mas, ao mesmo tempo, o Comité Central do Partido avisou contra a classificação radical de todos os «simpatizantes» como inimigos da revolução. «Deve existir neste caso uma directiva geral que é a das relações sensatas e cuidadosas com eles, ou seja, uma abordagem que vá ao encontro de todas as condições para a sua mais rápida transição para o lado da ideologia comunista.» Ao mesmo tempo a crítica deveria «mostrar o maior tacto, cuidado e paciência em relação a todos os extractos literários que podem caminhar com o proletariado e que farão isso».

A resolução opôs-se à administração da literatura e apoiou a livre concorrência entre os vários grupos e corren-

(40) A. V. Lunatcharski, *Ob intelligentsii,* Moscovo, 1923, p. 19.

tes no campo da forma literária. «Enquanto distinguimos sem erros o conteúdo social e de classe das tendências literárias, o Partido como um todo não pode de forma alguma aderir a qualquer tendência no *campo da forma literária.*»

Este documento foi extremamente importante na união ideológica dos escritores soviéticos e na eliminação de distorções no movimento literário. Definiu o carácter do processo do desenvolvimento literário e a via que os escritores deveriam seguir sem ter em conta os grupos a que tinham aderido. Esta resolução do Comité Central do Partido exerceu igualmente uma grande influência sobre o desenvolvimento do teatro, pintura, escultura e cinematografia soviéticos.

Não foi por acaso que os anos 20 marcaram o aparecimento de importantes obras literárias e artísticas: a jovem cultura soviética estava a entrar na ampla via do desenvolvimento tempestuoso.

★

Tiveram assim lugar grandes mudanças na posição e atitude mental dos intelectuais durante os primeiros dez anos do poder soviético. Uma esmagadora percentagem de intelectuais transformou-se de força hostil na sua massa nos ideais do socialismo e cooperou com o Estado soviético. Os intelectuais (quer os grupos individuais dentro deles o quisessem ou não) eram objectivamente de grande auxílio para a classe operária e o campesinato da direcção da economia, na sua restauração onde fora destruída e no desenvolvimento da cultura.

O processo de delimitação de grupos individuais de intelectuais teve lugar tanto sob a influência da transformação socialista do país como paralelamente a ela. Um destes grupos, relativamente pequeno (uma parte dos trabalhadores de engenharia, tecnológicos e científicos e artistas), continuou como antes a ser um inimigo do novo sistema

esperando por uma ocasião oportuna para apoiar uma recuperação do regime burguês. Este extracto de intelectuais consistia nos especialistas melhor qualificados que ocupavam cargos importantes na economia nacional ou desempenhavam papéis importantes na vida cultural do país. Era impossível tirá-los do seu trabalho, uma vez que não havia ninguém para os substituir. Esta foi uma circunstância que teve de ser tomada em consideração.

O maior grupo de intelectuais era composto, como antes, por pessoas politicamente inertes que tentavam manter-se meramente na esfera dos interesses industriais ou científicos. Contudo, realizaram-se profundas mudanças neste grupo. O heróico trabalho da classe operária e do campesinato, o entusiasmo político e laboral das massas trabalhadoras a política do Partido Comunista e a actividade dos sindicatos e outras organizações sociais, tudo isto interessou gradualmente os intelectuais pela nova vida. Ao ajudarem honestamente o Estado soviético no campo industrial, os intelectuais foram entrando pouco a pouco na vida social do país e tornaram-se gradualmente participantes conscientes na edificação do socialismo.

Finalmente, mais uma característica do período em questão deve ser salientada: o rápido crescimento do extracto de intelectuais que ligou totalmente o seu destino ao destino da classe operária e à causa da edificação do socialismo. Estes intelectuais mostraram ser o apoio fiel do Partido Comunista e da classe operária em todas as suas realizações e na sua luta para reeducar os velhos intelectuais como uma nova, soviética. A influência deste grupo sobre a restante massa de intelectuais aumentou e expandiu-se de ano para ano. Os anos de recuperação da economia nacional mostraram que o Partido Comunista escolhera a via correcta para resolver a questão dos quadros da antiga sociedade. Grupos de intelectuais de tamanho considerável cooperaram com o Estado soviético. Isto significou que se deram importantes passos no sentido de separar os intelectuais da burguesia e que uma firme

CAPÍTULO V

OS VELHOS INTELECTUAIS DURANTE O PERÍODO DE RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA NACIONAL E O PRIMEIRO PLANO QUINQUENAL

A política do Partido sobre a industrialização do país e a colectivização da agricultura e os cientistas e tecnólogos

A recuperação da economia nacional foi principalmente completada em 1926. A URSS atingia, e em alguns ramos da economia ultrapassava, os níveis de produção de antes da guerra. Isto foi, contudo, insuficiente para uma reconstrução radical da economia nacional.

Guiado pelo plano leninista para a edificação do socialismo, o Partido Comunista e o seu Comité Central elaboraram um programa cientificamente baseado para a industrialização do país, a colectivização da agricultura e o desenvolvimento cultural. Este programa dava prioridade ao crescimento da indústria pesada que elaborava os meios de produção. Era apenas na base do desenvolvimento global da indústria que o outro problema principal da edificação do socialismo — a colectivização da agricultura — poderia ser resolvido.

O programa para a edificação do socialismo na Terra dos Sovietes teve a sua expressão concreta nas resoluções do Congresso do Partido e do Governo soviético e também nos planos quinquenais para o desenvolvimento da economia nacional e da cultura do país.

Ao resolver a tarefa de reconstruir radicalmente a eco-

nomia nacional e edificar o socialismo, foram encontradas dificuldades específicas entre as quais a menos importante não era o problema de fornecer à economia nacional especialistas altamente qualificados. Durante os primeiros dez anos de poder soviético, as instituições educativas treinaram 340 000 especialistas e deram-lhes educação superior e 198 000 receberam educação secundária. Apesar disso, havia ainda falta de novos trabalhadores intelectuais. No início do Primeiro Plano Quinquenal, mais de um terço dos especialistas que trabalhavam na economia nacional eram velhos intelectuais e esta proporção atingiu cerca de 60 por cento nas instituições de educação superior e nos estabelecimentos científicos.

Os velhos intelectuais apresentavam ainda um quadro muito heterogéneo nas suas concepções ideológicas e políticas. A. V. Lunatcharski fez comentários acerca deste assunto no seu artigo «Os Intelectuais e o Socialismo»: «Temos aqui como se fosse um molho, uma série de tipos sociais: alguns não se separaram e continuam ao nível do filistinismo apolítico; outros são simplesmente trabalhadores conscientes para salários soviéticos; um terceiro grupo simpatiza connosco até certo ponto, mas não acredita na nossa força; um quarto caminha e trabalha connosco, mas há ainda muito de que não gosta e, incidentalmente, sente que os direitos garantidos aos intelectuais são insuficientes; um quinto aceita completamente a linha geral do Partido, e, enquanto vacila em questões particulares, é ao mesmo tempo um aliado genuíno; e um sexto pode ser de comunistas sem terem cartões do Partido na algibeira.»

O período de reconstrução da economia nacional foi de reavaliação geral e definitiva de valores e assistiu à formação de um tipo de intelectuais patrióticos para quem os interesses do socialismo eram queridos. Os intelectuais como um todo saudaram com satisfação a atitude do Partido em relação à industrialização do país e à colectivização da agricultura.

O Partido e o Govêrno recrutaram uma vasta gama de representantes dos velhos intelectuais para elaborar e discutir o Primeiro Plano Quinquenal. Centenas de economistas, trabalhadores científicos, engenheiros e outros colaboraram na elaboração do Plano Quinquenal nos departamentos de planeamento do Supremo Conselho Económico, na Comissão de Planeamento de Estado da URSS e nas Comissões de Planeamento do Estado das Repúblicas da União.

O programa de criação de uma produção agrícola poderosa foi também acolhido com aprovação e apoio por parte dos especialistas agrícolas. Nalguns lugares, os especialistas agrónomos organizaram os primeiros kolkhozes. Em 1928, o conhecido cientista V. R. Williams provou a tese de que a pequena agricultura individual era «um absurdo agronómico e uma utopia perniciosa». Esta conclusão correspondeu de facto ao programa agrário do Partido Comunista. A consequência natural e lógica da posição do cientista foi a declaração de Williams, feita no mesmo ano, de que desejava ser aceite no Partido Comunista: «Estou perfeitamente consciente de que dada a minha idade (65) não posso tomar uma parte muito activa no trabalho do Partido, mas tomo a liberdade de pensar que os meus conhecimentos especializados podem ser úteis às tarefas mais urgentes do Partido — o treino da jovem geração de especialistas vermelhos no campo actualmente de importância crucial — o de atingir níveis superiores na ciência, e o não menos importante campo da organização da produção agrícola. Nestas frentes continuo cheio de energia.» Williams era muito bem conhecido nas comunidades agronómicas e científicas. A sua posição influenciou agrónomos e cientistas e levou-os de novo a pensar na importância do trabalho gigantesco na transformação socialista da agricultura que estava a ser levado a cabo pelo Partido Comunista.

A maioria dos velhos intelectuais uniu-se no trabalho de realização dos planos para a edificação do socialismo.

Foram atraídos para os planos do Partido Comunista pelas perspectivas que viam para um rápido ressurgimento nas forças produtivas do país e a possibilidade para os trabalhadores científicos, tecnológicos e culturais utilizarem plenamente os seus talentos criativos e de organização. Os velhos intelectuais geraram os seus heróis do trabalho na frente da edificação do socialismo. Eram pessoas dedicadas à causa, que gozavam de total confiança por parte das massas trabalhadoras e que tinham recebido a honra de elevados prémios do Governo. Milhares de trabalhadores intelectuais, que apenas alguns anos antes não tinham acreditado no socialismo de qualquer espécie e tinham observado com cepticismo não dissimulado os esforços do novo Estado para sair do caos da devastação, conseguiram tanto encontrar o seu lugar nas fileiras gerais durante o tempestuoso desenvolvimento da indústria como também compreender a grandeza dos objectivos da edificação do socialismo.

Uma pequena parte mais influente e com autoridade dos velhos intelectuais continua a sentir, contudo, um forte espírito de desconfiança em relação aos objectivos fixados pelo Partido Comunista e adoptou geralmente uma atitude céptica e por vezes mesmo hostil para com os planos de industrialização. Não surpreende que organizações subversivas que tentaram retirar o país da via socialista tenham sido formadas no seu meio.

No final dos anos 20, os órgãos da Administração Política do Estado Amalgamado (o novo nome de 1922 da Comissão Extraordinária de Toda a Rússia) descobriu um certo número de organizações contra-revolucionárias subversivas: o grupo de sabotagem Shakhty [1], o chamado

[1] O grupo de sabotagem Shakhty era uma organização contra-revolucionária subversiva que, sob instruções do centro dos guardas brancos estrangeiros e dos serviços secretos do Estados imperialistas, operava na região de carvão de Donbas e em particular na região de Shakhty (daí o seu nome). O julgamento do caso Shakhty teve lugar em Moscovo (18 de Maio-5 de Julho de 1928).

«Prompartiya» [2] e outras. Estes grupos consistiam principalmente em membros dos velhos tecnólogos. Os sabotadores tinham por objectivo destruir os principais centros industriais e minar a força económica da União Soviética a fim de ajudar as potências imperialistas a organizarem a intervenção contra o país que edificava o socialismo e restaurar o regime capitalista.

Os elementos com sentimentos anti-soviéticos que estavam convencidos de que o resultado da Nova Política Económica no final do período de recuperação seria uma transição para o fortalecimento dos princípios burgueses na política do Estado soviético ficaram cruelmente decepcionados. A transição do período de recuperação para o de reconstrução demonstrou que as posições socialistas da economia nacional se tinham mantido e tinham ganho força considerável. Em 1924-1925, a parte do sector socialista na produção por grosso da indústria pesada passava de 96 por cento. As esperanças dos remanescentes da burguesia numa degeneração do poder soviético caíram gradualmente e a questão do derrube violento da ditadura do proletariado colocou-se de novo.

Um dos elementos da preparação deste derrube foi a sabotagem organizada pela clique dirigente dos velhos tecnólogos nos ramos mais importantes da economia nacional.

Não existia nenhuma força política séria de qualquer tipo dentro do país por detrás dos sabotadores e o seu principal suporte era por isso a intervenção estrangeira.

Os sentimentos políticos dos sabotadores não significavam, evidentemente, que todos os tecnólogos fossem contra-

[2] O «Prompartiya» (Partido Industrial) era uma organização clandestina activa na URSS em 1926-1930. Os seus membros eram oriundos dos tecnólogos burgueses hostis ao Estado soviético. Actuavam sob instruções dos capitalistas emigrados e dos serviços secretos estrangeiros. Os dirigentes do «Prompartiya» foram condenados pelo Supremo Tribunal da URSS em Moscovo em 7 de Dezembro de 1930.

-revolucionários. As provas dos julgamentos do «Shakhty», «Prompartiya» e outros mostraram que as actividades subversivas dos grupos contra-revolucionários de antigos especialistas burgueses não tinham encontrado resposta entre círculos mais amplos de intelectuais.

A derrota total das organizações subversivas não foi por isso de modo algum um «julgamento dos intelectuais» como os inimigos do Estado soviético tentaram apresentá-lo. Em 1930, depois do julgamento do «Prompartiya», o Comité Central do PCR(B) salientou que a massa principal dos trabalhadores de engenharia e tecnológicos nada tinha em comum com os sabotadores e que estes trabalhadores tinham provado na prática a sua prontidão para caminharem de mãos dadas com a classe operária.

Todos os intelectuais honestos separaram-se firme e decididamente das acções criminosas dos sabotadores que difamavam o próprio nome de engenheiro ou cientista. Os trabalhadores de engenharia, tecnológicos e científicos, nas suas resoluções em numerosas conferências e reuniões e em telegramas enviados ao Comité Central do Partido, ao Comité Executivo Central da URSS e ao Presidium do Conselho Central dos Sindicatos de Toda a Rússia, condenaram duramente as acções dos sabotadores e exprimiram a sua prontidão para darem toda a sua energia e conhecimentos à causa da edificação do socialismo.

As actividades subversivas do «grupo Shakhty», dos membros do «Prompartiya» e de outros grupos anti-soviéticos criaram sérias dificuldades num determinado número de sectores na edificação do socialismo. Estes grupos e organizações subversivos foram esmagados pelos órgãos soviéticos. O tribunal soviético, contudo, tomou em conta o arrependimento total dos criminosos e considerou ser possível limitar-se a sentenças relativamente leves em relação à maioria dos que estavam a ser julgados e o Governo soviético garantiu aos que tinham sido condenados à prisão uma oportunidade de reparar a sua falta para com o povo por meio de trabalho honesto.

Muitos dos antigos sabotadores não só condenaram o seu passado criminoso, mas também em muito pouco tempo deram contribuições válidas para o desenvolvimento da indústria e da ciência pelo que lhes foram atribuídos elevados prémios pelo Estado soviético. O professor L. K. Ramzine, um dos principais organizadores e dirigentes do «Prompartiya», a quem os imperialistas estrangeiros tinham escolhido para ditador de uma Rússia «democrática», já durante o seu julgamento compreendeu o erro que fizera actuando contra o Estado dos operários e dos camponeses. No tribunal, Ramzine declarou que se «o tribunal proletário e o Estado soviético considerassem ser possível poupar a minha vida, então prometo firmemente e sem dúvidas utilizá-la totalmente para o fortalecimento do Estado soviético por meio de um trabalho dedicado, desinteressado e sem descanso na edificação do socialismo...» (³).

O Estado soviético acreditou nas palavras de L. K. Ramzine e não fez mal. Especialista eminente do calor e talentoso cientista, deu uma válida contribuição para o fortalecimento do poder industrial da URSS. Ramzine ganhou o prémio do Estado de primeira classe pela invenção de uma caldeira única de passagem simples.

Não devemos, contudo, esquecer o facto de que num certo número de lugares, os julgamentos dos sabotadores criaram uma situação muito tensa e anormal entre os tecnólogos. Alguns engenheiros e técnicos sentiram que não tinham confiança neles e que, se fosse nesse dia, seria no dia seguinte, e que também eles se iriam juntar aos sabotadores e sofrer as respectivas consequências. A razão destes sentimentos reside nas acções e exageros incorrectos em relação aos intelectuais que foram permitidos em determinadas localidades. Por vezes até a imprensa chegou a tomar posições incorrectas. Os jornais e revistas enche-

(³) *Protsess «Prompartii» 25 noyabrya 1930 g. Stenogramma sudebnogo protsessa i materialy, priobshchenniye k delu*, Moscovo, 1931, p. 505.

ram-se de notícias e artigos sobre a sabotagem nas empresas e organizações e o leitor ficou com a impressão de que os sabotadores estavam imiscuídos em todos os ramos da economia nacional e muito perto da sua empresa. Houve, infelizmente, casos de repressões ilegais dos especialistas. Descobriu-se que entre os especialistas condenados havia um número coniderável de pessoas que nada tinham a ver com a sabotagem. Factos semelhantes foram observados em Moscovo, no Cáucaso do Norte, na região dos Urais e noutros distritos do país. Aqueles que foram erradamente condenados em breve foram reabilitados e passaram a ter de novo todos os direitos dos cidadãos. A afirmação muito difundida naquela altura de que a sabotagem tinha lugar em todos os ramos da indústria não era verdadeira.

Os casos de atitudes incorrectas em relação aos intelectuais, e em particular aos tecnólogos não estavam de modo algum ligados à linha leninista do Partido Comunista sobre os intelectuais, que se verificara durante muitos anos de prática.

«Posso declarar com autoridade — foi a resposta de V. V. Kuibyshev a uma pergunta que lhe fora feita numa reunião de trabalhadores de engenharia e tecnológicos — que qualquer declaração sobre o facto de o Governo e o Partido quererem proceder mesmo que seja apenas a uma ligeira mudança na sua política a respeito dos especialistas é falsa e caluniosa... E eu, na medida em que me for possível, insistirei de todas as maneiras possíveis numa atitude ainda mais atenta do que a que tem existido até agora em relação aos engenheiros que trabalham honesta e conscienciosamente.» (4)

A reunião plenária do Comité Regional do Partido de Leninegrado em 1929 criticou severamente casos de perseguição sem fundamento dos especialistas. Uma resolução

(4) Arquivos Centrais do Partido, Instituto do Marxismo-Leninismo do CC do PCUS, Fólio 79, Arquivo 1, Documento 489, pp. 12-13.

aprovada depois de um discurso de S. M. Kirov salientava a necessidade de criar uma situação de trabalho saudável para os engenheiros e técnicos nas empresas. A reunião plenária do Comité Territorial Siberiano do Partido exigiu «uma luta tenaz contra os sentimentos pouco saudáveis de grupos atrasados de operários, o apoio decidido a todos os especialistas honestos e conscienciosos e que não se deveria tolerar a perseguição ou o despedimento indiscriminado».

Finalmente, em Abril de 1928, o Comité Central do Partido, mesmo depois do julgamento do «grupo Shakhty», quando tinham sido descobertas todas as acções revoltantes antipopulares dos especialistas sabotadores, salientou de novo que o «recrutamento em grande escala de especialistas qualificados conscienciosos para o trabalho industrial e tecnológico não deve em caso algum ser prejudicado dada a presença entre eles de sentimentos e preconceitos que são de facto uma herança inevitável do passado, do regime burguês» (5).

O Partido atribuiu grande importância ao trabalho de esclarecimento entre os intelectuais e encarregou os seus melhores propagandistas e publicistas de falar às massas de intelectuais a fim de lhes explicar a política leninista sobre os quadros da antiga sociedade, manter os intelectuais informados sobre os acontecimentos correntes, expor-lhes a verdadeira natureza da subversão e explicar o papel e lugar dos intelectuais na edificação do socialismo.

Mas o trabalho de esclarecimento deveria ser realizado não só entre os intelectuais. Os preconceitos acerca dos intelectuais deveriam ser eliminados nas massas trabalhadoras e em alguns trabalhadores executivos e do Partido, por vezes em cargos elevados. J. V. Estáline (6), ao referir-se ao caso «Shakhty», caracterizou-o como contra-revolução

(5) *KPSS v revolutsiyakh i resheniyakh...* vol. 4, p. 88.

(6) J. V. Estáline (1879-1953) foi na altura secretário-geral do Partido. Foi eleito para este cargo no XI Congresso do Partido em 1922.

económica organizada por uma parte dos especialistas burgueses. Salientou também que seria errado supor que todos os intelectuais experimentavam um sentimento de insatisfação em relação ao Estado soviético: a grande maioria dos seus membros procedia à transição para o lado do Estado soviético.

O Partido Comunista, o Estado soviético e todo o povo soviético aprenderam importantes lições com a exposição das actividades subversivas. A reunião plenária do CC do PCUS(B) em Abril de 1928 discutiu a questão do «Caso Shakhty e as Tarefas Práticas na Luta contra as Insuficiências da Edificação da Economia». A reunião plenária sublinhou que era imperioso utilizar os especialistas científicos e tecnológicos na indústria, no sistema de transportes, etc. Enquanto punia sem mercê os sabotadores e provocadores, os órgãos do Estado melhoraram as condições de trabalho para os especialistas honestos dedicados ao seu trabalho, travaram a batalha para eliminar a neutralidade e o apoliticismo nos intelectuais e para os conquistar para a vida social activa no país.

O Partido e o Estado soviético tiraram mais uma lição importante da exposição da subversão: levantaram com urgência a questão da aceleração do treino dos novos intelectuais de que a economia nacional tanto precisava.

A vitória sobre o apoliticismo e o neutralismo nos especialistas. A transição definitiva dos velhos intelectuais para a posição socialista

A própria vida obrigiu todos os intelectuais que se tinham formado antes da revolução a determinar definitivamente a sua posição social. A reunião plenária do CC do PCUS(B) em Novembro de 1929 salientou que «a instabilidade político-social, o neutralismo e até mesmo a hostilidade» eram características de uma determinada parte dos antigos especialistas. Tinha ainda sido possível durante

o período de recuperação tolerar a neutralidade política entre uma determinada parte de intelectuais (era impossível exigir que mudasse em pouco tempo as suas opiniões), mas quando o socialismo avançava em grande escala tinham amadurecido as condições necessárias para vencer a neutralidade política e o apoliticismo. O Partido Comunista e os órgãos soviéticos colocaram a questão desta maneira: cientistas, engenheiros, agrónomos e outros poderiam encontrar correctamente o seu lugar na sociedade soviética se, a par dos seus conhecimentos profissionais, tivessem uma compreensão do significado socioeconómico do trabalho realizado por eles.

Existiam assim tantos intelectuais no país? Aqui os números são irrelevantes porque neste caso não expressariam a situação real. Mas pode-se afirmar com segurança que ano após ano, com cada êxito político-social ou económico da Terra dos Sovietes, amadureceu gradualmente na consciência de um grande número de intelectuais uma nova compreensão soviética da realidade.

Este processo foi estimulado pela influência directa de toda a comunidade soviética que travou a batalha definitiva para eliminar o neutralismo a fim de que as massas de intelectuais pudessem tornar-se activas e participantes conscientes na edificação do socialismo.

O conteúdo e os métodos do trabalho de massa entre os intelectuais mudaram e tornaram-se mais amplamente desenvolvidos e politicamente vivos.

A associação dos Sindicatos dos Trabalhadores na Ciência e Tecnologia para o Auxílio à Edificação do Socialismo na URSS que foi fundada em 1927 desempenhou um papel muito importante na remodelação da psicologia dos intelectuais e na liquidação das barreiras de casta e do apoliticismo dos cientistas, engenheiros, técnicos, médicos, etc. A declaração do grupo fundador da associação foi publicada na *Pravda* em 15 de Outubro de 1927 e afirmava que «a ideia básica que nos guia e que nos une é o conhecimento de que os trabalhadores científicos e tecnológicos

não podem, numa sociedade de classes, continuar politicamente neutros. Tendo isto em vista, o objectivo básico da nossa associação é unir e organizar os trabalhadores científicos e tecnológicos do país com espírito socialista». A declaração estava assinada pelas seguintes eminentes figuras científicas e tecnológicas do país: A. I. Abrikosov, I. G. Alexandrov, A. N. Bakh, N. F. Gamaleya, Y. M. Zavadovski, M. M. Zavadovski, B. I. Zbarski, V. I. Kovalenkov, N. K. Koltsov, N. S. Kurnakov, D. I. Mushketov, A. I. Oparine, A. V. Palladine, A. A. Skochinski e outros.

A conferência dos Sindicatos da associação (Abril de 1928) anunciou na sua mensagem aos trabalhadores científicos e tecnológicos de que «os intelectuais não devem ser neutros neste período significativo do desenvolvimento económico e cultural pacífico e devem ter uma parte activa no planeamento e na execução da edificação capital da indústria do país».

A associação prestou uma grande atenção à educação ideológica e política dos intelectuais e foi também de grande auxílio no campo da propaganda científica, ajudando o operário e o camponês dos órgãos de inspecção, na investigação científica e económica entre a indústria e a agricultura e entre a cidade e o campo. A organização gozava de grande popularidade entre os intelectuais. Isto é particularmente confirmado pela média do seu crescimento. Em 1929 tinha 564 membros, em 1930 — 1537, em 1931 tinha 2695 e no final de 1932 tinha 11 000 membros. A associação transformou-se numa organização de massa que aumentava as suas fileiras com jovens especialistas e trabalhadores científicos e tecnológicos altamente qualificados.

A competição socialista para cumprir o Primeiro Ano Quinquenal (1928-1932) antes do prazo também influenciou a mudança na psicologia dos velhos intelectuais. A competição socialista tomou um carácter de massa. Milhares de brigadas de choque surgiram em todo o lado nas fábricas e empresas e cresceu também o número de operários

de choque na produção. O aumento do trabalho da classe operária não podia deixar de cativar a melhor parte dos intelectuais. Num certo número de empresas, na Região de Moscovo, em Maio de 1929, por exemplo, os engenheiros e técnicos surgiram como os fundadores da competição e ficaram a dirigi-la. O Partido e as organizações sindicais em Ryazan salientaram que os trabalhadores de engenharia e tecnológicos estavam a chefiar a classe operária na competição. No final de 1932, 60 por cento dos trabalhadores de engenharia e tecnológicos tomavam parte na competição. A participação dos tecnólogos na competição socialista eram ainda um outro exemplo das profundas mudanças que tinham tido lugar na psicologia dos intelectuais.

A enérgica participação dos intelectuais na libertação da indústria soviética da dependência estrangeira foi um interessante indicador da crescente actividade social dos intelectuais. Foi realizado muito trabalho com a participação dos antigos engenheiros em 1931-1932 a fim de diminuir o número de pedidos das empresas em relação ao equipamento importado. Brigadas de trabalhadores em engenharia e tecnológicos verificaram centenas de milhares de pedidos e recomendaram reduções consideráveis no número de encomendas de maquinaria e equipamento oriundo de firmas estrangeiras que podiam ser produzidas nas empresas do país. Em resultado foi alcançado uma enorme economia de moeda estrangeira. Em 1932, por recomendação das secções de engenharia e tecnologia foram retiradas da lista de importações mercadorias feitas no estrangeiro no valor de 200 milhões de rublos. Esta soma gigantesca foi utilizada para financiar a construção de novas empresas industriais.

A actividade de muitos trabalhadores científicos e tecnológicos foi salientada pelo Governo: centenas de especialistas, construtores entusiastas do socialismo, receberam condecorações. Assim, por altura do V Congresso dos Trabalhadores em Engenharia e Tecnológicos (1932), mais de 300 especialistas — a maioria membros da antiga geração —

receberam a Ordem de Lénine ou a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho.

Os operários tiveram igualmente em elevado apreço os esforços dos cientistas, dos engenheiros e dos técnicos para racionalizar a produção. Qualquer inovação tecnológica ou iniciativa de valor introduzida pelos especialistas recebeu caloroso apoio da sua parte. Foi isto o que o operário D. Kochergine declarou em nome de muitos milhares de trabalhadores da Fábrica Foice e Martelo no IV Congresso dos Trabalhadores em Engenharia e Tecnologia em 1929:

Os operários sabem como apreciar e estão sempre gratos à ciência e ao pensamento científico... Darei um exemplo da nossa fábrica. Há um ano ou cerca disso, os nossos dirigentes engenheiros... começaram a produzir aço de manganésio e fundição de aço de manganés... Antes, este tipo de aço tinha de ser comprado no estrangeiro e de ser pago com o nosso ouro. Quando os nossos engenheiros descobriram que tinham ousadia e iniciativa para fundir aço de manganés e que isto era um êxito, e que este aço era produzido em escala maciça, pensam que os operários não ficaram gratos?... E julgo que os operários de toda a União estarão gratos aos engenheiros que juntamente connosco falam e pensam na mesma linguagem e com os mesmos pensamentos.»

Um importante indicador da actividade político-social dos especialistas foi o seu desejo crescente de se juntarem às fileiras do Partido Comunista. Só nalguns distritos do país durante parte de 1930 foram recebidos 3500 pedidos de adesão incluindo muitos vindos de engenheiros e técnicos com 15 ou mais anos na produção. Antes do XVI Congresso do Partido (1930), mais de quatro mil dos melhores trabalhadores de engenharia e tecnologia decidiram tornar-se comunistas.

Os êxitos históricos do povo soviético na construção do Estado, da economia e da cultura durante o Primeiro Plano Quinquenal exerceu uma influência decisiva sobre os sentimentos dos velhos intelectuais. O V Congresso dos

Sindicatos dos Trabalhadores de Engenharia e Tecnologia salientou na sua resolução que tinha havido «uma viragem decisiva por parte da maioria dos velhos tecnólogos na indústria para o lado do Estado soviético e para a participação activa na edificação do socialismo».

A primeira metade dos anos 30 foi um período em que o próprio termo «antigo especialista», por outras palavras um especialista que uma vez fora um burguês na sua concepção do mundo, caiu em desuso. «Podemos agora dizer que a antiga profissão de engenheiro está connosco», salientou G. K. Orjonikidze em 1934. «Podemos agora declarar que, à excepção de alguns pequenos grupos e indivíduos... tanto entre os jovens como os antigos quadros, a antiga profissão de engenheiro trabalha connosco.»

O lançamento da industrialização socialista e especialmente a batalha do povo soviético para cumprir os planos do primeiro quinquénio antes do tempo exerceram uma grande influência sobre os sentimentos políticos dos velhos tecnólogos. Foi durante este período que o processo de transição realizado pelos antigos especialistas para o lado do Estado soviético, começado em Outubro de 1917, foi realizado.

A luta do Partido Comunista para conquistar as forças científicas do país para a edificação activa do socialismo foi extremamente importante. O trabalho entre cientistas foi uma tarefa complicada e difícil para o Partido, os Sovietes e as organizações sindicais. Neste campo foram especialmente necessárias as políticas cuidadosas e sensatas, um imenso tacto e discrição. Apesar da transição para a construção socialista não ter originado uma reavaliação ideológica dos valores por parte de muitos cientistas, serviu de qualquer forma como uma base para esta reavaliação no futuro próximo. O artigo de fundo na *Pravda* em 9 de Fevereiro de 1927 avaliou o estado das coisas no meio científico: «Só um cego pode não ver que os nove anos de ditadura do proletariado foram anos de *aproximação crescente* entre a ciência, os cientistas e os técnicos

por um lado, e o proletariado, por outro. A alienação dos intelectuais da classe operária — produzida pela política czarista e a "domesticação" dos intelectuais pelos capitalistas — foi finalmente esmagada pelo crescimento vitorioso do Estado proletário.»

O Partido e as organizações sociais tinham frequentemente de eliminar vários ressurgimentos de «esquerdismo» e tentativas sem fundamento para suspeitar de acções impróprias do antigo professorado. Apesar dos erros individuais, os comunistas nas instituições de educação superior encontraram o caminho correcto para trabalhar com o professorado. No princípio de 1929, o Bureau da célula do Partido na Escola Tecnológica Superior de Moscovo realizou uma discussão conjunta com os seus activistas sobre a questão «Relações Mútuas com o Professorado». Durante a discussão, o Bureau da célula condenou como incorrectos e perniciosos os discursos individuais de comunistas que consideravam que todo o antigo professorado era politicamente suspeito e que exigiam que «terminassem os primores em seu redor». O Bureau da célula aprovou uma resolução especial na qual se prestou atenção especial à inadmissibilidade de desvios de «esquerda» respeitantes ao professorado.

Realizou-se muito trabalho a fim de elevar as qualificações científicas do pessoal docente na educação superior. Foi regulada a concessão de graus e títulos. Em 1938, por exemplo, os graus e títulos académicos foram conferidos a 4300 trabalhadores científicos. Nesse mesmo ano, existiam nas instituições de educação superior do país 40 500 trabalhadores científicos, incluindo 4600 professores, 11 700 assistentes e 7800 candidatos de ciências.

Para conquistar o pessoal docente para a vida profissional e social do país, o Estado soviético treinou também novos quadros em elevada percentagem. Um jovem professorado soviético que recebera o seu treino científico nos anos do poder soviético vinha substituir o antigo. Na URSS, em 1930, havia três mil pós-graduados, mas em

1933 havia 14 800. Em três anos — de 1931 a 1934 — 6600 pessoas acabaram os estudos de pós-graduação. O extracto dos membros do Partido entre os pós-graduados também aumentou rapidamente. Foi durante estes anos que se concluiu a transição final dos trabalhadores da educação superior para posições de participação activa na edificação do socialismo. Os colectivos científicos, entre os quais as palavras de ordem a favor do apoliticismo e do neutralismo tinham sido antes particularmente populares, começaram também a tomar parte na construção socialista. O mais importante foi o colectivo da Academia das Ciências da URSS.

O Partido Comunista e o Estado soviético prestaram atenção especial às tradições da Academia. Um apoio financeiro considerável foi concedido à Academia das Ciências e o Governo protegeu a sua autonomia nos assuntos internos, compreendendo que, em relação às academias, era necessário usar não o constrangimento mas a persuasão. A. V. Lunatcharski disse: «O que podíamos pedir à Academia? Que se transformasse subitamente e todos os seus membros numa conferência comunista, que prontamente se convertesse ao marxismo e, com uma mão sobre *O Capital*, jurasse que se tinha tornado o maior bolchevique ortodoxo? Duvido que pudéssemos caminhar a par deste desenvolvimento sem um certo sentimento de desgosto. Uma mudança deste tipo não poderia ser verdadeira.» (¹)

Mas, ao passo que ajudava o país até certo ponto na edificação do socialismo, a Academia das Ciências continuava a não ligar integralmente a sua actividade aos planos da construção socialista. De facto, provou ser uma espécie de «Estado dentro de um Estado», desenvolvendo a sua actividade na base e regras formuladas em 1836. Muitos membros este colectivo científico trabalhavam em matérias que nada tinham a ver com a edificação prática do socia-

(¹) Arquivos Centrais do Partido, Instituto do Marxismo-Leninismo do CC do PCUS, Fólio 1 42, Arquivo I, Documento 109, p. 16.

lismo. As exigências da construção socialista e do fortalecimento das defesas do país e as exigências para o fortalecimento da unidade moral e política da sociedade soviética tornavam premente que o espírito de apoliticismo e não partidarismo fosse eliminado da Academia das Ciências — a mais importante instituição científica no país, que a Academia tomasse uma parte imediata e activa na edificação do socialismo e que as suas actividades fossem cada vez mais penetradas nos ideais pelos quais vivia a massa da população do país.

Uma mudança radical no trabalho da Academia das Ciências da URSS teve lugar no fim dos anos 20 e no início dos anos 30. Na sua base residia a ideia de uma íntima ligação entre o trabalho da Academia e a edificação prática do socialismo e a subordinação deste trabalho aos interesses do Estado soviético. Nos estatutos da Academia aprovados em 23 de Novembro de 1935, prestou-se atenção especial ao seu papel no desenvolvimento das ciências teóricas e aplicadas e à necessidade de concentrar as suas actividades na resolução dos mais importantes problemas científicos.

A reorganização do trabalho da Academia das Ciências incluiu também a renovação do seu pessoal. Entre 1929 e 1932, as fileiras dos académicos estavam preenchidas com novos membros, especialmente oriundos das ciências tecnológicas, que permitiram o fortalecimento dos laços entre a Academia e a económia nacional. Em 1930 foi eleito um novo pessoal para o Presidium da Academia. O académico A. P. Karpinski foi reeleito presidente, os académicos V. L. Komarov, G. M. Krzhizhanovski e N. Y. Marr foram reeleitos vice-presidentes e o académico V. P. Volgine foi eleito secretário permanente (estes três últimos eram comunistas. De acordo com a direcção do CC do PCUS(B), o novo Presidium colocou-se à frente do trabalho de reorganização das actividades da Academia.

A mudança da atitude e conteúdo das actividades da Academia das Ciências e a renovação do seu pessoal foram

acompanhadas por uma luta mais amarga, como foi evidenciado pelas eleições para a Academia no Inverno de 1929. A preparação e execução destas eleições chamou a atenção da sociedade soviética em geral porque esperava justamente que não só cientistas de mérito especial mas importantes investigadores ligados ideologicamente à edificação do socialismo seriam eleitos para a Academia.

As eleições que tiveram lugar em 12 de Janeiro de 1929 mostraram que posições muito fortes na Academia das Ciências eram ainda ocupadas por adeptos das tradições obsoletas de «ciência pura». Os comunistas eleitos em reuniões departamentais, A. M. Deborine, N. M. Lukine e V. M. Friche, não conquistaram uma maioria formal de votos na Reunião Geral da Academia e não foram eleitos para académicos. Os resultados da votação foram considerados pela comunidade científica soviética como uma demonstração política de uma parte dos académicos que desejavam mudanças construtivas nas actividades da Academia.

A. V. Lunatcharski escreveu um longo artigo com palavras muito duras sobre as eleições para a Academia das Ciências que foi publicado no *Izvestiya* em Fevereiro de 1929. Salientou o cuidado e tacto com que o Governo soviético e V. I. Lénine tinham tratado a Academia: «Garantimos total liberdade aos trabalhadores da ciência; sabemos que nada pode ser feito por meio do constrangimento neste assunto e que deve ser empregada a persuasão. Permitimos que o pensamento científico em campos neutros fosse pelo seu próprio caminho, esperando que isto mudasse os seus pontos de vista pela força gigantesca de atracção dos princípios centrais do marxismo. Esperámos, fomos pacientes...» Mas tornou-se então necessário renovar o pessoal da Academia e incutir-lhe novas forças científicas que levariam a Academia a trabalhar em nome do socialismo. «A Academia deve compreender», continuou Lunatcharski, «que a comunidade soviética e a revolução lhe estão a atribuir condições definidas. A Academia deve

compreender que se vai examinar até que ponto está consciente da situação, se é capaz de suportar o esforço da sua sovietização e reconstrução, se isto é possível ou se é necessário outro tipo de reforma; de facto, surgiu a questão de, sob um ponto de vista soviético, socialista, construir o nosso mundo científico, não tendo nada a ver com os vestígios do passado, eliminando completamente o edifício do passado e construindo um novo de acordo com um plano absolutamente novo».

O Presidium da Academia das Ciências decidiu pedir ao Governo que permitisse a realização de uma nova eleição de três candidatos que não tinham obtido a maioria dos votos na Reunião Geral da Academia mas que tinham sido eleitos pelos departamentos. Este pedido foi autorizado. Em resultado destas eleições realizadas em 13 de Fevereiro, A. M. Deborine, N. M. Lukine e V. M. Friche foram eleitos académicos.

A organização do Partido na Academia, que foi formada no início de 1929, trabalhou bastante para a renovação da Academia e para aproximar as suas actividades das necessidades da edificação do socialismo. Considerou ser sua tarefa básica a mudança do curso da Academia, eliminando dela os elementos alheios e fortalecendo a influência da metodologia marxista-leninista dentro dela, para um curso que servisse as exigências da edificação do socialismo e a libertasse do seu espírito apolítico e não partidário. Esta foi uma luta de classes tenaz contra os defensores da «antiga Academia».

A organização do Partido na Academia lutou por exercer a sua influência ideológica sobre os cientistas altamente qualificados e aproximou-os gradualmente de uma percepção marxista-leninista da realidade. Sabe-se evidentemente que para muitos isto teria sido um processo lento e difícil e provaria ser impossível para outros. Mas foi a única maneira correcta.

Desde o início das actividades da organização do Partido; esta linha táctica que tomara provocou a crítica por

parte de alguns trabalhadores científicos comunistas que consideravam ser inútil «galvanizar o cadáver» da velha Academia e apelaram para a sua imediata liquidação. Outros não tomaram em consideração as realidades da situação e tentavam transformar a Academia, no mais breve espaço de tempo, num centro puramente comunista-científico a ligar à Academia Comunista. Isto foi acompanhado de muita impaciência em relação ao trabalho dos académicos não marxistas, indo ao ponto de exigir a proibição da publicação dos seus trabalhos. Foram sugeridos outros tipos de projectos como a transferência de académicos para cargos consultivos com retirada total da direcção da Academia, a expulsão de todos os não marxistas dos departamentos da Academia, etc. Ouviam-se exigências de que os académicos deveriam «arrepender-se dos seus pecados» e havia tentativas para considerar todos os que não procediam assim como elementos alheios e inimigos de classe.

A favor da organização do Partido na Academia deve-se dizer que respeitou e seguiu consistentemente a linha leninista sobre os velhos intelectuais. Um dos memorandos da direcção da organização do Partido enviados ao CC do PCUS(B) em Janeiro de 1932 salientava: «Na opinião da secção, a sua linha táctica está correcta e perfeitamente de acordo com as directrizes do Partido. Na opinião da secção continuamos num período durante o qual a organização das forças dos especialistas sem Partido, a sua aproximação de nós e a sua conquista para a edificação do socialismo são uma das nossas mais importantes tarefas; se cedermos nisto aos sentimentos «esquerdistas» e não cumprirmos a tarefa, então estaremos a provocar o maior prejuízo à causa do Partido e do proletariado.»

A autoridade e, juntamente com ela, o número de membros da organização do Partido na Academia aumentaram rapidamente. No início de 1929 tinha apenas alguns membros mas em 1933 aumentaram para 348 comunistas.

A organização do Partido da Academia desenvolveu amplamente a sua actividade na educação marxista-leninista dos trabalhadores científicos e o número de académicos conquistados para os estudos marxistas-leninistas cresceu de ano para ano. Em 1932 foi organizada a primeira Universidade do marxismo-leninismo para os trabalhadores científicos. A principal tarefa destas universidades consistia em «ajudar os trabalhadores de engenharia, tecnológicos e científicos a dominar perfeitamente o método da dialéctica materialista e a compreenderem as bases filosóficas do marxismo-leninismo — a concepção proletária do mundo». Em 1933-1934 abriram vinte e três universidades do marxismo-leninismo, nas quais estudavam cerca de seis mil trabalhadores científicos e tecnológicos.

Prestou-se muita atenção ao planeamento do trabalho científico. Durante este tempo foi necessário vencer a oposição de muitos académicos que acreditavam que o planeamento do trabalho científico desorganizava e despersonalizava os cientistas e que impediria a iniciativa científica.

O académico V. P. Volgine escreveu: «Muitos... podem não compreender que batalha, que esforços, que quantidade de conversas e de provas de toda a espécie foram necessárias para inculcar na Academia a simples ideia de trabalho científico planeado, nem quanto esforço foi posto nisto pelos comunistas juntamente com o pequeno grupo dos trabalhadores sem partido que se lhes juntaram no início das suas actividades na Academia das Ciências.»

No final de 1930, a Academia das Ciências da URSS tinha elaborado o seu primeiro plano de produção para 1931 e começara a elaborar um plano de investigação científica para o Segundo Plano Quinquenal. Coordenou também as suas actividades mais intimamente com a vida e as necessidades das repúblicas nacionais e a partir de 1931 começou a organizar as suas secções e bases. No final do Primeiro Ano Quinquenal tinham sido fundadas as secções dos Urais, do Extremo Oriente e da Transcaucásia

e também as suas bases do Cazaquistão e do Tadjiquistão. A Academia das Ciências da Bielorrússia foi fundada em 1929.

Ao resumir a imensa quantidade de trabalho de reorganização das actividades da Academia das Ciências de acordo com as necessidades da edificação do socialismo, o académico V. P. Volgine comentou em meados de 1932: «Pode-se agora considerar algo... que está finalmente assegurado: a Academia das Ciências está unida na causa da construção socialista; este é um facto real, tangível. A luta em redor desta questão está terminada. Nunca mais precisaremos de voltar às discussões sobre este tema dentro da Academia das Ciências.»

A reorganização do trabalho da Academia das Ciências e dos departamentos de investigação científica e o facto de as suas actividades se aproximarem cada vez mais da prática da edificação do socialismo produziram efeitos benéficos sobre os resultados do trabalho científico no país. O período de industrialização é notável pelos muitos e importantes êxitos da ciência soviética numa grande variedade de campos. Deve-se também notar o número de realizações extremamente importantes no campo científico e tecnológico que foram utilizadas no processo de reconstrução tecnológica (ligas de ferro, aços especiais, metais leves, plásticos, novos materiais de construção, máquinas agrícolas combinadas, novas formas de matérias-primas, e o melhoramento de muitos processos tecnológicos).

No final dos anos 20 e no início dos anos 30 foi atribuído a um certo número de académicos soviéticos o Prémio Lénine por trabalhos de grande significado científico e económico. Entre os primeiros laureados contavam-se académicos eminentes soviéticos como V. A. Obruchev, A. D. Arkhangelski, A. Y. Chichibabine, N. S. Kurnakov, E. V. Britske, V. G. Shukhov, I. M. Gubkine, L. V. Pisarzhevski, A. A. Chernyshev, V. F. Mitkevitch e outros.

Importantes mudanças tiveram lugar na concepção do mundo dos cientistas. Muitos dos antigos académicos que

se juntavam activamente à edificação do socialismo tinham não só falta de convicções políticas firmes antes da revolução, mas também uma clara concepção do mundo científico natural. Durante os anos do poder soviético teve lugar uma mudança fundamental nas suas opiniões. O seu trabalho criativo tornou-se mais rico e os seus resultados mais tangíveis. «Experimentei uma espécie de renascimento na minha vida científica e social», escreveu o académico B. A. Keller. «De pessoa com convicções indefinidas esquerdistas, a revolução proletária transformou-se num bolchevique e membro do PCUS(B). A mesma revolução proletária transformou-me de cientista provinciano num académico, membro de duas academias, a Academia das Ciências da URSS e a Academia Lénine das Ciências Agrícolas.

«Não vim logo para o Partido. Entreguei um pedido que me garantia a adesão ao Partido quando aceitei duas afirmações completamente e com todo o meu ser:

«1. Que a revolução proletária tinha libertado as enormes massas de operários e camponeses e as conduzia para a nova e muito gloriosa cultura humana do comunismo.

«2. Que esta cultura estava a nascer em condições difíceis, em duras lutas de classes e que deveria ser defendida com a nossa vida.» ([8])

Também se realizaram profundas mudanças nos artistas. Desenvolveu-se uma compreensão ainda mais firme do laço indissolúvel entre a cultura e os interesses de toda a nação soviética e entre a cultura e as tarefas que o Partido Comunista tinha fixado e estava a cumprir.

O Partido Comunista dedicou muita atenção ao facto de colocar um meio artístico de massa como o teatro à disposição da edificação do socialismo. «O Estado soviético», escreveu Lunatcharski, «conquistava cuidadosamente os teatros académicos. Não queríamos destruir o seu

([8]) B. A. Keller, *Proletarskaya revolutsia i intelligentsia*, Moscovo, 1937, pp. 26-27.

tecido vivo, nem queríamos começar pelo constrangimento... O Estado soviético conquistou simpatia generalizada nos teatros soviéticos pela sua delicadeza e liberalismo, que tornou e tornará mais fácil o trabalho que surgir». Em Maio de 1927 foi convocada uma conferência do Partido para discutir questões respeitantes ao teatro. Os trabalhadores dos órgãos centrais e locais do Partido, do Comissariado do Povo para a Educação, dramaturgos e críticos de teatro tomaram parte nesta conferência. Tanto as mensagens como os discursos feitos pelos participantes à conferência respeitavam principalmente à espécie de política que seria aplicada ao antigo teatro, ao apoio aos teatros revolucionários e às tarefas do Partido relativas ao teatro nas circunstâncias da transição em grande escala para a construção socialista.

A conferência do Partido salientou nas suas decisões que os princípios da política do Partido sobre a arte estavam definidos pela resolução do CC do PCUS(B) de 18 de Junho de 1925, «Política do Partido no Campo da Literatura», cujas propostas básicas continuavam a ter significado e podiam ser aplicadas ao desenvolvimento do teatro. A conferência salientou que, como no campo da literatura, o Partido e o Estado soviético não podiam ligar-se a qualquer tendência teatral particular. Ao mesmo tempo aconselhou que deveriam ser tomadas todas as medidas a fim de assegurar que a competição entre as tendências teatrais conduzissem a que as tarefas sociais perante a arte fossem melhor e mais eficientemente cumpridas.

Os participantes na conferência salientaram que «a "herança" teatral contida no teatro pré-revolucionário era um tesouro que era imperioso tratar cuidadosa e atentamente», que a transição dos antigos teatros para as novas linhas socialistas não poderia ter lugar rapidamente e que, dadas as suas tradições e fortes laços com a antiga cultura, isto apenas poderia acontecer «através de mudanças lentas e frequentes ziguezagues». A conferência do Partido

sublinhou também um certo número de medidas dirigidas ao apoio a prestar aos teatros revolucionários e à aproximação mais íntima do antigo teatro das tarefas da construção socialista.

No final dos anos 20 e início dos anos 30 tiveram lugar grandes mudanças na posição dos antigos teatros, no conteúdo das suas actividades e nas opiniões dos artistas e directores. Os repertórios dos teatros foram gradualmente renovados com obras de dramaturgos soviéticos. Lunatcharski salientou que em 1927 os teatros académicos de Moscovo e Leninegrado apresentaram 20-25 peças novas. O número é impressionante, considerando como estes teatros estavam fortemente ligados aos repertórios «clássicos».

Uma das primeiras peças soviéticas a ser exibida em teatros académicos foi *Lyubov Yarovaya* de Trenyov que foi apresentada pelo Teatro Maly em 1926. A peça teve um enorme êxito. Depois do Teatro Maly, a peça foi exibida noutros teatros no país. Em 1927, o Teatro de Arte apresentou *O Comboio Blindado 14-69*, de Vsevolod Ivanov e *Papoila Vermelha* de Reinhold Glière foi apresentado pelo Teatro Bolshoi. Foi este o primeiro bailado com um tema revolucionário. O número de peças de dramaturgos soviéticos aceites para serem apresentadas em teatros aumentou todos os anos. Em 1924, as peças de dramaturgos soviéticos faziam 3 % dos repertórios; em 1927, 19 % e em 1931 o seu número atingira já 35 %. A primeira metade dos anos 30 foi notável pela apresentação de obras de dramaturgos soviéticos como *Yegor Bulychov e Outros* de Máximo Gorki, *Tragédia Optimista* de Vsevolod Vishnevski, *Depois das Balas* de Nikolai Pogodine e outras. O trabalho socialista, as novas atitudes sociais e o novo herói tornaram-se os temas centrais dos dramaturgos soviéticos.

O drama soviético não podia deixar de cumprir os processos que tinham lugar entre os intelectuais. Num certo número de obras significativas representava tanto o processo de formação dos novos intelectuais como a reorientação da concepção do mundo dos velhos intelectuais (*A Ruptura* de Boris Lavrenyov, *Medo* de Alexander Afinogenov e outras).

Os repertórios mais saudáveis dos teatros contribuíram para um alargamento considerável do desenvolvimento da consciência política não só nos espectadores mas também nos artistas. O processo, contudo, estava longe de ser idílico. Não foram poucos os casos de teatros que se recusaram a apresentar uma peça e de artistas que se recusaram a desempenhá-la, pela simples razão de estar «saturada de política». Foi este o caso, por exemplo, de Prov Sadovski. Quando se sugeriu que desempenhasse o papel de Koshkine em *Lyubov Yarovaya* teve dúvidas se poderia personalizar um comissário. Mais tarde tornou-se um dos melhores actores deste papel. Não podia ter sido fácil para o actor S. Kuznetsov, que normalmente desempenhava os papéis de rei, conde e abade, abandonar esse tipo quando subitamente lhe foi entregue o papel do marinheiro revolucionário Shvandia, ou para Vera Pashennaya que, depois de desempenhar papéis como os de Maria Stuart e das heroínas de Ostrovski, apareceu no palco na personagem de Lyubov Yarovaya — uma professora que encontrara o seu lugar na revolução. Os antigos actores consideraram o processo de assimilação dos novos temas socialistas complicados e difíceis. Alguns actores não conseguiram durante muito tempo «meter-se» nos papéis de operários, camponeses e revolucionários, todos lhes eram novos.

Foram feitas tentativas pela ala «esquerda» dos trabalhadores comunistas artísticos para acelerar este processo com boas intenções, mas deram manifestamente resultados negativos. Os erros e os exageros «esquerdistas» a respeito dos intelectuais teatrais foram severamente criticados pelo Partido e a opinião soviética. Estes erros conseguiram atrasar mas não travar o processo irreversível que conduzia à transição final dos trabalhadores das artes para posições socialistas. O Partido Comunista e o Estado sovié-

tico promoveram de todas as maneiras possíveis este processo e travaram uma batalha decisiva tanto contra os erros «esquerdistas» como contra as tendências burguesas de direita na arte. Isto provou ser uma garantia da consolidação das forças nesta frente.

O Sindicato dos Trabalhadores das Artes desempenhou um papel importante durante este período na viragem dos artistas para a participação activa na edificação do socialismo e na animação das suas actividades político-sociais.

Desenvolveu a sua actividade na eliminação do neutralismo político, das manifestações da ideologia burguesa e efectuando uma aproximação entre a arte e a vida da nação. As brigadas de teatro deslocaram-se às fábricas e kolkhozes e às unidades do Exército Vermelho. Prestou-se grande atenção à educação política dos trabalhadores da arte. As discussões que tiveram lugar no final dos anos 20 e no início dos anos 30 sobre a ciência económica, filosofia, história do Partido e crítica literária desviaram a atenção dos artistas para questões de metodologia marxista-leninista, para a teoria da arte e para a concepção do mundo.

A batalha para reeducar os trabalhadores da arte num espírito socialista deu resultados positivos. Em 1932, o VIII Congresso do Sindicato dos Trabalhadores das Artes salientou na sua resolução que «os velhos artistas no essencial, convictos do poder e do papel cultural do Estado soviético, esforçam-se decidida e honestamente para caminhar a par da classe operária e do seu Partido». A finalização deste processo, contudo, foi impedida pela desunião organizativa dos sindicatos de trabalhadores das artes e pelos desvios «esquerdistas» da linha do Partido sobre as artes.

A reorientação ideológica foi um processo complicado e difícil para os que se dedicavam à literatura. Muitos escritores continuavam a não conseguir compreender a realidade soviética e estavam num estado de depressão cria-

tiva. Por exemplo, o escritor Yuri Olesha disse: «Achei que era difícil compreender o tipo de operário ou o tipo de herói revolucionário. Não posso ser nem um nem outro. Está para além das minhas forças e da minha compreensão. Por isso não escrevo sobre eles.»

As dificuldades experimentadas pelos escritores na transição para uma plataforma socialista foram agravadas pela posição «esquerdista» da Associação dos Escritores Proletários da Rússia. No final dos anos 20 e no início dos anos 30 continuaram na literatura e nas artes as obras dos «simpatizantes», como antes, a ser amplamente discutidas na imprensa. O jornal *Na Literaturnom Postu*, o órgão da associação que começou a sua publicação em 1926, falava frequentemente sobre esta questão. Deve notar-se que a crítica aos «simpatizantes» feita por este jornal era mais controlada e mais objectiva do que a que surgia nas páginas do *Na Postu*. O primeiro mostrava os seus erros ideológicos aos escritores e não se apressava, contudo, em classificá-los de anti-soviéticos. Mas isto, todavia, foi ao princípio. No último período da existência do jornal (encerrou em 1932), os autores dos seus artigos já se tinham fixado a tarefa de não avaliar objectivamente o trabalho de um ou outro escritor, mas de tentar expor as suas «origens sociais e de classes» e o seu «equivalente sociológico».

O jornal criticou Samuil Marshak e Kornei Chukovski com uma rudeza inadmissível. Alexei Tolstoi foi por fim e irrevogavelmente colocado na categoria dos escritores neoburgueses como Sergei Sergeyev-Tsenski, Ilya Ehrenburg, Leónidas Leonov e Marietta Shaginyan. De Mikhail Prishine o jornal disse que tinha «antes evitado os temas sociais por muito importantes que fossem e muitas vezes retratou o homem em isolamento com a natureza e agora fala abertamente contra os novos escritores e contra a participação activa da literatura na vida social, ou seja, em essência contra a literatura que cumpre as tarefas da

revolução». De acordo com o jornal *Vyacheslav Shishkov* descrevia «o modo de vida na URSS de tal forma que é difícil desligá-la do modo de vida do Império Russo».

A transplantação mecânica das ideias da luta de classes para os fenómenos literários e o fracasso de alguns membros da associação em compreenderem os processos que tinham lugar na literatura naquela altura foram duramente criticados pela comunidade literária e pela imprensa soviética. O jornal *Pravda* chamou muitas vezes a atenção para a posição incorrecta tomada pela direcção da Associação dos Escritores Proletários da Rússia e os seus órgãos. O Partido repudiou as tentativas para transferir para a literatura palavras e categorias usadas na vida do Partido. Condenou os métodos de «interdição» e considerou que «a questão não consiste em proibir mas em conquistar passo a passo tanto a antiga como a nova produção literária não proletária pela competição, criando realmente peças interessantes, artísticas e com carácter soviético que as substituirão».

Em fins de 1929, um artigo na *Pravda* sublinhava que «a controvérsia teórica é evidentemente, inevitável; pode-se e deve-se argumentar sobre questões respeitantes à política literária prática, mas tem de haver um limite para o zelo polémico e os interesses limitados de um ou outro grupo literário não devem estar acima dos interesses do Partido que exige imperiosamente a consolidação das forças comunistas numa base marxista-leninista».

Esta exigência de consolidação foi urgentemente ditada pelas circunstâncias político-sociais em mudança, o desenvolvimento da unidade moral e política da sociedade soviética e pelas necessidades do desenvolvimento da literatura soviética. A divisão dos escritores em «proletários» e «simpatizantes» foi claramente perdendo o seu significado. Muitos dos que ainda eram chamados à moda antiga «simpatizantes» respondiam aos acontecimentos correntes nas suas obras não menos activamente do que os «escritores

proletários». O tema da construção socialista e da formação do novo homem era central em livros dos «simpatizantes» Konstantin Paustovski *(Kara-Bogaz),* Marietta Shaginyan *(A Fábrica Hidroeléctrica),* Valentine Katayev *(Em Frente, Tempo!)* Leónidas Leonov *(Solt),* Ilya Ehrenburg *(O Segundo Dia)* e outros. No seu artigo «A minha via para a Literatura Proletária», o poeta Vladimir Lugoski comentou as mudanças substanciais que tinham tido lugar na consciência dos escritores: «A verdadeira originalidade da escrita criativa consiste em entrar nesse mundo colossalmente vasto dos ideais sociais que está na nossa frente quase intocável e indescrito e que é tão rico, e oferece uma vasta gama de temas e imagens, que bastará para uma centena de gerações.»

Reagindo fortemente às mudanças socioeconómicas e políticas na Terra dos Sovietes, os artistas falavam já a favor do socialismo no início de 1930. Não só era leal para com o Estado soviético mas também o apoiava activamente. Era natural que, nestas circunstâncias, a divisão dos artistas em «proletários» e «simpatizantes», ou seja em «cheios de voos» e «suspeitos», encontrasse uma dura oposição por parte dos escritores, dos pintores e dos artistas. Alexei Tolstoi, falando numa das conferências sobre questões a respeito da dramaturgia em Outubro de 1930, afirmou: «É uma característica muito dúbia e não muito honrosa na minha actividade de escritor... Falo do conceito de simpatizante. Talvez esta categoria, esta classificação, tenha tido alguma vez significado. Não sei... Mas agora é altura de eliminar esta palavra. Nós não corremos para o lado da estrada ao som da terrível música da *Internacional.* Estamos nas fileiras, e asseguro-vos, camaradas, que muitos daqueles a quem ainda tratam pela horrorosa etiqueta de simpatizantes e que não têm — parece-vos — mais organização mental do que um rabanete que é vermelho por fora e branco por dentro — muitos de nós — estamos nas filas da frente. Esta é a dialéctica

da vida... Não somos simpatizantes. Somos *escritores da época do grande Plano.*» (9)

Gorki influenciou bastante o processo de consolidação dos artistas. Era um opositor activo do facciosismo na literatura e na arte e falava firmemente contra os exageros e os ataques mordazes nas controvérsias literárias, contra as acusações radicais de vários tipos de «desvio», e era a favor da união de todas as forças culturais em redor dos ideais socialistas. «Nós», escreveu numa carta dirigida a A. Khalatov, «entrámos decididamente na época da edificação da verdadeira revolução socialista. Isso exige a concentração de todas as nossas forças criativas, de toda a nossa energia» (10). O *leitmotiv* das numerosas mensagens de Gorki à comunidade soviética era a ideia da união de tudo quanto fosse vigoroso, talentoso e saudável existente na sociedade soviética para a solução dos grandes problemas da construção socialista.

Tendo em consideração as profundas mudanças que tiveram lugar na literatura e na arte, o CC do PCUS(B) aprovou uma resolução em 23 de Abril de 1932 intitulada «A Reconstrução das Organizações Literárias e Artísticas». O CC do PCUS(B) salientou que se atingira um grande crescimento na literatura e na arte nesses últimos anos na base dos êxitos consideráveis da construção socialista. Ao passo que alguns anos antes elementos alheios tinham uma influência considerável e os quadros da literatura tinham sido fracos, agora, quando os quadros literários e artísticos proletários se tinham desenvolvido, a estrutura actual da literatura e das organizações artísticas proletárias era já demasiado estreita e atrasava o desenvolvimento da criatividade artística.

(10) *Arkhiv A. M. Gorkogo*, vol. X, *M. Gorki i sovetskaya pechat*, livro I, Moscovo, 1964, p. 217.

(9) Alexei Tolstoi, *Sobraniye sochinenii v 10 tomakh*, vol. 10, Moscovo, 1961, pp. 148-149.

Nesta conformidade, o CC do PCUS(B) salientou que «isto cria um perigo de mudança destas organizações, de meios para a maior mobilização dos escritores e artistas soviéticos em redor das tarefas da construção socialista em meios de cultivar o isolamento e a alienação dos grupos tanto das tarefas políticas correntes, como de grupos consideráveis de escritores e artistas que simpatizam com a edificação do socialismo».

Partindo disto, o CC do PCUS(B) decretou que a Associação dos Escritores Proletários fosse dissolvida e que todos os escritores fossem incorporados num único Sindicato dos Escritores Soviéticos contendo nele uma secção comunista. O CC do PCUS(B) decretou também que mudanças análogas deveriam ser realizadas nas outras organizações criativas dos artistas.

O decreto do Comité Central resumia todo um período da literatura e arte soviéticas, um período definido na resolução do CC do PCR(B) em 18 de Junho de 1925. Registava as enormes mudanças que tinham tido lugar entre os escritores, artistas e pintores e que se exprimiam pela sua união na tarefa da construção socialista e na transição final e irrevogável dos velhos intelectuais para o lado do Estado soviético. O decreto também condenou veementemente as tendências sectárias na literatura e na arte, o espírito de clã e o facciosismo, e pôs termo à divisão artificial dos artistas em «proletários» e «simpatizantes». Depois da publicação do decreto, estas palavras deixaram em breve de se encontrar na imprensa.

O Primeiro Congresso dos Sindicatos dos Escritores Soviéticos em Agosto de 1934 foi um acontecimento importante na vida dos artistas. Um resultado dos mais importantes foi o facto de ter demonstrado o crescimento ideológico e político dos escritores soviéticos e a sua unidade de organização e moral. «Em que vejo a vitória do bolchevismo neste congresso de escritores?» perguntou retoricamente Gorki. «É que os que eram considerados sem Partido, "vacilantes", reconheceram realmente, e não tenho

dúvidas sobre isto, o bolchevismo como a única ideia militante e dirigente no seu trabalho...»

De acordo com o decreto do CC do PCUS(B), a Associação dos Músicos Proletários da Rússia foi dissolvida e substituída em 1932 pelo Sindicato dos Compositores Soviéticos que incorporava todos os compositores e músicos que desejavam tomar parte na edificação do socialismo. Segundo os seus estatutos, a tarefa primeira e mais importante do sindicato era «unir os compositores e músicos que se mantinham na plataforma do Estado soviético para participarem activamente na edificação do socialismo». O Sindicato dos Arquitectos Soviéticos e os sindicatos de artistas ao nível regional foram fundados no mesmo ano.

Deram-se importantes mudanças na situação dos artistas nos fins de 1920 e no início de 1930. Enquanto apenas pouco tempo antes existiu entre os artistas um número de pessoas que vacilavam, duvidavam e mudavam, o posterior reforço das posições socialistas levou a maioria a apoiar firme e activamente a política do Partido Bolchevique. O escritor Leónidas Leonov comentou o processo de reorientação na concepção do mundo dos intelectuais que tinha sido formada antes da Revolução de Outubro: «A primeira fase era caracterizada pelos intelectuais que seguiam este tipo de linha social e psicológica: "Então estou ao serviço da classe operária, mas as minhas antigas tradições e concepção do mundo continuam na sua total pureza e inviolabilidade." Na segunda fase, era característico os intelectuais reconsiderarem radicalmente estas tradições e aceitarem a Revolução de Outubro não apenas como um facto consumado, mas ideologicamente e na sua concepção do mundo, fazendo a sua transição final para as posições da classe operária.»

Os êxitos do socialismo abriram os olhos dos escritores, artistas e pintores para as grandiosas perspectivas que existiam para a criatividade artística e eram um grande estímulo para o florescimento dos seus dons e talentos. «A revolução», disse o encenador V. I. Nemirovitch-Danchenko, «libertou a criatividade e alargou o seu conteúdo ideológico... determinou com coragem tarefas artísticas sociais e intimamente ligadas; ligou todos os artistas a todos os aspectos da vida desta terra socialista; e isso — para nós, trabalhadores nas artes — é o maior, o mais importante e decisivo acontecimento nas nossas vidas» ([11]).

As realidades da vida soviética criaram as condições para um verdadeiro florescimento da literatura e da arte. Os artistas sentiram a alegria de criar para o seu próprio povo e para bem dos mais nobres ideais da humanidade. «Só agora conheço», declarou Alexei Tolstoi, «a verdadeira liberdade da criatividade e a amplitude de temas, cuja riqueza não pode ser agarrada só numa vida, agora que domino a abordagem marxista da história, agora que esta grande doutrina, que passou pela experiência da Revolução de Outubro, me deu a clareza dos fins e dos métodos de leitura do livro da vida» ([12]).

«Antes de 1917», disse também, «não sabia para quem escrevia (incidentalmente) os meus livros eram, no melhor dos casos, impressos em edições de 3000 exemplares). Agora sinto um leitor vivo de quem preciso, que me enriquece e que precisa de mim. Há vinte e cinco anos dediquei-me à literatura porque era uma ocupação agradável, uma espécie de divertimento. Agora vejo claramente que a literatura é uma arma potente na luta do proletariado pela cultura mundial, e, na medida em que for capaz, dou as minhas aptidões a esta luta. A consciência deste facto é um factor chave no meu trabalho criativo.» ([13])

São estas as palavras de um homem que recebeu a revolução com hostilidade. Mas a grande verdade do socialismo tornou-se a força irresistível que não só fez regressar o

([11]) V. I. Nemirovitch-Danchenko, *Statyi, rechi, besedy, pisma. Teatralnoye maslediye*, vol. I, Moscovo, 1952, p. 49.

([12]) Alexei Tolstoi, *Sobraniye sochineii v 10 tomakh*, vol. 10, p. 202.

([13]) Alexei Tolstoi, *Sobraniye sochinenii v 10 tomakh*, vol. 10, pp. 190-191.

escritor enganado da sua emigração mas também fez dele um clássico da literatura soviética.

O povo soviético e o Partido Comunista apreciaram muito a obra dos escritores, artistas e pintores soviéticos. Muitos deles receberam elevados prémios governamentais. Em 1936 foi instituído o título de Artista do Povo da URSS. Entre os primeiros a receber esta honra contam-se K. S. Stanislavski, V. I. Nemirovitch-Danchenko, V. I. Kachalov, I. M. Moskvine, A. V. Nezhdanova e outros mestres do palco. Um grande grupo de escritores, artistas e outras figuras culturais combinaram a sua obra criativa com o trabalho público e governamental. Os escritores A. A. Fadeyev, A. N. Tolstoi, M. A. Sholokhov, os artistas V. V. Barsova, I. M. Moskvine, N. P. Khmelev, L. M. Leonidov, A. K. Tarasova, N. K. Cherkasov e outros foram eleitos deputados para o Soviete Supremo da URSS e para os Sovietes locais. «A minha vida está para sempre ligada ao povo e darei todos os meus talentos e capacidades à minha Pátria socialista.» As palavras de Moskvine numa reunião eleitoral não exprimiam os sentimentos apenas deste artista. Poderiam muito bem ter sido pronunciadas por milhares e dezenas de milhares de nomes da literatura e das artes que tinham conseguido desligar-se completamente da sua antiga concepção do mundo e tornar-se participantes activos na edificação do socialismo.

A autoridade dos intelectuais no estrangeiro aumentou rapidamente com a sua maior actividade na edificação do socialismo. Os académicos soviéticos eram eminentes na sua participação em vários congressos e conferências científicas internacionais e os seus trabalhos ganharam elevado apreço da comunidade científica do mundo.

Os intelectuais soviéticos escolheram o lado da paz contra as ameaças de uma nova guerra mundial. Em Março de 1932, Gorki apelou para que os intelectuais do mundo, na sua apaixonada mensagem «De que Lado estais, Senhores da Cultura?» se unisse numa frente contra a reacção e a guerra. A Espanha tornou-se uma frente muito

importante na batalha contra as forças do fascismo e da guerra e os intelectuais soviéticos participaram na luta.

Os êxitos da construção socialista, o papel activo dos intelectuais no trabalho construtivo e a educação do novo homem provocaram um efeito ainda mais intenso sobre os sentimentos dos intelectuais que tinham continuado na emigração. Tornou-se mais profunda a divisão no seu meio. Uma parte dos emigrados brancos continuava a odiar o sistema soviético e a outra uniu-se na batalha pela liberdade do povo espanhol, demonstrou a sua simpatia pelos progressos do Estado soviético e tinha orgulho nos êxitos do povo soviético. Em vários países começaram a fundar-se associações de amigos da URSS e os intelectuais emigrados formaram comités que apelaram para a cessação das actividades políticas contra a União Soviética. Alguns emigrados tomaram a cidadania soviética ou regressaram ao seu país.

O pintor I. Y. Bilibine escreveu em 1935 sobre os motivos que o levaram a pedir autorização para regressar ao país vindo de França: «Tendo seguido durante estes últimos anos na imprensa local e oralmente o que está a acontecer na minha pátria, estou total e absolutamente convicto de que permanecer aqui é um absurdo e um enorme erro... E ao ver agora o crescimento invulgar e sem precedentes do meu país, sonho em dar toda a minha energia e capacidades ao trabalho na minha especialidade pelo meu próprio país e ser útil de todas as maneiras possíveis.» Recebeu autorização para regressar à pátria. O conhecido general e diplomata A. A. Ignatyev também regressou de França em 1935. Em 1939, a talentosa poetisa M. I. Tsvetayeva renovou a sua cidadania soviética e regressou da emigração. A. I. Kuprine regressou ao seu país no fim da vida; tinha suficiente coragem cívica para mostrar, com o seu regresso, que reconhecia o seu trágico erro e culpa perante o povo que tinha abandonado no tempo das dificuldades.

★

Nos primeiros dias do poder soviético, Lénine expressou a sua firme convicção de que «a soma total da experiência trará, com o decorrer do tempo, inevitavelmente, os intelectuais para as nossas fileiras...» [14]? Tinha toda a razão na sua previsão. Afinal, uma grande maioria dos velhos intelectuais veio para o lado do socialismo. Alguns compreenderam os seus erros mais cedo, outros mais tarde, mas a transição realizou-se por fim. No final do período de edificação da base do socialismo, os velhos intelectuais na União Soviética eram construtores igualmente competentes e activos do novo sistema como a classe operária e o campesinato colectivo.

Ao mesmo tempo que atraía os velhos intelectuais para a edificação do socialismo e a reeducava, o Partido e o Estado soviético resolviam outro problema difícil e complicado o da formação de numerosos quadros para os intelectuais soviéticos oriundos do meio operário e camponês. Se isto tivesse fracassado, teria sido impossível transformar a URSS de um país atrasado num país avançado e de um país agrário num país industrializado.

A revolução socialista criou todas as condições necessárias e pré-requisitos para a solução do problema da educação dos novos intelectuais. Tendo eliminado os privilégios das classes exploradoras derrubadas, abriu as portas das escolas e das instituições de educação superior ao povo trabalhador.

A formação de intelectuais novos, do povo, era uma tarefa perfeitamente invulgar como era a da edificação da sociedade socialista. Com este fim, o Partido e o Estado recrutaram de novo quadros oriundos dos velhos intelectuais visto que não havia ninguém de quem aprender se não deles. Foi só com o seu auxílio que milhões de

[14] V. I. Lénine, *Oeuvres*, vol. 29, p. 235.

pessoas da classe operária ou de origens camponesas se tornaram especialistas altamente qualificados em todos os ramos da ciência, da tecnologia e da cultura. Isto confirmou mais uma vez a justeza da proposta leninista: construir uma nova sociedade com o auxílio dos intelectuais herdados do sistema burguês.

Êxitos especialmente importantes no ensino dos novos intelectuais foram alcançados durante o primeiro ano quinquenal antes da guerra. Só em 11 anos (1928-1938) as instituições de educação superior da União Soviética preparavam 672 mil especialistas e as instituições de educação secundária, 1 144 000 perfazendo cerca de dois milhões de especialistas para todos os ramos da economia nacional e da cultura. Números consideráveis de operários e camponeses capazes foram promovidos a cargos administrativos e tecnológicos, para o trabalho no aparelho de Estado soviético e nas organizações sociais e do Partido. Os quadros dos intelectuais criadores também aumentaram. Antes da Grande Guerra Pátria (1941), os intelectuais soviéticos tinham ao todo nas suas fileiras cerca de 12 milhões de pessoas. A criação deste exército de intelectuais foi uma das maiores vitórias da revolução socialista.

A edificação da base do socialismo na URSS provocou mudanças profundas na estrutura da sua sociedade e no destino das suas classes e outros grupos sociais, incluindo os intelectuais. À medida que o novo sistema social se consolidava, os velhos intelectuais fundiram-se organicamente com os novos intelectuais que faziam apenas um corpo com o povo e que se dedicaram profundamente à causa do comunismo.

Os intelectuais soviéticos trabalharam desinteressadamente em uníssono com toda a nação e deram as suas próprias contribuições notáveis para a causa da edificação do socialismo em todos os campos: na industrialização do país, na colectivização da agricultura, no fortalecimento do potencial de defesa do Estado soviético e no desenvolvimento da cultura soviética. O facto de uma absoluta maio-

ria dos velhos intelectuais na União Soviética mais cedo ou mais tarde mas irrevogavelmente ter renunciado à sua ideologia burguesa e ter tomado posições socialistas foi uma vitória muito importante para o Partido Comunista e os ensinamentos do marxismo-leninismo. Foi difícil para a classe operária e o seu Partido alcançarem a vitória nas frentes da Guerra Civil, mas não foi menos difícil para o Partido Comunista e a classe operária «conquistar os espíritos» de pessoas que não só estavam muito afastadas de uma concepção socialista do mundo, mas também se lhe opunham por vezes. A primeira experiência com êxito na história da sociedade humana na reeducação dos intelectuais burgueses e no seu recrutamento para a edificação do socialismo é de importância histórica mundial.

LIVROS PUBLICADOS:

1 — O «Socialismo» Sueco, de Jacques Arnault
2 — Colômbia, Luta de Guerilhas, de Jacobo Arenas
3 — O Mito Americano, de Eric Gaument
4 — O Trotskismo, de Léo Figuères
5 — Marxismo e Alemanha Federal — A Revolução Fetiche, de Hans G. Helms
6 — Há uma Esquerda nos E. U. A.?, de Marcel Rocques
7 — O que é a C.I. A.?, de Alain Guérin
8 — Lénine e a III Internacional, de Vladimir Ilitch Ulianov
9 — Sindicatos e Luta de Classes, de Henri Krasucki
10 — A Nacionalização da Indústria, de Vladimir Vinogradov
11 — Para Compreender as Crises Monetárias, de Jacques Kahn
12 — Que Fazer?, de Vladimir Ilitch Ulianov
13 — Capitalismo, Ontem e Hoje, de Maurice Dobb
14 — Informática, os «Quadros» e a Sociedade, de J. C. Quiniou
15 — Conflito de Gerações?, de N. Dopchie, R. P. Delepierre (S. J.) e outros
16 — A Classe Operária Irá Desaparecer?, de N. Gaouzner
17 — Contribuição ao Estudo do Desenvolvimento Humano, de André Richel
18 — A Grã-Bretanha em Crise, de M. Goldring, F. Hincker e C. Detraz
19 — Literatura e Sociedade, de Sanguineti, R. Barthes, Geneviève Mouillad, Henri Fefèbre, Robert Escarpit, Yan Kott e Lucien Goldmann
20 — Praxis no Cinema, de Noël Burch
21 — História da Propriedade, de Jean-Phillippe Lévy
22 — Crítica da Antropologia, de Gérard Leclerc
23 — As Mulheres Assalariadas
24 — A Cooperação, Ajuda ou Neocolonialismo, de Yves Fuchs
25 — A República Democrática Alemã, de M. e J. Tailleur e B. D. Crescenzo
26 — Um Ano de Fascismo no Chile
27 — Watergate, de Claude Kroës
28 — Presença de Lénine — I, de Georges Cogniot
29 — Presença de Lénine — II, de Georges Cogniot
30 — O Problema da Energia, de Gus Hall
31 — Os Intelectuais e as Lutas de Classes, de A. Casanova, C. Prévost e J. Metzger
32 — Teoria da «Desideologização», de L. Moskvichov
33 — O Urbanismo e a Política, de François Ascher e Jean Giard
34 — A Imigração em França, de André Vieuguet
35 — NEP — Política Económica de Transição para o Socialismo
36 — A Espanha entre o Fanquismo e a Democracia, de Jean Rony
37 — Experiências de Direcção da Indústria na URSS, de S. Kamenister
38 — Os Soviéticos — I, de Francis Cohen
39 — Os Soviéticos — II, de Francis Cohen
40 — Os Soviéticos — III, de Francis Cohen
41 — Liberdade, Liberdades, de Pierre Juquin
42 — O 22.° Congresso, de Louis Althusser
43 — A Função Social da Linguagem Fascista, de Lutz Winckler
44 — A Revolução de Outubro e os Intelectuais, de S. Fedyukine

Se deseja receber, gratuita e periodicamente informações bibliográficas sobre a actividade da Editorial Estampa queira enviar-nos, num simples postal, o seu nome e morada.

Os livros requisitados à Editorial Estampa serão prontamente enviados contra reembolso, pelo preço de capa, acrescido dos custos de expedição e cobrança.

EDITORIAL ESTAMPA

R. da Escola do Exército, 9 r/c.-D.
Tel. 55 56 63 Lisboa-1 — Portugal

Título: *A Revolução de Outubro e os Intelectuais*
Autor: S. Fedyukine
Editor: Editorial Estampa, Lda.
Tiragem: 3200 exemplares
Acabou de imprimir em: 26 de Julho de 1978
Oficinas: Guide - Artes Gráficas, Lda.
LISBOA — PORTUGAL